

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



**AS BIBLIOTECAS ITINERANTES COMO VEÍCULO
DE APROXIMAÇÃO ÀS COMUNIDADES DE MEIO RURAL.
O CASO DA *BIBLIOTECA ANDARILHA* –
Extensão Móvel da Biblioteca Municipal de Beja**

Maria Silvério Morais

DISSERTAÇÃO

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO
RAMO DE BIBLIOTECONOMIA

2012

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



**AS BIBLIOTECAS ITINERANTES COMO VEÍCULO
DE APROXIMAÇÃO ÀS COMUNIDADES DE MEIO RURAL.
O CASO DA *BIBLIOTECA ANDARILHA* –
Extensão Móvel da Biblioteca Municipal de Beja**

Maria Silvério Morais

Dissertação orientada pelo Professor Doutor Paulo Alberto Farmhouse
e pela Dra. Maria Margarida Carvalho Pino

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO
RAMO DE BIBLIOTECONOMIA

2012

AGRADECIMENTOS

Ao longo deste trabalho pude contar com a valiosa e desinteressada ajuda de várias pessoas, a quem quero agradecer:

Sandra Miguel - iniciadora da Biblioteca Itinerante de Marvão
(por me ter passado o bichinho das itinerantes e pelas primeiríssimas informações)

Margarida Pino
(pelo encorajamento e amizade; por não me ter autorizado a desistir)

Cristina Taquelim - Biblioteca Municipal de Beja/*Biblioteca Andarilha*
(pela sua visão R-x, pela abertura e pelas orientações técnicas)

Helena Ribeiro e Susana Gomes - *Biblioteca Andarilha*
(pela generosíssima colaboração, pela disponibilidade e pela paciência)

Nuno Marçal e João Henriques
(pelo seu investimento pessoal na divulgação e salvaguarda das bibliotecas ambulantes, pelas preciosas informações e pelo exemplo)

Maria Helena Melim Borges - Fundação Calouste Gulbenkian
(pela disponibilidade e pelas informações em primeira mão)

Maria Paula Santos - Diretora da Biblioteca Municipal José Saramago
(por ter facilitado todos os processos)

Pedro
(pelos mapas todos, pela paciência e por me ter socorrido nos momentos de aflição)

Mariana, Nuno e Tiago
(pela ajuda com as normas, guias, gráficos, traduções e etc.)

Judite, Rita, Lia
(...)

Deixo ainda um agradecimento especial a todos os leitores da *Andarilha* que me deram um bocadinho do seu tempo e das suas histórias.

RESUMO

As bibliotecas itinerantes como veículo de aproximação às comunidades de meio rural. O caso da *Biblioteca Andarilha* - extensão móvel da Biblioteca Municipal de Beja

Maria Morais

A importância dada ao desenvolvimento de uma rede de leitura pública verdadeiramente abrangente e de uma política cultural inclusiva tem vindo a determinar, também em Portugal, o recurso a extensões bibliotecárias que possam projetar a ação educativa, cultural e social das bibliotecas municipais para além dos seus edifícios, serviços e públicos *convencionais*.

Tendo consciência do papel fundamental que as bibliotecas municipais desempenham enquanto agentes culturais privilegiados, acreditamos que as unidades móveis que delas dependem, pela sua natureza dinâmica, informal e flexível, reúnem as melhores condições para ampliar e apurar a ação daquelas, constituindo por isso uma poderosa ferramenta para aprofundar o compromisso das autarquias com as comunidades que servem, motivando a participação, a expressão e a construção das identidades locais, sobretudo entre as populações de meio rural, que vêm perdendo, infelizmente, a sua voz própria.

Apesar do trabalho pioneiro desenvolvido por estas bibliotecas no nosso País, encontrando-se na origem da rede nacional de leitura pública, a situação em que se encontram atualmente é nebulosa e desconexa. Efetivamente, o interesse recente de algumas autarquias em recuperar esta ferramenta de aproximação às comunidades não tem sido suficiente para promover um debate consistente nem para motivar uma intervenção concertada por parte dos poderes públicos, continuando as bibliotecas itinerantes a estar apartadas das estratégias nacionais para a cultura.

Neste estudo pretende-se fornecer dados atualizados sobre a situação destes equipamentos no nosso País, a fim de contribuir para a promoção do diálogo entre os vários projetos em funcionamento e, *quicá*, para a descoberta de novas formas de atuação para resolver problemas afinal tão antigos.

Pretender-se-á observar, em particular, o tipo de abordagem adotado pela *Biblioteca Andarilha*, nascida em 2009 no coração do baixo Alentejo, e perceber de que forma esta estrutura vem contribuindo para uma *natural* aproximação às comunidades de meio rural.

PALAVRAS-CHAVE: bibliotecas itinerantes, bibliotecas públicas, leitura em meio rural, democratização cultural, intervenção sócio-cultural, *Biblioteca Andarilha*, Beja - Portugal

ABSTRACT

The mobile libraries as an approach vehicle to rural communities. The case of Biblioteca Andarilha - Beja Public Library's mobile unit

Maria Morais

How important is developing a truly widespread public reading network and an inclusive cultural policy have been inducing, also in Portugal, the creation of library extensions that can project social, cultural and educational action of municipal libraries beyond its conventional buildings, services and users.

Being aware of the fundamental role that municipal libraries play as privileged cultural agents, we believe that the mobile units that depend on them, being dynamic, informal and flexible by nature, possess the best conditions to amplify and refine the intervention of the former, becoming therefore a powerful tool to deepen the local administrations' compromise to the communities they serve, motivating the participation, the expression and construction of local identities, specially among rural populations that have, sadly, been losing their own voice.

In spite of the pioneer work developed by this kind of libraries in our country, that gave origin to the national public reading network, their situation in the present is cloudy and disconcerted. In fact, the recent interest shown by some municipalities in order to reinstitute this instrument of proximity to the communities has not been sufficient to promote a consistent debate nor create organized action from public politics, leaving mobile libraries still apart from the national cultural strategies.

This investigation intends to supply up-to-date information on these equipments in our country, as a mean of contributing to the promotion of the interaction between the projects now operating and, hopefully, to find new ways of intervening on problems unsolved for so long.

We will observe, in particular, the procedures adopted by *Biblioteca Andarilha*, created in 2009 in the heart of Baixo Alentejo and appreciate how this structure has been contributing to a natural proximity to the rural communities.

KEYWORDS: mobile libraries, public libraries, reading in rural environment, cultural democratization, sociocultural interventions, Biblioteca Andarilha, Beja - Portugal

ÍNDICE

1. Introdução	11
2. Objetivos	16
3. Fontes e métodos	17
4. As bibliotecas itinerantes	24
4.1. Definição, natureza e condições de existência	24
4.2. Como extensão orgânica da biblioteca municipal em meio rural	37
5. As bibliotecas itinerantes em Portugal	44
5.1. Panorâmica histórica	44
5.2. A situação das Bibliotecas Itinerantes em Portugal na 2ª década de 2000	58
6. O caso da <i>Biblioteca Andarilha</i> – extensão móvel da Biblioteca Municipal de Beja	90
6.1. Enquadramento da <i>Biblioteca Andarilha</i>	90
6.1.1. O Alentejo e o Concelho de Beja	90
6.1.2. A Biblioteca Municipal de Beja	102
6.1.3. O <i>Programa de Leitura em Meio Rural</i>	108
6.2. Caracterização da <i>Biblioteca Andarilha</i>	113
6.2.1. Identificação e missão	113
6.2.2. Enquadramento institucional, estrutura organizativa e parcerias	113
6.2.3. Finalidades	117
6.2.4. Objetivos	117
6.2.5. Públicos, utilizadores e utilizações	117
6.2.6. Abrangência territorial e itinerários	123
6.2.7. Periodicidade, horários e acesso	125
6.2.8. Serviços, recursos e atividades no terreno	126
6.2.9. Recursos humanos	132
6.2.10. Recursos físicos	133
6.2.11. Recursos documentais	135
6.2.12. Imagem, comunicação e <i>marketing</i>	137
6.3. Avaliação do impacto junto das comunidades rurais	140
7. Conclusões	152
8. Bibliografia e outras fontes	163
9. Fontes das imagens utilizadas	178
10. Apêndices	181
11. Anexos	183

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS UTILIZADAS

- ACLEBIM - Asociación de Profesionales de Bibliotecas Móviles
- APBAD - Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas
- BA – Biblioteca Andarilha
- BI – Bibliotecas Itinerantes
- BMB – Biblioteca Municipal de Beja
- CMB – Câmara Municipal de Beja
- CML – Câmara Municipal de Lisboa
- DGLB - Direção Geral do Livro e da Biblioteca
- EB1 - Escola Básica do 1º ciclo
- FCG - Fundação Calouste Gulbenkian
- JI – Jardim de Infância
- IFLA - International Federation of Library Associations and Institutions
- INE - Instituto Nacional de Estatística
- IEFP – Instituto do Emprego e Formação Profissional
- IPL – Instituto Português do Livro
- IPLB – Instituto Português do Livro e das bibliotecas
- MC – Ministério da Cultura
- PNLP – Plano Nacional de Leitura Pública
- PRNBP – Programa da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas
- PRNBE – Programa da Rede Nacional de Bibliotecas Escolares
- RCBP – Rede para o Conhecimento das Bibliotecas Públicas
- SBI - Serviço de Bibliotecas Itinerantes (Fundação Calouste Gulbenkian)
- SBIF - Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas (Fundação Calouste Gulbenkian)
- UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

Porque leer amplía el ser, desarrolla las potencialidades y enriquece y regenera personal y socialmente. Estos afectos se pueden contar, pero solo serán comprendidos por quien los haya vivido.

(Equipo Peonza)

Não é nunca o autor que faz uma «obra prima». A obra-prima é devida aos leitores, à qualidade da leitura.

(Paul Valéry)

Nas bibliotecas há livros opostos. É indispensável ser imparcial na direcção de uma biblioteca. Os livros não são para quem a dirige, são para quem lá vai. Até certo ângulo, a divergência dá a força, a atenção e a responsabilidade. Quando todos pensam da mesma maneira, é quase sempre porque ninguém pensa grande coisa...

(Branquinho da Fonseca)

1. INTRODUÇÃO

Quando em 1987, no âmbito do Programa Nacional de Leitura Pública, o estado tomou nas suas mãos a tarefa de dotar o território português de modernas bibliotecas públicas de âmbito concelhio, conduziu à extinção das bibliotecas itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian que, substituindo-se aos quase inexistentes serviços públicos nesta área, havia desenvolvido desde 1958 um intenso trabalho de democratização do acesso aos livros, de promoção da leitura e de valorização da língua e cultura portuguesas. Os equipamentos e fundos das bibliotecas móveis da FCG foram cedidos aos municípios; porém, poucos os mantiveram ativos.

Nos últimos anos temos assistido a um redespertar do interesse por esta tipologia de bibliotecas, que juntamente com outro tipo de recursos extensivos/inclusivos, têm mostrado a capacidade de complementar as redes concelhias de leitura pública, levando as bibliotecas municipais para fora das suas paredes, tanto no sentido da realização de atividades culturais em espaços que ofereçam uma maior proximidade com a população (aligeirando o *peso institucional* dos edifícios centrais), como de modo a fazer chegar os livros e outros conteúdos culturais a zonas habitacionais onde ainda não existam infraestruturas de leitura pública e a públicos condicionados ao nível da mobilidade ou da capacidade de mobilização. É também objetivo das novas bibliotecas itinerantes, e enquanto mediador cultural *descentralizado* privilegiado, articular ou facilitar a articulação da biblioteca municipal com outros agentes locais na prossecução de fins culturais, educativos e sociais de interesse coletivo.

Por outro lado, e à revelia dos princípios básicos preconizados na Constituição e nos programas de democratização cultural traçados pelos sucessivos governos do pós 25 de Abril de 1974 continua a haver quem esteja privado do acesso a bens e a práticas culturais *básicas*, ou até mesmo da participação em quaisquer experiências de convívio e de socialização apenas porque, por razões físicas, profissionais, familiares ou financeiras, se encontra impedido de sair da sua casa, do seu bairro, da sua terra.

Num momento de *euforia* tecnológica, em que se discute se o livro e se o bibliotecário estarão a ficar obsoletos e dispensáveis; numa altura em que tanto se fala no combate à *iliteracia* digital, mas em que continuam por erradicar as formas primárias de iliteracia e

de analfabetismo; no contexto de uma Europa envelhecida, altamente miscigenada e competitiva, em que crescem lado a lado realidades cada vez mais contrastantes e imponderáveis e onde medram uma série de novas formas de exclusão social, há que sublinhar a importância do trabalho de mediação feito pelas bibliotecas, enquanto estrutura humana, humanizada e humanizadora, em contacto direto com a vida e com as pessoas, capaz de empreender uma intervenção sócio-cultural a pequena escala, simultaneamente alternativa e complementar à tendência geral para a mecanização, informatização e globalização dos processos, das aprendizagens e das trocas, por um lado, e de equilibrar, por outro, o facto da produção, da oferta e do consumo culturais continuarem a estar concentrados nos grandes centros urbanos. Também se espera das bibliotecas, cada vez mais, uma intervenção ativa e transversal nos processos de salvaguarda e incentivo da diversidade cultural, do património imaterial e das identidades locais.

Com efeito, se as bibliotecas deixaram de ser os centros exclusivos de difusão da informação, a sua pertinência – senão sobrevivência – dependerá cada vez mais da qualidade e singularidade dos serviços que podem oferecer e da capacidade de darem respostas *específicas* às necessidades, desejos e apetências (informativas, educativas, culturais, sociais) de regiões, comunidades e pessoas *específicas*, sobretudo dos mais afetados pela exclusão, transformando-se, recriando-se, adaptando-se, agilizando-se – numa palavra: comprometendo-se.

Apesar de todas estas *evidências* e não obstante o reconhecimento que as bibliotecas itinerantes têm tido, nomeadamente na nossa vizinha Espanha, como tipologias particularmente adaptadas e adaptáveis a esta função de aproximação à(s) realidade(s), corrigindo desequilíbrios e ajudando a uma transformação cultural feita por dentro, entre nós está longe de ser claro qual o papel que estas deverão assumir ao nível da organização do território, do exercício da cidadania, das políticas culturais, dos programas de leitura pública ou da promoção da autonomia reflexiva e funcional das populações e dos indivíduos.

Para lá de um debate muito esporádico entre profissionais - por vezes talvez algo romântico ou até saudosista - pouco ou nada se sabe sobre os equipamentos em atividade, suas características, motivações e dificuldades; como funcionam, como têm

operacionalizado os seus projetos e objetivos, com que expectativas trabalham ou o que se pode concluir da experiência desenvolvida de forma isolada, senão solitária, pelas várias bibliotecas municipais com unidade móvel desde o início da construção da Rede Nacional de Leitura Pública.

Com efeito, há um imenso trabalho a fazer no que toca à sistematização e atualização de informação sobre as bibliotecas itinerantes portuguesas, assim como à articulação - entre profissionais - das experiências, recursos e ferramentas técnicas existentes.

Partindo da convicção de que, pela sua informalidade, adaptabilidade e capacidade de irem, fisicamente, ao encontro do outro e de *se misturarem* as bibliotecas itinerantes têm melhores condições para promoverem, ao longo do tempo, um salto qualitativo na forma como as populações recebem, fruem, integram e trabalham as propostas culturais que lhes são destinadas, embarcámos neste estudo com a intenção de confirmar a pertinência da abordagem proporcionada por esta tipologia de serviços junto das populações de meio rural e perceber de que forma poderá responder à especificidade dos tipos de exclusão de que aquelas são vítimas.

Para tal, propusemo-nos estudar uma estrutura específica, a extensão móvel da Biblioteca Municipal de Beja, designada *Biblioteca Andarilha*.

Nascida apenas em 2009, esta biblioteca itinerante é um projeto jovem, sem *vícios* e sem *precedentes*; concebida de raiz, está integrada num Programa de intervenção cultural pensado especificamente para o meio rural e é componente duma estratégia para a promoção da leitura no contexto de um concelho importante do interior de Portugal – a capital do baixo Alentejo. Acresce que está associada a uma Biblioteca Municipal que tem servido de referência e de motor a muitos profissionais e estruturas menos experientes na área da promoção da leitura, da mediação cultural e do trabalho com as comunidades.

Pareceu-nos, por isso, que teríamos bastante a aprender com esta experiência e que a sua sistematização poderia mostrar-se proveitosa para o debate do tema, para a reflexão entre as demais bibliotecas itinerantes atualmente em funcionamento no nosso País e para a autoavaliação da própria.

Após o enquadramento técnico da tipologia de bibliotecas em questão, efetuado no capítulo 4.1., analisámos as suas potencialidades enquanto extensão das bibliotecas municipais, com especial enfoque na mais valia que podem trazer à mediação cultural em ambiente rural, tendo para tal esboçado uma breve caracterização da situação em que se encontram as populações (ou os públicos) que nele habitam (capítulo 4.2).

Para compreender a situação em que se encontram as modernas bibliotecas itinerantes, e em particular a *Biblioteca Andarilha*, considerámos essencial uma pesquisa retrospectiva, recuando à primeira experiência *confirmada* de um equipamento móvel no nosso país, atribuída a Branquinho da Fonseca e ao projeto por ele lançado em Cascais nos anos 40 do século passado. Neste ponto, e como não podia deixar de ser, detivemo-nos no amplo e paradigmático trabalho desenvolvido pela FCG durante a segunda década do século XX através do seu Serviço de Bibliotecas Itinerantes, antepassado da atual Rede Nacional de Leitura Pública e exemplo de sucesso na utilização deste tipo de equipamentos para a democratização cultural e qualificação dos públicos (capítulo 5.1).

Pelo facto das bibliotecas itinerantes representarem uma tipologia um pouco marginal no *panorama biblioteconómico* nacional, com raras e apenas laterais referências no âmbito dos planos, programas e relatórios relacionados com a leitura pública, agravado pela inexistência de um levantamento *oficial* minimamente atualizado e fíável dos equipamentos móveis em atividade, decidimos tratar a situação em que estes se encontram atualmente em Portugal em capítulo próprio (5.2), nele incluindo os resultados possíveis da demanda que intentámos fazer, diretamente, junto das bibliotecas municipais portuguesas que dispõem ou dispuseram nos últimos anos de unidades móveis.

Tendo em conta que não só a biblioteca móvel em análise como as demais bibliotecas itinerantes portuguesas se constituem exclusivamente como extensões de bibliotecas municipais, achámos indispensável dar uma achega, neste mesmo capítulo, à evolução verificada nas últimas décadas no âmbito das políticas culturais e programas oficiais relacionados com as bibliotecas, a leitura pública e a promoção das literacias, analisando a forma como a *tipologia itinerante* tem participado (ou não) do debate e tem sido incluída (ou não) nas prioridades nacionais para o setor da leitura.

O estudo da *Biblioteca Andarilha* obrigou à contextualização do projeto na região, na atividade e filosofia dos serviços oferecidos pela Biblioteca Municipal de Beja e dentro do *Programa de Leitura em Meio Rural*, que justificou a sua criação; contextualização esta que realizámos nos capítulos 6.1.1., 6.1.2 e 6.1.3.

A caracterização da *Andarilha* é feita ao longo de 12 sub-capítulos, onde a descrição dos seus propósitos, serviços, recursos, e *modus operandi* é complementada pela exposição sistematizada dos processos, resultados e impactos que a observação *in loco* e a recolha de dados junto de técnicos e de utilizadores nos permitiu aferir.

A análise crítica sobre a qualidade do funcionamento da *Andarilha* e respetivas melhorias por ela trazidas às populações rurais do concelho de Beja encontra-se sintetizada no capítulo 6.3. intitulado *Avaliação do impacto junto das comunidades rurais*.

Nas *Conclusões* procurámos enumerar as razões que nos levam a considerar as bibliotecas itinerantes como um veículo privilegiado de aproximação às comunidades, sobretudo as de meio rural, e avaliar em que medida a *Biblioteca Andarilha* está contribuindo e poderá continuar a contribuir para essa aproximação.

2. OBJETIVOS

- Procurar, sistematizar e disponibilizar dados que ajudem a fazer o ponto da situação das bibliotecas itinerantes existentes atualmente em Portugal, por um lado, proporcionando, por outro, um enquadramento histórico, teórico e técnico para o caso em estudo;
- Identificar e reunir informações de carácter conceptual e técnico-operacional que suportem uma argumentação a favor da utilização de extensões bibliotecárias móveis como ferramenta privilegiada para uma intervenção sócio-cultural junto das comunidades rurais, intervenção esta capaz de corrigir assimetrias e de contribuir para a qualificação de públicos marginalizados;
- Observar o tipo de abordagem adotada pela *Biblioteca Andarilha* desde o seu arranque, integrando-a na realidade do meio rural português, mais especificamente no Alentejo e no concelho de Beja: como tem funcionado e se adaptado às realidades encontradas; que carências e potencialidades têm sido detetadas; quais as dificuldades técnico-operacionais sentidas; que vontades e expectativas foram, entretanto, expressas pelos seus técnicos e leitores; que complicitades e que reconhecimento conseguiu obter e quais as suas possibilidades de subsistência futura.
- Aferir em que medida a *Biblioteca Andarilha* tem conseguido atingir as populações mais *periféricas* do concelho de Beja, ou tem criado as condições para o vir a fazer - que *aproximações* à comunidade terá conseguido promover, tanto no sentido físico (como contraponto ao isolamento geográfico e social), como do ponto de vista da qualidade da comunicação entre agentes culturais e populações/públicos;
- Tentar perceber, e apesar do seu escasso tempo de atividade, se já se vislumbram alguns efeitos da ação da *Andarilha* que possam traduzir uma evolução positiva nas competências dos públicos que serve;
- Apurar o significado que este equipamento está a ter para as populações de meio rural, para os leitores da BMB e na prossecução da missão deste serviço público;
- Contribuir para a divulgação do trabalho realizado pelas bibliotecas itinerantes portuguesas e para a troca de informações e experiências numa área de intervenção que acreditamos ser importante agilizar, articular e potenciar.

3. FONTES E METODOS

Quando em 2008, e numa disposição muito preliminar, iniciámos as nossas pesquisas genéricas sobre bibliotecas itinerantes, encontrámos muito poucas referências à situação portuguesa para além, claro, de inúmeras alusões e vários pequenos artigos sobre o trabalho desenvolvido pelo Serviço de Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian, em grande parte suportados pelos estudos de fundo realizados por Daniel Melo e pela documentação vária (relatórios, programas, artigos, notícias) produzida e publicada pela própria Fundação. Reportando-se à experiência pós-Gulbenkian demos então conta da existência apenas de um artigo de Rui Neves, Chefe de Divisão de Bibliotecas do Município do Montijo, denominado *As bibliotecas em movimento: As bibliotecas móveis em Portugal*, PDF da comunicação apresentada no *II Congreso de Bibliotecas Móviles*, que decorreu em Barcelona, de 21 a 22 de outubro de 2005.

Entretanto, e procurando complementar uma experiência académica muito focada nos aspetos técnicos e tecnológicos da recuperação e organização da informação com uma perspetiva mais humanizada das bibliotecas, acompanhámos, a título pessoal e durante um breve período de tempo, o bibliotecário responsável pela coordenação e dinamização da bibliomóvel de Proença-a-Nova, Nuno Marçal, nas suas *andanças* por aquele concelho do interior do País, o que nos permitiu não só captar algumas impressões sobre a realidade portuguesa, como a possibilidade de debater as dificuldades e os encantos do *métier*. Considerando o facto deste equipamento ser o mais referenciado a nível nacional, tendo o trabalho de Nuno Marçal sido recentemente premiado pela associação espanhola de profissionais de bibliotecas móveis (ACLEBIM), a experiência no terreno de que pudemos então usufruir deu-nos uma significativa base empírica para o estudo a que entretanto nos dedicámos.

Tentando aprofundar a pesquisa bibliográfica iniciada em 2008, deparámo-nos, um ano depois, com a inexistência tanto de monografias que retratassem a situação das bibliotecas itinerantes no nosso País como de obras de fundo sobre o tema redigidas por autores portugueses. Com efeito, a esmagadora maioria das referências encontradas derivam do trabalho de investigação, discussão e divulgação promovido pela ACLEBIM, sendo que a própria DGLB, no portal da Rede para o Conhecimento das

Bibliotecas Públicas,¹ não nos fornecendo informações diretas sobre o tema, nos remete para o *site* desta associação, onde podemos encontrar uma extensa relação de bibliografia sobre bibliotecas móveis, assim como uma boa e atualizada coleção de documentos - estudos académicos, guias, comunicações apresentadas em encontros e congressos (incluindo as de profissionais portugueses, que então se resumiam aos relatos de Rui Neves e Nuno Marçal), estudos de caso e algumas monografias relacionadas.² Ali encontrámos as bases técnicas - teóricas e práticas – que nos permitiram enquadrar este tipo de bibliotecas nas práticas ocidentais do século XXI, sendo-nos igualmente fornecido um conjunto de critérios, metodologias e recomendações indispensáveis para a implementação e operacionalização de um serviço deste tipo nos dias de hoje, tendo naturalmente como referência sobretudo a realidade espanhola, mas onde, e à falta de literatura nacional sobre o tema, os próprios técnicos da BMB também buscaram orientação para a criação da sua *Biblioteca Andarilha*.

Com efeito, a realidade das bibliotecas itinerantes espanholas encontra-se extensamente documentada, sendo que técnicos e instituições nos fornecem não só relatos das experiências realizadas como os números, estatísticas, registos e todos os elementos necessários para a caracterização e avaliação dos equipamentos em atividade na nossa vizinha Espanha. Para além do Congresso Nacional de Bibliotecas Móveis promovido anualmente pela ACLEBIM (em outubro de 2011 realizou-se a 5ª edição) e de um estatuto próprio do bibliotecário itinerante, os profissionais espanhóis dispõem de um guia específico para a instalação de bibliotecas itinerantes elaborado em 2002 pela Dirección General del Libro, Archivo y Bibliotecas.

Entre nós, porém, não existe sequer uma relação certificada das bibliotecas móveis em funcionamento em território português, sendo que esta tipologia está praticamente omissa no discurso oficial sobre leitura pública e nos relatórios elaborados desde o início da construção da RNLP. Esta *invisibilidade* mereceu a nossa atenção no capítulo 5.2. - *A situação das Bibliotecas Itinerantes em Portugal na segunda década de 2000*, onde a tentamos enquadrar devidamente.

¹ Cf.: <http://rcbp.dglb.pt/pt/ServProf/Sítiosúteis/Bibliotecas%20para%20o%20futuro/Paginas/default.aspx#itinerantes> [consultado pela última vez em 25-07-2012].

² Cf.: <http://www.bibliobuses.com> [consultado pela última vez em 29-08-2012].

Não obstante, e através de um contacto direto com os Serviços Bibliotecários da DGLB efetuado em março de 2010, conseguimos ter acesso a uma listagem informal das bibliotecas municipais integrantes da RNLP que dispunham, à data, de unidades móveis.³ A este propósito foi-nos confirmada por aquela Divisão a inexistência de qualquer caracterização destes equipamentos, aconselhando-nos, para tal, a interpelar diretamente as bibliotecas municipais em questão.

Entre 2010 e 2011 entregámo-nos, então, à *ingrata* tarefa de entabular dezenas de contactos a fim de completar, confirmar e atualizar a referida relação, após o que elaborámos um questionário, composto por uma parte dedicada à caracterização sumária das bibliotecas municipais em questão e outra em que se pretendia identificar os equipamentos móveis em atividade, enumerar os serviços prestados, públicos abrangidos e condições de existência, mas onde se pedia igualmente uma breve avaliação do trabalho, bem como algumas opiniões sobre este tipo de serviços.⁴ Este questionário serviu de base a um inquérito que se tentou fazer, entre junho e novembro de 2011, junto de aproximadamente 70 bibliotecas públicas portuguesas. A decisão de fazer este levantamento implicou um imenso trabalho e resultou em apenas cerca de 2 dezenas de questionários devolvidos, cujo tratamento foi integrado como parte do *diagnóstico* apresentado em 5.2.

Entretanto, e por uma feliz coincidência, a Biblioteca Municipal de Oeiras promoveu, no início de 2009, um encontro sobre extensões bibliotecárias, a que pudemos assistir. Para além dos relatos sobre projetos de extensões sociais e culturais (não móveis) em desenvolvimento em algumas bibliotecas portuguesas, das comunicações de colegas espanhóis e da comunicação sobre a itinerante de Proença-a-Nova, cujo trabalho já conhecíamos, tivemos a oportunidade de escutar duas técnicas da DGLB que introduzindo o tema das extensões, tentaram traçar-nos um retrato nacional do trabalho feito nestes domínios; mas, na verdade, e no que toca a equipamentos itinerantes, aquela intervenção revelou-se desconcertantemente genérica, vaga e até precária, não tendo sido disponibilizados números, nem fontes, nem orientações de qualquer espécie, mas tão-somente uma enumeração casuística e um mínimo enquadramento histórico. Apesar

³ Após pedido feito por e-mail à Divisão de Desenvolvimento de Serviços Bibliotecários da DGLB foi-nos fornecido um documento em *Word*, com data de 23/03/2010, intitulado *Rede Nacional de Bibliotecas Públicas: Biblioteca Municipais com carrinhas itinerantes*.

⁴ Vide Apêndice 2.

de ainda não terem sido publicadas as atas deste encontro,⁵ foram-nos facultados os *drafts* da publicação, onde não constava a comunicação da DGLB.

Entretanto, e apenas um mês depois do debate lançado em Oeiras, o Município da Batalha organizava o *I Encontro Internacional de Bibliotecas Itinerantes da Batalha*, inscrito nas comemorações dos 50 anos da Biblioteca Itinerante da Batalha, a nº 1 do SBI da FCG, onde marcaram presença os técnicos/mentores da bibliomóvel da casa e das unidades de Marvão, Montijo, Lisboa, Loulé, Mealhada, Proença-a-Nova e Porto de Mós, para além das comunicações de colegas de Léon e Madrid. A comunicação levada por Rui Neves a este encontro (representando a experiência da BI de Montijo), embora acrescentando mais alguns dados ao trabalho apresentado em 2005 em Barcelona, não se mostrou, porém, suficiente para se produzir um diagnóstico minimamente atualizado e consistente da realidade portuguesa.

Revisitando em 2012 o portal da DGLB - RCBP pudemos encontrar um pequeno e algo marginal *capítulo* dedicado às bibliotecas itinerantes, onde são feitas algumas recomendações sobre bibliografia de referência e fornecidas hiperligações ao *blogue* de Nuno Marçal, bibliotecário responsável pela Bibliomóvel de Proença-a-Nova⁶ (onde estão informalmente compiladas notícias sobre a atividade daquela biblioteca) e a um diretório (entretanto criado) sobre as bibliotecas itinerantes portuguesas, intitulado *A Nave Voadora*,⁷ da responsabilidade de João Henriques, onde é disponibilizado um conjunto de fichas, construídas em formato *wiki*, contendo uma sumária caracterização das várias bibliomóveis existentes em cada distrito, a maioria delas ainda incipientemente preenchidas.

Significando um valioso avanço em relação à situação de *invisibilidade* em que as novas bibliotecas itinerantes se têm encontrado, e constituindo aquilo que de mais próximo temos, neste momento, de um *relatório* sobre a matéria, a informação compilada nestas fichas está ainda longe de se encontrar completa e não é certo o seu grau de atualidade e fiabilidade, uma vez que a proveniência dos dados é vária, não controlada e sem

⁵ Cadernos dos *Encontros Oeiras a ler*, neste caso a V edição, editados pela Câmara Municipal de Oeiras.

⁶ *Papalagui - as andanças da bibliomóvel por terras e gentes de Proença-a-Nova*.

⁷ Produto de pesquisas individuais, este diretório pretende «reunir toda a informação disponível sobre estes serviços de extensão bibliotecária [...] recursos vários, tais como notícias e reportagens surgidas na imprensa escrita, televisão e rádio, bem como bibliografia e sítios *Internet* sobre a temática.». Extraído de *A Nave Voadora* [Consult. 22 Jun. 2012]. Disponível em: WWW:<URL:http://anavevoadora.wetpaint.com>.

qualquer validação por parte de uma autoridade competente. Muitas ausências e algumas discrepâncias não serão de excluir, portanto.

João Henriques é, igualmente, autor de uma tese de mestrado nesta área, publicada *on line* pela ACLEBIM em 2010,⁸ à qual só muito tardiamente tivemos acesso. Atualizando alguns dos dados informalmente divulgados por Rui Neves nas comunicações que apresentou em 2005 e 2009, este trabalho constitui um suporte importante para a realização de um ponto da situação no que toca aos equipamentos móveis existentes no nosso País.

Às *Mobile Library Guidelines* publicadas pela IFLA em 1991⁹ somou-se, entretanto, uma nova compilação de orientações e recomendações específicas para os serviços móveis, exarada em 2010,¹⁰ o que nos proporcionou uma visão bastante atualizada do que, em síntese, se pensa e propõe internacionalmente sobre esta matéria.

No decurso das nossas pesquisas, e porque interessados em obter um testemunho vivo da experiência de *referência nacional* desenvolvida pela FCG, realizámos uma entrevista a Maria Helena Melim Borges,¹¹ funcionária daquela Fundação que entre 1983 e 2002 integrou o Serviço de Bibliotecas e Apoio à Leitura (sucessor do SBI) como Assessora do departamento de Inspeção, tendo à data da extinção do serviço, em 2002, as funções de Diretora Interina. Para além desta entrevista, que reúne informações de carácter genérico sobre o funcionamento daquele serviço, bem como algumas opiniões sobre as razões do sucesso do trabalho desenvolvido pelas BI e a sua aplicabilidade nos dias de hoje, e cuja versão integral se encontra disponível nos *Apêndices* deste trabalho, foi-nos igualmente disponibilizado um documento de trabalho produzido pela própria¹² que, apesar do seu carácter informal, nos proporcionou uma especial proximidade ao espírito daquele Projeto, uma vez que nele se encontra compilado um conjunto de citações extraídas de documentos internos do SBI da autoria do próprio Branquinho da Fonseca.

⁸ *Na estrada com os livros: as bibliotecas móveis como solução de acesso a serviços de bibliotecas num país de contrastes*, 2009.

⁹ Com coordenação de Robert Pestell - Relatório nº 28 da IFLA, 1991.

¹⁰ Trabalho coordenado por Ian Stringer – Relatório nº 123 da IFLA, 2010.

¹¹ Em janeiro de 2003 Maria Helena Borges foi integrada no Serviço de Educação e Bolsas da FCG, como responsável pelos projetos culturais.

¹² *Leitura: o exercício da sedução. Mestrado de Promoção da Leitura da Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação*. 2005.

Dado o tempo de observação exigido por um estudo de caso, assim como o moroso trabalho de tratamento de dados a que obriga; considerando igualmente o *desvio* que a falta de informação sobre a situação atual das BI portuguesas nos fez empreender com a realização do inquérito atrás referido, tivemos de colocar de parte a hipótese de alargar o âmbito da pesquisa a realidades culturais próximas da portuguesa, nomeadamente a espanhola. De alguma forma *intimidados* pela profusão de documentação publicada para o caso espanhol e reconhecendo a disparidade das realidades dos dois países, e que já atrás se mencionou, optámos por não intentar uma comparação da *Biblioteca Andarilha* com uma congénere espanhola, ao contrário do que havíamos previsto no plano inicial deste estudo.

Por outro lado, a falta de dados sobre os *efeitos* da *Andarilha*, resultante em grande parte da juventude do equipamento, somada às dificuldades na determinação de *indicadores*¹³ capazes de traduzir a *evolução* dos públicos que este equipamento pretende servir, já nos iria dar, como se costuma dizer, *pano para mangas*.

Com efeito, deparámo-nos com o problema - com o qual muito provavelmente se vêm debatendo todas as bibliotecas públicas portuguesas - da inexistência de ferramentas para aferir *cientificamente* eventuais progressos na *qualidade da receção*. Isto porque, embora reconhecendo como fundamental a quantificação do número de leitores e de novos leitores que um determinado equipamento cultural vem atingindo, tal retorno não se mostrará, porém, suficiente para avaliar um serviço desta natureza. Importará igualmente perceber em que condições essa troca está a acontecer e qual o impacto do serviço e do trabalho dos técnicos na evolução das *competências* e da *atitude* dos públicos com quem se relacionam.

Neste ponto, e para além do tempo de observação a que uma análise *evolutiva* necessariamente obriga, confrontámo-nos a questão da subjetividade dos aspetos a quantificar. Como se poderá medir, afinal de contas, a capacidade das pessoas interpretarem, fruírem, integrarem, questionarem ou intervirem sobre os bens e

¹³ Para além do problema da inexistência de ferramentas para aferir progressos nas competências leitoras, com a qual se debatem, aliás, as próprias bibliotecas públicas, colocaram-se-nos muitas dúvidas (cuja explanação acabou por se mostrar lateral ao presente estudo) quanto à forma de medir o impacto da *Andarilha* ao nível da evolução da *atitude* dos seus leitores: que conseguiu atrair; de aspetos como a capacidade de iniciativa, o grau de envolvimento, de exigência e de autonomia, a capacidade de interpretação, fruição e integração, atitude crítica ou autoconfiança.

conteúdos que lhes são disponibilizados? Como quantificar, no que toca ao *consumo cultural*, a evolução de aspetos como a autonomia, a reflexão, a atividade crítica, a exigência, o envolvimento ou a autoconfiança dos públicos?

Dadas todas estas dificuldades, e para avaliar o impacto que a *Andarilha* está a ter junto das populações do concelho de Beja, acabámos por tomar como referência a opinião que os próprios leitores têm sobre a sua situação e sobre a relação que mantêm com o equipamento e os serviços por ele prestados, procurando complementá-la com a visão da equipa da biblioteca e com os dados mais objetivos que tivemos a oportunidade de recolher e/ou isolar no âmbito do estudo de caso que nos propusemos fazer. Para tal, recorreremos a um conjunto de fontes e aos métodos que a seguir se enumeram:

- Visita às instalações da Biblioteca Municipal de Beja;
- Análise do site da CMB e das referências à BMB e à *Andarilha* nele constantes;
- Análise do *blogue* da *Andarilha* e recursos informativos nele disponibilizados;
- Análise das reportagens sobre a *Andarilha* realizadas pela RTP1,¹⁴ bem como dos materiais produzidos pela BMB para divulgação do projeto internamente, junto das comunidades do concelho de Beja e na Internet;
- Análise do *Programa de Leitura em Meio Rural*, onde a *Andarilha* se insere, bem como de toda a documentação produzida internamente onde se encontrem compilados dados sobre os objetivos traçados para esta unidade;
- Análise e síntese dos documentos de avaliação do projeto entretanto produzidos, incluindo relatórios e dados estatísticos referentes a utilizadores e utilizações;
- Entrevista semidiretiva à coordenadora do Projeto;
- Entrevistas informais aos técnicos e leitores da *Biblioteca Andarilha*;
- Participação (passiva e ativa) em algumas *viagens* da *Biblioteca Andarilha*, de forma a poder acompanhar não só as várias vertentes do seu trabalho (funcionamento, processos, procedimentos e relação com os vários utilizadores e parceiros) como também a diversidade de públicos e contextos sócio-culturais implicados;
- Inquérito aos utilizadores da *Andarilha* através da realização de entrevistas semidiretivas a uma amostra de 10 leitores assíduos, cujos detalhes dos critérios e resultados se encontram explanados no capítulo 6.3.

¹⁴ *Jornal da Tarde* de 01-10-2009 e *Portugal em Direto* de 24-05-2011.

4. AS BIBLIOTECAS ITINERANTES

4.1. DEFINIÇÃO, NATUREZA E CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA

Tendo decorrido pouco mais de um século desde a experiência de um vagão puxado por cavalos que distribuía livros pelas áreas rurais de Maryland (Washington, EUA) identificada como a *primeira* biblioteca itinerante no mundo ocidental¹⁵, são inúmeros e inquantificáveis os meios, imagens e estratégias que este tipo de equipamentos tem assumido, ao longo do tempo e do espaço, conforme os condicionamentos, as circunstâncias e os meios disponíveis, para se aproximarem física, técnica e humanamente daqueles que não estão servidos ou que se encontram mal-servidos de livros e outros bens culturais de base e a quem os poderes políticos nacionais, regionais ou locais têm a obrigação de fornecer através da rede de bibliotecas públicas que gerem.

Fazendo normalmente parte de um sistema, e apesar da sua alargada distribuição na Europa (sobretudo Reino Unido, países nórdicos e Espanha), nos EUA, na América Latina ou na Austrália, este tipo de estruturas têm-se mantido, não obstante, como um elemento *particular*, senão mesmo *rebelde* ou *marginal* dentro do mundo das bibliotecas e dos chamados serviços de informação, tantas são as suas especificidades e diversidades. A multiplicidade dos serviços que prestam, a polivalência das equipas que os dinamizam e a variedade dos veículos utilizados, acrescida da *radical* diversidade dos territórios em que penetram e das populações com quem contactam e tentam estabelecer laços – diferenças estas que não são só etárias, étnicas, culturais ou do seu grau de instrução, mas e sobretudo, das suas *necessidades leitoras* e do leque de circunstâncias que podem ter determinado a *exclusão* de que são alvo – tornam as bibliotecas móveis um *fenómeno* difícil de sintetizar e de parametrizar. Contudo, a versatilidade, hibridez e instabilidade que lhes conferem a capacidade para continuamente se transformarem, ajustarem e repensarem são, talvez, os atributos que, a par da mobilidade, melhor as definirão.

¹⁵ Por iniciativa da bibliotecária responsável pela Washington County Free Library, Mary Titcomb, foi criado em 1902 um serviço de entrega de livros aos habitantes rurais daquela região. Conduzido por Joshua Thomas, veterano da guerra civil, um vagão puxado por cavalos entregava caixas com livros nas estações centrais ou correios das pequenas povoações de Hagerstown (Maryland, EUA). Cf. *sites* do Four County Library System (disponível em <http://www.4cls.org/cyberorigin.html>) e da Western Maryland's Historic Library (disponível em <http://www.whilbr.org/bookmobile/index.aspx>) [consultados em 15-08-2012].

Esta *irrequietude* manifesta-se desde logo na profusão de designações com que aqui e ali se vão identificando as experiências ou extensões itinerantes, e que importa esclarecer. Os termos *biblioteca itinerante* e *biblioteca móvel*, usados correntemente em Portugal, a par das menos usuais denominações *biblioteca ambulante* ou *biblioteca circulante*, os seus equivalentes *mobile libraries* (Grã-Bretanha, EUA, Canadá e Austrália) e *biblioteca móvil* (Espanha), ou ainda a expressão *travelling libraries*, remetem-nos para um conjunto de recursos bibliográficos (materiais e/ou serviços) que são transportados por um veículo a fim de os distribuir em determinadas zonas ou junto de públicos específicos. O uso de qualquer destes termos será preferível às expressões *bibliomóvel*, *bookmobile*, *biblio-carro* ou *bibliobus*, uma vez que estas últimas pecam em rigor por uma de duas razões: ou circunscrevem as bibliotecas itinerantes ao fornecimento de livros, havendo um conjunto de materiais – música, filmes, jogos, computadores e programas informáticos, etc. – e de serviços – animação da leitura, informação à comunidade, dinamização cultural, recolha de património local, etc. - que claramente os extravasam, ou restringem os meios de transporte/contentores que estes equipamentos utilizam a veículos motorizados (carrinhas, atrelados, camiões ou autocarros), ignorando o facto de existirem uma série de outras formas para os fazer circular – barco, avião, comboio, bicicleta, burro, elefante ou camelo -, mantendo-se o conceito o mesmo.

Contudo, dado o desenvolvimento das comunicações, da indústria automóvel e das redes viárias, e tanto quanto nos é dado a saber, na Europa já não se usa a tração animal na prestação deste tipo de serviços, sendo de generalizada utilização as camionetas, equipadas de raiz para este fim, com variações de dimensão e de grau de sofisticação que decorrem dos fundos disponíveis e das prioridades económicas de cada país ou região, traduzindo nas suas especificidades formais e técnicas o número e tipo de públicos-alvo, a dimensão das regiões a cobrir, a topografia dos aglomerados ou os *acidentes* do relevo. Em Portugal, e à exceção do Município da Mealhada que dispõe de um autocarro, todas as bibliotecas municipais utilizam uma carrinha tipo furgão, ainda dentro da categoria de viatura ligeira, modernamente equipadas ou, em alguns casos residuais, (as itinerantes de Moura e da Guarda, por exemplo), as antigas furgonetas da Fundação Calouste Gulbenkian, apetrechadas apenas com prateleiras de madeira.

Ultrapassando as diferenças ditadas por condicionamentos demográficos, geográficos, climáticos, económicos, culturais, ou logísticos e pretendendo abranger todas as especificidades técnicas ou *folclóricas* em que se desdobram, podemos considerar como biblioteca móvel – tal é a definição proposta pela IFLA¹⁶ - como «qualquer serviço de biblioteca que não fica num único sítio.»

Este pressuposto de movimento que a própria natureza do equipamento encerra deverá ser acompanhado por uma atitude igualmente dinâmica da parte de quem o cria, sustenta e dinamiza, devendo os objetivos, planos e estratégias que fundamentam as modernas bibliotecas itinerantes revestir-se de um carácter pragmático e realista, mas sempre progressista e, não raras vezes, experimentalista.

Uma biblioteca não pode ter uma atitude passiva. E só se justifica no grau em que exerça uma missão superior [...] Tendo como característica especial a mobilidade, daí resulta um perfeito contacto e uma expansão que as bibliotecas fixas não podem alcançar»¹⁷

No documento que em 1956 Branquinho da Fonseca apresenta ao Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian a fim de propor e fundamentar a criação de uma rede de bibliotecas móveis baseadas no modelo da *biblioteca circulante* por si inaugurada na cidade de Cascais já podemos ver descrito, *grosso modo*, não só aquilo que define a natureza de uma biblioteca itinerante, como as prioridades que deverão nortear o seu funcionamento e garantir o seu sucesso; pressupostos estes absolutamente atualizados e comprováveis nas modernas bibliomóveis de dimensões idênticas em atividade em Portugal, nomeadamente no que respeita à abrangência da sua missão, que deveria ser «de cultura geral, de educação e de recreio», quanto aos critérios a observar na constituição do seu fundo bibliográfico, salvaguardando que se tentaria atender «a todos os interesses e conveniências duma leitura variada, agradável e educativa», ou ainda quanto à importância – o dever, assim o assume Branquinho da Fonseca – do bibliotecário «conhecer o público a que se dirige».¹⁸

¹⁶ Ian Stringer (coord.) – *Mobile Library Guidelines. IFLA Professional Report N.º 123*. 2010, p.5.

¹⁷ Branquinho da Fonseca - *Breve justificação das Bibliotecas Itinerantes e algumas informações acerca do seu funcionamento* [relatório apresentado ao Presidente da FCG]. Cit. por Daniel Melo - *As bibliotecas da Fundação Gulbenkian e a leitura pública em Portugal (1957-1987)*, 2005, p.66.

¹⁸ Fonseca - *Op. Cit.*. Cit. por Maria Helena Melim Borges - *Leitura: o exercício da sedução*, 2005, p.6.

Em 1956, precisamente no mesmo ano em que entre nós se preparava o paradigmático projeto do Serviço de Bibliotecas Itinerantes da FCG, em Espanha, Aurora Cuartero¹⁹ defendia a biblioteca móvel como «a vanguarda e a antena do serviço fixo»²⁰, pois que já nesta altura seriam perceptíveis para aqueles que se empenhavam no alargamento dos serviços culturais públicos às *franj*as da sociedade, as potencialidades técnicas, estratégicas e sociais intrínsecas a esta tipologia de equipamentos. Com efeito, tanto pelo grau de proximidade que podem obter junto das populações como pela capacidade de disseminação e de *infiltração* que possuem - e que não é equiparável a nenhum outro tipo de extensão bibliotecária - as bibliotecas itinerantes refletem melhor que nenhuma outra as falhas do sistema, criando, paralelamente, as condições para as corrigir. Pois que sendo ótimas ferramentas de auscultação - direta, sensível, abrangente, plural - se mostram suficientemente robustas e flexíveis para experimentar, para pôr em prática novas ideias ou modelos que garantam um maior equilíbrio e qualidade na prestação do serviço público em questão, podendo, inclusive, atrair novos utilizadores integrando-os na rede de leitura pública.

Por não estarem restringidas a nenhum centro populacional e disporem de capacidade para acompanhar as flutuações das populações, a IFLA reconhece as bibliotecas itinerantes como o mais flexível dos serviços bibliotecários, atribuindo-lhes um papel fundamental na promoção da igualdade de oportunidades no acesso a estes serviços²¹.

Admitindo a natureza necessariamente multiforme deste tipo de equipamentos, reflexo de condições e circunstâncias locais, as *Guidelines for mobile libraries*, enunciadas em 2010 por aquele órgão de referência (relatório nº 123), sintetizam como característica comum às bibliotecas móveis o facto destas se constituírem enquanto bem público disponibilizado de forma gratuita (ou *virtualmente* gratuita), enumerando várias categorias de itinerantes, conforme o órgão ou instituição sob cuja responsabilidade estas estruturas são criadas e geridas. Assim, prevê a existência de bibliotecas móveis implementadas pelos governos nacionais, pelos poderes regional ou municipal, bem como daquelas cuja origem se encontra na cooperação entre duas ou mais autoridades,

¹⁹ Jornalista e bibliotecária espanhola responsável pela organização da bibliomóvel que nos anos 50, em pleno franquismo, distribuía livros aos habitantes dos subúrbios de Madrid, Aurora Cuartero foi também autora de várias obras sobre a experiência das bibliotecas móveis em Espanha.

²⁰ Cit. por Roberto Sotto Arranz - *La Biblioteca Móvil*, 2001, p.20.

²¹ Stringer - *Op. Cit.*, p.5.

situação particularmente pertinente caso as populações que se pretendem servir não estejam circunscritas a uma mesma área administrativa e, finalmente, daquelas que resultam da iniciativa privada, quando as necessidades de determinada área ou comunidade não se encontram «oficialmente» preenchidas, como foi o caso histórico da rede de bibliotecas itinerantes que entre nós a FCG desenvolveu, à escala nacional, durante a segunda metade do século XX e que está na raiz das modernas bibliotecas públicas portuguesas.

Atualmente, a modalidade de bibliotecas itinerantes com maior expressão em Portugal, talvez hegemónica,²² é a de iniciativa local, enquanto extensão da biblioteca municipal ou, em raras situações, como equipamento bibliotecário autónomo, quando são inexistentes (ou temporariamente indisponíveis) instalações próprias para a prestação de serviços bibliotecários públicos, como é o caso da biblioteca itinerante de Marvão.

Operando dentro de um determinado concelho e apetrechadas com todas as valências de uma biblioteca moderna, estas unidades itinerantes funcionam como uma extensão do serviço público prestado pelas Bibliotecas Municipais junto das zonas mais isoladas geograficamente ou mais *periféricas*, social e economicamente falando, territórios estes aonde dificilmente chegam os livros ou outras formas de cultura formal, ou junto de públicos específicos que não podem ter um fácil acesso a recursos básicos que se pretendem democraticamente distribuídos.

Assim, a pertinência da criação de uma biblioteca itinerante depende da necessidade de atingir certas zonas ou certo tipo de pessoas (consideradas sempre enquanto coletivo) identificadas como estando de alguma forma fora do raio de ação da biblioteca municipal respetiva, quer seja por causa das características geográficas, topográficas, climáticas ou demográficas do território, quer seja por razão de desintegração social, de reclusão forçada ou de dificuldades de mobilidade. Os públicos potenciais destas bibliotecas poderão ser, portanto, as populações de zonas rurais ou de lugares industriais com baixo índice residencial ou dispersas no espaço, comunidades isoladas, residentes

²² Sabemos apenas da existência de uma biblioteca itinerante *especializada* a operar fora do âmbito municipal, designada Biblioteca Itinerante para a Igualdade dos Géneros (e da qual a Biblioteca de Beja é também parceira) que iniciou atividade em julho de 2011. Cf. <http://www.umarfeminismos.org> [consultado em 10-08-2012].

de bairros suburbanos ou em formação, minorias étnicas, reclusos, alunos de uma escola, utentes de um lar de idosos ou de um centro de dia, pessoas hospitalizadas, etc.

Dada a capacidade que têm de acompanhar as flutuações demográficas, as bibliotecas móveis estão também vocacionadas para prestarem os serviços de biblioteca no contexto de concentrações temporárias de pessoas, fruto de conflitos ou desastres naturais (campos de refugiados, desalojados, etc.), de situações transitórias de reordenamento do território, ou ainda para servirem povos nómadas e comunidades *instáveis*.

E se são vários os casos em Portugal, sobretudo em meio rural, em que a biblioteca móvel se *especializa* na prestação de serviços bibliográficos e de promoção da leitura a escolas, tentando colmatar as insuficiências das bibliotecas escolares ou equilibrando o isolamento em que ficam muitas crianças em resultado da desertificação e da redução drástica das taxas de natalidade, o mais habitual, contudo, é encontrarem-se unidades itinerantes que, sozinhas, servem toda uma amálgama de *públicos excluídos* existentes dentro de um município, funcionando para estes, não raramente, como a primeira, senão única, «porta aberta à cultura, base imprescindível para a aplicação de outras prestações culturais ulteriores».²³

Para além das ligações que promovem com o mundo dos livros, da informação e da cultura em geral, é comum as equipas que dinamizam estes serviços ambulantes acumularem a função de mediador social, promovendo o diálogo intercultural e intergeracional e proporcionando um espaço/momento de convívio e de trocas outras, constituindo-se dessa forma como um interlocutor de grande *valor acrescentado* para as comunidades e pessoas mais apartadas dos centros de decisão e de produção cultural *oficial* – mais apartadas quer seja porque assim fisicamente se encontram, quer seja porque assim se sentem ou porque assim são olhadas.

A este importante papel desempenhado pelas bibliotecas itinerantes públicas nos processos *efetivos* de democratização cultural e à consciência da sua dimensão eminentemente social, soma-se, cada vez mais, o dever de prestarem serviços de

²³ Roberto Soto Arranz - *La Biblioteca Móvil*, 2001, p.28.

qualidade, ou seja, de disponibilizarem uma coleção e um conjunto de recursos (dos quais a equipa técnica será o mais importante) adequados às exigências e necessidades dos potenciais públicos assinalados. Tal obriga ao conhecimento aturado das realidades locais, mas também à reunião de uma série de meios e procedimentos técnicos, tecnológicos e logísticos, que implicam custos, planificação, comunicação e uma constante avaliação e validação de práticas, posturas e metas.

Assim, a uma visão simplista e romântica da biblioteca itinerante enquanto estrutura ambulante que de forma precária, mas incondicional, distribuía livros em territórios mais ou menos exóticos, impõe-se hoje uma outra, bem mais complexa e pragmática, que Roberto Soto Arranz, bibliotecário espanhol e presidente da ACLEBIM, sintetiza na definição que a seguir se transcreve:

*Servicio público de extensión bibliotecaria incluido en una unidad administrativa que, mediante una colección organizada y procesada de documentos, gestionada por personal capacitado y suficiente, con la ayuda de medios técnicos y materiales precisos y el apoyo de la base central de la que procede, se vale de un medio de transporte, de tracción propia o remolcado, para acceder físicamente de forma planificada, predeterminada, periódica y publicitada, a lugares o grupos sociales ajenos a una prestación bibliotecaria estable, con el objetivo de hacerles partícipes de los beneficios de la Biblioteca Pública”.*²⁴

Como é natural, a evolução da biblioteca itinerante enquanto sistema, plataforma e serviço (e não como depósito e veículo apenas) participa das transformações que nas últimas décadas foram exigidas às bibliotecas públicas, enquanto infraestruturas básicas que, financiadas e geridas pelos governos nacionais ou locais, têm de se assumir como «uma componente essencial de qualquer estratégia a longo prazo para a cultura, o acesso à informação, a literacia e a educação», devendo ser capazes de formular «uma política clara, definindo objetivos, prioridades e serviços, relacionados com as necessidades da comunidade local» e de promover «a cooperação com parceiros relevantes, por exemplo, grupos de utilizadores e outros profissionais a nível local, regional, nacional e mesmo internacional» de forma a manterem-se atualizadas, operacionais e dinâmicas num mundo globalizado, cada vez mais complexo, profuso e exigente, em cujo contexto importa «facilitar o desenvolvimento da capacidade de utilizar a informação e a informática» e «promover o conhecimento sobre a herança

²⁴ Soto Arranz – *Op.Cit.*, 2001, p.19.

cultural, o apreço pelas artes e pelas realizações e inovações científicas», mas também, e simultaneamente, salvaguardar a «diversidade cultural».²⁵

Integradas no sistema da biblioteca municipal e dela dependentes, o conjunto de prestações de uma biblioteca itinerante é análogo ao disponibilizado por qualquer biblioteca pública fixa, na qual de alguma forma se converte sempre que *estaciona*, quer seja para efetuar trabalho técnico de fundo quer seja para tratar do atendimento aos seus leitores.

A grande diferença verifica-se na valência da sala de leitura, que pela precariedade do espaço e do tempo disponíveis para a leitura presencial (sujeita a interrupções e a uma periodicidade que nunca é diária) é muito mais limitada quando prestada por uma biblioteca móvel, mesmo que o tempo de paragem seja longo e ainda que o espaço interior do veículo atinja os 15m de comprimento, como acontece com os camiões com semirreboque que percorrem vastas extensões no interior da Austrália.

De resto, todos os serviços oferecidos por uma biblioteca fixa podem ser igualmente prestados pelas itinerantes, desde a referência à pesquisa em catálogos informatizados, à leitura em suportes especiais ou à reprografia. Não obstante, a sua vocação principal continua a ser o empréstimo de livros para leitura domiciliária e a promoção da leitura, revelando ainda particular aptidão no apoio a campanhas de alfabetização e iniciativas de dinamização cultural. Mostram-se menos adequadas, pelo contrário, para fazer um acompanhamento educativo permanente ou como suporte de um serviço de informação *in strictu sensu*, dado que estas valências exigem uma prestação ininterrupta.²⁶

No que respeita à seleção, aquisição, conservação, tratamento e acondicionamento documentais assim como na organização e difusão do seu fundo, as unidades móveis comungam das regras, procedimentos e recursos dos serviços *centrais* ou *estáveis* da biblioteca, tendo apenas que investir um maior cuidado na gestão das *existências* dado que dispõem de uma menor disponibilidade espacial (que não permite ter em livre acesso, caso se utilizem veículos tipo *carrinha*, e segundo as previsões da IFLA, mais

²⁵ Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas, 1994.

²⁶ Cf. Xilberto Llano Caelles – *La biblioteca en el medio rural: reflexiones*, 1997, p.76-77.

do que 2000 volumes) e servem públicos mais específicos, o que coloca continuamente à prova a pertinência e atualidade do seu fundo.

Assim, para além de disporem de um fundo documental próprio de caráter generalista (constituído através de aquisições, doações, cedências ou partilha com outros núcleos) observando, à semelhança de qualquer outra biblioteca pública, os critérios de universalidade, diversidade e atualidade, estas unidades deverão empenhar-se na reunião de títulos e outros materiais lúdico-didáticos especificamente vocacionados para dar resposta aos interesses, apetências ou limitações dos seus utilizadores, organizados em função do perfil sócio-económico (habilitações literárias, profissões predominantes, etc.) dos públicos a que se destina ou das populações que pretende *converter* em públicos.

Por outro lado, há que considerar o facto de hoje em dia ser impensável conceber qualquer núcleo bibliográfico, independentemente da sua dimensão ou do seu grau de precariedade, que não funcione em rede, usufruindo dos benefícios que esta lógica de trabalho oferece do ponto de vista da eficácia da comunicação, da rentabilização de recursos e da economia de processos e procedimentos no âmbito da difusão, tratamento, organização e disponibilização da informação. Exemplo disso é a famosa biblioteca-elefante usada na Tailândia para distribuir livros junto das populações mais isoladas do país e que transporta no *dorso* um satélite portátil, a fim de garantir aos seus utilizadores o serviço de comunicação *on line*.

Com efeito, e sempre que as condições locais (infraestruturas de comunicação, topografia, condições meteorológicas) o permitem, as *modernas* bibliotecas itinerantes recorrem ao funcionamento em rede não só para pesquisar e partilhar dados e recursos eletrónicos com a *biblioteca sede*, com o conjunto de bibliotecas que operam numa mesma circunscrição administrativa (redes concelhias ou interconcelhias de bibliotecas), a nível nacional ou internacional, como para fazerem a gestão documental da sua coleção (empréstimos e devoluções, por exemplo). Técnicos e público contam, para isso, com as inúmeras facilidades que hoje nos são oferecidas por um *hardware* cada vez mais flexível, ligeiro, multifuncional e económico, pelos catálogos em linha,

por interfaces mais diversificados e acessíveis, pela generalização do uso da informática e da *Internet* e pelos avanços no setor das comunicações em geral.²⁷

Em Portugal, dadas as deficiências de cobertura de rede verificadas fora dos grandes centros e que dificultam uma comunicação *em tempo real* entre a biblioteca móvel e a respetiva biblioteca central, é habitual a disponibilização de catálogos *off line* (CD ou disco rígido do computador), sendo o processamento dos empréstimos realizado manualmente.²⁸

Para além de todas estas potencialidades *virtuais*, a coleção da unidade itinerante deve ser materialmente reforçada pelo fundo bibliográfico da biblioteca sede, o que a poderá triplicar em extensão,²⁹ enriquecer em diversidade e completar em especificidade. Isto significa que o leitor de uma biblioteca itinerante acaba sempre por ser um utilizador da biblioteca fixa, quer seja porque com ela comunica *virtualmente*, quer seja porque a ela pode recorrer a fim de ver satisfeita uma necessidade de leitura específica, funcionando aqui a itinerante como intermediário no mais restrito sentido da palavra.

Também o pessoal envolvido no trabalho da biblioteca itinerante se encontra em estreita articulação com a biblioteca sede, não só no apoio que dela recebe em termos do tratamento e gestão do seu fundo documental e demais recursos, como também no retorno que lhe dá ao nível do conhecimento e da angariação de públicos. Por outro lado, e como parte integrante da equipa que anima um mesmo sistema, os técnicos que se ocupam da bibliomóvel, devem dispor de estatuto e oportunidades idênticas às dos colegas que trabalham na biblioteca sede, participando na definição de estratégias para os serviços e na seleção das obras nas ações de formação destinadas ao aperfeiçoamento dos técnicos e da atividade da biblioteca.

Não sendo, portanto, elementos desemparelhados nem alheios à estrutura que representam *fora de portas*, os técnicos responsáveis pelas unidades móveis devem, contudo, reunir um conjunto de atributos que sustentem a polivalência e uma certa autossuficiência de que deles são esperadas. Ao «espírito de serviço», à «capacidade para chegar ao público», boa forma física e cultura geral (requisitos a que já Branquinho da Fonseca havia aludido em meados

²⁷ Cf. Soto Arranz - *Op. Cit.*, p.91.

²⁸ Cf. João Henriques – *Na estrada com os livros: as bibliotecas móveis como solução de acesso a serviços de bibliotecas num país de contrastes*, 2009, p.39.

²⁹ Cf. Soto Arranz – *Ibidem*, p.22.

do século XX a propósito da escolha dos encarregados das itinerantes da FCG) Soto Arranz acrescenta a capacidade de improvisação e de decisão, defendendo a existência de pelo menos um bibliotecário profissional em cada equipa.³⁰

A este respeito, as orientações sistematizadas em 2002 pelo órgão que em Espanha tutela as bibliotecas públicas são perentórias: a equipa básica deverá ser formada por duas pessoas – um bibliotecário e um motorista -, devendo o primeiro dispor de diploma universitário em biblioteconomia e documentação ou - caso provenha de outra área académica - de formação específica obrigatória naquelas disciplinas. É ainda considerado como requisito imprescindível um profundo conhecimento do sistema bibliotecário de que a itinerante faz parte e dos respetivos serviços e recursos.³¹

Quanto à formação dos técnicos as orientações da IFLA para as bibliotecas móveis parecem ser um pouco mais brandas. Prevendo-se a possibilidade de em certos países não existirem bibliotecários *disponíveis*, considera-se como aceitável o emprego de pessoal não especializado, na medida em que a falta de qualificações será «invariavelmente compensada por uma grande dose de dedicação, compromisso e relação personalizada com os leitores».³²

Para além de todas as recomendações acerca da constituição da equipa – componente mais valiosa e sensível da estrutura bibliotecária - a rotatividade dos técnicos encarregues de dinamizar a unidade itinerante, tal como sugerido pela IFLA,³³ é comumente incentivada pelas próprias chefias, podendo todo o pessoal da biblioteca ser envolvido nas operações da unidade móvel. Proporcionando uma maior coesão ao grupo, este *roulement* ao nível de tarefas e funções é também uma forma de distribuir os esforços e de oferecer a todos os elementos da estrutura a oportunidade de contactarem diretamente com as realidades onde a biblioteca está inserida e com a diversidade/especificidade das pessoas concretas a quem o seu trabalho se dirige.

Assim, esta passagem pela bibliomóvel acaba por funcionar como uma espécie de *estágio*, um momento de aprendizagem intensiva acerca dos públicos-alvo e das formas de

³⁰ *Ibidem*, p.21.

³¹ Ministerio de Educación, Cultura y Deporte. Secretaría de Estado de Cultura. Dirección General del Libro, Archivo y Bibliotecas - *El servicio de bibliobús. Pautas básicas para su funcionamiento*, 2002.

³² *Mobile library guidelines*, 2010, p.51.

³³ *Ibidem*, p.50.

otimização dos recursos bibliotecários, uma vez que o condicionamento do espaço obriga a uma «adaptação qualitativa da colecção às exigências e necessidades dos utilizadores».³⁴

Esta adaptação passa, antes de mais, por um trabalho sistemático de seleção e eliminação de documentos, e conseqüente renovação do *stock* bibliográfico, a par do recurso a documentos em suporte digital ou de acesso remoto para completar a coleção itinerante. Passa também pelo desenvolvimento de atividades paralelas de animação da leitura, pela aposta num atendimento personalizado e pela reinvenção criativa dos espaços eventualmente desaproveitados existentes no interior dos veículos.

São ainda de considerar certo tipo de serviços ou recursos que funcionam como extensões da unidade itinerante, estando diretamente dela dependentes. Entre eles contam-se os empréstimos coletivos de lotes de documentos e materiais didáticos ou lúdicos (as *bibliocaixas*), a prestação de serviços de leitura ao domicílio, a disponibilização de equipamentos especiais para pessoas que apresentem dificuldades no manuseamento ou na descodificação dos materiais convencionais (livros impressos com tipografia ampliada ou livros falados, por exemplo) ou a oferta de recursos alternativos para públicos com necessidades *especializadas* que obrigam ao uso de suportes, tipologias ou temáticas documentais particulares (estrangeiros, formadores, formandos, crianças hospitalizadas, reclusos, etc.).³⁵

Para além das limitações do espaço com que as bibliotecas itinerantes necessariamente se debatem, importará ainda equacionar cuidadosamente o fator tempo, pela fragilidade que poderá constituir para um equipamento de utilização pública que apesar de ter a capacidade de se deslocar a uma grande variedade de lugares não é, todavia, ubíquo. É essencial, por isso, uma gestão racional do tempo ao nível dos itinerários escolhidos (e das localidades que se associam num mesmo circuito diário), do número e duração das paragens e da periodicidade das visitas.

Sendo conveniente rentabilizar os custos envolvidos na criação e manutenção das bibliomóveis, não será contudo recomendável uma abordagem puramente aritmética dos percursos a realizar, porquanto esta poderá resultar numa superficialização ou

³⁴ Soto Arranz – *Op. Cit.*, p.23.

³⁵ *Idem - Ibidem*, p.26.

deterioração dos serviços prestados, até pelo desgaste que representará para os técnicos a montagem e desmontagem do *estaminé* mais do que um certo número de vezes por dia.

Neste capítulo, a IFLA recomenda que não se percorram diariamente distâncias superiores a 200km e que o uso contínuo do veículo não exceda as 2 semanas, ao fim das quais aconselha a realização duma pausa para manutenção. Sugere ainda um máximo de 20 paragens por dia e um rácio de uma hora de serviço por cada hora de condução.³⁶

O cumprimento rigoroso dos horários e de uma periodicidade que não vá além dos 30 dias de intervalo são aspetos considerados fundamentais para a garantia de um critério de continuidade de que este tipo de serviço inteiramente depende para se impor junto das populações, tanto para captar leitores como para consolidar hábitos de utilização.

Para o fortalecimento de uma relação de confiança baseada na continuidade influi significativamente a presença regular de um técnico especializado que seja o responsável e o rosto do serviço, ainda que os restantes elementos da equipa vão alternando entre si. Essencial é também o investimento em bons e apelativos materiais de comunicação e num plano de divulgação eficaz, fazendo uso dos contactos locais entretanto estabelecidos e de potenciais parceiros identificados.

E em matéria de comunicação as bibliotecas móveis parecem estar francamente favorecidas em relação às *bibliotecas convencionais*, não só pelo seu carácter intrinsecamente mediático, como pela boa imagem de que gozam junto do público em geral, incluindo os grupos mais reservados ou renitentes, resultante da informalidade da sua presença, da simplicidade que empregam nos procedimentos técnico-administrativos e da confiança que inspira o facto de, afinal de contas, serem elas a *vir ter* com o leitor. Por fim, não será de subestimar mais-valia dum certo *charme atemporal* de que estes equipamentos naturalmente dispõem e a que dificilmente se consegue ficar indiferente.

*La biblioteca móvil, por su propia singularidad, rompe barreras entre ella y los usuarios por médio del establecimiento de unas relaciones más informales, fundamentadas en la confianza mutua, la flexibilidad en el cumplimiento de los reglamentos, la adaptación a la realidad del grupo atendido y la complicidad por ambas partes, que desembocan en una **implicación** del usuario con su biblioteca.*³⁷

³⁶ Stringer - *Op. Cit.*, p.13-14.

³⁷ Soto Arranz, *Op. Cit.*, p.27.

4.2. COMO EXTENSÃO ORGÂNICA DA BIBLIOTECA MUNICIPAL EM MEIO RURAL

*Mobile library services are essential to the Public Library Service and should be seen as an integral part of it. When planning library services to meet community needs, mobile library services should be considered early in the planning process as a viable and cost effective means to serve residents disadvantaged in terms of access to a static library. The overall objective of a mobile library service is to promote equity of service provision by enhancing the opportunity of access to library services.*³⁸

A Constituição da República Portuguesa (Artigo 78º - nº 2) define como expressa incumbência do Estado «assegurar o acesso de todos os cidadãos aos meios e instrumentos de acção cultural» e «corrigir as assimetrias existentes no país em tal domínio». Estas assimetrias estão patentes na forma como as estruturas ou agentes culturais se encontram distribuídos no território e no grau de dificuldade que uns e outros experimentam no acesso físico a estes recursos, mas também na preparação que lhes é dada para que deles possam fruir de modo livre, autónomo e pleno.

Falta de hábitos de leitura, dificuldades na interpretação daquilo que se lê, analfabetismo funcional, iliteracia digital ou falta de autonomia reflexiva são questões que estão na ordem do dia e que somadas aos inúmeros problemas de desintegração social que grassam nas complexas e «multiculturais» sociedades atuais traduzem as novas e/ou potenciais formas de exclusão e autoexclusão cultural a que as bibliotecas públicas portuguesas procuram dar resposta.

Paralelamente, é um facto que subsistem ainda no nosso país, e apesar de todos os programas de democratização cultural implementados pelos sucessivos governos portugueses desde o 25 de Abril, as *tradicionais* modalidades de discriminação no acesso à cultura - analfabetismo e iliteracia na sua aceção *clássica*, isolamento social e dispersão demográfica, dificuldades nos acessos viários e comunicações, disparidades litoral/interior e grandes centros urbanos/mundo rural, desigual distribuição de equipamentos educativos, condicionamentos económicos de todo o tipo – que transformam o consumo de livros e de outro tipo de bens culturais, ainda para um grande número de pessoas, num exercício de luxo.

³⁸ Ian Stringer (coord.) - *Mobile library guidelines*, 2010, p.5.

Entretanto, o GEPE (Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação) dava-nos conta, em 2007, do facto de apenas 17 % da amostra de portugueses selecionada para o estudo *A Leitura em Portugal* referirem a frequência de bibliotecas, sendo que apenas 1 décimo destes recorreriam aos serviços das bibliotecas municipais³⁹ Para além de um índice de utilização ainda baixo, o uso que se faz das bibliotecas públicas e da leitura parece ser essencialmente instrumental, ou seja, a maioria dos utilizadores procuram o livro como «meio de aprendizagem, fonte de informação e utensílio escolar».⁴⁰

Relevante será ainda o fator *concorrencial* que a expansão da rede de bibliotecas escolares, cada vez melhor apetrechada e mais utilizada, pode significar, sobretudo se levarmos em conta, e segundo o mesmo estudo, que o perfil social dos utilizadores das bibliotecas municipais tem correspondido, maioritariamente, a jovens ainda a cumprir o seu percurso escolar (39% dos leitores são estudantes).⁴¹

São, portanto, múltiplos os desafios hoje lançados às bibliotecas públicas - tanto em termos da quantidade de pessoas abrangidas e da capacidade para atrair novos públicos, como da qualidade e atualidade dos serviços prestados – obrigando-as a desdobrarem-se, distenderem-se e recriarem-se permanentemente, a fim de darem cumprimento ao compromisso assumido com os cidadãos e consignado no Manifesto da IFLA/UNESCO sobre as bibliotecas públicas, isto é, proporcionar o «acesso ao conhecimento, à informação e a obras criativas através de um leque variado de recursos e serviços» que estejam «fisicamente acessíveis a todos os membros da comunidade», para tal se supondo «a existência de edifícios bem situados, boas condições para a leitura e o estudo, assim como o acesso a tecnologia adequada e horários convenientes para os utilizadores»; tal implica igualmente disponibilizar «serviços destinados àqueles a quem é impossível frequentar a biblioteca» e atender «às diferentes necessidades das comunidades das zonas urbanas e rurais», colocando-se dessa forma «à disposição de todos os membros da comunidade, sem distinção».⁴²

A importância dada ao desenvolvimento *efetivo* de uma rede de leitura pública e de uma política cultural *inclusiva* tem vindo a determinar o recurso a extensões bibliotecárias

³⁹ Cf. Maria de Lurdes Lima Santos (coord.) - *A Leitura em Portugal*, 2007, p.185.

⁴⁰ *Idem - ibidem*, p.36

⁴¹ *Ibidem*, p.184.

⁴² Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas (versão portuguesa), 1994.

que de diversas formas possam projetar a ação educativa, cultural e social das bibliotecas municipais para além dos seus edifícios e dos seus serviços e públicos *convencionais*.

Assim, as atuais bibliotecas públicas são já comumente reconhecidas como estruturas de difusão e mediação cultural que prestando serviço a uma comunidade local, podem «incluir serviços de extensão, nomeadamente a hospitais, prisões, minorias étnicas ou outros grupos sociais com dificuldades de acesso ou de integração»,⁴³ afirmando-se cada vez mais a pertinência da sua faceta social e do seu papel no âmbito das chamadas mediações ativas.

E na realização deste hercúleo trabalho as bibliotecas municipais não podem ter a pretensão de conseguir, num único gesto ou utilizando uma única plataforma, identificar, atingir e *impressionar*, indistintamente, um universo populacional que para uma estrutura bibliotecária média (BM2) poderá estar entre as 20.000 e as 50.000 pessoas. Não só para abranger mais como para abranger de forma mais específica e justa, os municípios têm vindo a apostar na multiplicação dos seus recursos e interfaces, instalando sucursais ou filiais permanentes (mais conhecidas como pólos) ou sazonais (os quiosques de praia ou de jardim, por exemplo), constituindo lotes ou coleções de materiais bibliográficos e lúdicos destinados ao empréstimo coletivo (as *bibliocaixas*) e, finalmente, criando unidades móveis. Nos casos em que existe um nº muito reduzido de utilizadores (1 família, por exemplo) em situação de grande isolamento as bibliotecas poderão optar, em alternativa, pelo recurso aos empréstimos feitos por via postal.⁴⁴

Apesar de beneficiarem, tal como as unidades móveis, de um contacto pessoal, contando com a mediação de pelo menos 1 técnico, as extensões fixas (ou pólos) têm, à partida, uma menor abrangência; promovem uma distribuição territorial e demográfica menos equitativa do que as primeiras, têm menor capacidade de adaptação, menor flexibilidade e implicam maiores custos de manutenção. Por isso, a biblioteca itinerante é considerada

⁴³ Tal se encontra explicitamente expresso na definição de biblioteca pública utilizada pelo INE. Cf. Lima Santos - *Op. Cit.*, p.33.

⁴⁴ Cf. Roberto Soto Arranz - *La Biblioteca Móvil*, 2001, p.18.

dentro das estruturas/estratégias de expansão/extensão que as bibliotecas públicas têm ao seu dispor como aquela que apresenta a melhor relação qualidade-preço.⁴⁵

Com efeito, e dada a sua flexibilidade, a biblioteca móvel pode reajustar-se permanentemente, acompanhando as oscilações demográficas e as transformações que ao longo do tempo os públicos-alvo das bibliotecas municipais vão sofrendo. Através dela os poderes locais podem recolher informação sobre a realidade do concelho, sobre os potenciais leitores da biblioteca pública, seus hábitos de leitura, carências e necessidades, justificando a sua existência e documentando o seu aperfeiçoamento. Sendo um serviço prestado a pequena escala, num registo mais próximo, informal e personalizado, estas unidades ganham em agilidade e em capacidade de penetração no interior das comunidades locais, podendo ser uma agente coadjuvante de mudanças e fator de estabilização nos espaços socialmente mais deprimidos ou problemáticos do concelho.

Ian Stringer e Ruth Ørnholt referem ainda uma outra vantagem na utilização de serviços móveis decorrendo, embora, de uma aparente fragilidade: dada a sua menor longevidade, estes equipamentos veem-se obrigados a *renascerem* periodicamente, o que promove a regular revisão do sistema, renovação dos produtos e atualização dos equipamentos e das tecnologias utilizadas.⁴⁶ Esta contingência acaba, assim, por garantir a modernidade das suas propostas e por reforçar o seu carácter *experimental*.

Por último, mas não menos importante, reconhecem-se os benefícios trazidos pelas qualidades mediáticas que as bibliotecas móveis vêm revelando, ao nível da divulgação dos serviços bibliotecários, do *marketing* e da publicidade. Estes atributos, associados aos anteriormente enumerados, potenciam as oportunidades da biblioteca pública conquistar mais públicos - novos, antigos e outros.

Assim, se o propósito para a existência de um serviço itinerante invocado pela Fundação Calouste Gulbenkian no final da década de 50 era o de *promover e*

⁴⁵Roberto Soto Arranz - *De bibliotecas móviles* [blog do SEDIC], 2009.

⁴⁶ Cf. Ian Stringer e Ruth Ørnholt – *101 things you wanted to know about mobiles, but were afraid to ask*, 2004.

*desenvolver o gosto pela leitura e elevar o nível cultural dos cidadãos,*⁴⁷ atualmente as bibliotecas itinerantes reservam-se uma missão diferente, que passa essencialmente pela necessidade de complementar as redes concelhias de bibliotecas de leitura pública e de as levar para o espaço público, contribuindo para uma (re)aproximação *física* das populações que, em teoria, aquelas instituições são encarregues de servir. É também objetivo das extensões móveis modernas, e enquanto mediador cultural local privilegiado, articular ou facilitar a articulação da biblioteca municipal com as coletividades e associações locais na prossecução de fins culturais, educativos e sociais comuns.

As populações dos meios rurais são, por tudo o que atrás se disse, aquelas de quem mais se têm ocupado as bibliotecas móveis, uma vez que o seu contingente populacional, por ser reduzido, não justifica política nem economicamente o estabelecimento de serviços bibliotecários, por um lado e, por ser disperso, por outro, mais evidencia a necessidade de uma estrutura móvel que promova a ligação entre as várias comunidades e os vários núcleos onde se concentram habitantes sem alternativas de leitura pública viáveis à mão nem ao pé.

Inclusivamente, não é raro acontecer que as unidades itinerantes implementadas nestes territórios como extensão de uma biblioteca fixa venham a substituí-la em consequência do declive demográfico verificado em certas zonas e consequente supressão dos serviços estáveis,⁴⁸ pois que uma ponderação do tipo custo/*per capita* acaba muitas vezes por, em certos contextos, transformar aquelas bibliotecas públicas em equipamentos praticamente *de luxo*.

Contudo, o aperfeiçoamento da democracia tem levado a que desde os finais dos anos setenta se venha promovendo uma reflexão sobre todo o território, e não apenas o urbano, no sentido de se promover uma melhor distribuição e aproveitamento de recursos, descentralizando-se serviços (e também expectativas) e desenvolvendo-se estratégias para fixar e atrair população aos espaços mais deprimidos demograficamente e que, invariavelmente, se inserem em ambiente rural.

⁴⁷ Rui Neves - *As bibliotecas em movimento: as bibliotecas móveis em Portugal*, 2005, p.3.

⁴⁸ Cf. Soto Arranz, - *Op. Cit.*, p.32.

A ruralidade de um dado território define-se por um conjunto de características comuns - fraca densidade populacional, uma maioria da população ativa integrada no setor primário, a simplicidade e dispersão do *habitat* e um mais baixo rendimento médio das famílias⁴⁹ - que o fragilizam do ponto de vista do acesso à cultura, na medida em que ou não se produz o suficiente para investir em estruturas culturais ou esse investimento não encontra justificação a nível nacional ou, investindo-se, não se consegue obter uma justa abrangência nem um retorno significativo do ponto de vista quantitativo.

Há também um rol de problemas que são *tipicamente* rurais, como uma rede de acessibilidades insuficiente e/ou deficiente, a carência de serviços públicos básicos adequados, a indisponibilidade ou menor qualidade das estruturas de ensino, a falta de oportunidades de emprego e o subemprego, os maiores níveis de iliteracia ou as dificuldades no acesso à informação e às novas tecnologias, que acabam por derivar naquele que é talvez o mais grave de todos: o incessante êxodo para as cidades, deixando-se os campos ao abandono e os aglomerados rurais desertificados, envelhecidos, empobrecidos, desmembrados.

E porque quem fica é precisamente quem menos pode, quem é mais velho ou quem tem menor capacidade de iniciativa, mais difícil e improvável se torna a renovação das dinâmicas sociais, económicas e culturais locais. Esta estagnação social vem acentuar certos traços do carácter dos habitantes rurais, já de si «conservador, rotineiro, fiel às suas convicções pessoais, com poucas necessidades de desenvolvimento pessoal e com escassa tendência à participação e à associação»⁵⁰ e, conseqüentemente, o preconceito e a desvalorização de que as populações rurais são objeto por parte das pessoas da cidade e dos grandes centros do poder.

Apesar de todos estes aspetos, que funcionam como elemento distintivo depreciativo e como fator discriminatório, as comunidades rurais são consensualmente reconhecidas como as guardiãs (vivas e praticantes) de tradições culturais ancestrais e da oralidade, como *aquela* parte da população que ainda pratica um contacto direto e privilegiado com a natureza e com os ciclos naturais, o que lhes proporciona um tipo de saber tão especializado quanto abrangente, uma vez que se mantém, no seu dia a dia,

⁴⁹ Cf. Xilberto Llano Caelles - *La biblioteca en el medio rural: reflexiones*, 1997, p.16.

⁵⁰ *Idem – Ibidem*, p.27.

«estritamente implicada com saberes da biologia, da química, da meteorologia ou da mecânica»⁵¹, e que importa cada vez mais salvaguardar.

Conscientes desta situação, no Manifesto da IFLA/UNESCO para as bibliotecas públicas, redigido em 1994, os seus relatores já perspetivavam como missões para a biblioteca pública, entre outras, o fomento do diálogo intercultural, da diversidade cultural e da tradição oral. Isto tendo em mente que, tal como afirma Hernández Montesinos alguns anos antes, a riqueza e originalidade culturais, tendo como suporte a «inteligência» e a «criatividade social» definem em grande parte a capacidade dos povos decidirem livremente sobre o seu futuro e de procurarem, por si mesmos, alternativas capazes de manter o seu «nível de dignidade coletiva».⁵²

Assim, e enquanto extensões das bibliotecas públicas, espera-se das bibliotecas itinerantes atualmente em funcionamento uma ativa participação nos processos de descentralização e qualificação cultural a desenvolver pelos municípios inseridos em meio rural, contribuindo para a concretização de um conjunto importante de objetivos:

- Colmatar carências localizadas, contribuindo para um maior equilíbrio das funções culturais dos concelhos;
- Tornar acessíveis, partilhar e rentabilizar os recursos das autarquias – equipamentos, fundos documentais e bibliotecários/mediadores/técnicos especializados;
- Colaborar na animação e dinamização da vida cultural em zonas (aldeias, bairros, comunidades) menos ativas, mais *deprimidas* ou carenciadas;
- Envolver as populações e despertar sinergias com os agentes e estruturas locais;
- Contribuir para a integração, combatendo a exclusão social e o isolamento;
- Aprofundar o conhecimento que a autarquia tem das necessidades, especificidades e contrastes das populações que serve;
- Identificar, registar, valorizar e ativar o(s) património(s) imateriais da região;
- Equilibrar as desigualdades existentes entre o desenvolvimento sócio-cultural das zonas rurais e das zonas urbanas, contribuindo para a dignificação e requalificação das primeiras;
- Trabalhar um sentido de *identidade cultural*, através da partilha de experiências, do investimento na valorização pessoal e da promoção da confiança entre as pessoas e os agentes culturais.

⁵¹ *Ibidem*, p.27.

⁵² Cit. por Llano Caelles – *Op. Cit.*, p.27

5. AS BIBLIOTECAS ITINERANTES EM PORTUGAL

5.1. PANORÂMICA HISTÓRICA

[...] Não basta, todavia, aprender a ler e a escrever. É preciso ler sempre e regularmente; mas, para que o povo leia, torna-se indispensável, não só despertar e manter nele o gosto pela leitura, mas também facilitar-lhe os meios de o satisfazer. Quando o homem não procura o livro, ou porque não tem condições financeiras para o comprar, ou porque habita longe dos centros populacionais onde mais facilmente o poderia adquirir, ou porque ignora, até, a existência dos que melhor satisfariam as suas necessidades profissionais, espirituais ou recreativas, quando o homem, por qualquer motivo, não se interessa pelo livro e não busca a sua convivência, o livro tem de procurar e interessar o homem, para o servir, quer instruindo-o, quer recreando-o.⁵³

Nestas palavras, extraídas do discurso que o então Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Azeredo Perdigão, proferiu em maio de 1958 na cerimónia de inauguração da primeira série de 15 bibliotecas itinerantes integradas no seu Serviço de Bibliotecas Itinerantes, encontram-se resumidas a «finalidade» e a «técnica» daquele tipo de equipamentos, justificando-se assim a sua adoção como figura matriz e motriz do programa de promoção da leitura pública à escala nacional que esta fundação iria levar a cabo durante cerca de 50 anos.

Em 1961, com a inauguração da 47ª unidade itinerante, em Viseu, dava-se por concluída a rede de Bibliotecas Itinerantes da FCG. Não obstante os formidáveis resultados obtidos em menos de 3 anos, com 300 mil leitores inscritos e cerca de 3 milhões de empréstimos realizados, no texto publicado nesse mesmo ano no Boletim Informativo do Serviço de Bibliotecas da FCG, dedicado exclusivamente ao tema das Bibliotecas Itinerantes, sente-se alguma apreensão por parte do editor, resultante do facto de, no seu sentir, poucos terem dado «conta da importância da obra realizada e do que ela significará, num futuro relativamente próximo, como obra de educação e cultura».⁵⁴

⁵³ José de Azeredo Perdigão – *A finalidade das Bibliotecas Itinerantes*. In Boletim informativo [dos] Serviços de Bibliotecas da FCG, Série II, nº 5 (1966), p.153.

⁵⁴ [António Branquinho da Fonseca] – *Bibliotecas itinerantes em Portugal*. In Boletim informativo [dos] Serviços de Bibliotecas da FCG, Série I, nº 6 (1962), p.203.

Meio século depois, entre os autores que se têm dedicado não só ao estudo das bibliotecas itinerantes em Portugal como ao tema mais genérico das bibliotecas, da leitura pública e da evolução das motivações e competências leitoras, é unânime o reconhecimento do valor inestimável e significado estruturante, senão revolucionário, do trabalho desenvolvido por esta instituição e pelos técnicos, intelectuais e escritores que com ela colaboraram desde a sua génese; não só pelo impacto efetivo que tiveram junto das populações de um país com miseráveis níveis de instrução e literacia, onde o acesso à cultura formal estava nas mãos das elites, mas também por ter conseguido implementar em pleno Estado Novo, com independência, critério e continuidade, um tal projeto de democratização cultural. Pois é certo que, no contexto de uma «ditadura obscurantista» como a que então se vivia, um «projecto consistente de leitura pública» só podia ter surgido da iniciativa de uma instituição privada com um «estatuto jurídico-institucional de exceção», uma estrutura técnico-financeira com autonomia suficiente para «subsistir num quadro de censura e de vigilância política oficiais».⁵⁵

Com efeito, das 50 *Bibliotecas Circulantes* existentes em 1920 sob a tutela do Estado sobreviveriam, 6 anos volvidos, apenas 19, pouco utilizadas pelas pessoas e enquadradas numa lógica de conservação patrimonial, já bem longe do espírito que no âmbito do programa de combate à ignorância defendido pela I República havia norteado a instauração daquelas que viriam a ser referenciadas como as primeiras *experiências itinerantes* em Portugal, com a criação de coleções móveis destinadas a servir, por exemplo, hospitais e estabelecimentos prisionais;⁵⁶ longe também das preocupações que haviam justificado a criação em 1870, ainda durante a monarquia constitucional, das Bibliotecas Populares. Pois que já nessa altura haveria por parte dos legisladores a consciência da necessidade de aproximar a biblioteca das pessoas, indo ao encontro das suas possibilidades e necessidades, com a introdução do princípio (ou do direito) do empréstimo domiciliário, uma vez que sendo a existência das bibliotecas condição necessária para que o entendimento nacional se desenvolvesse, o trabalho se aperfeiçoasse e as instituições políticas pudessem ser por todos compreendidas, a sua utilização supunha e exigia o «complemento da leitura nos domicílios, porque assim se

⁵⁵ Cf. Daniel Melo - *As bibliotecas da Fundação Gulbenkian e a leitura pública em Portugal (1957-1987)*, 2005, p.65; 84.

⁵⁶ Cf. Henrique Barreto Nunes – *Da biblioteca ao leitor: estudos sobre a leitura pública em Portugal*, 1996, p.29

não obrigam os indivíduos a sair de suas casas em demanda da Biblioteca; esta lhes entra, por assim dizer, em casa, concitando à leitura os membros da família».⁵⁷

Algumas décadas mais tarde, sob a direção de António Ferro e na figura das *bibliotecas ambulantes do Secretariado Nacional da Informação Cultura Popular e Turismo*, criadas em 1945, assistimos a mais uma iniciativa estatal no sentido de se instaurarem bibliotecas ambulantes, desta feita destinadas sobretudo às populações rurais, ao Povo, a quem se pretendia disponibilizar livros e leituras «simples e úteis que o interessem sem o fatigar, que lhe transmitam, sem quase dar por isso, certas noções essenciais».⁵⁸ Orientadas ideologicamente, dentro de propósitos *formativos*, de feição moralista e algo paternalista - como poderá atestar não só a reduzida dimensão do seu fundo documental, como o carácter nacionalista do conjunto de obras selecionadas para o efeito – as bibliotecas do SNI perdurariam apenas cinco anos, tendo atingido somente 96 localidades do país, o que acabou por manter esta experiência dentro dos parâmetros elitistas e sectários que haviam estado, afinal, na sua génese.⁵⁹

Paralelamente, a capital dispunha, já nesta altura, de um conjunto de pequenas bibliotecas instaladas em juntas de freguesia e em jardins públicos da cidade, e cuja origem remontava a 1937, data em que se regista o início do chamado *Serviço de Bibliotecas Móveis* da Câmara Municipal de Lisboa. Estas pequenas coleções viriam a ser enviadas, a partir de 1941, aos bairros sociais, cadeias, hospitais e refeitórios⁶⁰, sendo que em 1956 o município disponibilizava um acervo de 1.500 livros, organizados em *biblio-caixas*, para leitura domiciliária em todas as freguesias da cidade.⁶¹ Porém, a cidade de Lisboa só viria a dispor das suas primeiras *bibliotecas itinerantes* propriamente ditas em 1961, altura em que são inauguradas duas *carrinhas* de modelo idêntico ao que o Serviço de Bibliotecas Itinerantes da Gulbenkian pusera a circular 3 anos antes (o mesmo que se utilizava na venda ambulante do peixe e do leite),⁶² com capacidade para 900 livros para empréstimo domiciliário, adquiridas por concurso público «com a finalidade de alargar a todos os

⁵⁷ Palavras de D. António da Costa, Ministro da Educação Pública, extraídas do preâmbulo do diploma legal que instaura a criação das Bibliotecas Populares em 1870. Cit. por A. Ferrer-Correia – *Palavras de Abertura* [do Colóquio Vinte e cinco anos ao serviço da leitura]. In Boletim Cultural [do] Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas da FCG, Série VI, nº 2 (Jun. 1984), p.7.

⁵⁸ Cristina Pacheco – *Branquinho da Fonseca: Um escritor na biblioteca*, 2009, p.103.

⁵⁹ Cf. Daniel Melo - *A Leitura Pública no Portugal contemporâneo: 1926-1987, 2004*, p.154.

⁶⁰ Cf. Cláudia Castelo - *A evolução das práticas profissionais nas bibliotecas municipais de Lisboa*, [2012], p.5.

⁶¹ José de Azeredo Perdigão - *Relatório do Presidente: 20 de julho de 1955/31 de dezembro de 1959*, citado por Maria Helena Melim Borges - *Leitura: o exercício da sedução* 2005, p.4.

⁶² Segundo Luís Fradinho, responsável pelo Museu de Frota da CML.

bairros a sua acção cultural, elevar o nível cultural e recrear o espírito, proporcionando aos munícipes a leitura e aprendizagem gratuita».⁶³

Percorrendo 2 itinerários distintos e operando da parte da tarde, até às 20h, estas bibliotecas móveis visitavam, quinzenalmente, 24 locais da cidade. Tentando ir ao encontro das necessidades educativas e recreativas dos vários tipos de público e dispo de um código de cores para a distinguir as leituras por grupos etários idades, o fundo bibliográfico destas carrinhas incluía, originalmente, «livros de formação moral e espiritual, de estudo, instrução técnico-profissional, de divulgação histórico-científica, de ficção e de poesia, autores nacionais e estrangeiros, publicações municipais, livros para crianças e jovens»⁶⁴. Nos procedimentos relativos a inscrições e empréstimos observava-se o mínimo de formalidades. Porém, e por contraste do que se verificava com as carrinhas da FCG e de que mais à frente falaremos, em Lisboa o leitor tinha um prazo para empréstimo domiciliário de apenas 15 dias e 3 era o número máximo de livros que podia requisitar, não podendo haver mais do que um requisitante por cada agregado familiar.

Dada a receptividade do público, apenas um ano depois a Câmara Municipal de Lisboa adquiria mais uma viatura, a que se somaria outra em 1962, alargando para 48 os locais de paragem inscritos nos bairros mais populosos da cidade. Vinte anos depois, as bibliotecas ao ar livre eram já inexistentes, sobrevivendo, atualmente, um *quiosque* no Jardim da Estrela, uma carrinha-museu e uma carrinha moderna, que estende as valências da biblioteca municipal a 14 bairros da cidade, os quais visita quinzenalmente.⁶⁵

Mas recuando cerca de uma década, e não muito longe da capital, António José Branquinho da Fonseca (1905-1974), conservador do Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães desde 1943 e verdadeiro «activista das bibliotecas itinerantes»,⁶⁶ havia já posto em ação – com célere e reconhecido sucesso – aquela que viria a ser considerada, entre nós, como a primeira biblioteca móvel moderna; um projeto cultural e social inovador que em muito pouco tempo granjearia não só centenas de novos

⁶³ *As bibliotecas itinerantes da Câmara Municipal de Lisboa no século XXI* [brochura de divulgação do Serviço de Bibliotecas Itinerantes da Divisão de Gestão de Bibliotecas da CML], 2010.

⁶⁴ *Ibidem*.

⁶⁵ *Ibidem*. Ver também cronologia e itinerários disponíveis na página *web* da Rede de Bibliotecas de Lisboa [Consult. 20 Jun 2012]. Disponível em: WWW:<URL: <http://blx.cm-lisboa.pt>>.

⁶⁶ Daniel Melo, *Op. Cit*, p.84.

leitores entre os habitantes dos lugares mais recônditos do concelho de Cascais, como o elogio interpares – municípios, bibliotecas, editores, escritores, etc. –, a quem o seu trabalho viria a servir de inspiração e também de referência técnica.⁶⁷ Escritor, homem de cultura e defensor de uma biblioteca «imparcial», diversificada e moderna, focada antes de mais no(s) interesse(s) do leitor, a quem importava divulgar o livro e atrair para a leitura, e depois de ter introduzido, dentro dessa mesma lógica, a prática do empréstimo domiciliário na Biblioteca Conde de Castro Guimarães, Branquinho da Fonseca propõe ao Presidente da Câmara de Cascais, em 1953, a criação de uma nova modalidade de extensão bibliotecária tendo por base um conjunto de lacunas que, segundo ele, competiria à administração local colmatar, facultando «os meios mínimos de cultura, aprendizagem profissional e a útil leitura de diversão àqueles que trabalhavam e viviam isolados dos grandes centros» e colaborando com o Estado na extinção do analfabetismo.⁶⁸

A proposta que então apresentou, e que rapidamente colocou em prática, era simples: tratava-se de constituir uma pequena coleção generalista com cerca de 1000 volumes que acompanhada de um funcionário do Museu seria transportada num veículo da Câmara para ir ao encontro das populações mais afastadas do concelho (de feição ainda marcadamente rural e às quais o acesso viário era por vezes difícil) durante o seu dia de folga, ao domingo. Após um período experimental em que se chegou a pretender - ambiciosa ou ingenuamente - percorrer cerca de 20 localidades numa única manhã, foi fixado, um mês depois, um horário de 1 x semana das 9.00 às 21.00, acabando entretanto por se reforçar o serviço de atendimento, que passou a contar com 2 funcionários e um motorista, para além do próprio Branquinho da Fonseca, que dedicava muito do seu tempo a atender e orientar os pedidos destes novos leitores. A viatura com atrelado usada inicialmente daria lugar em 1958, e por questões de operacionalidade, a um furgão da *Citroën*, totalmente adaptado às funções de biblioteca - do tipo dos que viriam a ser utilizados pela FCG a partir de 1960.⁶⁹

Com efeito, na altura em que o Município de Cascais fez a aquisição do novo veículo, Branquinho da Fonseca era já colaborador da FCG, cujo presidente o havia convidado, em 1957, a estudar e conceber o projeto de uma Rede de Bibliotecas Itinerantes à escala

⁶⁷ Cf. Cristina Pacheco – *Branquinho da Fonseca: um escritor na biblioteca*, 2012, p.109.

⁶⁸ *Idem, ibidem*, p. 104-105.

⁶⁹ *Ibidem*, p.110.

nacional, tendo como referência a experiência de sucesso da biblioteca circulante de Cascais. Com ela o futuro diretor dos Serviço de Bibliotecas Itinerantes da FCG havia aprendido a importância tanto da criteriosa definição dos itinerários como da sua eficaz divulgação junto das populações, recorrendo para isso à colaboração dos organismos que localmente melhor implementados se mostravam, como as associações, as escolas ou a imprensa local. A sua noção de *marketing*, diríamos hoje, e o seu pragmatismo, associados a um profundo e alargado conhecimento, como autor e homem de letras que era, dos materiais editoriais disponíveis, tendo em pano de fundo o respeito pelos interesses das pessoas a que pretendia atender - traduzido na qualidade, diversidade e atualidade dos fundos bibliográficos por ele constituídos e organizados - assegurou-lhe a fidelização de público em quase três dezenas de localidades do conselho de Cascais num total de 829 utilizadores registados logo durante o primeiro ano de existência da unidade, número este que viria a crescer a um ritmo de mais de 150 novas inscrições por ano.⁷⁰

Determinado a oferecer à população de Cascais o acesso gratuito aos livros e sensível, já nesta altura, ao conceito moderno da biblioteca pública como agente facilitador e motivador de aprendizagens, interesses e autonomias, Branquinho da Fonseca adotou em Cascais (tanto na Biblioteca-Museu como na itinerante) uma orientação generalista e popular, por oposição à feição erudita que a biblioteca tinha à data do início da sua atividade como conservador, propondo a aquisição de novos títulos e a permanente renovação das coleções, dentro do princípio por si defendido de que os livros não se destinam a quem dirige as bibliotecas, mas a «quem lá vai».⁷¹ Neste sentido, a fórmula eleita para organizar o fundo documental da biblioteca móvel era simples e abrangente, classificando-o em grandes áreas temáticas, que incluíam «secções de História, Literatura, Belas Artes, Educação, Biografias, Ciências, Agricultura, Artes e Ofícios, etc.»⁷² e distinguindo-o de acordo com aquilo que considerava serem os *interesses*, as *necessidades* e as *competências* dos vários grupos etários - adolescência, infância, adultos -, lógica esta que viria a desenvolver no projeto que propôs em 58 à FCG, no sentido de atender, tal como então justificou, a «todos os interesses e conveniências duma leitura variada, agradável e educativa.»⁷³

⁷⁰ Idem, p.103-104.

⁷¹ Excerto da entrevista concedida ao jornal *A Nossa Terra*, de 11 de agosto de 1951, cit. por Cristina Pacheco, *Op. cit.*, p.76.

⁷² Branquinho da Fonseca, - *Breve Justificação das Bibliotecas Itinerantes e Algumas informações acerca do seu funcionamento*, 1956 (?). Cit. por Borges - *Leitura: o exercício da sedução*, 2005, p.15.

⁷³ Idem, *ibidem*.

Não será por acaso que, no *Relatório do Presidente* publicado pela FCG em 1961, onde nos é dado a conhecer o trabalho do SBI desenvolvido entre 1955 e 31 de dezembro de 1959, Azeredo Perdigão começava por elogiar a iniciativa das Câmaras de Cascais e de Lisboa, lamentando o facto dos demais poderes locais não terem assumido idêntica responsabilidade «por falta de meios, de espírito de iniciativa ou de compreensão de uma das mais nobres funções que lhes pertence desempenhar», assumindo que ao criar a sua própria rede de bibliotecas itinerantes a Fundação que presidia se estava a comprometer, ao lado daqueles dois municípios, com o processo de «difusão da cultura popular», complementando os serviços do Estado numa área que se sabia deficitária e tomando como referência não só aquelas louváveis experiências, mas também iniciativas do mesmo tipo verificadas no estrangeiro.⁷⁴

Para o desenvolvimento deste ambicioso e *transversal* projeto tendo por propósito a elevação do nível de cultura da generalidade dos portugueses, a FCG escolheu o livro como via de acesso – acesso este que se deveria fazer de forma livre, gratuita e descentralizada -, as bibliotecas itinerantes como veículo – pela sua capacidade de penetração fora dos grandes centros - e Branquinho da Fonseca como mentor - pela sua experiência na área, pela competência e visão.

Em resposta ao convite que lhe foi dirigido pela FCG, Branquinho da Fonseca elabora um documento intitulado *Breve Justificação das Bibliotecas Itinerantes e Algumas informações acerca do seu funcionamento* onde apresenta as condições que deveriam presidir à instalação daquele tipo de equipamentos, defendendo-o enquanto ferramenta para exercer a «missão superior»⁷⁵ que, quanto a si, justificava a criação de uma biblioteca, à qual se deveria exigir uma postura dinâmica e interventiva.

Neste documento encontram-se plasmados os princípios fundadores daquele que viria a ser o SBI⁷⁶ e que está na base de qualquer serviço público de leitura tal como hoje o

⁷⁴ José de Azeredo Perdigão, 1959. *Cit.* por Borges – *Op. Cit.*, p.4.

⁷⁵ Branquinho da Fonseca, *cit.* por Daniel Melo, *Op. cit.*, p.66.

⁷⁶ Em 1983, tendo passado a integrar unidades fixas, o Serviço de Bibliotecas Itinerantes da FCG passou a designar-se de Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas, dando lugar, em 1993, ao Serviço de Bibliotecas e Apoio à Leitura, designação que detinha aquando da sua extinção, em 2002.

concebemos: proporcionar o contacto da população com os livros, direto, gratuito e generalizado, sem qualquer tipo de discriminação de ordem social, cultural ou etária, através do livre acesso às estantes e do empréstimo domiciliário, tendo como finalidade a cultura, a educação e a recreação.⁷⁷

No projeto apresentado por Branquinho da Fonseca são ainda enumeradas uma série de questões de natureza técnica, que não só revelam o profissionalismo que lhe havia sido conferido pela experiência *no terreno*, como explicitam o caráter *moderno* das suas aspirações, justificando o seu reconhecimento como um «dos obreiros do desenvolvimento da leitura pública em Portugal».⁷⁸ Naquele projeto são enumerados tanto o tipo, dimensão e especificidade dos fundos bibliográficos a disponibilizar, como os requisitos que os funcionários deveriam reunir ou os procedimentos a adotar relativamente a horários, percursos e à relação com o território e com os agentes locais, de cuja cooperação o sucesso destas *instáveis* e *precárias* unidades (fator que já havia comprovado na prática em Cascais) poderia depender. Todos estes aspetos são criteriosamente explanados dentro da perspectiva que Fonseca tinha das bibliotecas e dos livros como um instrumento para atingir, conhecer, desenvolver e satisfazer todos os potenciais leitores (e não uma ideia pré-fabricada ou idealizada que deles se tivesse), e que se manteria como linha-mestra do trabalho desenvolvido pelo SBI até à sua extinção.

Neste sentido, prescreve a necessidade das futuras bibliotecas itinerantes assegurarem a regularidade na prestação dos serviços de leitura (intervalos não superiores a 30 dias), de serem rigorosas no cumprimento dos horários e paragens pré-determinados e de autorizarem o empréstimo domiciliário dentro de prazos bastante alargados (até 1 mês); prevê a possibilidade de um funcionamento em horário pós-laboral nas áreas suburbanas e da requisição de livros inexistentes no acervo; defende o estudo aturado das condições de cada região e dos itinerários a fixar e recomenda a preparação técnica (mais vocacional e humana do que burocrática) dos funcionários que iriam operar aqueles equipamentos, no âmbito de um atendimento que se pretendia personalizado, tão cuidadoso e *pedagógico* quanto acessível, a fim de se poderem compensar as resistências e desconfianças que seriam de esperar tendo em conta a mentalidade, o isolamento e os baixos níveis de

⁷⁷ Cf. Daniel Melo, *Op. cit.*, pp.66-67.

⁷⁸ Cristina Pacheco, *Op. cit.*, p. 104.

instrução das populações rurais a quem este projeto preferencialmente se dirigia. Todos estes pressupostos ou advertências genéricas viriam depois a ser alvo de regulamentação e ajustes, especificados e demonstrados de forma pedagógica e quase *casuística* – particularmente expressiva no tocante ao papel orientador que ao encarregado atribuíra e à preocupação com o bem-estar e a fidelização dos leitores - nas muitas Circulares que o primeiro diretor do SBI emitiu desde maio de 59 até à sua morte em 1974.⁷⁹

Assim, a simplicidade, o rigor e a adaptabilidade das regras e dos procedimentos que desta forma Branquinho da Fonseca defendia para os biblio-carros que se propunha dirigir deveriam complementar, em proximidade e pertinência, a qualidade, extensão, pluralidade e atualidade das coleções a constituir, tendo sempre como objetivo primeiro *penetrar*, ir ao encontro das pessoas e assegurar a captação de públicos, para depois os fidelizar. Ou seja, interessava a criação de uma relação de continuidade, uma vez que, tal como se viria a confirmar, essa seria a única forma de instituir hábitos de leitura entre os portugueses e de «elevar o seu nível mental e espiritual», cumprindo-se então, e através do serviço prestado pelas bibliotecas itinerantes, «os dois grandes desígnios da cultura, isto é: suscitar curiosidades e, depois, satisfazê-las».⁸⁰

A fim de servir o interesse dos leitores e de facilitar os acessos, Branquinho da Fonseca prevê ainda o incremento do fundo bibliográfico daquelas bibliotecas, necessariamente generalista, com a disponibilização de uma secção designada de «Biblioteca do Estudante» bem como de outras coleções supletivas especificamente criadas a fim de colmatar carências detetadas localmente, sobretudo no âmbito escolar,⁸¹ apoiando aqueles que mais precisavam. Ainda dentro deste espírito, levanta a hipótese de nas regiões de maior densidade populacional se virem a estabelecer localmente depósitos de apoio às carrinhas, a somar ao depósito central, sediado em Lisboa, ao qual os leitores podiam recorrer sempre que necessitassem de consultar obras mais específicas ou dispendiosas, mediante solicitação direta aos serviços centrais da fundação.

Desta forma, o acervo documental recomendado por Branquinho da Fonseca para

⁷⁹ Excertos de Circulares compilados por Maria Helena Melim Borges – *Op. Cit.*, p.12-15.

⁸⁰ [Branquinho da Fonseca] – *O leitor e as bibliotecas*. . In Boletim informativo [dos] Serviços de Bibliotecas da FCG, Série I, nº 1 (1960), p.4

⁸¹ Cf. Daniel Melo – *A leitura pública no Portugal contemporâneo: 1926-1987*, 2004, p.66-67.

cada unidade móvel, situado na ordem dos 1.500-2.000 volumes, à razão de 1.000 livros por cada 10.000 habitantes,⁸² (o que se inscreve perfeitamente nos números praticados pelas itinerantes atualmente em funcionamento e daqueles recomendados pela IFLA),⁸³ ver-se-ia ampliado para 10 vezes mais.⁸⁴

Para além de tentar salvaguardar que os fundos bibliográficos dispensados às comunidades locais teriam a dimensão e abrangência devidas, «Branquinho da Fonseca estudou uma metodologia original de funcionamento que, suprindo as dificuldades naturais dos Encarregados, ao mesmo tempo fosse imediatamente entendida por leitores de todas as idades e habilitações»,⁸⁵ recorrendo a autocolantes coloridos para classificar os livros por géneros e por idades recomendadas. Esta classificação era feita por uma Comissão de Leitura, a quem caberia igualmente fazer uma identificação sumária das obras, uma síntese do assunto tratado e da forma adotada. Provindo de várias áreas científicas e de diversos quadrantes políticos, aos escritores, intelectuais e especialistas que viriam a constituir esta Comissão⁸⁶ ao longo das 5 décadas em que o Serviço de Bibliotecas existiu, cabia igualmente fazer a crítica literária dos textos e tecer algumas considerações recomendado ou desaconselhando a sua leitura. Por aqui se vê o cuidado posto por Branquinho da Fonseca e pelos diretores que lhe sucederam na promoção da qualidade e *adequação* dos textos que se davam a ler e da coerência e atualidade da coleção que se ia constituindo, apostando na sua regular avaliação e renovação. Este investimento e a preocupação nele implícita adquirirá particular expressão se tivermos em conta o baixo nível cultural das populações rurais para quem a frota de bibliotecas itinerantes trabalhava – o grau de exigência e o cuidado posto na constituição do fundo bibliográfico, tal como na relação com cada futuro utilizador - que se queria eficaz, mas também respeitosa e estimulante - não era *relativizado* ou negligenciado pela suposta falta de capacidade crítica das *massas populares*.

Com efeito, ao modelo preconizado no projeto de Branquinho da Fonseca, é por diversos autores atribuída a consagração de um «sistema bibliotecário próprio, com a

⁸² Branquinho da Fonseca, cit. por Maria Helena Borges – *Op. Cit.*, p.7

⁸³ Atualmente, a IFLA dá como referência 1500 volumes para uma carrinha de ligeiros de mercadorias, tipo *Ford Transit* e de 2000 para veículos com até 7,5 toneladas. Cf. *Mobile Library Guidelines*, 2010, p.55.

⁸⁴ Cf. Neves - *As bibliotecas em movimento: as bibliotecas móveis em Portugal*, 2005, p.4.

⁸⁵ António Quadros – *Os tempos heroicos: um testemunho*. In Boletim cultural [dos] Serviços de Bibliotecas Fixas e Itinerantes da FCG, Série VI, nº 2 (1984), p.42.

⁸⁶ Desta Comissão fizeram parte nomes como Adolfo Simões Muller, Matilde Rosa Araújo ou Urbano Tavares Rodrigues.

inversão do nexu Biblioteconómico (ao basear-se originalmente a estrutura em unidades itinerantes, em vez das fixas) e sem ligação à organização técnico-científica corrente (tanto quanto à classificação e organização dos livros e tipo de cotas como à informação recolhida sobre os leitores e ao perfil do pessoal bibliotecário)». ⁸⁷

Paralelamente à ênfase colocada na atração e satisfação dos públicos e na *adequação* das coleções, Branquinho da Fonseca procurou ainda, e à semelhança do que já ensaiara em Cascais, criar relações com potenciais parceiros locais. Numa primeira fase, e nas suas viagens de «prospecção», tentou estabelecer contactos com as autarquias, com os professores, com as associações culturais e com os «homens bons» dos concelhos aonde pretendia fazer chegar os seus livros a fim de melhor conhecer as realidades, necessidades e recursos locais, contactos estes que lhe permitiram não só obter espaços para instalar os depósitos de apoio às itinerantes, quando a dimensão das localidades assim o exigiu, como também recrutar funcionários para a equipa que iria assegurar este serviço de norte a sul do país. O sucesso deste diálogo daria origem, mais tarde, ao surgimento de inúmeros «postos de leitura», complementando a rede de itinerantes, instalados em juntas de freguesias, hospitais, centros psiquiátricos, escolas primárias, centros de turismo e de assistência social ou fábricas. ⁸⁸

Na verdade, a intenção de se articular com os poderes municipais a fim de partilhar despesas e rentabilizar recursos já estava claramente prevista no projeto que antecedeu a criação do SBI, assim como as condições em que tal colaboração deveria assentar: criação e manutenção das coleções, seleção e pagamento do pessoal, veículos, combustíveis, etc. Dada a falta de capacidade financeira do poder local, esta intenção acabou por se verificar, e nas palavras de Daniel Melo, «pouco realista». ⁸⁹

Com efeito, quando no final dos anos 50 o SBI da FCG procedeu a um inquérito junto dos municípios do continente, a fim de aferir possibilidades de parcerias para o seu projeto de Leitura Pública, mais de metade das câmaras municipais que responderam ao repto afirmaram não terem possibilidades financeiras para comparticipar no

⁸⁷ Melo - *Op. cit.*, p.69.

⁸⁸ Cf. Quadros - *Op. cit.*, p.41 e Melo, *Op. cit.*, p.72.

⁸⁹ Melo - *Ibidem*, p.67.

custeamento da instalação de uma biblioteca itinerante. Não obstante, «65 dos 156 municípios documentados tinham interesse numa biblioteca municipal itinerante».⁹⁰

Esta receptividade dos poderes locais relativamente ao desenvolvimento de dispositivos descentralizados para a difusão pública dos livros e para a promoção da leitura (sobretudo junto das comunidades que se mostravam economicamente mais desfavorecidas) associada à experiência, ao acervo documental e à adesão de públicos granjeados com o trabalho efetivo desenvolvido pelas unidades itinerantes, viria a estar na origem da criação, pouco tempo depois, das *bibliotecas fixas* da FCG⁹¹ e, já no final da década de 80, das bibliotecas da rede nacional pública.

Após esta primeira fase, centrada no levantamento da situação – necessidades e possibilidades – e na definição de um plano de ação, são inauguradas, ainda em 1958, as primeiras 15 unidades móveis, em cerimónia realizada na Praça Luís de Camões, em Lisboa, na presença do Ministro da Educação Nacional.⁹² A Biblioteca da Batalha foi a nº1 e encontra-se ainda ativa, tendo em 2009 comemorado os 50 anos da sua criação com a organização do 1º Encontro internacional de bibliotecas itinerantes realizado em Portugal.

Em dezembro de 1959, já com 18 bibliotecas itinerantes a circular por 118 concelhos, distribuídos essencialmente pelo litoral e centro do país, o SBI tinha conseguido angariar 81.348 leitores, repartidos quase equitativamente pelos três grupos etários – crianças, adolescentes e adultos, a quem tinham sido emprestados, só no decurso desse ano, mais de 1 milhão de livros, quintuplicando o volume de empréstimos verificado no ano de lançamento do serviço.⁹³

As resistências que as equipas das bibliotecas itinerantes terão sentido nos primeiros anos do SBI, a desconfiança e, até, agressividade de que terão sido vítimas, fruto da ignorância, do preconceito e de um certo *obscurantismo* alimentado pelo próprio regime (que não investia sequer numa rede escolar minimamente estruturada) e por membros mais

⁹⁰ Idem – Ibidem, 2005, p.67-68

⁹¹ Em 1960 já existiam 26 bibliotecas fixas instaladas. Cf. Boletim informativo [dos] Serviços de Bibliotecas Itinerantes da FCG, Série I, nº6 (1962), p. 206-207.

⁹² Boletim Cultural do SBIF da FCG, Série VI, nº2 (1984), p.2

⁹³ Números constantes das estatísticas e quadros comparativos apresentados no Boletim Informativo do SBI da FCG, Série I, nº6 (1962), p.207-211; Série II, nº5 (1966), p.154-157 e no Boletim Cultural do SBIF da FCG, Série VI, nº2 (1984), p.64, 84.

conservadores da igreja ou das comunidades rurais, foram largamente compensadas pela enorme e incondicional adesão dos mais novos que ajudaram, em grande medida à desmistificação do «monstro» que afinal se tornou «fascinante», permitindo que a biblioteca passasse a cumprir «o seu dever sem acidentes, sem precisar de idealismo» - assim o observou António José Forte, 25 anos volvidos sobre a criação do SBI.⁹⁴

Entretanto, o número de bibliotecas móveis continuara a crescer alcançando as 47 unidades em 1961, altura em que os leitores inscritos já tinham atingido os 3 milhões. Em certas localidades, o crescimento da rede de itinerantes foi, entretanto, suplantado pela procura e pelos pedidos de apoio à FCG, o que ditou o início da instalação de unidades fixas, possibilidade esta que já havia sido, de alguma forma, prevista por Branquinho da Fonseca no projeto-matriz do Serviço. Em agosto de 1960 o número de bibliotecas fixas já tinha ultrapassado o das móveis, tendo as primeiras chegado a atingir as 200 (número este superior aos equipamentos da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas que se encontram atualmente em pleno funcionamento).

Com a inauguração, em dezembro de 1961, da unidade móvel de Viseu (a nº 47) ficou coberto todo o território continental. Dois anos depois o SBI expandiu-se para as ilhas da Madeira e dos Açores, onde continuou a instalar bibliotecas até 1967. Em 1972 a FCG dá por concluída a sua rede de bibliotecas, com 62 unidades itinerantes e 166 fixas.⁹⁵

Em 1984, no editorial do Boletim Cultural da FCG em que se celebravam os 25 anos do Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas, David Mourão-Ferreira, então seu diretor, afirmava que aquele constituiria «a única rede de leitura pública, coerentemente estruturada»⁹⁶ do país, usando como suporte a evidência dos números – mais de 2 terços da população portuguesa, incluindo Açores e Madeira, seriam então servidos por uma das unidades suportadas por aquele Serviço, «naturalmente descentralizado e iminentemente *popular*» ao qual se devia uma «substancial modificação da paisagem sócio-cultural do País».⁹⁷

⁹⁴ António José Forte – *Recordar*. Boletim Cultural do SBIF, Série VI, nº2 (1984), p.52-53.

⁹⁵ Melo - *Op. cit.*, p.75.

⁹⁶ Boletim Cultural do SBIF, Série VI, nº2 (1984), p.3.

⁹⁷ *Idem*.

Não obstante o entusiasmo e o orgulho contidos nas comunicações e testemunhos apresentados no colóquio promovido por ocasião do referido aniversário,⁹⁸ a partir dos finais dos anos 80 o Conselho de Administração da FCG começou a desinvestir, efetivamente, das Bibliotecas Itinerantes, tendência esta que já se vinha insinuando desde o início da década anterior, em resultado dos elevados encargos de manutenção da rede e de dificuldades financeiras que obrigaram aquela fundação a rever as suas prioridades.

Quando em 1986 a Administração Central, através do então Instituto Português do Livro, se mostra interessada em investir na criação de uma Rede Nacional de Bibliotecas Municipais, dá, de alguma forma, a permissão *moral* para o SBIF se retirar de cena, deslocando o seu investimento para outros projetos dentro da área da promoção da leitura. Depois de assinado um protocolo entre o Estado e a FCG, assistimos à progressiva passagem da responsabilidade da gestão das bibliotecas para os municípios, que herdaram as carrinhas e os fundos bibliográficos.

Em 1993, e em virtude de alterações programáticas, o SBIF passa a SBAL - Serviço de Bibliotecas e Apoio à Leitura, dando apoio a mais de uma centena de bibliotecas fixas, onde se foram incluindo, entretanto, algumas Bibliotecas Municipais edificadas com o apoio do IPLB.

Quando da extinção do SBAL, em 2002, já não havia nenhuma biblioteca itinerante em funcionamento.

O enorme interesse e adesão que este Programa suscitou em todo o país, por onde rapidamente se espalhou, reflecte o acerto na escolha da promoção da leitura como área prioritária de intervenção no domínio estatutário da educação e reconhece a forma competente e rigorosa como foi executado. A procura por este tipo de bibliotecas que se deslocavam entre pontos criteriosamente seleccionados, cobriu os diversos níveis etários, mas teve, sobretudo, uma resposta mais evidente por parte dos jovens. É hoje comum encontrar depoimentos entusiasmados e afectuosos de quem na sua infância e juventude descobriu nas Bibliotecas Itinerantes da Gulbenkian o prazer da leitura [...].⁹⁹

⁹⁸ Daniel Melo, *Op. cit.*, p.78-79.

⁹⁹ Manuel Carmelo Rosa - *Os 50 anos da Biblioteca Itinerante da Batalha*. In I Encontro Internacional de Bibliotecas Itinerantes da Batalha. 12 a 14 junho de 2009, p.7.

5.2. A SITUAÇÃO DAS BIBLIOTECAS ITINERANTES EM PORTUGAL NA SEGUNDA DÉCADA DE 2000

Substituindo-se aos quase inexistentes serviços públicos na área da leitura e das bibliotecas, a FCG havia desenvolvido, desde 1958, um extensivo e criterioso trabalho de democratização do acesso aos livros, de promoção da leitura e de valorização da língua e cultura portuguesas em todo o território nacional, suportando a quase totalidade dos encargos da concretização material daquele Programa e assegurando, igualmente, todos os aspetos ligados à coordenação logística, técnica e científica do mesmo e à sua articulação com a sociedade e com a educação.

Mas se o impacto obtido junto da população prestados pela Rede do SBI/SBIF foi determinante na evolução do panorama cultural português desde ao anos 60, por outro lado, e paradoxalmente, tal iniciativa – pela sua abrangência, qualidade e autonomia - acabou por constituir «um pretexto para a não implementação de uma política nacional de leitura pública devidamente estruturada, por parte das entidades públicas responsáveis».¹⁰⁰

Com efeito, no documento elaborado em 1983 por um grupo de bibliotecários denominado *A Leitura pública em Portugal*, dava conta do estado de precariedade em que se encontravam as bibliotecas públicas portuguesas, descrevendo-as como espaços desadequados, obsoletos e elitistas, «distantes dos reais interesses da população». Nele se concluiu que «não dispomos de um verdadeiro sistema de bibliotecas públicas, mas sim de um conjunto de instituições mortas, sem qualquer tipo de relação entre si ou com o meio».¹⁰¹

A falta de investimento estatal numa coerente política cultural no domínio da leitura pública somavam-se os ainda preocupantes níveis de alfabetização e a falta de hábitos de leitura da população portuguesa, o que colocava o país numa situação de evidente atraso em relação aos vizinhos europeus. Este cenário, definido por muitos como

¹⁰⁰ Henrique Barreto Nunes – *Da biblioteca ao leitor: estudos sobre a leitura pública em Portugal*, 1996.

¹⁰¹ José António Calixto – *As bibliotecas públicas portuguesas: transformações, oportunidades e desafios*, 2000, p.3.

verdadeiramente *deprimente*,¹⁰² acabou por se agravar com o gradual desinvestimento da FCG na sua rede de bibliotecas que já se vinha sentido deste finais dos anos 70.

Em resultado do debate que então se lançou entre os profissionais do setor das bibliotecas - dinamizado em grande parte pelo surgimento do Grupo de Trabalho de Bibliotecas Públicas da APBAD - a Secretaria de Estado da Cultura, na figura do Instituto Português do Livro (1980-1987), encomendou a uma comissão de especialistas coordenada por Maria José Moura, em 1986, a elaboração de um relatório, com o objetivo de definir as bases de uma política nacional de leitura pública. Apresentando uma «visão da biblioteca então radicalmente nova em Portugal, na linha do que na altura era prática em muitos países da Europa e noutras partes do Mundo»,¹⁰³ este relatório fornecia orientações concretas quanto ao tipo de espaços a edificar, sua dimensão, recursos e relação com o número e necessidades dos habitantes que iriam servir; quanto à quantidade e perfil dos técnicos e, finalmente, quanto à atitude a adotar face aos *novos* públicos e respetivos procedimentos. Este relatório está na génese do *Programa Nacional de Leitura Pública*, lançado pelo IPL em 1987 com o objetivo de dotar o país de uma moderna rede de bibliotecas públicas, pensadas e instaladas em estreita colaboração com as Autarquias.

Resultado do protocolo estabelecido entre o IPL e o FCG, as bibliotecas e postos de leitura do SBIF, assim como os respetivos *recheios* seriam integrados nas novas bibliotecas públicas, conforme elas fossem entrando em funcionamento. Os equipamentos e fundos das bibliotecas móveis da FCG foram igualmente cedidos aos municípios, sendo que poucos os mantiveram ativos.

Com efeito, e uma vez que o PNLP só contemplava a construção de uma biblioteca central em cada município (sendo omissa no que se refere aos equipamentos móveis), com a progressiva desativação das bibliotecas itinerantes da Gulbenkian, as comunidades antes servidas por aquelas carrinhas voltaram a ficar esquecidas e marginalizadas.

¹⁰² Cf. José Afonso Furtado - *A promoção da leitura nas Bibliotecas Públicas Europeias*, 2007, p.125-138.

¹⁰³ Calixto - *Op. Cit.*, p.5.

Se até 1992 a ação das bibliotecas itinerantes, embora já com um estatuto administrativo algo ambíguo dada a transição que se operava da rede do antigo SBIF para o municípios, ainda apresentava uma distribuição pelo território português bastante extensa, com mais de 3500 povoações visitadas e servindo uma população (potencial) de cerca de 3,5 milhões de pessoas, nos anos seguintes assiste-se a um acentuado decréscimo da sua atividade. Em 1995, as povoações visitadas já tinham passado para aproximadamente metade; os utilizadores, dos cerca de 600 milhares em 1992 passam para 240.¹⁰⁴

Em 1997 eram evidentes os resultados da decisão da FCG em abandonar o *terreno* das bibliotecas itinerantes que haviam servido de base à sua estratégia de promoção de leitura posta em marcha desde 1958, uma vez que se mantinham em atividade apenas 10 unidades exclusivamente dependentes daquela instituição e outras 8 sendo cogeridas pelas autarquias.

Nos vários estudos de fundo sobre a situação das bibliotecas e da leitura pública em Portugal publicados durante as duas últimas décadas do século XX e o início do XXI pouco se fala de bibliotecas itinerantes, sua natureza, condição ou distribuição no território nacional. À exceção das referências feitas ao *paradigmático* – assim é consensualmente apresentado - serviço de bibliotecas itinerantes da FCG, entretanto extinto, não se encontram compilados dados que nos permitam ter uma imagem do tipo de atividade desenvolvido por estes equipamentos culturais durante aquele período, e menos ainda, uma avaliação do seu impacto ao nível da leitura pública. Não há referência aos problemas enfrentados pelas autarquias na instalação ou manutenção de bibliomóveis ou traçadas perspetivas para a sua evolução futura. Face à instalação, em praticamente todos os concelhos do País, dos modernos e apelativos edifícios da rede de bibliotecas municipais manter-se-iam as itinerantes pertinentes? Continuarão elas a dispor da receptividade das comunidades locais? Ter-se-iam tornado *obsoletas*, uma mera alusão nostálgica aos anos 60 e ao tempo em que a cultura se partilhava na rua?

De facto, no Relatório sobre as bibliotecas públicas publicado pelo Ministério da Cultura em 1996, fazendo o balanço do processo de implementação da RNBP,

¹⁰⁴ Eduardo de Freitas - *As bibliotecas em Portugal: elementos para uma avaliação*, 1998, p.65-66.

decorridos 10 anos do lançamento do Programa pelo MC, não encontramos, mais uma vez, qualquer alusão ao setor das bibliotecas itinerantes. Contudo, no capítulo dedicado às *recomendações finais*, contendo algumas medidas que quanto aos autores do relatório,¹⁰⁵ poderiam ser concretizadas a curto prazo, uma das sugestões ali lançada é precisamente que nas futuras candidaturas dos Municípios aos apoios do Instituto/MC fosse solicitado um estudo sobre a rede concelhia onde estivessem incluídas soluções diversificadas no sentido daqueles poderes garantirem o acesso alargado da população aos serviços da biblioteca proponente, sendo que as bibliotecas itinerantes são dadas como exemplo, ao lado dos *anexos, quiosques e outros pontos de acesso à rede* (aquilo que é hoje vulgarmente conhecido como *Pólo*).

Ou seja, com a assumpção por parte do estado da responsabilidade material e institucional de difundir localmente os livros e a cultura, as itinerantes deixavam de ser encaradas como unidades *exploratórias*, através das quais os agentes culturais adquiriam o conhecimento do território, a experiência e a fidelização daqueles que depois viriam ser os públicos das bibliotecas municipais, para passarem a ser as *extensões* destas últimas. Depois de terem sido a cabeça e o coração de um sistema, constituído para criar hábitos de leitura e para elevar o nível cultural da população, as bibliotecas móveis passavam a ser os braços desse mesmo sistema cuja construção haviam sustentado e motivado. Os hábitos que tinham sido capazes de criar junto das populações, depois de décadas de convívio direto e descomplexado, haviam transformado as pessoas em *leitores*, leitores estes que estavam agora em condições de se tornarem *utilizadores*, porque dispunham de um sistema entretanto formalmente constituído para esse fim. Agora havia *mercado* para as bibliotecas concelhias, mas às itinerantes iria continuar a caber a função de chegar àqueles que se encontravam fora das regras ou das circunscrições desse mercado.

Efetivamente, desde 1987 que se vinha paulatinamente constituindo a Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, sob a coordenação do organismo do Ministério da Cultura que tutelava a área das bibliotecas, do livro e da leitura, tendo por suporte os contratos-programa celebrados entre a Administração Central, responsável pelo acompanhamento técnico e financeiro da instalação das bibliotecas, e os municípios, a quem cabia

¹⁰⁵ Maria José Moura (coord.) - *Relatório sobre as bibliotecas públicas em Portugal*, 1996, p.16.

cumprir os requisitos estipulados no Programa de Apoio às Bibliotecas Municipais, designadamente no que concerne aos serviços e recursos recomendados para cada tipo de biblioteca, tendo por base as Diretrizes da IFLA/UNESCO para este tipo de equipamentos.

Fruto deste investimento, e ao contrário do que se tem verificado com outros equipamentos culturais, a RNBP goza atualmente de uma abrangente e consolidada implementação no território português, sendo que 262 dos 308 concelhos portugueses dispõem de *modernas* bibliotecas (154 já inauguradas e 108 em diferentes fases de instalação)¹⁰⁶; *modernidade* esta que é visível nas condições que as suas instalações oferecem e nos equipamentos e recursos que disponibilizam, mas também na atitude com que se apresentam, assumindo, cada vez mais, um direto e regular compromisso com as populações locais no âmbito do seu desenvolvimento cultural, social e político.

Na verdade, as bibliotecas municipais reúnem agora as condições para se constituírem enquanto *plataforma cultural* ambivalente, pois se por um lado continuam a ser uma figura *clássica*, granjeando o reconhecimento e respeito generalizado da população pela ancestral (senão convencional) missão que cumprem ligada à salvaguarda do património e da(s) identidade(s), ao conhecimento, à prática da leitura, à educação e aos meios escolares e académicos - à própria democracia -, por outro lado têm conseguido desenvolver uma relação de proximidade com as comunidades, conjugando uma certa informalidade com que funcionam e promovem os seus programas, com uma natural permeabilidade a manifestações mais contemporâneas, urbanas e *sui generis*; a tudo isto acrescentando a capacidade que têm revelado, enquanto mediadores da *sociedade da informação*, de se modernizarem e acompanharem as evoluções técnicas e tecnológicas ocorridas nas últimas décadas.

Esta «revolução silenciosa», como a ela se referiu Rui Neves,¹⁰⁷ operada na área das bibliotecas em Portugal acaba por traduzir, em grande parte, o facto das prioridades políticas do estado no setor da cultura se terem vindo a deslocar, progressivamente, de um conceito de *cultura* mais centrado na preservação do património material, tradicionalmente defendido pelos governos de *direita*, para uma *esquerda conservadora*

¹⁰⁶ Dados divulgados no *site* da DGLB [Consult. 30 Jun. 2012]. Disponível em: WWW:<URL:http://rcbp.dglb.pt.>

¹⁰⁷ *Op. Cit.*, p.6

mais preocupada com a criação de infraestruturas, com a difusão e com a democratização dos acessos. Nas últimas 2 décadas, tem estado a ser desenvolvido um trabalho mais ligado à visão de uma *esquerda progressista* interessada nos processos de qualificação, da educação e da produção artísticas.

É nesta perspetiva que se inscrevem já iniciativas como o Plano Nacional de Leitura (PNL) lançado em 2006 pelo Ministério da Educação, em articulação com o Ministério da Cultura e o Gabinete do Ministro dos Assuntos Parlamentares procurando «constituir uma resposta institucional à preocupação pelos níveis de literacia da população em geral e em particular dos jovens, significativamente inferiores à média europeia» e tendo como objetivo o desenvolvimento de «competências nos domínios da leitura e da escrita, bem como o alargamento e aprofundamento dos hábitos de leitura, designadamente entre a população escolar»¹⁰⁸. Nesta mesma linha de ação já estava a correr, desde 1996, o Programa da Rede de Bibliotecas Escolares, sob a égide conjunta dos Ministérios da Cultura e da Educação, com o intuito de instalar bibliotecas nas escolas públicas de todos os níveis de ensino e de, entre outros propósitos mais funcionais ao nível educativo e escolar, contribuir para a «formação de leitores críticos» e para a «construção da cidadania». Esta rede tem vindo a crescer com base na articulação que o Gabinete da RBE tem tentado fomentar entre as Direções Regionais de Educação, as autarquias e as bibliotecas municipais, para além de outras entidades públicas e privadas ligadas à educação.

Neste contexto, é de notar que no Programa do XVII Governo Português (2005-2009), o livro e a leitura foram considerados como área de «particular relevância», nomeadamente pela sua «importância decisiva na geração de competências e gostos culturais, na acessibilidade do património e da criação e no fomento de cadeias de valor económico em torno da cultura», sendo que o Orçamento de Estado para 2008 lhe atribuía uma importância transversal, anunciando-se ações relacionadas com o livro e com as bibliotecas tanto no capítulo da *Salvaguarda do Património*, como no do *Apoio à Criação Artística*, na *Qualificação do Tecido Cultural* ou no da *Promoção e Difusão Internacional da Cultura Portuguesa*. O Programa da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas iria prosseguir, assim anunciava o governo, com a intenção de se edificarem

¹⁰⁸ Extraído do *site* da DGLB em 27-06-2012.

mais Bibliotecas Municipais. No entanto, a tónica do discurso político era colocada no desenvolvimento de centenas de ações de fomento da leitura em todo o país, no âmbito do *Plano Nacional de Leitura*, de que já atrás se falou, a par da concretização de uma série de medidas visando a digitalização de conteúdos e recursos culturais, a sua disponibilização *em linha*, e o desenvolvimento de soluções técnicas para uma adequada gestão destes repositórios digitais tendo em conta não só a modernização e agilização dos serviços *convencionais* prestados pelas bibliotecas municipais como também a potencialização do seu funcionamento em rede.

Nos últimos anos, porém, esta tendência sofreu uma inflexão. Fruto, ou sob pretexto, das dificuldades económicas que Portugal tem vindo a enfrentar no contexto da *crise internacional*, temos assistido a um nítido desinvestimento nas estruturas e projetos que escolas e bibliotecas vinham desenvolvendo, dentro de um trabalho de continuidade essencial à consolidação de uma relação consequente com os públicos - equitativa, confiante, natural, inclusiva. Também o funcionamento das modernas bibliotecas itinerantes se têm ressentido deste retração, vendo-se pressionadas a delimitar cada vez mais os seus públicos, ao invés de caminharem no sentido de alargarem o seu universo de intervenção. Algumas carrinhas, como à frente veremos, viram-se obrigadas a estacionar.

Entretanto, em 2008 foi encomendado um novo estudo a fim de aferir em que medida as bibliotecas municipais vinham cumprindo os índices recomendados no Programa da DGLB relativamente a serviços e recursos, o que resultou num relatório publicado em 2010, onde são apresentados os resultados dos Inquéritos feitos anualmente às bibliotecas da RNBP durante o período de 1993-2007. Na comunicação apresentada pela equipa da DGLB¹⁰⁹ no 10º Congresso Nacional de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas, decorrido em abril de 2010, onde é traçada uma síntese dos resultados obtidos, não é feita qualquer alusão ao funcionamento das bibliotecas itinerantes na dependência dos municípios nem aos serviços por elas prestados.

É de notar que as conclusões do dito estudo, confirmando algumas das perceções que a DGLB teria relativamente às bibliotecas que vinha apoiando através do programa da

¹⁰⁹ Margarida Oleiro e Célia Heitor - *20 Anos da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas: Um balanço (possível) do grau de cumprimento do Programa*, 2010.

RNBP, apontavam para o incumprimento dos parâmetros mínimos recomendados pelo órgão de tutela no que se refere tanto aos fundos documentais como aos recursos humanos e tecnológicos, dando conta da existência de grandes disparidades entre bibliotecas da mesma tipologia ao nível da dimensão dos seus recursos – umas sobredimensionadas e outras sub-dimensionadas.¹¹⁰ Curiosamente, a análise feita não permitiu concluir que existisse uma tendência para a redução na *procura*, ou seja, o número de empréstimos domiciliários, ao contrário do que se verifica em outros países europeus, não tem descido. Ao que parece, as pessoas não abandonaram as bibliotecas. E agora, quando dispõem de sólidos espaços e sofisticada aparelhagem, irão as bibliotecas abandonar as pessoas?

Tal análise qualitativa, tantas vezes reclamada pelos profissionais do setor, uma vez que se andava *às cegas* desde o último relatório divulgado em 1996, vem reforçar a ideia de que o estado, quer seja na figura do órgão de gestão da Rede quer na dos poderes locais, tem vindo a sobrevalorizar os aspetos quantitativos diretamente relacionadas com o total de espaços edificados, com a quantidade de bibliotecas abertas ao público nas últimas décadas ou com o nº de contratos assinados com esse propósito, não se dando a devida atenção à questão da eficiência – atualidade, qualidade, adequação, pertinência dos serviços prestados em cada região e a cada população específica.

A este propósito, José Afonso Furtado, ainda em 2007,¹¹¹ lembrava que «a biblioteca pública, pela sua própria natureza, é a que mais tem que se «localizar», ou seja, fundar a sua integração prática em função das realidades do seu contexto próximo», estando por isso «mais vulnerável, mais dependente da vontade política e da sua agenda circunstancial». Lamentando a «importância errática» que à RNBP vinha sendo dada pelo poder político, visível, de resto, nas sucessivas reestruturações jurídico-administrativas do órgão de tutela,¹¹² Furtado advogava a necessidade de se trabalhar com dados concretos e de se constituir, também em Portugal, regulamentação que clarifique e potencie a relação entre o órgão de gestão da rede e os parceiros locais, salvaguardando que a primeira detém os instrumentos suficientes para assegurar que

¹¹⁰ *Idem - ibidem*, p.7.

¹¹¹ Furtado - *Op. cit.*, p.136-138.

¹¹² O Instituto Português do Livro/ (IPL) criado em 1980 deu lugar ao Instituto Português do Livro e da Leitura (IPLL) em 1987, sendo convertido 5 anos depois no Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro através da fusão daquele com a Biblioteca Nacional. Em 1997 passa a designar-se Instituto Português do Livro e das Bibliotecas (IPLB). A Direção-geral do Livro e das Bibliotecas (DGLB) existe desde 2007.

«objectivos e investimentos, num projecto que é nacional, não sejam deturpados por “patologias” locais ou que a rede se torne um reprodutor de desigualdades.» Por outro lado, e ainda segundo o mesmo autor, urgia que a Rede começasse, de facto, a *trabalhar em rede* no que toca à partilha de informação e de recursos, recomendação esta particularmente pertinente num País onde as bibliotecas se mostram «tradicionalmente» avessas à cooperação.

A consciência da necessidade de qualificar a população - começando pelos mais jovens e desde o mais cedo possível -, de promover leituras e literacias, de desenvolver a capacidade crítica e de estimular a reflexão e, paralelamente, do impacto que um salto qualitativo ao nível das competências e da produção cultural poderá ter na economia e num desenvolvimento geográfica e socialmente mais equilibrado do País tem estado presente, nas últimas 3 décadas, nos planos de ação tanto das instituições ligadas à educação formal ou à cultura, como dos municípios e do poder central. E esta consciência tem suportado a aposta, feita em várias frentes e níveis, na *aproximação* das instituições e recursos culturais respetivos às comunidades e às pessoas concretas que as constituem. É dentro desta tendência que as chamadas «novas bibliotecas itinerantes»¹¹³, inauguradas a partir de finais dos anos 90 do século XX, têm surgido e lutado pelo seu *lugar ao sol*, enquanto membros *invisíveis* de uma abrangente rede de bibliotecas públicas.

Na comunicação por si apresentada no II Congresso de Bibliotecas Móveis realizado em Barcelona entre 21 e 22 de outubro de 2005, Rui Neves¹¹⁴ dava-nos conta da existência, à data, de 17 unidades móveis em território português. Isto quando já existiam 142 bibliotecas municipais em pleno funcionamento de norte a sul do país (incluindo regiões autónomas da Madeira e dos Açores). Apesar do otimismo com que se refere ao redespertar do interesse por este tipo de equipamentos, Neves não deixa de reparar:

[...] cada autarquia se empenha no seu trabalho de promoção e divulgação interna, sem, contudo, tirar partido da experiência dos seus parceiros, ou mesmo, do município vizinho. Há ainda a falta de cooperação intermunicipal, por forma, a reunir esforços de implementação no terreno de uma política estratégica para a recriação de uma rede de bibliotecas móveis. Não será, pois, necessário efectuar o regresso ao futuro? Isto é, com base na estratégia aplicada pela rede de

¹¹³ Cf. Rui Neves - *Bibliotecas viajantes: um olhar sobre o aparecimento das bibliotecas móveis em Portugal*, 2009.

¹¹⁴ Então Presidente da Direção da Liberpólis e Coordenador do Grupo de Bibliotecas Públicas da APBAD.

*bibliotecas da F.C.G., com a metodologia do P.N.L.P. e com a partilha de saberes, reaprender a colocar em prática os serviços da biblioteca itinerante?*¹¹⁵

Pergunta esta que continua em aberto, pois é certo que as expectativas trazidas pela RNBP não são claras no que toca às possibilidades de complementaridade ou cooperação entre bibliotecas concelhias e as unidades itinerantes que estendem os seus serviços ou as que os prestam nas localidades onde as primeiras ainda não foram instaladas. É um dado que nos últimos anos, e talvez repercutindo o entusiasmo que a nossa vizinha Espanha tem colocado no estudo, aperfeiçoamento e divulgação deste tipo de equipamentos, se voltou a falar de bibliotecas itinerantes, mas o debate não tem sido aprofundado, nem alargado, nem particularmente consequente, havendo uma espécie de *condescendência romântica* no que toca ao tratamento dos dados relativos ao desempenho das estruturas móveis. Não existe uma fiável identificação das bibliotecas itinerantes atualmente no terreno nem uma caracterização dos seus serviços. A quantificação, a nível nacional, das comunidades abrangidas ou *lacunas* da RNBP desta forma preenchidas não está a ser feita; avaliação, ainda menos.

Num momento em que as bibliotecas municipais se esforçam por *conquistar* utilizadores, porque é para eles e por eles que existem – quanto a isso já não há controvérsia - agindo no sentido de suprimirem quaisquer barreiras físicas e psicológicas, apostando na comunicação e no *marketing*, assim como no desenvolvimento criativo de projetos que envolvam a população, as famílias, os professores, alargando os horários de abertura ao público e o leque de serviços de valor acrescentado que disponibilizam à sua comunidade, é certo que há uma maior abertura à utilização de recursos diversificados, e até inusitados - para que possam concretizar a sua missão, por um lado, e para que justifiquem, por outro lado, a sua subsistência num *mundo globalizado* onde a informação circula sem mediação nem constrangimentos aparentes. Daí que, a par de outro tipo de recursos extensivos/inclusivos, as modernas carrinhas que têm vindo a aparecer no nosso país desde final dos anos noventa do século passado, associadas à abertura das novas bibliotecas municipais, sejam olhadas com algum interesse, pelas potencialidades que encerram em termos de abrangência, polivalência, versatilidade e capacidade de sedução.

¹¹⁵ Neves, 2005, p.8.

No texto de apresentação do *IV Encontro Oeiras a Ler* dedicado ao tema das extensões bibliotecárias, realizado em 14 e 15 de maio de 2009, as bibliotecas móveis eram apresentadas, ao lado dos serviços de extensão cultural (coleções instaladas em quiosques de jardins, em hospitais, creches e estabelecimentos prisionais, em praias, lojas e transportes públicos; clubes de leitura fora das bibliotecas, leituras ao domicílio; horas do conto em escolas, lares e centros de dia; organização de feiras do livro; etc.) como «uma das áreas de actuação das bibliotecas que melhor traduzem e cruzam as suas funções cultural, educativa e social», sendo que para o cumprimento da sua missão se considerava determinante «identificar os públicos, conhecer bem a comunidade local e criar e desenvolver projectos que vão ao encontro das suas necessidades».¹¹⁶

No boletim de divulgação do *I Encontro Internacional de Bibliotecas Itinerantes da Batalha* o Presidente do Município afirmava ser sua intenção «evidenciar que a missão destas carrinhas móveis se encontra perfeitamente válida e que as Bibliotecas Fixas (as Municipais e as Escolares), não retiram margem de manobra às Itinerantes, antes se complementam» regozijando-se com o facto de se terem conseguido descobrir – assim concluía a partir dos exemplos apresentados no encontro - novos públicos e novas estratégias para as Itinerantes.

*Fábricas, centros de dia, bairros residenciais e praças públicas, são hoje locais de “captação” de novos leitores. Com efeito, e numa lógica de trabalho concertado, as Itinerantes podem e devem auxiliar com um papel activo, as redes concelhias de bibliotecas de leitura pública [...].*¹¹⁷

Fundamentada nas experiências partilhadas e nos exemplos de *perseverança* apresentados neste e nos encontros que se vão realizando em Espanha, está-se generalizando a *esperança*, entre autarcas e bibliotecários, nas relações que as *novas* bibliotecas itinerantes podem dinamizar, alargando o campo de ação das municipais, articulando-as com as escolares e proporcionando a integração de realidades diversas onde aos *contrastos* antigos (litoral e interior, por exemplo) se somam tantos outros

¹¹⁶ Atas ainda não publicadas. [Consult. 20-06-2012] Disponível em: WWW:<URL: <http://a-informacao.blogspot.pt/2009/04/iv-encontro-oeiras-ler.html>.>

¹¹⁷ António José Martins de Sousa Lucas – *Bibliotecas itinerantes: novos desafios num tempo de mudança*. I Encontro Internacional de Bibliotecas Itinerantes da Batalha, p.5.

decorrentes de movimentações populacionais, da globalização e de fenómenos sociais, culturais e económicos cada vez mais complexos.

Porém, a *lógica de trabalho concertado* a que o autarca da Batalha se referia com visível entusiasmo, continua a estar – assim se nos afigura – apenas no domínio das vontades individuais, pois que é localmente que as deficiências na distribuição dos recursos culturais e informativos vão sendo detetadas, e conforme as prioridades políticas de determinada região, mandato ou equipa, há unidades móveis que vão sendo ativadas, reativadas ou conservadas, coleções doadas, carrinhas adquiridas e adaptadas.

Paralelamente, e sem justificação aparente para além da falta de provisões disponíveis no imediato para contratar um técnico ou, pior ainda, para assegurar o concerto de um veículo avariado ou para adquirir outro quando o anterior cumpriu o seu ciclo de vida, há várias bibliomóveis a serem desativadas, suspensas ou extintas. Deitando a perder, quase sempre, um trabalho de fidelização de leitores e de diálogo com a comunidade que levou anos a consolidar-se e que muito dificilmente se retomará a partir do momento em que se interrompa, sem qualquer justificação técnica plausível, a prestação de um serviço deste tipo.

Há ainda aqueles municípios que vão conseguindo manter em funcionamento as suas bibliomóveis, restringido a sua atividade em termos dos públicos abrangidos (só escolas ou jardins de infância ou centros de dia), dos horários ou da periodicidade dos serviços. Ocupadas a *apagar fogos* junto das localidades que tentam servir, as cerca de sete dezenas de bibliotecas itinerantes que circulam atualmente pelo nosso País – e os números não são certos – têm naturezas e condições de existência muito diferenciadas, mas as dificuldades parecem ser comuns; pena é que o estado não promova a sua articulação, acabando também elas por serem objeto do isolamento que pretendiam debelar.

Na verdade, a tónica das discussões que envolvem, hoje, as bibliotecas e a leitura pública tem sido posta sobretudo nas questões da iliteracia digital, do acesso e uso das novas tecnologias, no acompanhamento das rápidas evoluções da *sociedade da informação*. E neste contexto, as bibliotecas itinerantes, comprometidas com uma escala local, pequena, necessariamente particular, não parecem reunir as condições *mediáticas*

e os resultados imediatistas necessários para obterem o reconhecimento oficial. Com efeito, não parece haver qualquer orientação estratégica e a precariedade é o pano de fundo das bibliotecas itinerantes que circulam em Portugal – fazem-se e desfazem-se ao sabor das circunstâncias e sem que nenhum órgão regulador a nível nacional tome disso conta.

Tal situação é visível na inexistência de dados oficiais que nos permitam ter sequer uma perceção fiável e atualizada da distribuição territorial dos serviços móveis disponíveis.

No Portal Rede do Conhecimento Bibliotecas Públicas, criado pela DGLB - a quem cabe a coordenação e a execução da política integrada do livro não escolar, das bibliotecas e da leitura – não são disponibilizados quaisquer dados oficiais que nos permitam fazer um retrato das bibliomóveis portuguesas - identificação, funcionamento, caracterização, distribuição no território, prioridades programáticas, etc.

Não será inoportuno salientar que, no âmbito das suas atribuições, a DGLB vem realizando desde 1993 um inquérito anual por questionário às bibliotecas que integram a Rede com pelo menos um ano de abertura ao público, visando recolher informação sobre os recursos e os serviços nelas existentes. Partindo do pressuposto que as unidades móveis existentes atualmente são, na sua maioria, extensões das bibliotecas municipais, porque não têm sido estes dados recolhidos? Ou se têm, porque não são divulgados?

Não cabendo no presente estudo a análise exaustiva da situação das bibliotecas itinerantes em Portugal, e muito menos a recolha dos dados que possibilitem tal levantamento, pareceu-nos relevante, porém, sistematizar minimamente a situação, a fim de se poder ensaiar uma comparação com o caso em análise, ainda que, forçosamente, incipiente e incompleta. Nesse sentido, foi concebido um questionário com o intuito de caracterizar as unidades móveis em atividade nos últimos anos.

Para identificar as bibliotecas itinerantes a indagar, teve-se por base e para além das várias fontes informais referidas no capítulo 3, a relação fornecida pela DGLB, intitulada *Rede Nacional de Bibliotecas Públicas: Biblioteca Municipais com carrinhas*

itinerantes, onde se elencavam 53 Bibliotecas Municipais que dispõem, em 2010, de unidade móvel.

Uma vez que esta relação apenas incluía as bibliotecas itinerantes integrantes da RNBP, e sabendo-se da existência de outras bibliotecas públicas com unidade móvel através de informações recolhidas na Internet, fornecidas por técnicos de bibliotecas e por conhecimentos locais, tentou completar-se esta relação. Das 33 bibliotecas que não constavam da lista da DGLB e, após confirmação direta, concluiu-se que 16 dispõem ou dispuseram recentemente de unidade móvel (Armamar, Batalha, Cinfães, Coimbra, Espinho, Esposende, Guarda, Lisboa, Maia, Odemira, Oliveira de Azeméis, Ovar, Paredes, Ponte de Barca, Sabrosa, Vouzela) e 17 nunca tiveram um equipamento deste tipo, senão no tempo do Serviço Itinerante da Gulbenkian (Abrantes, Alenquer, Alcobaça, Alvaiázere, Ansião, Estarreja, Fafe, Ílhavo, Lagos, Mafra, Moita, Oeiras, Oliveira de Bairro, Peniche, Portimão, Setúbal, Vila Real). Este equívoco resultará, em parte, da confusão entre unidades móveis e outro tipo de extensões bibliotecárias, como os pólos ou as *bibliocaixas* (lotes ou pacotes de materiais bibliográficos e didáticos).

Os dados apurados nos contactos então estabelecidos com os municípios, permitiram-nos elaborar o seguinte quadro-síntese:

Quadro 1 – Municípios com unidade móvel na segunda década de 2000. Apuramento da situação em que se encontravam em junho de 2012.

DISTRITO	CONCELHO	FUNDAÇÃO	SITUAÇÃO	OBS.
Açores	Madalena	---	Ativa	
Aveiro	Arouca	---	Ativa	
	Aveiro	---	Ativa	
	Castelo de Paiva	---	Ativa	
	Espinho	---	Ativa	Não pertence à RBNBP
	Estarreja	---	Ativa	
	Mealhada	2007	Ativa	
	Oliveira de Azeméis	2011	Ativa	Não pertence à RBNBP
	Ovar	---	Inativa (desde 2008)	Não pertence à RBNBP
Beja	Almodôvar	2006	Ativa	
	Beja	2009	Ativa	
	Castro Verde	---	Ativa	
	Odemira	---	Inativa	
	Moura	2006	Ativa	
Braga	Cabeceira de Basto	---	Ativa	
	Esposende	2004	Ativa	
	Guimarães	1996	Ativa	
	V. Nova Famalicão	1989	Ativa	
Bragança	Mirandela	1996	Ativa	
Castelo Branco	Idanha-a-Nova	---	Inativa	
	Proença-a-Nova	2006	Ativa	
Coimbra	Cantanhede	1998	Ativa	
	Coimbra	2002	Ativa	Não pertence à RBNBP
	Lousã	---	Ativa	
	Miranda do Corvo	2001	Ativa	
Évora	Redondo	---	Ativa	
Faro	Loulé	2008	Ativa	
Guarda	Aguiar da Beira	---	Ativa	
	Guarda	2011	Ativa	Não pertence à RBNBP
Leiria	Alvaiázere	---	Ativa	
	Batalha	1959/2009	Ativa	Não pertence à RBNBP
	Bombarral	2011	Ativa	
	Óbidos	2006	Ativa	
	Pombal	---	Ativa	
	Porto de Mós	2005	Ativa	
Lisboa	Lisboa	1961/2007	Ativa	Não pertence à RBNBP
	Sintra	1971	Inativa (desde 2008)	
	Vila Franca de Xira	2001	Ativa	
Portalegre	Marvão	2003	Ativa	Não pertence à RBNBP
Porto	Felgueiras	1997	Ativa	
	Gondomar	1997	Ativa	
	Lousada	---	Ativa	
	Maia	2002	Ativa	Não pertence à RBNBP
	Matosinhos	1994	Ativa	
	Paredes	2001	Ativa	Não pertence à RBNBP
	Penafiel	---	Ativa	
	Porto	2000	Ativa	
Vila do Conde	1991	Ativa		

DISTRITO	CONCELHO	FUNDAÇÃO	SITUAÇÃO	OBS.
Santarém	Alcanena	---	Ativa	
	Torres Novas	1999	Ativa	
	Mação	---	Ativa	
Setúbal	Grândola	2011	Ativa	
	Montijo	1998	Ativa	
Viana do Castelo	Monção	---	Ativa	
	Ponte da Barca	---	Inativa (desde 2009)	Não pertence RNBP.
	Valença do Minho	---	Ativa	
	Viana do Castelo	---	Ativa	
Vila Real	Alijó	---	Ativa	
	Chaves	---	Inativa (desde 2003)	
	Mesão Frio	---	Ativa	
	Montalegre	---	Ativa	
	Murça	---	Ativa	
	Peso da Régua	---	Inativa/Extinta	
	Sabrosa	---	Inativa (desde 2011)	Não pertence RNBP.
	Sta Marta Penaguião	---	Inativa (desde 2010)	
	Vila Real	---	Ativa	Não pertence RNBP.
Viseu	Armamar	---	Ativa	Não pertence RNBP.
	Castro Daire	---	Ativa	
	Cinfães	2005	Ativa	Não pertence RNBP.
	Lamego	---	Ativa	
	Moimenta da Beira	---	Ativa	
	Penedono	2012	Ativa	
	São João Pesqueira	2010	Ativa	
	S. Pedro do Sul	---	Ativa	
	Vouzela	---	Ativa	Não pertence RNBP.

Das 75 bibliotecas inquiridas, e para além da biblioteca em estudo, obtivemos 16 respostas (Batalha, Beja, Coimbra, Felgueiras, Guarda, Moura, Óbidos, Odemira, Oliveira de Azeméis, Paredes, Proença-a-Nova, Sintra, Santa Marta de Penaguião, Torres Novas, Vila Franca de Xira, Vila Nova de Famalicão), três das quais (Odemira, Sintra e Santa Marta de Penaguião) reportando-se a itinerantes que não estavam em funcionamento.

Através dos contactos estabelecidos durante este processo com as bibliotecas municipais pudemos confirmar que mais 6 unidades móveis se encontravam inativas, quer fosse por suspensão por tempo indefinido (por motivos de reestruturação ou de avaria), quer fosse por extinção propriamente dita. Como se pode observar, a maioria das desativações ocorreram nos últimos 5 anos.

O maior número de *baixas* ocorreu no distrito de Vila Real.

Verifica-se, portanto, a existência de um total de 66 bibliotecas itinerantes em funcionamento em Portugal em junho de 2012.

Viseu e Porto são os distritos com maior número de unidades ativas (9), a que se seguem Aveiro (7) e Leiria (6). Em Bragança, Évora, Faro, Portalegre e Açores só há uma biblioteca itinerante a operar em todo o distrito/região. A região autónoma da Madeira não dispõe de equipamentos móveis.

Da análise das datas de criação das 36 unidades em que nos foi possível obter esta informação (cerca de 40% do universo de que partimos) percebemos que, de forma geral, os municípios do Sul têm aderido mais tarde a este tipo de equipamentos. Podemos ainda inferir que a chamada *nova geração* de bibliotecas itinerantes apresenta uma tendência crescente, que a seguir se traduz graficamente:

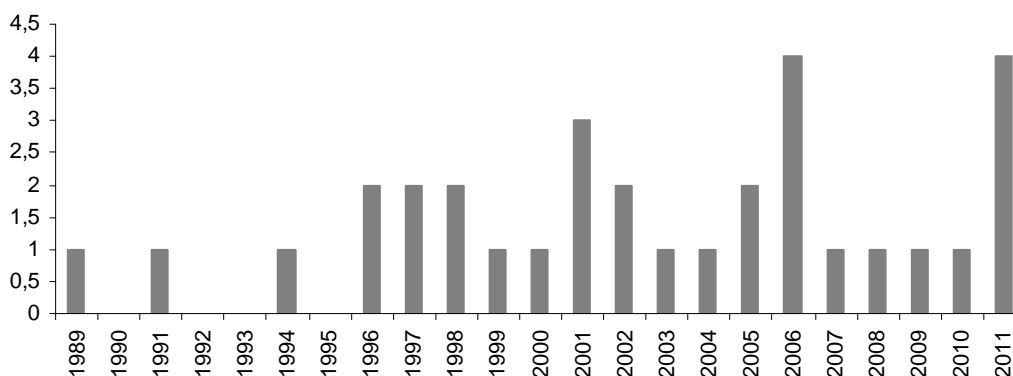
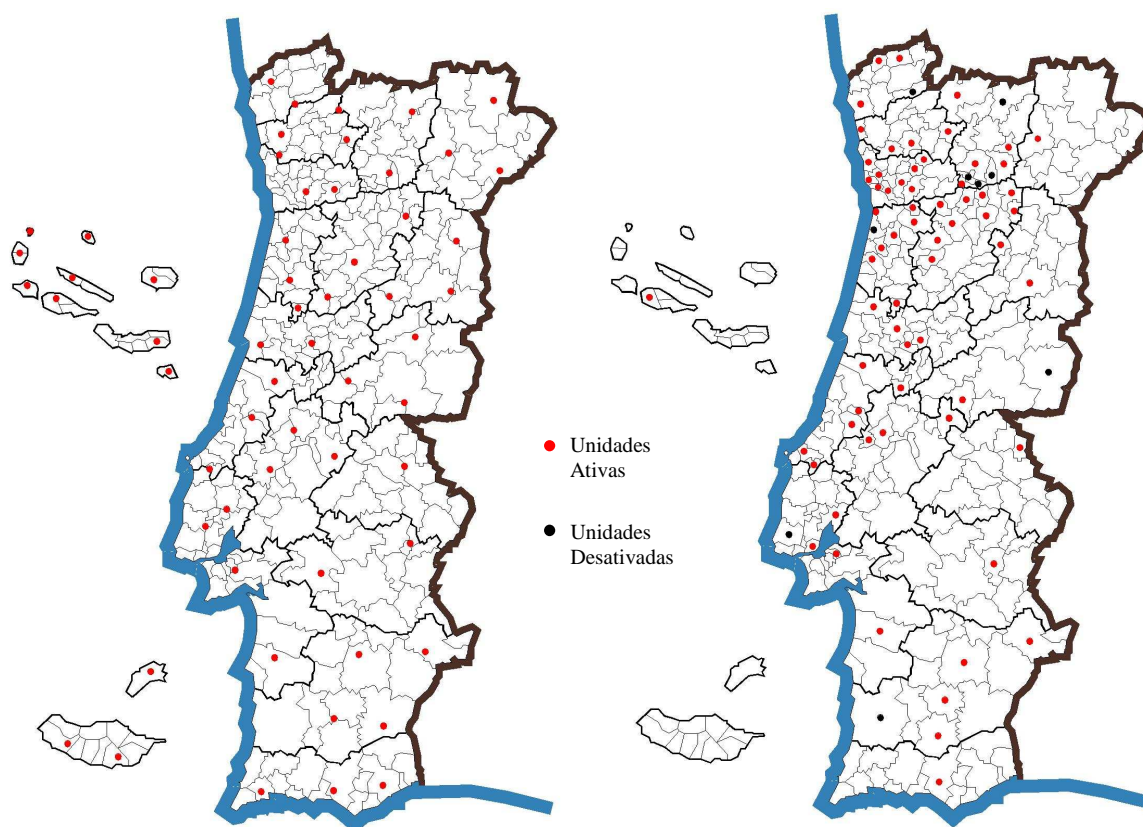


Gráfico 1 – Número de novas bibliotecas itinerantes lançadas por ano

Desde 1996, em todos os anos se tem assistido ao lançamento de pelo menos uma nova biblioteca móvel. Só no ano passado nasceram mais 4.

Uma vez que o Município de Lisboa já possui serviço itinerante desde 1960 e que a biblioteca móvel da Batalha manteve a sua atividade sem interrupção desde a data da sua fundação pela FCG em 1959, no gráfico apresentado não considerámos nenhuma destas unidades. Lisboa adquiriu uma nova viatura em 2007 e a Biblioteca da Batalha em 2009, ambas em substituição (e não acréscimo) das que tinham anteriormente.

Para compreendermos a distribuição atual destas unidades no território português, por comparação com as áreas servidas pelo SBI da FCG à data da estabilização desta rede, atentemos aos mapas que a seguir se apresentam:



Mapa 1 – Bibliotecas Itinerantes, 1961¹¹⁸

Mapa 2 – Bibliotecas Itinerantes, 2012

Em ambos os mapas é visível uma maior concentração de unidades móveis na zona Norte e Centro do país, e mais junto ao litoral, o que se poderá dever ao facto de essas serem as áreas com maior densidade populacional. Porém, a Rede que cobria o território em 1962 afigura-se, claramente, com uma distribuição geograficamente mais equitativa, o que denunciará a existência de um plano prevendo a divisão do País em parcelas, que não correspondem necessariamente às divisões administrativas existentes (concelhos).

¹¹⁸ Tendo o território continental ficado coberto em 1961 com a inauguração da 47ª biblioteca itinerante, a rede do SBI foi estendida às regiões autónomas a partir de 1963, onde se estabeleceram 12 unidades móveis, que também se assinalaram no mapa, apesar do anacronismo, a fim de permitir uma comparação mais completa das duas realidades.

Das 59 bibliotecas itinerantes que a Rede do SBIF dispunha no início dos anos 70 do século XX, 12 estavam instaladas nas ilhas e no continente cada distrito dispunha entre 2 e 4 unidades. Atualmente existem 41 itinerantes instaladas na zona Norte de Portugal, 16 no Centro, 9 no Sul e apenas uma em toda a região insular (Pico).

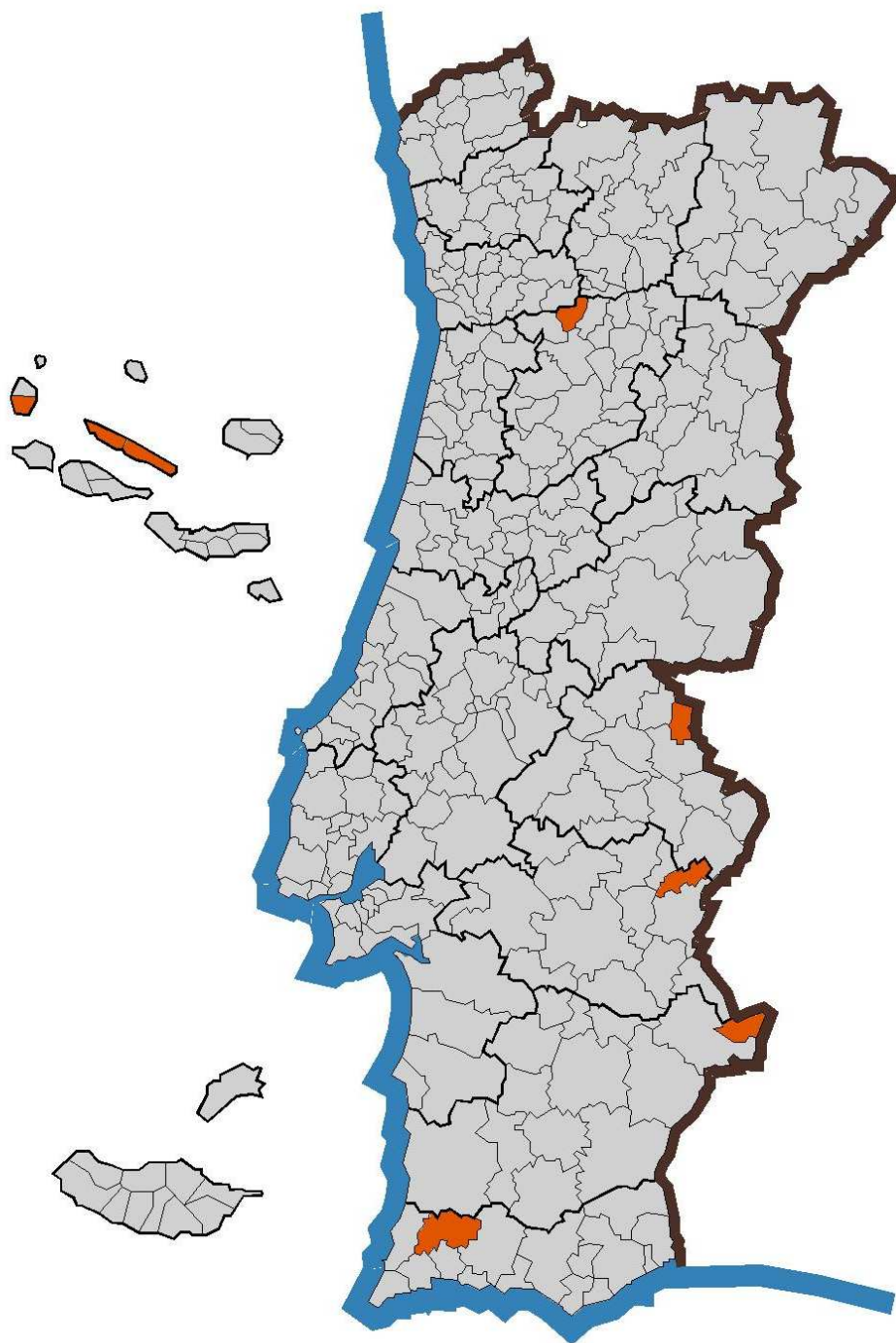
Para melhor percebermos a razão desta distribuição e, eventualmente, as insuficiências ou falhas que daí decorrem, decidimos fazer o cruzamento do Mapa 2 com um mapa que traduzisse as *existências* em termos de bibliotecas municipais públicas. Apesar de ser do conhecimento geral que praticamente todo o território continental e insular se encontra hoje coberto pelos serviços de bibliotecas municipais, quer estas estejam ou não integradas na RNBP,¹¹⁹ era da maior pertinência, para nós, assinalar quais os concelhos onde continua a ser inexistente qualquer tipo de equipamento público desta natureza. Dadas a falta de clareza e coerência nos dados divulgados pela DGLB, a inexistência de mapas atualizados e as discrepâncias detetadas entre o que uns e outros reportam,¹²⁰ só depois de muito trabalho de pesquisa, contagem e confrontação de dados conseguimos induzir/concluir as realidades que sintetizamos nos mapas que apresentamos nas próximas páginas.

Neles, procurámos representar graficamente as seguintes variáveis:

- Distritos + Regiões Autónomas – 18 + 2
- Concelhos/Municípios - 308
- Bibliotecas itinerantes ativas - 67
- Bibliotecas itinerantes desativadas - 9
- Municípios com Biblioteca Pública – 312
- Municípios sem Biblioteca Pública – 8
- Bibliotecas Municipais pertencentes à RNBP - 191
- Municípios selecionados para integrarem a RNBP - 71

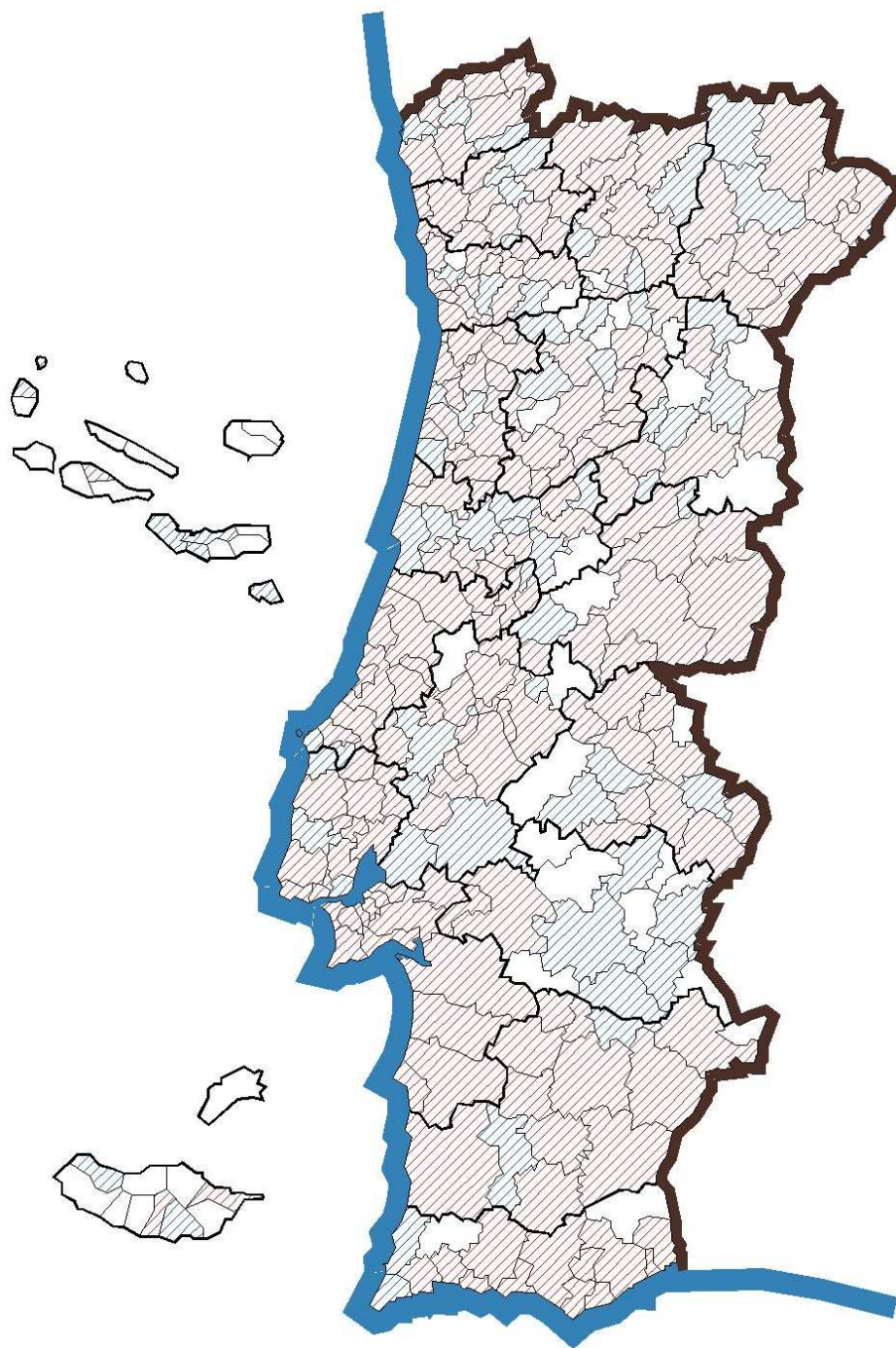
¹¹⁹ As municipais de Lisboa, Évora ou Batalha não se encontram ainda integradas na RNBP.



¹²⁰ No texto de apresentação da RNBP disponível no sítio da DGLB fala-se em 262 bibliotecas, 154 inauguradas e 108 em diferentes fases de instalação. Nos documentos em *excell* e *pdf* disponibilizados na mesma página é fornecida uma lista das bibliotecas pertencentes à RNBP com 195 ocorrências e outra contendo a relação das Bibliotecas Públicas Municipais com 302. Os mapas por distrito facultados apontam igualmente para um total de 262, mas sendo 191 já inauguradas e 71 selecionadas (!...).



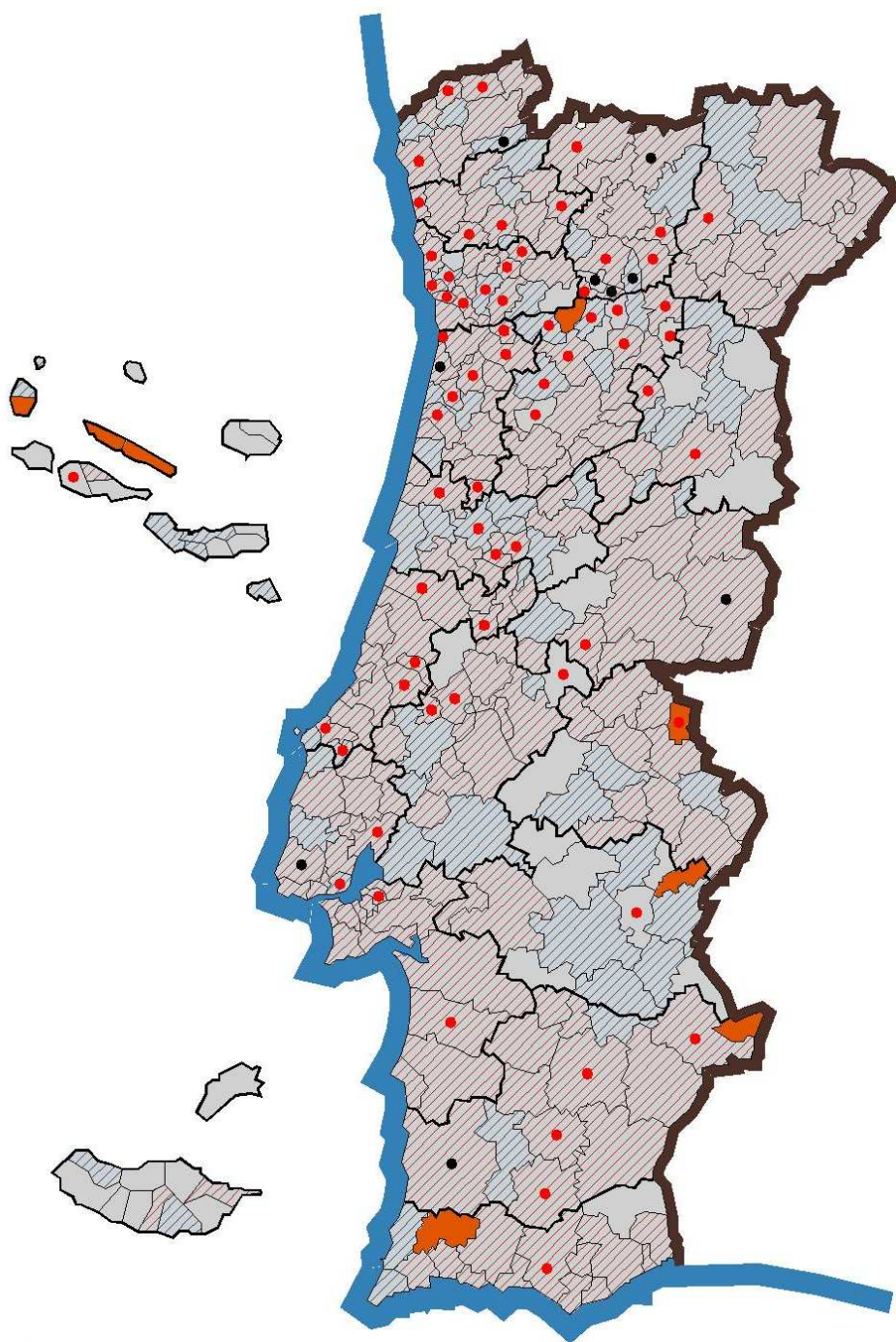
Legenda:
■ Municípios com Bibliotecas Públicas
■ Municípios sem Bibliotecas Públicas

Mapa 3 – Municípios com Biblioteca Pública, 2012



- Legenda:**
-  Bibliotecas Municipais pertencentes à RNBP
 -  Municípios selecionados para integrarem a RNBP

Mapa 4 – Rede Nacional de Bibliotecas Públicas (bibliotecas inauguradas e previstas)



- Legenda:**
- Bibliotecas Itinerantes Ativas
 - Bibliotecas Itinerantes Desativadas
 - Municípios com Bibliotecas Públicas
 - Municípios sem Bibliotecas Públicas
 - ▨ Bibliotecas Municipais pertencentes à RBNP
 - ▩ Municípios seleccionados para integrarem a RBNP

Mapa 5 – Bibliotecas públicas em Portugal, 2012: Municipais, unidades itinerantes e RBNP

A leitura do mapa-síntese (Mapa 5) permite-nos fazer algumas elações:

Exceto no caso de Marvão, que dispõe de uma biblioteca itinerante desde 2003, os restantes 7 municípios onde não existe nenhum posto de leitura pública não foram, até ao momento, *compensados* com uma unidade itinerante; em todos os 8 casos não está prevista a futura instalação de nenhuma biblioteca de leitura pública ao abrigo do Programa da RNBP.

Estranhamente, o concelho de Resende, em Viseu, onde não existe biblioteca pública, e apesar de se encontrar rodeado de 9 municípios com biblioteca itinerante + municipal, é a única localidade do distrito que não dispõe nem de uma coisa nem de outra.

Podemos ainda perceber que a esmagadora maioria das bibliotecas itinerantes estão instaladas em municípios integrantes da RNBP, o que nos confirma o facto do nascimento das chamadas *novas* bibliotecas itinerantes estar associado à abertura das modernas bibliotecas municipais, em curso desde final dos anos 80, ao abrigo do Programa de modernização promovido pela DGLB.

Não nos é possível discernir uma lógica de atuação, que à escala nacional prefigure a instalação de novas bibliotecas municipais ou a renovação/reabilitação das estruturas existentes de forma articulada com uma *rede* de equipamentos itinerantes que complementem, ampliem ou integrem os serviços prestados/a prestar por aquelas. As grandes extensões da planície alentejana ou a sinuosa topografia do nordeste transmontano, onde a enorme dispersão geográfica num caso, ou os obstáculos criados pelo relevo no acesso à *biblioteca municipal central* (ou ao *centro*, em geral), no outro, não parecem justificar a instalação de coleções móveis. Por contraste, observamos uma grande concentração de unidades móveis nos distritos de Porto, Aveiro ou Viseu servindo concelhos de dimensões relativamente pequenas (se comparadas com distritos como Évora, Beja, Castelo Branco, Guarda ou Bragança), onde os problemas de isolamento seriam potencialmente inferiores aos verificados nas regiões do interior do país, o que se poderá explicar pela existência, em áreas urbanas ou suburbanas mais densamente povoadas, públicos específicos que justifiquem o recurso a extensões móveis, sejam eles alunos de escolas primárias e pré-primárias, bairros sociais, idosos concentrados em lares, reclusos, etc.

Por outro lado, a maior concentração de bibliotecas itinerantes em certas zonas do País poderá traduzir, em última análise, nada mais do que tendências locais, de cariz político ou cultural, mais recetivas à utilização deste tipo de equipamentos. O efeito de *contágio* entre localidades e mentalidades também não será de excluir, pois não deixa de ser curioso o facto das *pintas vermelhas* (unidades itinerantes) aparecerem a maior parte das vezes emparelhadas, estejam ou não dentro da mesma circunscrição administrativa.

Muito mais não cremos ser possível extrair dos dados constantes dos mapas apresentados, sendo que para aprofundarmos a análise da realidade das itinerantes em território nacional necessitaríamos de comparar outro tipo de informações capazes de suportar uma leitura de natureza qualitativa, como seja o tipo de público abrangido, equipa técnica envolvida, periodicidade ou natureza dos serviços prestados.

Fazendo uso dos dados recolhidos no inquérito levado a cabo e de que atrás se deu conta,¹²¹ tomaremos como referência as 13 bibliotecas em atividade de que obtivemos resposta (incluindo a *Biblioteca Andarilha*, Beja), o que representa cerca de 20% do universo de itinerantes ativas no momento.

Nesta amostra incluem-se 5 bibliotecas do Norte de Portugal (Felgueiras, Guarda, Oliveira Azeméis, Paredes e Vila Nova de Famalicão), 6 bibliotecas da zona Centro (Batalha, Coimbra, Óbidos, Proença-a-Nova, Torres Novas, Vila Franca Xira) e 2 do Sul (Beja e Moura).

Muito embora todas estas bibliotecas (à exceção de Vila Franca de Xira, que não respondeu) estejam de acordo quanto ao facto das unidades itinerantes serem um equipamento com pertinência no futuro, a amostra que nos foi dado a observar é muito heterogénea, tanto ao nível da quantidade e tipo de públicos que abrange como quanto à equipa que dispõe para a prossecução dos seus objetivos, às mais valias do serviço que presta ou às dificuldades encontradas.

¹²¹ O formulário do questionário enviado às cerca de 7 dezenas de bibliotecas municipais constitui o Apêndice 1 do presente trabalho (p.4-8). As grelhas utilizadas para recolha, comparação e análise dos dados incluíram-se no Apêndice 2 (p.9-14).

Excetuando Oliveira de Azeméis que dispõe de uma Biblioteca Municipal dimensionada para servir um universo superior a 50.000 habitantes, todas as outras extensões itinerantes dependem de Bibliotecas Municipais menores, com tipologia BM1 (5) ou BM2 (6). Ainda em relação às Bibliotecas Municipais em questão, importa referir que 46% destas foram edificadas em data posterior a 1985, já durante a vigência do Programa da RNBP. Atualmente, 8 das 13 bibliotecas indagadas pertencem a esta rede.

A esmagadora maioria das unidades itinerantes em análise foi criada já neste milénio, tendo apenas 1 nascido antes do lançamento do PRNBP e 3 entre o ano de 1986 e 2000. Ou seja, estamos perante experiências recentes ou muito recentes.

Praticamente todas as Bibliotecas Municipais dispõem de outras extensões bibliotecárias para além da unidade móvel, quer estas sejam pólos permanentes, pólos sazonais (quiosques, tendas), atividades de leitura deslocalizada (visita de técnicos a lares, prisões, escolas, domicílios, etc.) ou as chamadas *bibliocaixas*. Só a Biblioteca da Guarda tem como única extensão a biblioteca móvel, usando ainda uma carrinha da FCG e dispondo apenas de um motorista, sem qualquer preparação técnica especializada, para a dinamizar.

As equipas envolvidas na prestação do serviço itinerante são muito díspares, tanto ao nível da dimensão como da sua preparação técnica, parecendo não traduzir qualquer critério nacional, mas apenas as *disponibilidades* das BM respetivas quanto a pessoal. É de notar que em 6 das 13 bibliotecas analisadas a atividade básica da biblioteca itinerante (condução, referência, empréstimo, animação) é assegurada por apenas uma pessoa, sendo que em 2 dos casos se tratam de assistentes operacionais ou equivalente. Só em 2 unidades se verifica a presença de um técnico superior especializado (biblioteconomia ou documentação) e apenas a biblioteca itinerante de Beja recorre a técnicos de animação cultural. A maioria destes serviços são assegurados por técnicos BAD, sendo difícil definir uma média para o nº de elementos que constituem as equipas da itinerantes, uma vez que em muitos casos os técnicos vão prestando este serviço alternadamente, não estando afetos à unidade móvel de forma exclusiva. Ou seja, o total de 9 técnicos (2 superior + 4 BAD + 3 Assistentes Operacionais) indicado pela Biblioteca da Batalha não trabalha na carrinha, seguramente, em regime de exclusividade, até porque o número indicado para o contingente total daquela biblioteca é o mesmo. Estes valores poderão indicar, apenas, que toda a equipa da Biblioteca Municipal *está envolvida* no trabalho das

itinerantes. Por outro lado, nenhum dos veículos usados pelas bibliotecas indagadas comporta mais do que 2 ou 3 pessoas¹²². O que significa que a quantificação dos dados recolhidos em termos de valores médios está comprometida pela forma como cada serviço interpretou a pergunta: se uns terão utilizado o critério mais restrito do nº de técnicos que habitualmente se deslocam na carrinha, outros terão tido como referência a totalidade da equipa envolvida na valência ou no projeto da biblioteca itinerante. Há que ter em conta, igualmente, o facto da alternância, da rotatividade e da polivalência serem um tipo de *filosofia* muito aplicada na gestão dos núcleos móveis, das extensões bibliotecárias e das novas bibliotecas públicas em geral.

De qualquer forma, parece-nos representativo o facto de quase metade da amostra dispor de apenas um técnico afeto à itinerante, o que é manifestamente insuficiente, até por questões de segurança nas deslocações, e de somente em 4 casos estarem envolvidos diretamente na equipa um ou mais técnicos superiores.

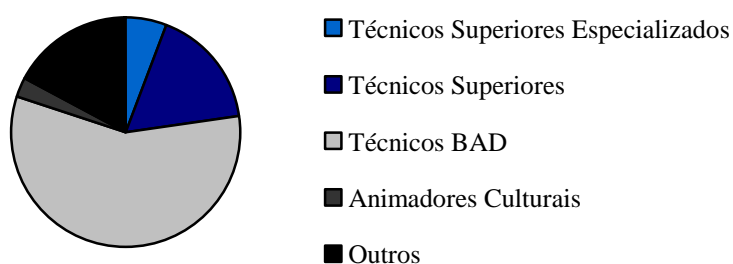


Gráfico 2 – Distribuição da qualificação dos técnicos no universo de 36 profissionais envolvidos na dinamização das 13 bibliotecas analisadas

Quanto ao funcionamento das 13 estruturas em observação também há variações assinaláveis. Apenas cinco itinerantes integram redes concelhias de bibliotecas ou fundos documentais. Em termos de periodicidade, as três opções – semanal, quinzenal e mensal – reúnem o mesmo número de adeptos, embora tal variável tenha sido impossível de aferir em relação a cinco unidades, uma vez que só foi fornecido o horário semanal, sem indicação do espaçamento de tempo entre as várias visitas.

¹²² De todas as itinerantes existentes a nível nacional, apenas a Mealhada utiliza um autocarro.

Nenhuma biblioteca disponibiliza os seus serviços em horário pós-laboral, embora o horário de verão da *Biblioteca Andarilha* (Beja), e em certas localidades, se prolongue até às 20:00h.

O empréstimo domiciliário é o único serviço que é unanimemente prestado pelas 13 bibliotecas. Quanto aos restantes serviços, o quadro que a seguir se apresenta permitir-nos-á fazer uma mais rápida leitura da realidade:

Quadro 2 – Serviços prestados pelas 13 bibliotecas analisadas

		%
Promoção do livro e da leitura	11	85
Informação e referência local	9	69
Cooperação com instituições culturais e parcerias locais	9	69
Leitura e consulta presenciais	8	62
Difusão informativa e cultural da Biblioteca Municipal respetiva	8	62
Empréstimo interbibliotecas	7	54
Acesso a recursos informáticos (<i>hardware e software</i>)	7	54
Acesso à Internet	6	46
Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares	6	46
Recolha e/ou divulgação do Património Cultural Imaterial Local	6	46
Catálogo Público de Acesso em Linha (OPAC)	5	38
Atividades de animação cultural	4	31
Acesso a recursos áudio/vídeo/multimédia	4	31
Acesso a publicações a publicações <i>on line</i>	4	31
Serviço de Informação à Comunidade	4	31
Edições municipais e/ou apoio à edição de autores locais	4	31
Serviço de Leitura em Suportes Especiais	3	23
Iniciativas de alfabetização e/ou formação ao longo da vida	3	23
Reprografia e digitalização de documentos	3	23
Formação de utilizadores	2	15

Importa destacar que menos de metade das itinerantes da amostra possibilitam o acesso à Internet e só 31% disponibilizam recursos áudio, vídeo ou multimédia.

Apenas 4 bibliotecas prestam o serviço de informação à comunidade. Só 31% da amostra diz promover atividades de animação cultural, embora quase todas as itinerantes desenvolvam (85%) iniciativas na área da promoção do livro e da leitura.

Em relação às paragens e respetivos tipos de público abrangidos, verifica-se a coexistência de unidades móveis muito abrangentes, como é o caso de Oliveira de Azeméis, que para em aldeias, bairros urbanos, centros sociais/associações recreativas, lares/centros de dia para idosos, jardins de infância, escolas públicas do 1º ciclo, escolas privadas e estabelecimentos comerciais, com outras que servem exclusivamente escolas do 1º ciclo e jardins de infância, como acontece com as unidades de Torres Novas e de Moura. Só a biblioteca da Guarda serve a população prisional e apenas a da Batalha continua a servir os trabalhadores fabris.

Excetuando a itinerante de Vila Nova de Famalicão, todas as unidades estudadas disponibilizam os seus serviços a jardins de infância. Em escolas públicas do 1º Ciclo param 10 bibliotecas. Se 9 servem as comunidades rurais, apenas 3 visitam os bairros urbanos.

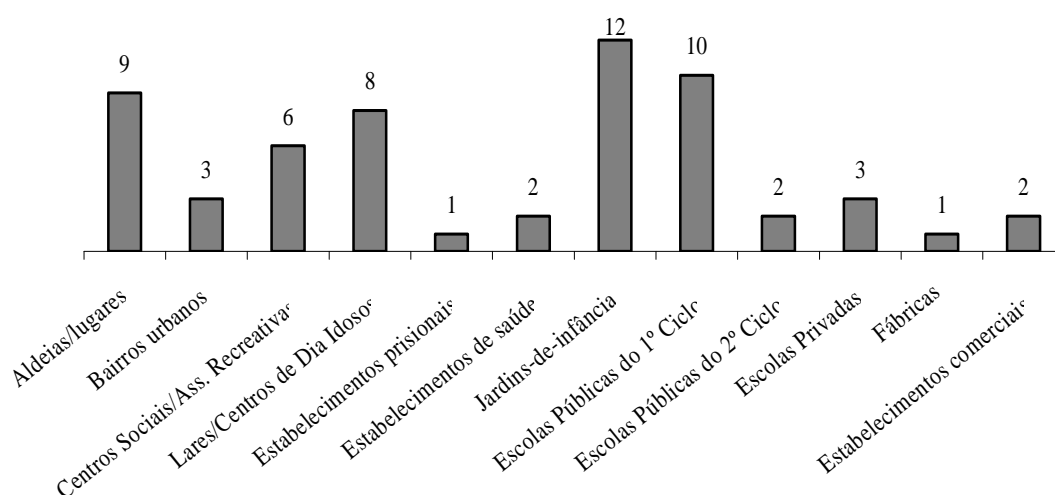


Gráfico 3 – Locais de paragem/públicos das 13 bibliotecas analisadas

Todas estas diferenças e toda esta diversidade irá traduzir-se, inevitavelmente, no tipo de fundos bibliográficos disponibilizados. Assim, se em todos os casos as coleções itinerantes dispõem de uma secção geral/para adultos e de outra infantil, apenas 5 bibliotecas têm periódicos, o que só parece compreensível apenas em 2 itinerantes, uma vez que só estas servem exclusivamente crianças. Só metade das 13 unidades contabilizadas investe na divulgação de fundos locais.

No que diz respeito aos utilizadores destas bibliotecas, predominam as crianças (idades correspondentes aos alunos do 1º ciclo), seguidas dos idosos. Há mais mulheres leitoras do que homens.

O volume de pessoas inscritas nestes serviços é extremamente desigual, variando entre os 230 registados em Proença-a-Nova e os 8100 leitores angariados pela itinerante de Coimbra, que é a unidade que tem paragem em locais mais diversificados. Atendendo às diferentes datas de fundação das 13 unidades, obtemos uma média de novas inscrições anuais que variam entre os 26 (Batalha) e os 810 (Coimbra). Estas oscilações poderão ter que ver com vários fatores, isolados ou combinados entre si, como seja a antiguidade do serviço, o nº e tipo de paragens (que depende do horário praticado e da duração das visitas), o grau de dispersão da população em determinadas zonas ou a dimensão das localidades visitadas. Nas bibliotecas que servem escolas, e no caso de a cada aluno corresponder um nº de leitor (e não serem os empréstimos feitos em nome do professor), é natural que os totais de novas inscrições se apresentem muito *inflacionados* se comparados com outros universos de potenciais públicos que são, por definição, mais reduzidos e fechados. Por todas estas razões, não se considera que o volume de utilizadores registados possa ser, *per si* e em termos absolutos, um indicador da qualidade ou do desempenho de equipamentos itinerantes com características e objetivos tão diversificados como os contidos na amostra em análise.

Quanto à adesão e evolução das utilizações, 5 bibliotecas dão conta de um aumento do nº de inscrições contra 3 que acham que a tendência é decrescente e 4 que consideram que o nº de novos leitores se mantém o mesmo. Importará ter em conta que, no caso das unidades itinerantes que servem comunidades rurais onde o nº de habitantes é reduzido, a capacidade de expansão em termos de novos utilizadores fidelizados será sempre muito limitada, tendendo a decrescer com a passagem do tempo. A biblioteca de Torres Novas, por exemplo, justifica a diminuição do número dos seus utilizadores com o facto das escolas que servia terem sido integradas em centros escolares com serviço de biblioteca.

Se o nº de requisições acompanha, *grosso modo*, a disposição verificada no tocante às inscrições, relativamente ao grau de exigência, a tendência observada é claramente no sentido do crescimento (46%) ou, quanto muito, da estabilização (38%), não havendo qualquer registo de inflexão em sentido contrário.

Só a unidade móvel de Torres Novas avalia a evolução da participação dos seus utilizadores com sinal negativo.

À data do preenchimento do questionário que nos permitiu fazer esta caracterização a biblioteca itinerante de Oliveira de Azeméis dispunha de apenas um mês de funcionamento, pelo que todas as questões relacionadas com a avaliação do trabalho e dos públicos abrangidos ficaram, naturalmente, sem resposta. Há que reportar ainda o facto de algumas das bibliotecas não disporem de quantificações rigorosas no tocante a requisições ou à caracterização dos leitores servidos, sendo que esta avaliação é feita, muitas das vezes, de forma *empírica*.

Nas questões de fundo relacionadas com a origem e evolução dos equipamentos em estudo parece haver maior concordância nas respostas. Apenas para as itinerantes de Oliveira de Azeméis e da Guarda não foram definidos missão e objetivos específicos, o que poderá justificar-se pelo facto de em ambos os casos ter havido uma pré-existência itinerante (carrinha da FCG). Seis das restantes bibliotecas móveis nasceram associadas a um projeto de intervenção cultural ou programa específico, embora apenas para a instalação de duas delas (Proença-a-Nova e Paredes) tenha sido feita uma auscultação à população para medir a sua receptividade.

Não foi realizado nenhum estudo formal sobre a pertinência da instalação de uma biblioteca itinerante antes da criação de qualquer das 13 bibliotecas indagadas.

Apesar de em 46% dos casos a unidade itinerante atual ter sido precedida pela experiência de uma biblioteca da Gulbenkian, praticamente todas as unidades foram instaladas ou reativadas por iniciativa financeira do Município, sendo a biblioteca da Batalha a única exceção, uma vez que foi criada exclusivamente com fundos da União Europeia. Em 3 outros casos o financiamento autárquico foi coadjuvado pelo Governo Central, pela EU ou pela FCG (Oliveira Azeméis, Proença-a-Nova e Felgueiras).

Sobre as razões que justificaram a criação destas unidades as realidades voltam a dividir-se, apresentando-se como causas maioritárias, *ex equo*, o isolamento/dispersão demográfica e a decisão política.

A falta de financiamento e de apoios foi considerado o principal entrave à consolidação da atividade das restantes 9 bibliotecas, seguido das limitações técnicas associadas ao veículo.

Por outro lado, aquilo que mais tem motivado o desenvolvimento dos equipamentos em questão parece ser, claramente, o interesse e a colaboração por parte dos utilizadores (77%). A importância da existência de financiamento e apoios é valorizada por 4 bibliotecas (31%), atribuindo-se às potencialidades técnicas do veículo peso idêntico (23%) ao investimento na comunicação e divulgação e à preparação, coesão e motivação da equipa. O estabelecimento de parcerias locais não foi considerado por nenhuma biblioteca como fator muito significativo. Duas bibliotecas destacaram os aspetos da agilidade e flexibilidade administrativa e orgânico-funcional como benéficos na consolidação e evolução das bibliotecas itinerantes.

O inquérito em questão foi respondido entre junho e novembro de 2011. Os questionários relativos às bibliotecas de Beja e Moura foram devolvidos já este ano, em maio e julho, respetivamente.

O seu preenchimento foi assegurado por Chefes de Divisão ou Coordenadores da Biblioteca Municipal (2), Técnicos superiores e Bibliotecários (8) e por Assistentes Técnicos de Biblioteca (3).

Segundo informação constante no Diretório *A Nave Voadora*¹²³ existem atualmente 9 bibliotecas móveis em projeto: 7 na zona Norte (Espinho, Fafe, Melgaço, Ponte de Lima, Santo Tirso, São João da Madeira e Vila Pouca de Aguiar), uma no Centro do País (Abrantes) e outra em Évora.

¹²³ [Consult. 21 Jul 2012]. Disponível em: WWW:<URL:<http://anavevoadora.wetpaint.com>>.

Na maior parte dos casos, na origem da biblioteca está uma combinação de vários fatores, cuja relação tentámos exprimir no seguinte gráfico:

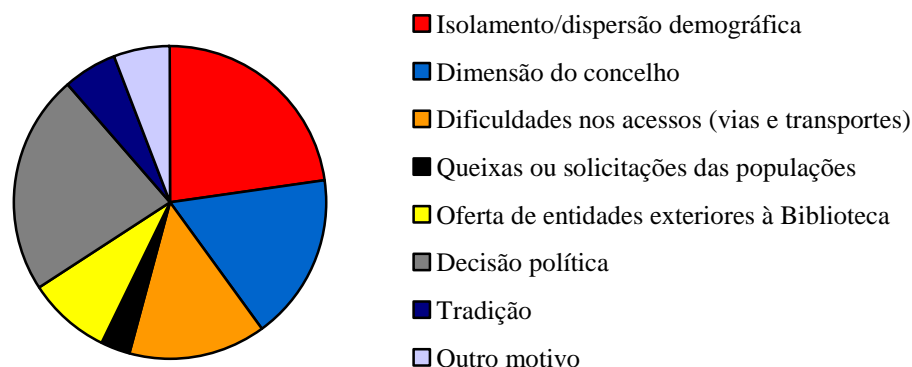


Gráfico 4 – Motivos para a instalação/reactivação das 13 bibliotecas analisadas

Quanto à forma como as novas bibliotecas itinerantes portuguesas têm evoluído, procurámos saber quais têm sido, na opinião dos técnicos ou do departamento responsável pelo preenchimento dos questionários os principais entraves e motores para a consolidação destas estruturas/projetos. Curiosamente, 4 das bibliotecas (o que representa cerca de 30% do universo em análise) considerou não existirem entraves ou estes serem pouco significativos. Se esta situação nos parece compreensível no caso da itinerante de Oliveira de Azeméis, porque está a iniciar a sua atividade e no da Batalha dado o entusiasmo manifestado nas declarações feitas por técnicos e responsáveis políticos a propósito do *I Encontro Internacional de Bibliotecas Itinerantes* realizado nessa cidade há apenas 3 anos atrás, a inexistência de dificuldades a apontar nas unidades de Torres Novas e Vila Nova de Famalicão causa-nos alguma apreensão uma vez que, contando ambas com mais de 10 anos de funcionamento, são aquelas que dentro da amostra em estudo dispõem de um menor leque de serviços disponibilizados, bem como de uma equipa extremamente reduzida – apenas um assistente técnico no primeiro caso e um técnico BAD no segundo -, constituindo igualmente 2 dos 3 casos em que se vem registando uma diminuição no número de novos leitores inscritos.

6. O CASO DA *BIBLIOTECA ANDARILHA* – EXTENSÃO MÓVEL DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BEJA EM MEIO RURAL

6.1. ENQUADRAMENTO DA *BIBLIOTECA ANDARILHA*

6.1.1 O Alentejo e o Concelho de Beja

Segundo os dados recolhidos no presente estudo e atrás apresentados (cap. 5.2) existem atualmente em Portugal continental 65 bibliotecas itinerantes em atividade – 40 itinerantes no norte do país (abrangendo 7 distritos), 16 na zona centro (abrangendo 4 distritos) e apenas 9 bibliomóveis a sul do Tejo (abrangendo 5 distritos).

Ocupando cerca de um terço do território português (8.542km²), o Alentejo dispõe, então, de apenas 8 bibliotecas itinerantes, representando pouco mais de 10% do total dos equipamentos ativos no país. Dasquelas, duas servem municípios do litoral, essencialmente urbanos. Portanto, e já incluindo a *Biblioteca Andarilha*, extensão móvel da Biblioteca Municipal de Beja, e as suas 3 vizinhas de Moura, de Castro Verde e de Almodôvar, o interior alentejano conta com apenas seis bibliotecas móveis para prolongar geograficamente a ação das bibliotecas municipais existentes e para cobrir uma extensa área com uma dispersão geográfica muito acentuada, onde se registam, simultaneamente, os maiores índices de envelhecimento populacional e de dependência dos idosos em território português.¹²⁴

Com efeito, e segundo os Censos de 2011, a densidade populacional no Alentejo contínua a diminuir,¹²⁵ traduzindo hoje a média regional mais baixa do País e sendo também inferior à média europeia. Paralelamente, nos últimos 50 anos os índices de envelhecimento na região do Alentejo quintuplicaram, o que somado ao aumento dos índices de longevidade e da melhoria dos níveis de bem-estar e salubridade das

¹²⁴ O índice de envelhecimento no Alentejo é de 178,9 contra uma média nacional de 128,6; tendo acompanhado o agravamento ocorrido no resto do País nas últimas 5 décadas, o índice de dependência dos idosos no Alentejo passou a ser o mais alto do país, apresentando um rácio de 39,1 contra a média nacional de 29,0. Fonte: INE, Censos 2011 – Resultados Provisórios.

¹²⁵ O nº médio de indivíduos por km² passou de 31,5 em 1960 para 31,3 em 2011. Fonte: INE, Censos 2011 – Resultados Provisórios.

populações (acompanhando a tendência nacional), torna indesmentível o facto de haver cada vez mais idosos no Alentejo e idosos com mais idade.¹²⁶

Possuindo um ordenamento dominado pelo latifúndio (baseado em técnicas agrícolas que limitam o emparcelamento/distribuição de terras e incentivam a desertificação), a região do Alentejo tem como característica *histórica* uma reduzida concentração populacional e um grau de urbanização pouco acentuado. Por outro lado, e resultado do êxodo rural e de um balanço migratório negativo, esta região tem apresentado na última década um índice de crescimento médio negativo, com mais expressão no Baixo Alentejo.¹²⁷

Apesar de ser um ponto de confluência das grandes ligações viárias e ferroviárias nacionais e internacionais (Lisboa-Madrid, Lisboa-Algarve e Centro-Algarve), produto do investimento de fundos comunitários a que se soma, desde 2011, o Aeroporto Internacional de Beja, a região do Alentejo continua à espera da concretização das melhorias previstas para as suas ligações locais (IP's, IC's e Estradas Regionais). A rede ferroviária *convencional*, marcada pela degradação e supressão progressivas das linhas do interior, não promove uma ligação adequada entre os principais centros urbanos da região, praticamente inexistente no que toca às aldeias e lugares.¹²⁸

Não obstante o reforço demográfico verificado nas últimas décadas ao nível das principais cidades, o sistema urbano continua precário, tanto no que toca à complementaridade da oferta de equipamentos, bens e serviços como à articulação com o território envolvente, o que incentiva a deslocação da população do espaço rural para as principais localidades.

Estas disparidades e desarticulações têm vindo a contribuir para um progressivo (e aparentemente irreversível) despovoamento das áreas rurais, acentuando os contrastes urbano/rural e aumentando o número de aglomerados que pela sua dimensão corre o

¹²⁶ Fonte: INE Censos 2001 e 2011 – Resultados Provisórios.

¹²⁷ *Programa Regional Operacional do Alentejo 2007-2013*, 2008, p.15.

¹²⁸ *Ibidem*, p.16.

risco de desaparecer, com o conseqüente abandono das áreas rurais e perda de identidade da paisagem alentejana.¹²⁹

Quanto à qualificação da sua população o Alentejo também leva nota inferior face à média nacional, predominando as pessoas habilitadas com, no máximo, o 1º nível do ensino básico (50,4% dos habitantes), só 6,1% dos alentejanos dispoñdo de escolaridade correspondente ao ensino médio e superior, contra os 8,4% da média dos portugueses.¹³⁰ Em 2001 a taxa de analfabetismo no Alentejo, apesar de decrescente, era ainda de 17,1%, quase o dobro da média do País.¹³¹

Do processo de envelhecimento demográfico e do facto do êxodo rural atingir predominantemente as camadas jovens da população resulta a indisponibilidade de recursos humanos para o trabalho (em que o aumento da natalidade não influi visto os mais novos incluem-se na população inativa) responsável pela «inibição competitiva» e estrangulamento das possibilidades de desenvolvimento regional e local.¹³²

Por outro lado, e para as pessoas em idade ativa que vão ficando nesta região, há ainda que considerar a questão do desemprego, que no Alentejo é, mais uma vez, superior ao resto do País (9,1% contra 7,6%), mas ainda assim próximo da média europeia (8,9%). Reportando-se a estimativas realizadas em 2005,¹³³ calcula-se que em consequência da crise económica internacional estes números se tenham acentuado significativamente.

Finalmente, e para além da baixa densidade populacional, do envelhecimento e do desemprego, o Alentejo regista ainda débeis índices de produtividade e um fraco aproveitamento das infraestruturas e equipamentos, sendo identificada como uma das regiões menos prósperas do sudoeste europeu. Com efeito, e na última década, esta região apresentou invariavelmente valores de PIB menores do que as médias portuguesa e europeia.¹³⁴

¹²⁹ *Ibidem*, p.17.

¹³⁰ Fonte: INE Censos, 2001.

¹³¹ Fonte: ALEA - Ação Local de Estatística Aplicada/INE, 2001. [Consult.18 Ago. 2012]. Disponível em: WWW:<URL:http://alea-est.ine.pt>.

¹³² *Programa Regional Operacional do Alentejo 2007-2013*, p.29-30.

¹³³ Os dados dos Censos de 2011 ainda não estão disponíveis na sua totalidade. Fonte: INE, 2005.

¹³⁴ Fonte: INE, 2003.

Não obstante, o Alentejo é uma região com um forte sentido de identidade cultural, sendo muitos os projetos e os coletivos dedicados à salvaguarda e difusão do património cultural material e imaterial, nacional e internacionalmente, de que destacamos a candidatura do Cante Alentejano a Património Imaterial da Humanidade em curso e, por contraste, a *Biblioteca Digital do Alentejo*, projeto de carácter regional em que estão envolvidos, para além da Biblioteca Nacional, as Bibliotecas Municipais de 11 municípios do alto e baixo Alentejo.¹³⁵

Não obstante o seu rico património natural e cultural, que o qualifica como «espaço emblemático dos sistemas naturais e culturais mediterrânicos»,¹³⁶ o Alentejo mantém-se uma região muito periférica, sendo as suas populações objeto de várias *dificuldades acrescidas* derivadas do isolamento, da estagnação social e das dificuldades de comunicação a nível regional e local. Ou seja, nesta zona do País há cada vez mais pessoas mais isoladas, mais velhas, com maiores problemas de locomoção e de desintegração/desenraizamento, mais dependentes e com mais dificuldades na atualização de competências e qualificações sócio-culturais, o que representa um incremento das populações *potencialmente* excluídas, ainda que em paralelo se observe o aumento dos níveis de escolarização e de qualificação dos mais jovens e o aperfeiçoamento tecnológico dos equipamentos culturais que nas últimas décadas têm vindo a ser distribuídos pelo território nacional.

As pessoas estão *potencialmente* mais ligadas com o que está longe (acompanhando a tendência da chamada *globalização*), mas menos ligadas entre si e com menos razões para se ligarem ao território que animam e a que dão sentido.

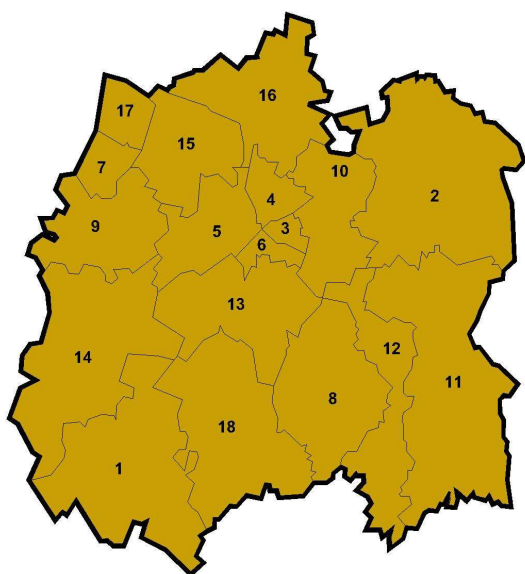
Capital do maior distrito do país (10.225 km²), ligando transversalmente Espanha ao Atlântico,¹³⁷ Beja gere 14 municípios: Aljustrel, Almodôvar, Alvito, Barrancos, Castro Verde, Cuba, Ferreira do Alentejo, Mértola, Moura, Ourique, Serpa e Vidigueira. Todos estes concelhos dispõem de uma biblioteca municipal. Almodôvar, Castro Verde, Moura e Beja dispõem igualmente de extensões itinerantes, sendo a *Biblioteca Andarilha* aquela que foi criada mais recentemente.

¹³⁵ Cf.: WWW:<URL: <http://www.bdalentejo.net/projeto.html>. [Consult. 20 Jun. 2009].

¹³⁶ *Programa Regional Operacional do Alentejo 2007-2013*, p.13.

¹³⁷ Segundo previsões realizadas em 2006: 154.325 habitantes. Fonte: PORDATA.

Mapa 6 e 7 + Quadro 3 – Distrito de Beja, Concelho de Beja e respetivas Freguesias¹³⁸



	Freguesia	Tipo	Hab.	Área (ha)
1	Albernoa	APR	758	10.989
2	Baleizão	APR	903	13.825
3	Beja: Salvador	APU	6.582	614
4	Beja: Sta. Maria da Feira	APU	4.597	1.560
5	Beja: Santiago Maior	APU	7.508	4.259
6	Beja: São João Baptista	APU	6.337	788
7	Beringel	AMU	1.304	1.600
8	Cabeça Gorda	APR	1.364	7.800
9	Mombeja	APR	384	5.554
10	Nossa Sra. das Neves	APR	1.749	5.303
11	Quintos	APR	265	13.970
12	Salvada	APR	1.129	5.942
13	Santa Clara de Louredo	APR	865	7.158
14	Santa Vitória	APR	594	11.103
15	São Brissos	APR	108	5.103
16	São Matias	APR	561	6.991
17	Trigaches	APR	448	1.600
18	Trindade	APR	274	9.863

APU – Áreas Predominantemente Urbanas
 AMU – Áreas Medianamente Urbanas
 APR – Áreas Predominantemente Rurais

¹³⁸ Fonte: Associação Nacional de Municípios Portugueses.

Situado no centro do distrito, e ponto de confluência dos principais eixos de ligação Norte/Sul e Este/Oeste¹³⁹, o concelho de Beja abrange uma área de 1.146Km².¹⁴⁰ Sendo um dos maiores municípios de Portugal é o mais povoado do distrito. Segundo os Censos de 2011 Beja conta agora com 35.854 habitantes, o que embora representando apenas um ligeiríssimo crescimento em relação aos números registados em 2001 (cerca de 0,25%) poderá significar a inversão de uma tendência decrescente que se vinha impondo desde a década de 60.¹⁴¹ Apesar de ser o concelho com maior densidade populacional do Baixo Alentejo, o seu índice situa-se muito abaixo da média nacional (31,3 para 114,6). Cerca de 60% da população está concentrada na cidade de Beja.¹⁴²

Fundada na Idade do Ferro sobre um morro com 277m de altitude rodeado por vastas planícies, a cidade de Beja é o centro geográfico, administrativo, económico e cultural do concelho, aglutinando 4 freguesias de cariz predominantemente urbano (Salvador, Santa Maria da Feira, Santiago Maior e São João Baptista), em volta das quais se dispõem 13 freguesias predominantemente rurais e uma, a NE (Beringel), identificada como área medianamente urbana.¹⁴³

Cerca de 24% da população residente no município de Beja encontra-se distribuída por pequenas povoações com menos de 1000 habitantes, sendo que as pessoas em situação de isolamento (menos do que 50 por lugar) representam 5% do total de residentes. As freguesias com maior densidade populacional situam-se na cidade de Beja (Salvador e S. João Baptista), sendo que São Brissos apresenta os valores mais baixos com apenas 1,98 habitantes/Km².¹⁴⁴

Provavelmente dado o seu carácter central e a sua importância administrativa, o concelho de Beja destaca-se positivamente em relação às médias registadas nas regiões do baixo Alentejo no âmbito demográfico. Assim, as taxas de natalidade, embora inferiores às registadas na década de 80, encontram-se acima da média nacional, tal como a

¹³⁹ Beja é servida por dois itinerários principais (IP2 e IP8). Tem ligação, a 50 km, com a autoestrada que liga Lisboa ao Algarve. Conta com a linha a linha ferroviária do sul (2h da capital) e com o Aeroporto Internacional.

¹⁴⁰ Fonte: INE. Censos 2011 – Resultados Provisórios.

¹⁴¹ *Ibidem*.

¹⁴² Luísa Santos, - *Caracterização Sócio- Económica dos Concelhos: Concelho de Beja.*, 2005, p.7.

¹⁴³ *Idem - Ibidem*, p.4.

¹⁴⁴ Fontes: DGOTDU e INE, 2005. Cit. por Luísa Santos – *Op. Cit.*, p.7.

esperança de vida que, em 2011, é a mais alta do País. O envelhecimento populacional, apesar de continuar a crescer, acompanhando a tendência geral, apresenta valores um pouco mais próximos das médias nacionais, um pouco menores do que a maioria das regiões do interior e, claramente menores do que a média dos municípios do Alentejo. Segundo os levantamentos mais recentes, a taxa de mortalidade subiu significativamente em relação à década de 60, mas ainda assim está um pouco abaixo da média registada no Alentejo, que é, agora, a maior em relação às restantes regiões do País.¹⁴⁵ Em 2001 existiam em Beja 7275 idosos para 5161 pessoas com idades compreendidas entre os 0 e os 14 e 4931 entre os 15 e os 24, ou seja, cerca de 20% da população do Concelho de Beja tinha 65 ou mais anos, um rácio francamente superior à realidade nacional (c.16%).¹⁴⁶

Também em relação às condições de vida, Beja revela, no geral, uma situação um pouco menos desfavorável quando comparada com os concelhos vizinhos. Com efeito, o número de idosos dependentes e de pessoas inativas é um pouco inferior ao do Alentejo, que detêm os valores mais altos de Portugal. A taxa de mortalidade infantil em Beja é menor do que a registada no resto da região.¹⁴⁷

Em relação ao desemprego ainda não se dispõem de números atualizados, mas em 2001, e em relação à década anterior, os valores tinham decrescido, representando então pouco mais do que 4% da população então residente no concelho. Porém, o rácio de desempregados por 100 indivíduos com emprego apresentava-se acima da média registada em Portugal e no Alentejo (10% para 7,3% e 9,2%, respetivamente).¹⁴⁸

Segundo as projeções de 2009, o poder de compra *per capita* em Beja tinha subido e encontrava-se mais ou menos ao nível das capitais de distrito mais próximas.¹⁴⁹

Também os indicadores relacionados com os equipamentos, infraestruturas, serviços urbanos e tecido empresarial (detendo este concelho 20,7% das empresas existentes na

¹⁴⁵ Fonte: INE, 2011 – Censos Provisórios.

¹⁴⁶ Fonte: INE, Censos 2001.

¹⁴⁷ Fonte: INE, Censos 2011.

¹⁴⁸ Fonte: PORDATA.

¹⁴⁹ *Ibidem*.

região do Baixo Alentejo) traduzem uma situação privilegiada de Beja em relação aos outros municípios do Baixo Alentejo.¹⁵⁰

Em termos de escolaridade, à semelhança do que acontece na região, a maior parte dos habitantes de Beja dispõem apenas do 1º ciclo do ensino básico (19,9% em 2001), embora a discrepância em relação ao ensino médio e superior seja um pouco menor do que a observada no Baixo Alentejo. Ainda que o analfabetismo tenha vindo a diminuir progressivamente, 15,4% da população do concelho de Beja continuava em 2001 sem saber ler nem escrever.¹⁵¹

Paralelamente, os resultados provisórios dos Censos de 2011 apontam para um crescimento da percentagem de população com ensino superior de 9%, registados na década anterior, para 16%.

Na última década do século XX a taxa de atividade neste concelho cresceu, em paralelo com a do Baixo Alentejo, embora ligeiramente acima, resultado sobretudo do aumento de mulheres ativas, já que no sexo masculino se verificou um decréscimo (situações idênticas às da região e do concelho).¹⁵²

Tal como na região, a maior parte da população ativa está empregada no setor terciário. As indústrias ocupam o segundo lugar e o setor primário, continuando a empregar uma grande parte da população (relevância da produção agrícola esta que, apesar da diminuição do número de explorações, sinaliza a *ruralidade* do território), aparece atualmente em terceiro lugar. As empresas em funcionamento neste setor representam, no concelho de Beja, 18% do total de empresas; na Região do Baixo Alentejo representam cerca de 24,5%.¹⁵³

No que toca a acessibilidades e comunicações, os transportes rodoviários públicos cobrem mais de 80% das freguesias e cerca de 70% da população. Mais de um terço das freguesias são equipadas com praças de táxis cobrindo cerca de 40% dos habitantes do concelho. A rede de transportes urbanos serve apenas pouco mais de 20% das freguesias

¹⁵⁰ Fonte: Portal Beja Digital.

¹⁵¹ Luísa Santos – *Op. Cit.*, p.10.

¹⁵² *Idem - ibidem*, p.15.

¹⁵³ *Idem - Ibidem*, p.14.

o que corresponde a cerca de 60% da população. Há acesso a transporte ferroviário a uma distância média de 5km em pouco mais de 10% das freguesias, servindo-se dessa forma somente 12,2% dos residentes.¹⁵⁴

Nas demais infraestruturas Beja, como capital de concelho e de distrito, centro nevrálgico do Baixo Alentejo, está também melhor servida do que a região circundante. Assim, os equipamentos de saúde existentes no concelho de Beja em 2001 correspondiam a 20% dos existentes no Baixo Alentejo.¹⁵⁵ Segundo informações constantes no portal da Câmara Municipal de Beja, e apesar do encerramento de algumas escolas em freguesias do meio rural dado o decréscimo acentuado de crianças em idade escolar, há no concelho 22 escolas públicas do 1º ciclo do ensino básico e/ou jardins de infância (os estabelecimentos normalmente acumulam as 2 valências); 2 escolas básicas do 2º e 3º ciclos; 2 escolas profissionais de ensino integrado; 2 escolas profissionais e 2 escolas secundárias. jardins de infância e creches particulares existem 11 e um centro de ensino especial. O ensino superior público conta com 5 estabelecimentos. Estão ainda identificados outras estruturas de ensino como a Casa do Estudante, a Casa Pia e o Conservatório Regional do Baixo Alentejo.

Relativamente a equipamentos de apoio à terceira idade, o concelho podia contar, em 2000, com 11 lares de idosos, 6 centros de dia e 6 núcleos de apoio domiciliário que serviam, na totalidade, 1153 idosos (para 7275 idosos registados nos Censos de 2001). É de notar que, ao contrário dos equipamentos fixos, a capacidade dos serviços de apoio domiciliário era excedida pelo número de pessoas servidas, o que poderá traduzir o problema de isolamento em que muitas das populações se encontram, ainda mais se tivermos em conta que a distância média das freguesias não equipadas aos Lares de Idosos é de 7,3 Km e que grande parte das infraestruturas sociais se localizam nas freguesias centrais do concelho (centro urbano).¹⁵⁶

Também os equipamentos de desporto, cultura e lazer existentes estão sediados essencialmente na cidade de Beja, que conta com um teatro municipal (Pax Julia), um espaço polivalente com auditório interior e exterior, galeria de exposições temporárias,

¹⁵⁴ *Idem - Ibidem*, p.13.

¹⁵⁵ Fonte: INE, Estatísticas da Saúde, 2001.

¹⁵⁶ Santos - *Op. Cit.*, p.12-13.

sala de ballet, sala de artesanato e sala de ateliers (Casa da Cultura), a famosa Bedeteca, a Casa das Artes - Museu Jorge Vieira, várias galerias e núcleos museológicos, uma ludoteca (Casa do Lago) e a Biblioteca Municipal José Saramago, de que a seguir falaremos, e que dispõe atualmente de pólos nas freguesias de Albernoa, Salvada e Santa Vitória. A cidade usufrui ainda de piscinas, um complexo desportivo, um estádio e um pavilhão municipal.

Fora da cidade, existem espaços para espetáculos e conferências nas freguesias de Mombeja, Nossa Senhora das Neves, Salvada e São Matias e clubes recreativos e associações desportivas em todas as freguesias do concelho.¹⁵⁷

Beja dispõe ainda de um hospital (Hospital José Joaquim Fernandes) e de um estabelecimento prisional.

Incentivados pelo acréscimo populacional que a cidade de Beja tem vindo a registar e pelas expectativas de atração de população e de desenvolvimento trazidas pela entrada em funcionamento do Aeroporto e do EFMA¹⁵⁸ foi identificada pelos *agentes do desenvolvimento local*¹⁵⁹ uma estratégia para a cidade baseada em 3 vocações a explorar futuramente: Beja enquanto «plataforma logística» de apoio às atividades decorrentes das transformações induzidas pela barragem de Alqueva (agricultura, agroindústria, pecuária, indústria do ambiente); enquanto «pólo para a realização de eventos» e como «centro qualificado de ensino e investigação».

No final de 2010 Jorge Pulido Valente, atual Presidente da Câmara Municipal de Beja, fazia o balanço do 1º ano de mandato como «um ano de intenso e árduo trabalho, no rumo certo para o desenvolvimento do concelho e de Beja capital», destacando como iniciativas mais significativas levadas a cabo, apesar dos necessários cortes orçamentais, entre outras, a reorganização dos serviços e nova estrutura orgânica, as *Palavras Andarilhas* e as reuniões descentralizadas nas freguesias rurais.¹⁶⁰

¹⁵⁷ Cf. *site* da Câmara Municipal de Beja (disponível em <http://www.cm-beja.pt>) e Portal Beja Digital [Consultados em 15-08-2012]

¹⁵⁸ EFMA - Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva

¹⁵⁹ AMBAAL - Associação de Municípios do Baixo Alentejo e Alentejo Litoral (13 Autarquias do Baixo Alentejo e as principais entidades motoras da Região). Cf. Portal Beja Digital. Disponível em: <http://www.bejadigital.pt> [consultado em 30-07-2012]

¹⁶⁰ *No rumo certo*. In Beja: Boletim Municipal, novembro/dezembro 2010, p.3.

Este otimismo encontra reforço nas palavras do Vereador da Cultura, Património, Turismo, Desporto, Juventude, Comunicação Integrada e Participação Pública, que faz um balanço muito positivo de um ano em que se conseguiu «fazer mais com menos (nalguns casos até com muito menos!) e com grandes exigências ao nível da qualidade» apontando a Cultura como uma área em que houve um desempenho particularmente feliz, com grandes nomes do espetáculo (música e dança) a passarem pela sala do teatro municipal de Beja, com o lançamento de eventos como a *Beja Wine Night* ou o *Beja Gourmet* e «muita vida e animação» no «coração de Beja»; destaca ainda os resultados muito satisfatórios ao nível da participação pública conseguidos com a realização das reuniões de Câmara nas Freguesias Rurais, que quanto a si foram um marco», apresentando como principais objetivos para 2011 «fazer mais e melhor com ainda menos recursos».¹⁶¹

Cristina Taquelim, técnica superior da Biblioteca Municipal de Beja há mais de vinte anos, mediadora com larga experiência de trabalho com as comunidades locais e mentora do *Programa de Leitura em Meio Rural* e do projeto da *Biblioteca Andarilha* apresentava-nos, em agosto de 2011, perspetiva diferente relativamente àquelas que considerava continuarem a ser as prioridades do município no que toca à cultura e à relação dos centros de poder com as populações do meio rural.¹⁶²

Denunciando as grandes dificuldades orçamentais que a BMB vem enfrentando nos últimos 3 anos, responsáveis, entre outras coisas, pelo congelamento de novas aquisições e pelo risco de desatualização em que incorre a coleção daquela Biblioteca Municipal, reconhecida localmente e a nível nacional como um equipamento de referência, chamava a atenção, porém, para o facto da falta de verbas ser, até certo ponto, um falso problema. Pois mais do que a quantidade de dinheiro disponível para gastar com a cultura a questão colocava-se, quanto a si, na forma como este investimento é feito, uma vez que não raras vezes as Autarquias o aplicam em iniciativas pontuais e mediáticas, que «trazem muita gente aos Concelhos, mas que não deixam nada nos Concelhos».

¹⁶¹ *Entrevista a Miguel Góis. Ibidem*, p.23-26.

¹⁶² Considerações feitas durante a entrevista realizada em 18-08-2011 no âmbito do estudo em questão, disponível na sua versão integral como *Apêndice 4* (p.15-28).

[...] e preocupa-me. Pois receio que no futuro se esgotem as soluções de engenho com que temos vindo a aguentar o barco. Preocupa-me porque entendo um serviço de leitura como um serviço fundamental ao desenvolvimento de uma comunidade; não vejo que possa haver desenvolvimento sem uma política de leitura e uma política cultural e social estrategicamente montada e não sinto que tenhamos interlocutores - é importante ter interlocutores junto do poder político quando se reflecte sobre leitura e desenvolvimento - nem vejo vontade política para que isso seja implementado. As bibliotecas não são um problema para o poder, porque a leitura não é um problema.¹⁶³

Assim, e lamentando o desinvestimento nos projetos de fundo que a BMB vem desenvolvendo, tendo por consequência a interrupção no diálogo com as populações e parceiros locais e o retrocesso nos processos de conquista de público e de massa crítica que tantos anos levam a consolidar, apelava para a necessidade de se «gastar com perspectiva», de se fazer uma descentralização inteligente e responsável, de se apostar em projetos de fundo estratégicos para o desenvolvimento, transformação, qualificação e autonomização das comunidades, sendo para isso fundamental os poderes locais e agentes sócio-culturais mostrarem-se capazes de trabalhar em parceria e com as comunidades, sem condescendências e sem esperar efeitos imediatistas.

Decorridos quase dois anos desde o lançamento do *Programa de Leitura em Meio Rural*, em cujo eixo central se encontra a biblioteca itinerante em estudo, Cristina Taquelim apontava a desarticulação aparentemente *incorrigível* entre as Juntas de Freguesia e o Executivo camarário no que toca a programação cultural, lamentava aquela que considera ser uma mentalidade tradicionalmente avessa à cooperação e à partilha de recursos e reconhecia que «continuamos a viver num país onde temos cidadãos de várias categorias. Os cidadãos do meio rural não são de *primeira*; portanto, para eles qualquer coisa serve».¹⁶⁴

¹⁶³ Cristina Taquelim - entrevista atrás citada, p.7.

¹⁶⁴ *Ibidem*, p.3.

6.1.2. A Biblioteca Municipal de Beja¹⁶⁵

Das visitas realizadas ao longo do presente estudo, entre maio de 2010 e agosto de 2012, não obstante as expectativas de desenvolvimento que políticos e empresários vislumbram para a *capital do Baixo Alentejo* e de que demos conta no capítulo anterior, e por contraste com a vivacidade e o burburinho em que Beja (a *Capital dos Contos*) mergulha por ocasião do Encontro promovido pelas *Palavras Andarilhas*, a impressão geral com que ficámos da cidade foi a de um espaço em progressiva desvitalização. Muitas casas mas quase ninguém nas ruas, cada vez mais portas de comércio tradicional fechadas, um centro histórico mortiço, uma programação cultural feita de altos e baixos, intercalando no único cine-teatro da cidade (Pax Júlia) espetáculos de grande mediatismo com projeções de cinema em registo doméstico, para meia-dúzia de espectadores – foi este o retrato que trouxemos de uma cidade em muito semelhante às demais sedes de concelho e de distrito das regiões do interior de Portugal, onde as populações e as dinâmicas sociais parecem estar algo *entaladas*, a meio-passo entre uma ruralidade desvitalizada, descontextualizada e subestimada (um *produto* meio romântico, meio obsoleto) e uma pseudo-urbanidade, marcada pelo consumo, por vezes desenquadrado, de produtos mediatizados e irremediavelmente massificados.

Sensação curiosa e muito reconfortante foi a de - chegados à cidade de Beja em pleno agosto, noite feita e ruas desertas - encontrarmos a Biblioteca Municipal iluminada de alto a baixo com um trânsito surpreendente de pessoas a entrarem e a saírem. Seria ali o centro da cidade?

O *provincianismo* da nossa surpresa rapidamente encontraria justificação - é que nós, lá na capital, *ainda* não temos bibliotecas públicas abertas até às 23h.

Pois não será por acaso que a de Beja é conhecida como *a biblioteca sem sono...*

¹⁶⁵ Para a redação deste capítulo foram usadas, salvo indicação específica em contrário, as informações constantes na página *web* da Câmara Municipal de Beja [Consult. 20 Ago. 2012] – disponível em: WWW:<URL: http://www.cm-beja.pt/portal/page?_pageid=73,46181&_dad=portal&_schema=PORTAL&conteudos_genericos_qry=BOUI=27477). Teve-se igualmente como fonte a entrevista realizada a Cristina Taquelim, técnica responsável do Programa de Leitura em Meio Rural/Biblioteca Andarilha (versão integral disponível nos *Apêndices* deste estudo) e as entrevistas informais realizadas aos técnicos da *Biblioteca Andarilha*.



Imagem 1 – Vista noturna da fachada e alçado lateral direito da Biblioteca Municipal José Saramago

Fundada em 1874, a Biblioteca Municipal de Beja viu inaugurado o edifício de 3 pisos que atualmente ocupa em 30 de abril de 1993, em resultado do protocolo estabelecido entre o Ministério da Cultura (DGLB) e a Câmara Municipal de Beja, altura em que passou a integrar a Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, sob a tipologia BM2, à semelhança de cerca de outras 60 bibliotecas públicas do País encarregues de servir entre 20.000 e 50.000 habitantes.

Cumprindo os requisitos estabelecidos pelo Programa da DGLB (assente nas diretrizes da IFLA/UNESCO para os serviços da biblioteca pública) no que respeita à área do edifício, ao número de habitantes potencialmente servidos, à qualificação dos seus técnicos e ao tipo e dimensionamento do seu fundo bibliográfico, esta biblioteca dispõe de uma extensa coleção geral/adulto, uma bem guarnecida coleção infantil (enquadrada pelo Centro do Livro Infantil), uma secção de publicações periódicas (onde estão representados os 3 jornais da região), documentos não livro em suporte digital (música, filmes, jogos em CD, DVD e CD-ROM), um Fundo Local e algumas coleções especiais (em Braille, por exemplo), reunindo um total de 120.000¹⁶⁶ documentos.

Sintetizando a sua missão em 3 linhas - «ser o Largo da Comunidade»¹⁶⁷; «ser o Portal Regional de acesso à informação» e «promover as diferentes “leituras”» - os objetivos da Biblioteca Municipal de Beja encontram-se alinhados com os preconizados no

¹⁶⁶ Para as BM2 a DGLB/IFLA recomenda um fundo com cerca de 34.000 monografias e 3.000 «outros documentos». Cf. Margarida Oleiro e Célia Heitor - *20 Anos da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas: Um balanço (possível) do grau de cumprimento do Programa*, 2010.

¹⁶⁷ Referência a Manuel da Fonseca (1911-1993), escritor alentejano do neorrealismo, e à sua descrição do Largo da Vila como o centro do mundo, onde se realizavam todo o tipo de trocas e aprendizagens e onde «tudo era vida». Cf. brochura de apresentação da *Biblioteca Andarilha - Anexo 2*.

Manifesto da IFLA/UNESCO para as Bibliotecas Públicas no que se refere aos princípios gerais de afirmação da biblioteca como um espaço de diversidade, atualidade e mediação: democratização do «acesso à informação, à cultura, ao conhecimento e ao lazer, contribuindo para o exercício pleno da cidadania»; promoção do livro e da leitura e do acesso à informação em qualquer suporte; divulgação e apoio ao uso das TIC. Para além do apoio à «educação formal», patente entre outras coisas na relação privilegiada que mantém com escolas e professores, são objetivos desta biblioteca favorecer a «educação informal e autoaprendizagem». Está também consignada, especificamente, a aposta nos projetos de extensão junto da comunidade.

Para além dos múltiplos gabinetes destinados à administração, tratamento documental e trabalho de bastidores, a Biblioteca Municipal oferece ao público salas de leitura para adultos e para crianças, uma *bebeteca*, um setor audiovisual e um espaço para a consulta de materiais multimédia e Internet, uma sala para leitura informal e periódicos, auditório, cafetaria, espaços de exposição e vários outros recintos concebidos e preparados para poderem receber atividades de mediação leitora e oficinas de expressões ligadas aos serviços de infância, bem como projetos de continuidade de índole diversa.

Atualmente, a Biblioteca Municipal José Saramago oferece ao público um conjunto importante de serviços e recursos, dos quais destacamos o serviço de informação e referência local; a pesquisa no Catálogo Público de Acesso em Linha; a leitura e consulta presenciais; o empréstimo domiciliário e interbibliotecas; o acesso a recursos informáticos, áudio, vídeo, multimédia e Internet; o acesso a publicações e catálogos bibliográficos em linha; a pesquisa de informação estatística (INE), legislação comunitária (Jornal Oficial), legislação portuguesa (Diário da República) e normas portuguesas e comunitárias (IPQ). É disponibilizado ainda o acesso a coleções digitais, à leitura em suportes especiais e à digitalização de documentos e serviços de reprografia.

Paralelamente, a Biblioteca promove iniciativas de alfabetização e de formação ao longo da vida e está envolvida em vários projetos de recolha, tratamento, investigação e divulgação do património cultural imaterial local, tendo contribuído decisivamente para a identificação de informantes e artistas populares locais e para o registo de material

único e original encontrado nas comunidades do meio rural, para o que tem contado, ultimamente, com a sua unidade itinerante.

Para além destes serviços de fundo, a Biblioteca promove também a divulgação (usando *campanhas* regularmente renovadas) dos seus recursos bibliográficos, das suas atividades e programação cultural, participando também na difusão informativa do município e de agentes culturais locais.

Comprometida não só com a atração de (novos) públicos à biblioteca como com a promoção da reflexão, da discussão e da participação em torno da(s) leitura(s) e da cultura em geral, a Biblioteca tem investido na publicação de materiais e na organização regular de debates, conferências, encontros com escritores, pensadores e artistas, disponibilizando à população uma programação cultural permanente donde se destacam duas revistas sobre literatura (*Rodapé* e *Pé de Página*), a comemoração do dia mundial do livro - *Numa cidade acordada uma biblioteca sem sono* - a 23 de abril de todos os anos (desde 1997) e ainda o festival *Palavras Andarilhas - Encontro Nacional dos Aprendizizes do Contar*, que realizado anualmente desde 1999, atrai todos a os anos a Beja centenas de pessoas – narradores, mediadores, professores, bibliotecários, escritores, ilustradores, público dos contos, tendo-se tornado já uma referência nacional e internacional na área.

De acordo com o enunciado nos seus objetivos, a Biblioteca Municipal de Beja tem vindo a apostar radicalmente nos projetos e atividades de extensão desenvolvendo um intenso e extenso programa de animação cultural, sempre que possível envolvendo as estruturas locais e elementos da comunidade (exposições, feiras, encontros, visitas guiadas, serões, etc.) e de promoção do livro e da leitura, através do Serviço de Mediação Leitora. Com carácter permanente ou pensados especificamente para cada ano letivo, em regime de continuidade ou como iniciativas pontuais sujeitas a inscrição prévia, no seu programa para o ano letivo 2009/2010, intitulado *Rotas de Leitura*, este serviço oferecia mais de 10 projetos tendo como pano de fundo as leituras e as literacias destinados a várias faixas etárias ou níveis de competência leitora, grupos escolares, famílias, várias atividades envolvendo a narração oral, atividades de escrita criativa e de expressão, um espetáculo, mini-cursos de férias e uma atividade de continuidade exclusiva para as crianças de meio rural.

Recursos muito importantes e de referência não só localmente, funcionam ainda na Biblioteca de Beja o Centro do Livro Infantil e o Centro de Recursos Pedagógicos, disponibilizando serviços especializados de apoio e orientação de leitura destinados aos mediadores de leitura do concelho (pais e docentes) .

Estando implantada no centro do concelho, na Rua Luís de Camões, na zona Sul da cidade de Beja (Freguesia de S. João Baptista) a Biblioteca Municipal estende a sua ação às áreas mais periféricas do concelho, em articulação com as juntas de freguesia, por intermédio do Serviço de apoio aos Pólos instalados a SO (Santa Vitória e Albernoa), a SE (Salvada) e a NO (Beringel)¹⁶⁸ e do Programa de Leitura em Meio Rural dinamizado pela sua unidade itinerante – a *Biblioteca Andarilha*, que desde setembro de 2009 vem servindo as freguesias rurais (com paragem quinzenal em 18 locais) e promovendo a articulação entre as diversas comunidades e os vários pontos fixos de leitura.

Articulado com as viagens da *Biblioteca Andarilha* - e em grande parte resultado do trabalho de *auscultação e experimentação* por ela realizado nos últimos dois anos junto das populações locais – a Biblioteca Municipal de Beja tem em curso vários projetos de continuidade desenvolvidos em parceria com estruturas locais e comunidades específicas, promovendo a leitura e atividades de informação, mediação leitora e animação *fora de portas*. Este trabalho envolve vários grupos de idosos utentes do Centro Paroquial e Social do Salvador e da Mansão de S. José (*A biblioteca perto de si: vamos, ouvimos e lemos!*), reclusos do Estabelecimento Prisional de Beja (*Para além das grades*), residentes da Comunidade Terapêutica Horta Nova (*Caritas Diocesana*), crianças com 1- 3 anos e respetivas mães do Bairro da Esperança (*Leitura de cueiros - Projeto de intervenção precoce em parceria com a Associação Social, Cultural e Recreativa do Bairro da Esperança*) e os utentes do Centro de Saúde USF Alfa Beja (*Saber mais dá mais saúde*).

Como forma de extensão física e cultural da sua ação, esta Biblioteca considera ainda o desenvolvimento do Serviço de apoio às bibliotecas escolares (SABES), o Serviço de edições municipais (apoio à edição de autores locais) e os Serviços de Apoio à

¹⁶⁸ Quando a Biblioteca Andarilha iniciou a sua atividade em 2009, este equipamento já não se encontrava em funcionamento.

Comunidade. Está ainda prevista a possibilidade de cedência do auditório para atividades exteriores à biblioteca e o serviço de reprografia e de cafetaria que podem ser utilizados por todos as pessoas, independentemente de serem leitores ou não.

A Biblioteca Municipal José Saramago está aberta ao público de terça a sexta-feira, desde as 9.30 às 23.00, à segunda-feira só da parte da tarde e ao sábado entre as 14.30 e as 20.00, sendo que alguns dos setores encerram um pouco mais cedo, entre as 19.30 e as 20.00 (Infantil, Audiovisual e Multimédia/Internet) e dispendo o Centro do Livro Infantil de horário próprio.

A equipa da Biblioteca Municipal de Beja é grande e tem vindo a ser objeto, por parte da Coordenação, de muito investimento ao nível da sua qualificação e coesão consideradas como fator estratégico para a subsistência da biblioteca no tempo e para a preservação da sua pertinência e autonomia.¹⁶⁹ Inclui 2 técnicos superiores especializados (Biblioteconomia/Documentação), 1 técnico superior, 22 técnicos BAD, 2 animadores culturais, 3 assistentes operacionais e 1 assistente técnico, com diversos vínculos jurídico-profissionais e distribuídos pelos diversos setores abertos ao público (centro do livro infantil, setor infantil, setor adulto, setor multimédia e Internet, setor de periódicos, setor audiovisual, biblioteca itinerante, reprografia), de tratamento documental (material livro, publicações periódicas, dados estatísticos, secção de Braille) e de retaguarda (apoio administrativo e informático, comunicações, etc.).

Para além da sua equipa fixa, a Biblioteca acolhe voluntários e convida regularmente escritores, professores, formadores, mediadores, investigadores e artistas para o desenvolvimento de projetos e ações de divulgação da cultura portuguesa, de investigação, formação, criação, expressão e fruição cultural.

*Mais do que um espaço físico com mais ou menos livros, a biblioteca foi desde sempre uma forma de intervir, de questionar e comunicar, e assume-se como um lugar de desassossego cultural, um ponto de encontro, uma casa. A casa do livro e da cultura.*¹⁷⁰

¹⁶⁹ Segundo declarações informais de Cristina Taquelim, agosto de 2012.

¹⁷⁰ Palavras de José Figueira Mestre [diretor da Biblioteca Municipal José Saramago até 2009] constantes no site da CMB. [Consult. 24 Mai. 2010]. Disponível em: WWW:<URL: http://www.cm-beja.pt/portal/page?_pageid=73,46181&_dad=portal&_schema=PORTAL&conteudos_genericos_qry=B OUI=27555

6.2.3. O Programa de Leitura em Meio Rural¹⁷¹

Poucos anos depois da inauguração do seu novo edifício (1993) a Biblioteca Municipal de Beja deu início à criação de algumas sucursais nas freguesias de maior dimensão do concelho para, em articulação com as Juntas de Freguesia respetivas, estender os serviços da biblioteca pública às comunidades do meio rural. Este interesse e esta disponibilidade técnica que a Biblioteca Municipal então mostrou em ir ao encontro das populações mais afastadas para distribuir de forma mais equitativa os seus recursos encontrou grande receptividade da parte das comunidades rurais, sobretudo junto das administrações locais mais ativas, tendo-se registado muitas solicitações para a instalação de postos de leitura em várias aldeias. Não obstante este entusiasmo inicial, a gestão conjunta dos Pólos não se mostrou eficaz e muito menos fluida, ficando de alguma forma por justificar o pesado investimento feito para o apetrechamento daqueles equipamentos. Manter 4 pólos em funcionamento regular, com os respetivos fundos documentais atualizados, acompanhar a par-e-passo o desempenho dos técnicos responsáveis pela sua dinamização (funcionários das Juntas da Freguesia sem a preparação técnica adequada) e alimentar dinâmicas de promoção da leitura nas várias freguesias, regulares e diferenciadas mas coerentes com a política cultural da Biblioteca Municipal, revelou-se a breve trecho insustentável.

Paralelamente, chegava-se à conclusão que para servir aglomerados com tão fraca densidade populacional e para fazer face à grande dispersão demográfica verificada no concelho, a construção de *dependências* fixas não só significava mais encargos, como se mostrava menos ágil e menos adequada.

Entretanto, em 2008, e em vésperas de eleições autárquicas, mostrou-se oportuno para a Biblioteca investir as últimas verbas disponíveis para concretizar a compra de uma carrinha, sendo que o seu apetrechamento (adaptação do veículo, fundo documental e mobiliário), só viria a realizar-se no ano seguinte, em segundo concurso público.

¹⁷¹ Para a redação deste capítulo foram usadas, salvo indicação específica em contrário, as informações constantes na entrevista realizada em 18-08-2011 a Cristina Taquelim, atrás referida e um conjunto de documentos de trabalho [produzidos entre 2009-2010] cedidos pela BMB: *Esboço de um Programa de Leitura em Meio Rural*; conjunto de diapositivos intitulado *Programa de Leitura em Meio Rural*; *Programa de leitura em meio rural: Relatório. Documento de avaliação do primeiro ano de trabalho do Programa de Leitura em Meio Rural – perspectivas*, elaborado por Cristina Taquelim, Helena Ribeiro e Susana Gomes em 30-12-2010.

Conscientes de que a solução para as disfunções técnicas verificadas nos 4 Pólos então em funcionamento (Albernoa, Beringel, Salvada e Santa Vitória) teria de ser encontrada através de uma abordagem mais global e integrada, que articulasse as várias comunidades e recursos (materiais e humanos) em função de uma estratégia e metas comuns, e resultado de longa reflexão sobre o papel que a Biblioteca Municipal deveria desempenhar perante a situação de infoexclusão e de discriminação cultural em que se encontravam as populações de meio rural (até pela maneira, de alguma forma *irresponsável* como as administrações locais vêm definindo as suas prioridades em termos de programação cultural), é delineado em 2009 o *Programa de Leitura em Meio Rural*.

Pretendia-se através deste programa resolver o problema dos pólos, potenciando a sua ação junto das comunidades onde se encontram instalados e estender o serviço de informação à comunidade e de empréstimo de documentos às restantes freguesias rurais do concelho. Assim, promovia-se a rentabilização dos recursos pré-existentes – os 4 espaços de leitura, os fundos documentais, os funcionários dos pólos – articulando-os com o veículo entretanto adquirido (e que faltava equipar), com os técnicos da Biblioteca Municipal que iriam ficar afetos a este equipamento e com o trabalho de coordenação assegurado pela técnica superior da BMB responsável não só pela operacionalização do *Programa* como pela sua integração no âmbito de uma política concelhia para o meio rural, em que a criação de novas dinâmicas sócio-culturais, a par da leitura pública, é encarada como estratégia prioritária para a *educação para o desenvolvimento*.

Por outro lado, a implementação deste programa permitiria a abertura de novas possibilidades: servir outros públicos, servir mais públicos, conhecer a realidade das freguesias rurais, auscultar as necessidades reais das populações, promovendo um contacto de dois sentidos entre estas e os serviços centrais do município (Executivo, BMB), e possibilitando futuros ajustes ao nível das estratégias a adotar, não só do ponto de vista técnico mais estrito, como cultural, social e político.

Foi pressuposto do Programa assumido desde o início o seu carácter de alguma forma experimental e necessariamente inacabado, ou seja, ir-se-ia para o terreno com uma atitude aberta ao contacto e à experiência a fim de se fazer um diagnóstico das

realidades rurais o mais fiel possível - carências e deficiências a corrigir, mas também recursos, valores e potencialidades a ativar – e a partir daí aprofundar um trabalho em parceria que assegurasse a pertinência do Programa, a continuidade e qualidade do funcionamento dos equipamentos (pólos e BA) e a coerência das atividades dinamizadas junto das/com as populações.

Assim, e nesta lógica de cooperação, para além dos 4 Pólos e das Juntas de Freguesia, previa-se a articulação com as 5 escolas das localidades rurais (Baleizão, Beringel, Cabeça Gorda, Neves e São Matias) que integravam a rede de bibliotecas escolares e que já recebiam apoio da BMB ao nível da constituição dos respetivos fundos bibliográficos (junto com mais 8 escolas de meio urbano). Para além da Divisão de Bibliotecas contava-se também com a participação de outros serviços da Câmara Municipal de Beja ligados à intervenção sócio-cultural, como por exemplo a Divisão de Cultura e Desporto, a Casa do Lago e a Bedoteca fim de se constituir uma rede de *programadores*, bibliotecários, técnicos sociais, mediadores e animadores capazes de trabalhar concertadamente (utilizando antes de mais os recursos disponíveis e o diálogo) em torno das populações rurais do concelho, contribuindo dessa forma para a resolução dos problemas que *historicamente* têm vindo a afetar estas comunidades – exclusão social, baixos índices de literacia, fraca participação nos processos de decisão e no exercício de cidadania, progressiva desvitalização das suas dinâmicas sócio-culturais *tradicionais* e inexistência de alternativas coerentes e integradas.

Obtida luz verde por parte do Executivo, e a fim de clarificar participações, formalizar responsabilidades e garantir a sustentabilidade do projeto, foi elaborado um protocolo a firmar entre a Câmara Municipal e cada uma das Juntas de Freguesia do Concelho envolvidas no Programa tendo como objetivo comum o desenvolvimento de «uma política de acesso à informação e à leitura criando condições para a concepção de dinâmicas culturais junto da população em meio rural»¹⁷².

Neste protocolo apontavam-se 4 linhas de atuação: 1) revitalização dos Pólos da Biblioteca Municipal instalados nas freguesias, cabendo à Biblioteca Municipal a requalificação e atualização das coleções (através de orçamento anual específico para

¹⁷² Extraído do modelo do acordo de parceria entre a CMB e as Juntas de Freguesia: *Programa de Leitura em Meio Rural – Biblioteca Andarilha: Protocolo de Parceria entre a Câmara Municipal de Beja e as Juntas de Freguesia do Concelho* [modelo com data de 2009], p.1.

constituição do fundo documental do Programa) e à Junta de Freguesia assegurar a manutenção regular dos serviços públicos (consulta, empréstimo, pesquisa e atividades de promoção da leitura) assim como a «conservação, difusão, dinamização e recolha de elementos com vista à aquisição de novos documentos para o fundo do Programa»; 2) criação da Biblioteca Itinerante garantindo o serviço quinzenal de empréstimo em todas as Freguesias onde não existam Pólos, exclusivamente a cargo da BMB (apetrechamento, coleção, dinamização com recursos humanos permanentes e despesas de manutenção), sendo pedido às Juntas a cedência de corrente elétrica nos locais de paragem da carrinha; 3) criação de pequenos núcleos de leitura de periódicos em todas as freguesias visitadas pela biblioteca itinerante (mobiliário e publicações); 4) constituição de pequenas coleções com recursos bibliográficos e pedagógicos (*maletas*) para empréstimo coletivo às escolas das freguesias que não dispõem de pólo/biblioteca escolar.¹⁷³

No que toca ao desenvolvimento de atividades de animação e promoção da leitura, a BMB comprometia-se a assegurar a coordenação do processo e a inscrever anualmente uma parcela do seu orçamento para esse fim; às Juntas de Freguesia competiria o pagamento das despesas de alimentação e deslocação das pessoas envolvidas no processo, cabendo à CMB integrar na programação da Divisão de Desporto e Cultura atividades a desenvolver nas freguesias rurais do conselho.

Neste documento são também definidos os recursos humanos a disponibilizar para a implementação do Programa: três técnicos da Biblioteca Municipal a funcionarem em permanência no projeto (um bibliotecário com funções de coordenação, um técnico de biblioteca e um animador sócio-cultural para a dinamização da unidade itinerante) e um assistente técnico na área de biblioteca para dinamizar cada pólo e apoiar a atividade da biblioteca itinerante (7 horas/semana), a contratar pela Junta de Freguesia, (comprometendo-se a Câmara Municipal a pagar 50% do seu ordenado); previa-se ainda a colaboração pontual de outros técnicos da autarquia (provenientes da Biblioteca Municipal e doutros setores culturais).

¹⁷³ Cf. *Protocolo de Parceria*, p.2.

Finalmente, estipulava-se um compromisso mútuo e reciprocamente denunciável em relação à participação em reuniões periódicas de planeamento, à implementação de instrumentos de avaliação do grau de satisfação dos públicos-alvo do Programa e à avaliação semestral do desempenho de cada uma das partes envolvidas.

Integrada na rede de trabalho do *Programa de Leitura em Meio Rural* e assinados os respetivos *Protocolos* com as Juntas de Freguesia parceiras do projeto, a biblioteca itinerante - a que foi atribuído o nome próprio de *Biblioteca Andarilha* - fez-se à estrada em 31 de agosto de 2009, decidida a trabalhar *para e com* as populações rurais do concelho de Beja, contando com um programa de lançamento do projeto e apresentação à comunidade de cerca de duas semanas que incluía espetáculos itinerantes, contos e oficinas de expressões. Dia 18 de setembro o novo serviço da Biblioteca Municipal de Beja foi formalmente apresentado à cidade.¹⁷⁴



Imagem 2 – Vista da Biblioteca Municipal José Saramago e do local de partida da *Biblioteca Andarilha*

¹⁷⁴ Cf. notícia publicada no site da CMB. [Consult. 14 Jun. 2012] em WWW:<URL:http://www.cm-beja.pt/portal/page?_pageid=73,46210&_dad=portal&_schema=PORTAL¬icias_detalhe_qry=BOUI=27218>.

6.2. CARACTERIZAÇÃO DA *BIBLIOTECA ANDARILHA*¹⁷⁵

6.2.1. Identificação e missão

Criada em 2009 no âmbito do *Programa de Leitura em Meio Rural*, a *Biblioteca Andarilha* encontra-se integrada na estratégia de leitura pública da Biblioteca Municipal de Beja/José Saramago, constituindo-se como um dos seus serviços de extensão, particularmente vocacionado para o trabalho com as comunidades rurais do concelho, em articulação com os *Pólos* da biblioteca.

Consiste num equipamento móvel dinamizado por uma equipa permanente de profissionais de biblioteca e animação sócio cultural, em articulação com os serviços centrais da Biblioteca, que com uma coleção própria organizada em função das necessidades dos seus utilizadores e meios técnicos e tecnológicos adequados pretende prestar serviços de informação, de promoção do livro e da leitura e de dinamização sócio-cultural em todas as freguesias do concelho, de forma integrada, planificada, periódica e publicitada.

6.2.2. Enquadramento institucional, estrutura organizativa e parcerias

A *Biblioteca Andarilha* depende organicamente da Divisão de Bibliotecas, estando integrada no Serviço de Extensão Bibliotecária, sob a coordenação da técnica superior de biblioteca Dra. Cristina Taquelim, mentora do *Programa de Leitura em Meio Rural* e responsável igualmente pelo Serviço de Mediação Leitora, pelos Projetos de Promoção das Leituras e pelo Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares, facto este que concorre para uma *natural* integração, à partida, de programas e recursos destas várias áreas.

¹⁷⁵ As fontes utilizadas para a caracterização da *Biblioteca Andarilha*, salvo indicação em contrário e para além das referidas no capítulo anterior, foram: Estatísticas da *Biblioteca Andarilha* de 2009, 2010 e 2011 - inscrições, empréstimos e utilização presencial; *site* da CMB; *blogue* da *Biblioteca Andarilha*; materiais de divulgação - horários e percursos (Anexos 1 e 2); inquérito dirigido às bibliotecas municipais com extensão móvel realizado no âmbito do estudo em questão; consultas e entrevistas informais aos técnicos; observação direta e notas recolhidas no terreno. Ver também as tabelas elaboradas para a análise dos utilizadores e utilizações da *Biblioteca Andarilha* disponíveis em apêndice: *Quadro comparativo de 6 unidades itinerantes dependentes de Bibliotecas Municipais de tipologia BM2*; *Quadro síntese 2009-2011: inscrições, empréstimos e utilizações presenciais*; *Relação entre o nº de leitores e o nº de habitantes das freguesias rurais servidas*; *Relação entre o nº de leitores e o nº de empréstimos*; *Tipos de materiais requisitados por ano* (Apêndices 5-9).

Pelo facto de ser uma unidade de trabalho autónoma, com uma natureza física própria e uma grande abrangência técnica-operacional, e por estar integrada num programa com objetivos partilhados e numa lógica de atuação em rede, a *Biblioteca Andarilha* tem de se articular, necessariamente, com um conjunto complexo e dinâmico de estruturas, técnicos e parceiros.

A manutenção do veículo, por exemplo, obriga desde logo à sua articulação com setores da CMB exteriores à Divisão de Bibliotecas. A prestação do serviço de apoio à comunidade, que é feito em articulação com o balcão único da Autarquia, igualmente.

Por outro lado, para funcionar como estrutura bibliotecária autónoma e para além da sua equipa permanente, a *Andarilha* tem de contar com a colaboração dos Serviços Técnicos da BMB para a realização de todo o *trabalho de bastidores*, nomeadamente ao nível da aquisição, seleção e tratamento do fundo documental, não esquecendo que para a gestão do fundo documental da unidade itinerante se utiliza o sistema informático integrado de gestão da Biblioteca Municipal.

Tanto a programação cultural, que se tenta delinear de forma integrada, como a produção e atualização dos materiais de comunicação da Biblioteca Itinerante implicam um trabalho que inevitavelmente envolverá vários técnicos e setores, não só da Biblioteca Municipal, como da Câmara.

Para além da articulação específica com as Juntas de Freguesia de Salvada, Albernoa, e Santa Vitória onde estão instalados os 3 Pólos da Biblioteca atualmente em funcionamento (e cujos técnicos também colaboram regularmente no atendimento ao público da *Andarilha*) a unidade itinerante tem de procurar articular-se com todas as Freguesia do concelho a que pertencem as aldeias/aglomerados onde tem paragem regular – administração, equipamentos sócio-culturais, associações, programação, etc.

Paralelamente aos serviços de empréstimo às comunidades a *Biblioteca Andarilha* desenvolve um trabalho (regular ou pontual) de sensibilização, expressão e mediação leitora - envolvendo e incentivando a utilização da coleção itinerante - junto das escolas básicas do 1º ciclo e/ou Jardins de Infância de S. Matias, Beringel, Mombeja, Baleizão, Trigaches, Santa Clara do Louredo, Neves e Penedo Gordo, com quem tem de manter

um relacionamento *particular*, paralelo aos protocolos existentes entre a BMB e as escolas do concelho.

Mais recentemente, a biblioteca itinerante começou a trabalhar com dois tipos de público muito específicos: os utentes do Centro Terapêutico Horta Nova (reabilitação de toxicod dependentes e alcoólicos) e um grupo de formandos do Centro de Formação de Beja, o que implicou todo um trabalho protocolar, desenvolvido antes e durante o processo, com as instituições em questão (Caritas Diocesana e IEFP).

Paralelamente, e de acordo com o previsto no *Programa de Leitura em Meio Rural* dever-se-á promover a articulação desta unidade itinerante e da Divisão de Bibliotecas de que depende com os vários setores da autarquia envolvidos com a cultura, a educação, o trabalho social e associativo (e equipamentos associados) no âmbito de uma intervenção social, cultural e programação integradas, tendo como alvo públicos e políticas comuns.

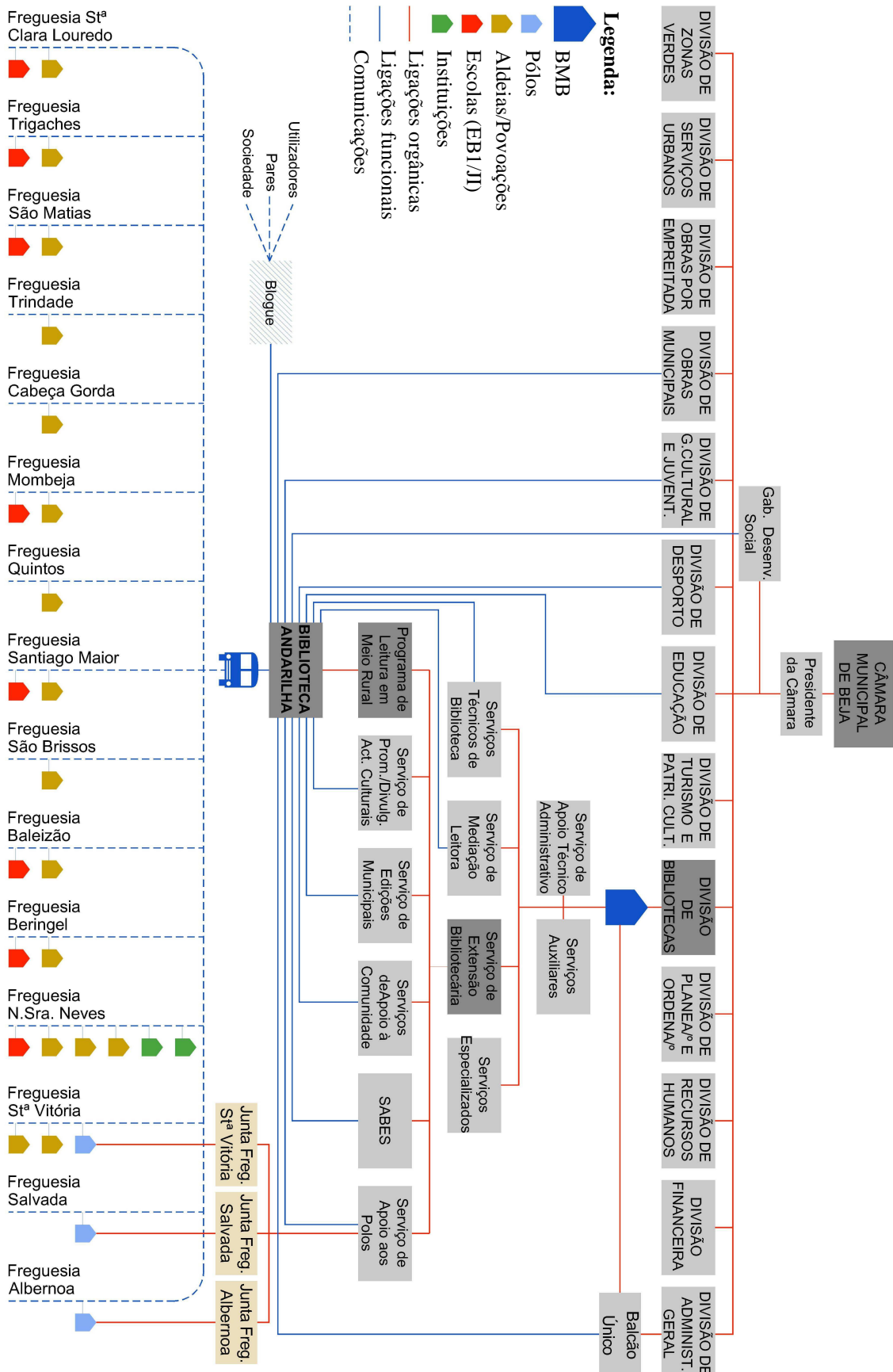
A procura de financiamentos exteriores ao Município e a identificação de parceiros a nível local (entre a população, os vários setores de atividade, junto das associações e de equipamentos comunitários culturais, recreativos, desportivos ou de saúde, etc.) implica outras tantas ligações e compromissos que importa considerar.

Por fim, há que ter em conta ainda a comunicação remota com os seus utilizadores, a divulgação do trabalho realizado e a partilha de experiências e conhecimentos interpares e com a sociedade em geral realizada através dos textos, imagens, vídeos e outros documentos publicados no *blogue* pela equipa da *Biblioteca Andarilha*.

Assim e como causa e consequência da sua flexibilidade, polivalência e natureza intrinsecamente dinâmica, a *Biblioteca Andarilha* encontra-se no meio de uma teia complexa de recursos, pessoas e funções que pretende, de alguma forma relacionar e rentabilizar e cuja tradução gráfica propomos no diagrama que a seguir apresentamos.¹⁷⁶

¹⁷⁶ Para o desenho dos 2 primeiros níveis do diagrama Tomou-se como ponto de partida os organogramas da CMB e das suas várias divisões constantes no documento *Proposta de Modelo de Estrutura Orgânica nos termos do Decreto-Lei nº305/2009, de 23 de outubro*, datado de 29-09-2010.

Gráfico 5 (Diagrama) – Biblioteca Andarilha - articulação com os serviços municipais, parceiros e públicos



6.2.3. Finalidades

- Contribuir para uma maior igualdade de direitos e oportunidades no acesso aos bens culturais e de informação;
- Captar novos públicos;
- Elevar o índice de leitura pública nas freguesias rurais e periferia urbana da cidade;
- Diminuir o número de infoexcluídos no concelho de Beja;
- Combater a iliteracia;
- Combater a exclusão social;
- Promover o desenvolvimento sócio-cultural das comunidades rurais do concelho;
- Consciencializar e incentivar a prática da cidadania.

6.2.4. Objetivos

- Promover o livro e os hábitos de leitura junto das comunidades das freguesias rurais;
- Disponibilizar um serviço de apoio e informação à comunidade que inclui a ligação com os serviços centrais do município de Beja;
- Promover novas competências de acesso à informação através da disponibilização de diferentes suportes;
- Dinamizar a renovação dos fundos documentais das Bibliotecas Escolares e Pólos (já apoiadas pela BMB);
- Desenvolver atividades de animação da leitura e de animação cultural;
- Implementar ações de dinamização sócio-cultural (em articulação com os Pólos da Biblioteca e com os demais parceiros da área sócio-cultural do Município);
- Identificar manifestações ligadas ao património cultural imaterial local e contribuir para a sua recolha e registo;
- Identificar parceiros e dinâmicas locais a explorar.

6.2.5. Públicos, utilizadores e utilizações

Tendo como destinatários preferenciais as populações dos espaços rurais que não dispõem de serviços de biblioteca, a *Biblioteca Andarilha* já visitou todas as freguesias do concelho, num total de 36 localidades/instituições abrangidas entre 2009 e 2012.

Quadro 4 – Públicos servidos pela *Biblioteca Andarilha* por paragem/freguesia e recetividade

FREGUESIAS	LOCAIS DE PARAGEM	ATIVIDADE	Nº INS.	FUNC./REC.
ALBERNOA	Albernoa – Pólo	2009	-	(0)
BALEIZÃO	Baleizão	Desde 2009	38	(+) / (=)
	EB1/J1 de Baleizão	Desde 2010	?	(+)
BERINGEL	Beringel	Desde 2009	38	(+) / (>)
	EB1/J1 de Beringel	Desde 2010	?	(-)
CABEÇA GORDA	Cabeça Gorda	Desde 2009	45	(+) / (>)
MOMBEJA	Mombeja	Desde 2009	19	(+) / (≈)
	EB1 de Mombeja	Desde 2010	?	(+)
NOSSA SENHORA DAS NEVES	Neves	Desde 2009	16	(-) / (≈)
	EB1/J1 das Neves	Desde 2010	?	(+)
	Padrão	2009-2010	2	(0) / (2)
	Vila Azedo	Desde 2009	4	(+) / (=)
	Porto Peles	Desde 2009	12	(+) / (=)
	Centro Terapêutico Horta Nova	Desde 2011	21	(+) / (=)
	Centro de Formação Profissional	Desde 2011	?	(+) / (≈)
QUINTOS	Quintos	Desde 2009	4	(+) / (=)
	Centro de Dia de Quintos	2009-2011	-	(0)
SALVADA	Salvada – Pólo	2009	-	(0)
SALVADOR	Bairro do Pelame	2009-2010	3	(0) / (1)
	Bairro da N. Sra. Conceição	2009-2011	0	(0) / (1)
SANTA CLARA DO LOUREDO	Santa Clara do Louredo	Desde 2009	21	(+) / (=)
	EB1/J1 de Sta. Clara Louredo	Desde 2010	?	(-)
SANTA MARIA DA FEIRA	Bairro da Esperança	2009-2011	10	(0) / (3)
SANTA VITÓRIA	Santa Vitória – Pólo	2009	-	(0)
	Monte da Juliana	Desde 2009	2	(+) / (=)
	Mina da Juliana	Desde 2009	2	(+) / (=)
SANTIAGO MAIOR	Penedo Gordo¹⁷⁷	Desde 2009	36	(+) / (>)
	EB1/J1 de Penedo Gordo	Desde 2010	?	EB(+); JI(+)
SÃO BRISSOS	São Brissos	Desde 2009	4	(-) / (<)
SÃO JOÃO BAPTISTA	Bairro de S. João	2009-2011	0	(0) / (1)
	Regimento de Infantaria nº 3	2009-2011	12	(0) / (2)
SÃO MATIAS	São Matias	Desde 2009	24	(+) / (<)
	EB1/J1 de S. Matias	Desde 2010	?	(+)
TRINDADE	Trindade	Desde 2009	15	(+) / (>)
TRIGACHES	Trigaches	Desde 2009	13	(+) / (=)
	EB1/J1 de Trigaches	Desde 2010	?	(+)

Legenda:

Nº INS.: Nº de inscrições por localidade - total 2010-2011 (segundo estatísticas disponíveis)

FUNC. : Funcionamento (segundo informações da equipa técnica da *Andarilha*):

 Não funciona (0); Funciona mal (-); Funciona (+-); Funciona bem (+)

REC. : Recetividade (segundo informações da equipa técnica da *Andarilha*):

 Aumentado (>); Diminuído (<); Mantido (=); Variável (≈)

(1) Localidades essencialmente urbanas onde não se obteve qualquer recetividade.

(2) Paragens criadas por solicitação externa. O nº de utilizações não justificava a sua manutenção.

(3) Paragem substituída por um projeto *Biblioteca Fora de Portas – Leitura de Cueiros*.

¹⁷⁷ Apesar de ser uma aldeia (rural) Porto Peles depende administrativamente de uma Freguesia urbana.

A *Biblioteca Andarilha* já disponibilizou os seus serviços de leitura presencial e empréstimo às populações residentes em 17 comunidades rurais integradas em 12 freguesias e em 4 bairros urbanos distribuídos por 3 freguesias situadas na cidade de Beja; serviu os alunos e professores/educadores de 8 escolas do 1º ciclo do ensino básico + 7 jardins de infância sediados em 8 aldeias e os utentes/residentes de 5 instituições – 1 Centro de Dia, 1 Regimento de Infantaria, 1 Centro de Formação Profissional e 1 Comunidade Terapêutica.

Aos residentes de Albernoa, Salvada e Santa Vitória, localidades onde existem Pólos da BMB, esta biblioteca itinerante tem vindo a proporcionar, complementarmente, algumas atividades de animação cultural, inicialmente em regime mensal e agora de forma pontual.

Em 30 de maio de 2012 a *Biblioteca Andarilha* registava 650 leitores inscritos¹⁷⁸, tendo o maior número de inscrições ocorrido ainda em 2009, nos primeiros meses de atividade da carrinha. Em 2011 contava com uma média de cerca de 11 novas inscrições por mês, sendo que a tendência natural, dada a reduzida dimensão e fraca densidade populacional da maioria dos aglomerados rurais visitados,¹⁷⁹ a tendência parece ser para o número de novas inscrições decrescer, embora o total de leitores da itinerante de Beja continue a aumentar.

Cerca de metade dos leitores inscritos entre 2010 e 2011 têm idades compreendidas entre os 18 e os 65 anos de idade. As crianças representam quase 35%. Mais de 70% são mulheres.

É de assinalar o facto de muitos dos alunos das escolas servidas pela *Andarilha* não estarem individualmente inscritos como leitores, sendo as requisições de materiais feitas em nome do professor respetivo, o que não nos permite contabilizar com rigor a quantidade de leitores efetivos da biblioteca; o nº dos empréstimos de literatura infantil, porém, traduz fielmente a realidade das utilizações por parte da população escolar.¹⁸⁰

¹⁷⁸ Informação constante no questionário do Inquérito às Bibliotecas Municipais com extensão móvel referente à *Andarilha* respondido em 30-05-2012.

¹⁷⁹ A Freguesia de S. Brissos tem apenas 108 habitantes! Quintos, por exemplo, com uma área de quase 14.000ha (4 vezes maior do que a maior das freguesias urbanas do concelho) tem pouco mais do que 250 habitantes. Fonte: Associação Nacional de Municípios Portugueses.

¹⁸⁰ Em Mombeja, por exemplo, 1 criança = 1 cartão de leitor; nas escolas de outras localidades opta-se por um *cartão escola/professor*, onde se registam os empréstimos coletivos respeitantes a várias crianças.

Entre janeiro e junho de 2010 o público infantil garantiu quase 50% dos empréstimos. Porém, são poucas as crianças que utilizando os serviços de empréstimo ao longo do ano letivo, como alunos, continuam a recorrer à *Biblioteca Andarilha* de forma autónoma (nos períodos de férias).

O nº de empréstimos realizados pela *Andarilha* tem vindo a aumentar continuamente desde 2009, tendo atingido no final de 2011, e com 2 anos e 3 meses de atividade, o total de 9.389 materiais emprestados à população. Quanto à utilização presencial (leitura de periódicos, consulta, jogos, computador e internet, aconselhamento e *sociabilização*), e que não exige inscrição, as estatísticas da *Andarilha* assinalam um total de 7.192 presenças entre 2010 e 2011¹⁸¹, com expressão idêntica em ambos os anos. São também mais as mulheres a utilizar os serviços *presenciais* da itinerante (cerca do dobro).

Tanto ao nível das inscrições como das utilizações presenciais a faixa etária com menor expressão é a dos jovens (13-17 anos). No conjunto dos 3 anos de referência (2009-2011) estes utilizadores não chegam a representar 5% dos leitores registados. Excetuando a localidade de São Brissos (onde os utilizadores com mais de 65 anos são ainda menos assíduos), os jovens são também aqueles que menos visitam a *Andarilha*, chegando a sua presença a ser nula em várias localidades.

O público de Mombeja é quem mais lê, tendo assegurado mais de 10% dos empréstimos realizados entre 2010 e 2011,¹⁸² seguido das localidades de Santa Clara do Louredo, São Matias, Trindade e Trigaches (que andam entre os 7 e os 8%). De todas estas localidades, Mombeja e Trindade são as que menos habitantes têm (274 e 384 em cada freguesia, respetivamente), o que acentua a expressão destes resultados. À exceção de Trindade, em todas as povoações onde se regista um maior número de empréstimos estão sediadas escolas o que, naturalmente, tem um peso significativo na quantidade de materiais requisitados.¹⁸³ A povoação de Porto Peles (freguesia de Nossa Sra. das Neves), apesar de ter apenas 2 ou 3 ruas e não mais de 100 habitantes requisitou em

¹⁸¹ Em 2009 a equipa da *Andarilha* ainda não fazia a contabilização das utilizações presenciais.

¹⁸² Não existem, para 2009, estatísticas das inscrições nem dos empréstimos discriminadas por localidade.

¹⁸³ Uma só turma pode efetuar, numa visita à biblioteca, mais de 20 empréstimos, por exemplo.

2010 cerca de 250 livros/CD's, o que se traduziu em mais de 5% da totalidade dos empréstimos efetuados!¹⁸⁴

As localidades que apresentam maior nº de empréstimos coincidem, *grosso modo*, com aquelas onde existem mais leitores inscritos, em termos absolutos. Não obstante, o nº total de leitores inscritos em cada localidade ou o nº total de empréstimos efetuados, embora traduza o grau de utilização do equipamento e a maior ou menor fidelização das pessoas aos serviços da *Biblioteca Andarilha*, não é suficiente para definir o impacto que este projeto tem tido junto das populações rurais no seu todo, uma vez que há diferenças assinaláveis em relação ao total de residentes de cada aglomerado¹⁸⁵ que é preciso ponderar. Por outro lado, também se pode dar o caso de haver uma concentração de leitores *mais compulsivos* numa determinada aldeia, o que se pode traduzir em muitos empréstimos mas poucos leitores captados. Tendo em conta estes fatores, a opinião da equipa técnica relativamente ao funcionamento e recetividade dos públicos encontrados nas diversas paragens (variável representada no Quadro 4, atrás apresentado) afigura-se-nos como uma ferramenta de ponderação pertinente para aferir o grau de adesão e entrosamento das/com as várias populações.

Assim, e segundo a equipa da *Andarilha*, as paragens que melhor funcionam são as de Baleizão, Porto Peles, Santa Clara do Louredo, S. Matias, Trindade, Trigaches e Mombeja. O CFP e o Centro Terapêutico Horta Nova também estão a funcionar bem. Neves, São Brissos e as escolas de Santa Clara do Louredo e de Beringel pelo contrário, sendo de atentar ao caso de São Matias onde as utilizações estão a decrescer apesar de existir boa recetividade ao equipamento.

Tendo em consideração as variações da população residente em cada localidade, São Brissos e Nossa Senhora das Neves são aquelas que apresentam os maiores *índices de adesão* ao projeto (nº de leitores inscritos por nº de habitantes da freguesia).

¹⁸⁴ Cf. Apêndice 6 - *Utilizações da Biblioteca Andarilha: Quadro Síntese 2009-2011: Inscrições, empréstimos e utilizações presenciais.*

¹⁸⁵ Se em Beringel habitam cerca de 1.300 pessoas, São Brissos, que faz fronteira com esta freguesia, conta apenas com 108.

Curiosamente, São Brissos é a freguesia menos povoada do concelho e Nossa Senhora das Neves a mais povoada das consideradas rurais.¹⁸⁶

A média de empréstimos que cada leitor faz por ano considerando o total de utilizadores inscritos na *Biblioteca Andarilha* entre 2009 e 2012 anda à volta dos 7. Neste rácio empréstimos/leitor/ano destacam-se as freguesias de Penedo Gordo, com uma média de 136,50 empréstimos feitos por cada leitor inscrito por ano,¹⁸⁷ seguida de São Matias e da Mina de Juliana (89,50 e 51,25); em qualquer destas povoações o nº de leitores inscritos entre 2011 e 2012 é particularmente escasso (entre 2 e 4), o que torna o nº de empréstimos surpreendente. Há que ter em conta o facto das inscrições registadas em 2009 (260) não estarem tratadas estatisticamente por localidade, o que provoca um *inflacionamento* do nº de empréstimos por leitor ocorridos entre 2010 e 2011 nas várias paragens.

Os materiais mais requisitados são claramente os livros. Os CD's de áudio (música, anedotas, histórias) não chegaram a representar 8% das requisições feitas entre 2009 e 2011. Dentro dos livros emprestados, a esmagadora maioria é literatura, tanto a infantil como a para adultos, representando em ambos os casos mais de 80% do total de livros requisitados por um e por outro tipo de público. No total dos 3 anos a quantidade de livros requisitados por crianças e por adultos é equivalente (4.437 e 4.236, respetivamente), perfazendo 8.673 empréstimos dentro do total de 9.389 materiais requisitados pelos públicos da *Andarilha*.¹⁸⁸

Em relação ao tipo de leituras, e segundo as informações fornecidas pelas técnicas da *Andarilha*,¹⁸⁹ os livros mais lidos e pedidos são os romances e as histórias de vida (literatura estrangeira de carácter mais *comercial* ou mesmo *sensacionalista*); os livros (ficção, ensaio, etc.) escritos por *autores mediáticos*; os livros de poesia de autores locais; os *clássicos* da literatura portuguesa e os livros de *autoajuda*. As mulheres pesquisam e consultam documentos sobre culinária, saúde e labores, enquanto os

¹⁸⁶ Cf. Apêndice 7 - *Utilizações da Biblioteca Andarilha: Relação entre o nº de leitores e o nº de habitantes das freguesias rurais servidas.*

¹⁸⁷ Cf. Apêndice 8: *Utilizações da Biblioteca Andarilha: Relação entre o nº de leitores e o nº de empréstimos.*

¹⁸⁸ Cf. Apêndice 9: *Utilizações da Biblioteca Andarilha: Tipos de materiais requisitados por ano.*

¹⁸⁹ O conteúdo dos empréstimos feitos por cada leitor é sigiloso. As estatísticas da *Andarilha* disponíveis só contemplam as categorias Livros/CD's, Adulto/Infantil, Literatura/Específico. Cf. Apêndice 9.

homens (os que não se ficam pelos jornais, que é a maioria), preferem a geografia e a história. A literatura infantil, como já atrás se viu, é muito requisitada.

Apesar das comunidades rurais serem o público-alvo da *Andarilha*, e acedendo às solicitações de algumas entidades locais, a Biblioteca Municipal acrescentou às populações servidas pela sua unidade itinerante o Regimento de Infantaria 3, ainda em 2009, e os utentes do Centro de Formação Profissional de Beja e do Centro Terapêutico Horta Nova (reabilitação de pessoas com problemas de toxicod dependência), em 2011. Entretanto, a paragem no RI3, à semelhança dos bairros periféricos da cidade (Nossa Sra. da Conceição, Esperança, Pelame e São João) e da paragem no Padrão (onde só havia 1 leitor, que recorria habitualmente à BMB) acabou por ser extinta, já que nessas paragens os níveis tanto dos empréstimos como da utilização presencial se mostravam inexpressivos.

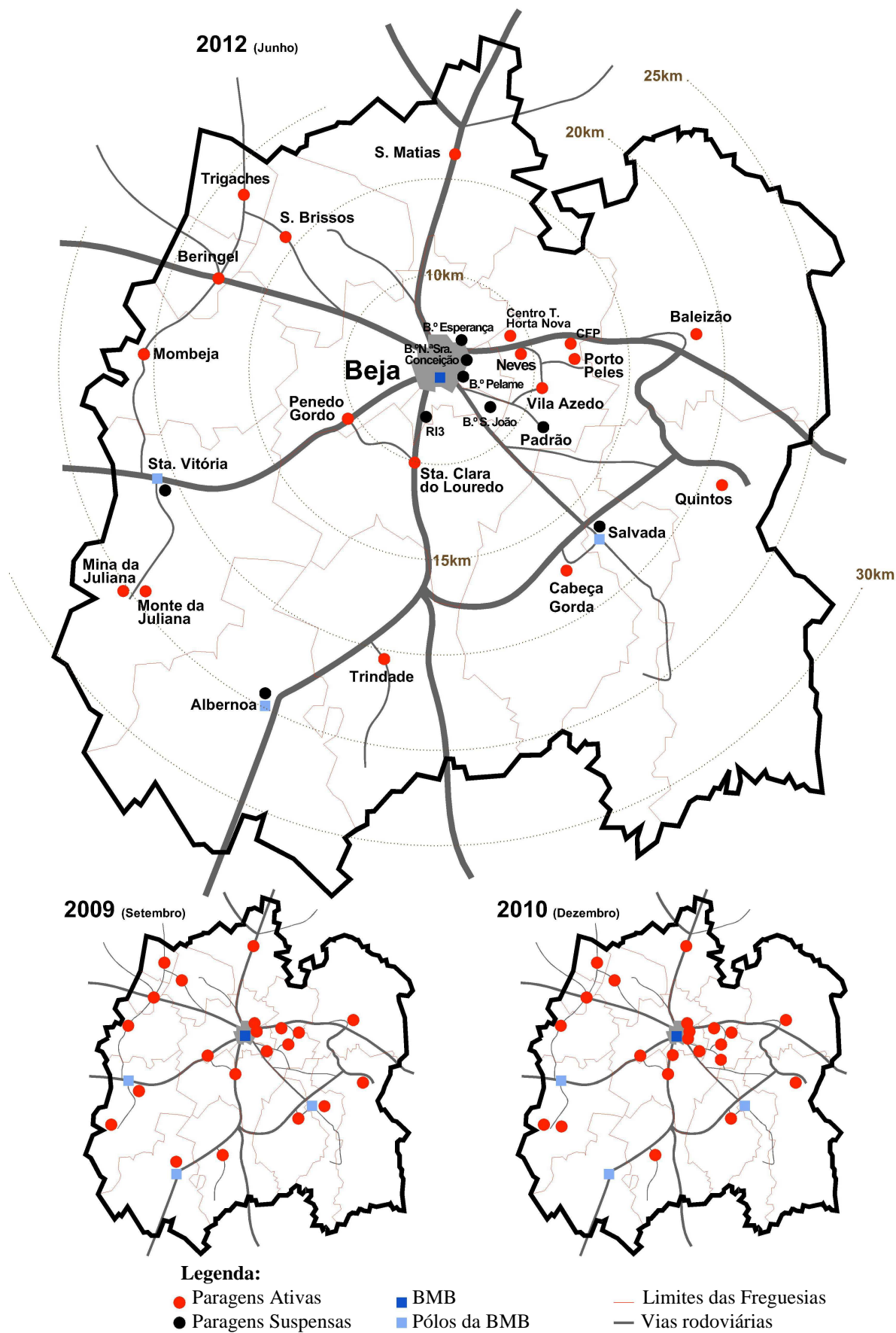
A suspensão da paragem no Bairro da Esperança foi antecedida por uma reflexão que permitiu identificar a pertinência de um trabalho de base com um cariz mais social onde as atividades de mediação leitora fossem pretexto para formar, responsabilizar e incentivar as autonomias. Assim, foi elaborado um projeto na área da intervenção precoce junto de grupos em situação de risco chamado *Leitura de Cueiros* que obteve o financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian e deu início recentemente.

Em projeto encontra-se a possibilidade da *Andarilha* vir a servir os reclusos do Estabelecimento Prisional de Beja, onde a BMB vem desenvolvendo um projeto de mediação leitora com resultados muito positivos.

6.2.6. Abrangência territorial e itinerários

Tendo começado por fazer 21 paragens, a *Biblioteca Andarilha* conta atualmente no seu itinerário com 18, cobrindo 13 das 18 freguesias do concelho de Beja. Das 5 freguesias que neste momento não estão abrangidas pelo trabalho da unidade móvel, 2 dispõem de um Pólo da Biblioteca Municipal (Albernoa, Salvada) e 3 localizam-se em área urbana (S. João Baptista, Santa Maria da Feira, Salvador) onde este tipo de serviço não se mostrou eficaz e/ou justificável dado o nº inexpressivo de utilizadores/utilizações (zonas *dormitório* da cidade) e a proximidade com os serviços da Biblioteca Municipal.

Mapas 8/9/10 – Itinerários e abrangência territorial da Biblioteca Andarilha. 2009, 2010, 2012



Em junho de 2012 dezasseis comunidades rurais do concelho de Beja dispõem dos serviços regulares da *Biblioteca Andarilha*, estendendo a ação da BMB até um raio de cerca de 25km.

6.2.7. Periodicidade, horários e acesso

As 18 localidades/instituições servidas atualmente pela *Biblioteca Andarilha* são visitadas com carácter obrigatório e regular, dentro de uma periodicidade quinzenal. A definição exata dos dias e da hora de passagem nas *Paragens de Leitura* assinaladas é feita/atualizada trimestralmente, em folheto próprio divulgado junto dos leitores, estando a sua versão eletrónica disponível no *blogue* da *Andarilha*.¹⁹⁰

Nos locais onde as visitas estão a funcionar bem (recetividade, procura e utilização) tem-se procurado, sempre que possível, manter as visitas nos mesmos dias e horas da semana de forma a não quebrar o hábito criado. Nos restantes casos, são feitos regularmente os ajustes necessários para servir todas as localidades, para integrar novas paragens identificadas como pertinentes e para ir ao encontro dos ritmos locais, sem esquecer as limitações da própria equipa, que embora sendo permanente não é exclusiva.

O trabalho de atendimento ao público é feito de terça a quinta-feira entre as 10.00 e as 20.00. Às sextas-feiras a carrinha só funciona da parte da manhã, sendo a tarde utilizada, tal como a segunda-feira, para trabalho de retaguarda – limpeza e manutenção do veículo, renovação e/ou reorganização da coleção, preparação de atividades, gestão documental, estatística, reuniões de coordenação e de organização do serviço, atualização do *blogue*, etc. Aos sábados de tarde são realizadas, embora em regime não regular, atividades de dinamização cultural nos Pólos.

Contemplando as variações do clima (horas de luz e picos de calor no verão) e dos hábitos das populações com elas relacionadas, existe um *horário de inverno* (10.00-12.00/ 14.30-17.30) e um *horário de verão* (10.00-12.00/12.15 + 17.30-20.00).

¹⁹⁰ Cf. Anexo 1.

A unidade móvel visita por dia entre 2 e 4 locais. A duração das paragens varia entre 1 hora no mínimo e 2 no máximo e é feita junto de locais de maior frequência comunitária: no largo da igreja, na praça ou na rua principal, junto às escolas ou à paragem das camionetas, em frente ao café onde as pessoas se reúnem, etc.

A chegada da carrinha às localidades é, desde sempre, anunciada por altifalante usando a melodia de um *amola-tesouras*. Antes da *Biblioteca Andarilha* parar e abrir as suas portas é hábito dar várias voltas à povoação a fim de assinalar a sua presença.

O acesso aos serviços e recursos da *Biblioteca Andarilha* é público, universal e gratuito. Os empréstimos domiciliários exigem cartão de leitor, que é gratuito e válido também na Biblioteca Central e nos Pólos.

6.2.8. Serviços, recursos e atividades no terreno

Para além do serviço de empréstimo (livros e CD's áudio), autorizado apenas aos leitores inscritos, a *Andarilha* disponibiliza um conjunto de recursos que podem ser utilizados por qualquer pessoa, *in loco*, durante o período de paragem nas várias localidades: consulta e uso presencial de todos os materiais do seu fundo em livre acesso; recursos áudio, vídeo e multimédia; um posto de computador (e respetivo *software*); acesso à Internet e ao catálogo em linha da BMB; leitura de jornais e revistas; reprodução, impressão e digitalização de documentos.

Os técnicos da unidade itinerante asseguram ainda o serviço de referência bibliográfica e o serviço de apoio/informação à comunidade em articulação com o Balcão Único da Autarquia, essencialmente no que toca ao fornecimento de informações, formulários e ajuda no preenchimento de documentação e no manuseamento do Portal eletrónico da CMB.¹⁹¹

¹⁹¹ A periodicidade quinzenal das visitas e os problemas nas comunicações remotas por falta de cobertura de rede em certas localidades impossibilita um uso mais alargado/sistemático deste tipo de serviço, que exige o cumprimento rigoroso de prazos. Por outro lado, as populações rurais não têm o hábito de tratar das suas questões burocráticas (requerimentos, licenças, registos, validação de documentos, pagamentos, etc.) por via eletrónica, preferindo fazê-lo diretamente nos serviços das Juntas de Freguesia.

A *Biblioteca Andarilha* pratica ainda o empréstimo interbibliotecário e disponibiliza o serviço de leitura em suportes especiais - áudio-livros e documentos em Braille. Mediante requisição, também faz a entrega nas escolas de lotes (*maletas*) de livros e outros recursos pedagógicos para serem trabalhados na biblioteca escolar ou na sala de aula dentro de certa temática específica.

Durante o verão, e tendo em conta as férias escolares, a carrinha costuma levar jogos para os mais pequenos (disponibilizados pelo Centro de Recursos da BMB).

Em Baleizão, e por solicitação de uma residente com problemas de locomoção, a *Andarilha* fez, em maio de 2011, uma primeira experiência do que se poderia chamar de *serviço ao domicílio*, tendo acrescentado às 2 paragens habituais na localidade em questão, uma paragem à porta desta leitora.

Para além do atendimento dos leitores e do aconselhamento de leituras, feitos de forma altamente personalizada (quase todos os leitores são tratados pelo nome), a *Biblioteca Andarilha* tem promovido ainda algumas atividades de mediação leitora e de animação cultural, embora não com a regularidade e coordenação previstas.

Depois da apresentação da unidade móvel à população, altura em que se ofereceu às comunidades rurais um programa com várias atividades de animação (contos, teatro, oficinas e música), que deixou boas impressões e algumas memórias, não tem sido fácil manter as atividades regulares de animação sócio-cultural, não só devido aos radicais cortes orçamentais sofridos a partir de 2010, como pelas dificuldades de articulação com as Juntas de Freguesia e os setores da CMB com quem se esperava construir uma estratégia de programação integrada e adequada às reais necessidades destas populações.

Dada a insuficiência de recursos humanos e materiais afetos à *Biblioteca Andarilha*, a colaboração dos técnicos dos Pólos (funcionários em permanência) tem-se mostrado decisiva para assegurar a regularidade na prestação do serviço de leitura às populações rurais, a que se soma a mais valia das dinâmicas por eles já conquistadas junto dos residentes daquelas localidades, tanto ao nível dos hábitos de frequência do espaço e de participação como da receptividade a outras propostas culturais.

Assim, e sempre que há projetos ou eventos mais significativos na BMB e que mobilizam agentes culturais – mediadores, artistas, escritores, narradores – tem-se tentado estender a programação às comunidades rurais através de atividades orientadas por esses mesmos agentes nos Pólos, onde há garantia da participação de um número significativo de pessoas, normalmente crianças. Depois, com base nesse trabalho ou nas temáticas abordadas, a animadora cultural da *Andarilha* procura repercutir as experiências expressivas e educativas nas restantes comunidades rurais, trabalhando a uma escala mais reduzida e para públicos mais incertos em termos de assiduidade.

E é precisamente dada a importância da assiduidade no desenvolvimento de projetos culturais que revelem alguma consistência e que contribuam para a efetiva *qualificação* dos seus públicos, que a *Andarilha* tem vindo a desenvolver atividades de mediação leitora, expressão e criação coletiva nas escolas sediadas em meio rural, trabalho este que tem sido feito em continuidade, pelo menos com as turmas coordenadas por professores/educadores mais dinâmicos e recetivos ao projeto. Nos casos em que os próprios professores mostram total desinteresse em aproveitar e potenciar os recursos oferecidos por este equipamento municipal, não promovendo junto dos seus alunos sequer uma visita à carrinha (estacionada do lado de lá da rua), torna-se quase impraticável chegar às crianças - porque sem hábito e sem interesse só resta a imposição e não será essa a filosofia que determinou a criação da *Andarilha*.

Não obstante, e aproveitando as paragens da biblioteca itinerante nas localidades onde estão sediadas escolas do 1º ciclo e jardins de infância, a animadora cultural da equipa tem-se deslocado ao espaço da sala de aula (regularmente ou pontualmente, conforme a adesão dos docentes), onde, a partir de livros, histórias e outros *dispositivos mágicos* desenvolveu 2 projetos de fundo - *Uma mala mil leituras* (2010-2011) e *Hora do lobo* (2011-2012). Tendo a coordenação da responsável da BMB pelo setor dos projetos de mediação leitora, este trabalho não pretende substituir o papel dos professores e educadores nem *animar* a vida escolar, mas antes lançar ideias e despertar interesses, tendo sempre como finalidade a construção da autonomia e confiança necessárias para as escolas e os agentes educativos locais se consolidarem como parceiros da BMB na *educação para o desenvolvimento* das comunidades rurais.

E aproveitando esta especificidade das bibliotecas móveis enquanto facilitadoras de um natural encontro entre várias formas de cultura, a *Biblioteca Andarilha* tem vindo a desenvolver, de forma gradual e discreta, uma outra valência ligada à recolha e divulgação do património cultural imaterial local. Para além da identificação de um conjunto de informantes residentes no concelho – histórias, saberes, práticas e tradições da região – a equipa da *Andarilha* já escutou várias pessoas, leitores e não leitores, tendo registado junto da população mais idosa (em certos casos analfabeta), alguns aspetos da tradição oral como poemas, contos, orações e modinhas.

Uma experiência muito interessante nesta área aconteceu em dezembro de 2011 em que depois da equipa da itinerante ter assistido ao *Auto do Natal* realizado pelos residentes de Trindade segundo um ritual familiar que tradicionalmente envolvia um grande número de pessoas daquela comunidade (interpretação, figurinos, cenários, organização, etc.), quis aprofundar o contacto com a senhora que coordenava o espetáculo e que é herdeira e guardiã do manuscrito do texto dramático, uma peça única que se acabou por registar em vídeo, acompanhado da descrição da forma como tradicionalmente esta peça era montada e dinamizada e de como ocorreu a *passagem de testemunho*.

A divulgação dos registos destas *manifestações* ou destes *encontros* têm sido tratados com algum cuidado, de forma a não se exporem pessoas e obras de forma desenquadrada ou condescendente e também por razões técnicas, uma vez que dada a informalidade dos processos em questão a qualidade das imagens captadas nem sempre é a melhor. Alguns vídeos (depois das devidas montagens e autorizações) e pequenos *artigos* têm sido publicados no *blogue* da *Biblioteca Andarilha*;¹⁹² outros materiais têm sido conservados em DVD como documentos da BMB, podendo mais tarde ser *devolvidos*, devidamente trabalhados e integrados, às populações rurais por ocasião de certos encontros culturais ou sociais. Alguns destes autores ou narradores populares foram registados pelo *Memoria Media*¹⁹³ (e-Museu do Património Imaterial Português), representando a região de Beja; muitos deles são leitores ou *simpatizantes* da *Andarilha*.

¹⁹² Vídeos de poetas populares disponíveis em Disponível em:WWW:<URL:http://www.bibliotecaandarilha.blogspot.pt/search/label/Poetas%20Populares> [Consult. 15 Ago. 2012].

¹⁹³ Olívia Brissos (Beringel); Edvige Fafael (Baleizão); Mariana dos Santos Pacheco/ Mariana Bicho e Ilda Martins (Salvada); Idalina Cocito (Sta. Clara do Louredo). Cf.:WWW:<URL:http://www.memoriamedia.net/central/index.php?option=com_content&view=article&id=959&Itemid=466 [consultado em 12-07-2012].



Imagens 3/4 – Atividades de mediação leitora e expressão: na escola e numa paragem de leitura



Imagens 7/8 – Na rua, aproveitando as *salas de leitura* existentes nos largos das aldeias

Paralelamente, e respondendo a solicitações específicas das Juntas de Freguesia ou dos residentes têm-se desenvolvido algumas iniciativas de animação cultural, mas com carácter mais pontual, como sejam a *Tarde de sábado no Pólo* ou os *Serões Culturais*, tentando sempre que possível envolver os residentes, estimular a participação e integrar aquilo que a biblioteca oferece com manifestações mais espontâneas da chamada *cultura popular*.

Neste momento, está a ser estudada a hipótese de uma parceria com uma associação local a fim de se unirem esforços e recursos no âmbito de um trabalho de recolha mais profissional e sistemático, integrado num projeto intergeracional de continuidade, a candidatar a um financiamento externo.

A fim de divulgar os seus serviços, consolidar parcerias e ganhar a confiança das populações mais isoladas ou renitentes a *Andarilha* tem ainda marcado presença em alguns eventos locais, sociais ou protocolares, em feiras e mercados, de que são exemplo a Feira Anual do Idoso ou a Semana Aberta promovida pela CMB nas freguesias rurais do Concelho desde o início de janeiro de 2012.

Finalmente, há ainda outra valência desta biblioteca itinerante - que mais do que um serviço é uma função – que se tem vindo empiricamente a impor e que tanto na opinião da mentora do projeto, como da equipa e dos utilizadores da *Andarilha* se tem revelado como um dos fatores de maior peso para o sucesso (ou pertinência) deste equipamento junto das comunidades rurais. Referimo-nos ao espaço de sociabilização que a equipa tem conseguido proporcionar, a presença afável que vem mantendo, a dias e horas certos junto dos utilizadores que vem servindo com rigor, criando um ponto de encontro informal, onde os livros se misturam com as conversas e com as trocas de experiências, contribuindo de forma decisiva para o combate ao isolamento social.

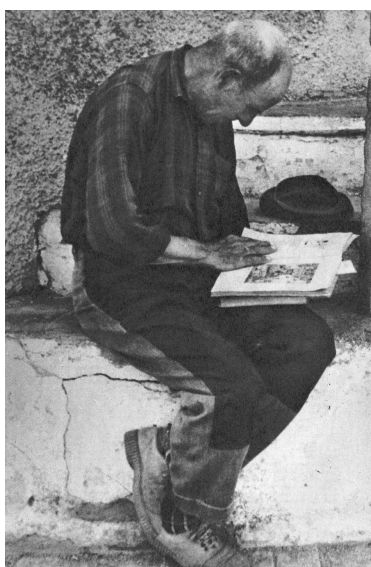


Imagem 9 - Leitor das Bibliotecas Itinerantes da FCG, 196?



Imagem 10 – Leitor da *Biblioteca Andarilha*, 2010

6.2.9. Recursos humanos

A equipa da *Biblioteca Andarilha* é constituída por 3 técnicos da BMB que, não sendo exclusivos, trabalham em permanência neste projeto: uma técnica superior com funções de coordenação - Cristina Taquelim (licenciada em Psicologia e especializada em Ciências Documentais, narradora e mediadora); uma técnica de biblioteca responsável pela execução do projeto e pela dinamização do equipamento – Helena Ribeiro (que embora licenciada em Investigação Social Aplicada e especializada em Ciências Documentais está no quadro da BMB como assistente técnica) e uma animadora sócio-cultural contratada especificamente para colaborar na conceção, execução e dinamização do programa de promoção da leitura e de animação cultural destinado às comunidades rurais – Susana Gomes (licenciada em Animação Sócio-Cultural).

O serviço itinerante é normalmente assegurado por uma equipa de duas pessoas, sendo que a técnica de biblioteca e a animadora cultural partilham as tarefas ligadas ao normal funcionamento do equipamento, como seja a condução do veículo, o atendimento ao público, os empréstimos e devoluções, a manutenção do fundo ou o registo das utilizações para futuro tratamento estatístico. Colaboram igualmente na atualização do *blogue*.

A *Andarilha* conta com a colaboração regular dos técnicos dos Pólos da BMB que participam na dinamização do equipamento – as técnicas de Albernoa e Salvada (ambas funcionárias das Juntas de Freguesia respetivas) contribuem com 1 tarde por semana cada e o de Santa Vitória (funcionário da CMB) com 3 manhãs.

Como já atrás se fez referência, o trabalho técnico de fundo necessário ao funcionamento da unidade itinerante, como o tratamento documental e as aquisições, são asseguradas pelos serviços técnicos da BMB, em articulação com a equipa da *Andarilha*, que participa nas decisões relativas à constituição da coleção e trata da sua renovação, gere os processos de rotação dos fundos bibliográficos entre a carrinha e os 3 pólos e cuida da apresentação dos materiais ao público (limpeza, disposição, imagem).

Pontualmente, há outros funcionários da BMB que também participam nas viagens da unidade itinerante.



Imagem 11 – *Biblioteca Andarilha*: vista de portas abertas

6.2.10. Recursos físicos

A *Biblioteca Andarilha* está instalada numa carrinha tipo furgão (*Renault Master*), de 3.500kg, com 2 lugares sentados, equipada com estantes (estrutura em madeira, prateleiras, portas, gavetas e proteções em madeira e acrílico) com capacidade para mais de 1.500 livros. O veículo dispõe de armários fechados para acondicionar materiais, um posto informático (mesa com PC + cadeira rotativa) e um pequeno balcão para tratar do atendimento ao público (feito através de um PC portátil para uso exclusivo das técnicas).

O público dispõe de um acesso lateral (porta de correr e degrau) e de outro pelas traseiras da carrinha (2 portas); não existe rampa nem outra forma de entrada para pessoas com mobilidade reduzida.

Para além de um toldo, que proporciona sombra aos utilizadores e estende o espaço de leitura para o exterior da carrinha, a *Andarilha* comporta algum mobiliário de plástico, leve, para colocar na rua (1 mesa + 3 cadeiras) junto ao local de paragem. Para os leitores mais novos, leva caixas e cestos com livros e uma manta para estender no chão, no verão.

Os periódicos estão expostos verticalmente na face interior das 2 portas traseiras. Ao lado da entrada lateral existe um painel informativo. A carrinha tem leitor de CD's incorporado, altifalante e tratamento gráfico da superfície exterior personalizado.



Imagens 12/13 – Espaço de leitura pública da *Andarilha*: ao ar livre, aproveitando as sombras



Imagens 14/15 – Acesso livre às estantes e caixas



Imagens 16/17 – Toldo estendido à espera de visitantes e entrando na garagem ao final de um dia na estrada

A equipa da itinerante dispõe de um gabinete próprio instalado na área técnica da BMB onde existem dois postos de computador, telefones, internet e todos os equipamentos necessários para a realização do trabalho de retaguarda, desde o planeamento à avaliação e comunicação. Nesta sala existem estantes para acondicionamento temporário de livros da *Andarilha* itinerante em tratamento ou em trânsito.

A carrinha estaciona numa garagem improvisada na cave da BMB.

6.2.11. Recursos documentais

A *Biblioteca Andarilha* dispõe de uma coleção própria pensada em função das necessidades dos seus potenciais utilizadores e atualizada/ajustada de acordo com as solicitações e preferências dos seus reais leitores. Compõe-se de um total de 2080 livros¹⁹⁴ distribuídos por várias categorias: Literatura portuguesa e estrangeira, Biografias, História, Geografia, Saúde, Educação Física, Gastronomia, Livros de *Autoajuda* e técnicos (jardinagem, trabalhos manuais, labores, informática, etc.), Cultura Popular, Literatura infantil e juvenil, Banda Desenhada, obras de referência e Fundo Local (obras que caracterizam a região nas mais diversas áreas - gastronomia tradicional, património, poesia, crónica e contos, etc.).

Esta coleção inclui ainda 151 CD's áudio com música de vários estilos e para várias idades, humorísticos e de histórias.

Os periódicos têm-se mostrado uma tipologia documental com bastante pertinência dentro do contexto dos públicos e das utilizações presenciais da unidade itinerante, quer seja porque, dada a falta de hábitos de leitura e o limitado nível de instrução ou mesmo analfabetismo dos seus utilizadores, permitem uma abordagem mais gráfica ou funcional dos conteúdos, quer seja porque proporcionam uma leitura informal, que muitas vezes é feita e comentada de forma coletiva. Não obstante, as restrições orçamentais verificadas nos últimos 2 anos implicaram uma redução significativa na diversidade de títulos oferecidos pela *Andarilha* no seu escaparate de publicações periódicas. Atualmente são disponibilizadas para leitura presencial 3 revistas mensais¹⁹⁵ de decoração, labores e caça e 4 semanais¹⁹⁶ de *fait divers*, informação e culinária; jornais diários – generalistas e desporto - existem 4 e na categoria dos semanários apenas consta o *Diário do Alentejo*.¹⁹⁷

A coleção da *Andarilha* participa num sistema de rotação com os 3 Pólos da BMB que permite rentabilizar os fundos documentais existentes e assegurar a renovação dos

¹⁹⁴ 14,50 metros lineares.

¹⁹⁵ *Arte Ideias: mãos de fada*, *Arte Ideias: um mundo de labores*, *Caça e cães de caça*.

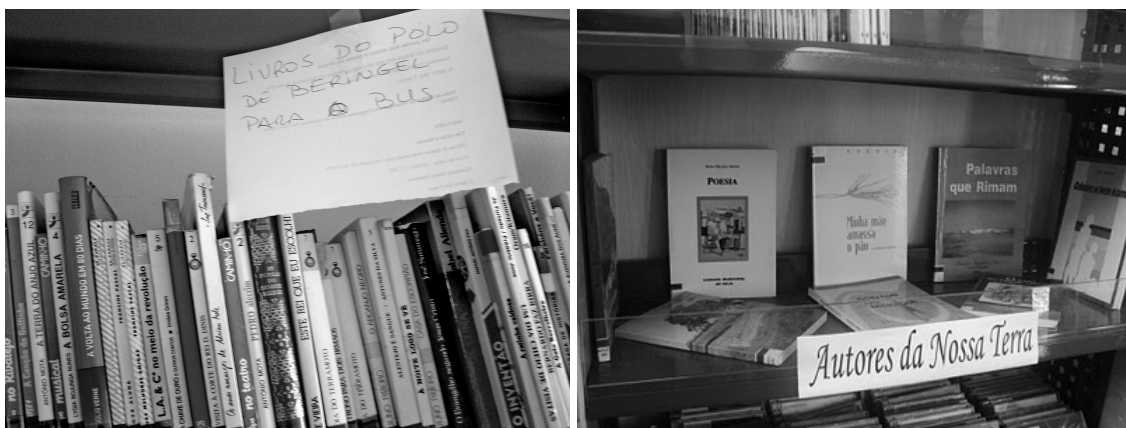
¹⁹⁶ *Maria*, *Nova Gente*, *Sábado*, *Segredos de cozinha*.

¹⁹⁷ No início da sua atividade a *Andarilha* disponibilizava os 3 jornais regionais, representando as várias tendências políticas: *Diário do Alentejo*, *Correio do Alentejo* e *Alentejo Popular*.

títulos apresentados aos leitores. Sempre que solicitados livros que não constam da coleção da unidade itinerante é feita uma requisição à BMB, sendo que normalmente a obra é disponibilizada ao utilizador na próxima visita (quinze dias depois).

A seleção e aquisição de novos títulos para a itinerante é da responsabilidade da técnica da *Biblioteca Andarilha* (em articulação com o setor de aquisições da BMB), exceto no que toca à literatura infantil que fica a cargo da responsável pelo setor infantil da BM, e que é também a coordenadora do Programa de Leitura em Meio Rural.

Teoricamente, as aquisições processar-se-iam mensalmente, acompanhando as solicitações dos utilizadores, os hábitos de leitura dos leitores mais *entusiastas* e as novidades editadas, mas há já mais de um ano que as compras se encontram congeladas por falta de verbas. Perante esta situação e conscientes da necessidade de manter uma certa frescura ao nível das obras expostas, tem-se tentado renovar o fundo disponível em livre acesso retirando das prateleiras os livros que não têm movimento e substituindo-os por outros que estavam em *stock* ainda a aguardar tratamento documental por serem menos pedidos, menos populares ou mais antigos. Tem-se procurado dar destaque a obras mais marginais ou menos mediáticas propondo-as como leitura *alternativa* dentro de determinados temas escolhidos e, sempre que possível, tem-se composto as prateleiras com obras *emprestadas* do fundo geral da BMB. Não obstante os esforços e a criatividade dos técnicos, a desatualização do fundo bibliográfico da *Andarilha* e dos Pólos, problema extensível à própria BMB, tem sido motivo de grande preocupação para a equipa.



Imagens 18/19 – Renovação da coleção: bastidores da rotatividade dos fundos e destaques temporários

A pensar nos mais velhos e nos públicos com necessidades especiais a unidade móvel disponibiliza ainda áudio-livros e documentos em Braille cedidos pela BMB para reforço da coleção itinerante. Através da *Andarilha* o Centro de Recursos da BMB empresta às escolas caixas com livros (literatura infantil e BD) e outros materiais didáticos para reforço das bibliotecas escolares.

A forma de organização e classificação dos livros em livre acesso nas estantes da carrinha é mista: tendo por base a classificação de base usada pela BMB (CDU), cada exemplar dispõe de uma cota específica que identifica a coleção itinerante; a disposição nas prateleiras é feita de acordo com as áreas temáticas/géneros literários mais utilizados, estando estas identificadas com etiquetas: *Áreas temáticas – Infantil e Literatura Infantil* (4 prateleiras perto do chão); *Áreas temáticas – Adulto*¹⁹⁸(3); *Literatura Estrangeira* (4); *Literatura Portuguesa* (3) e *Fundo Local* (1).

Por disporem de uma cotação própria, os livros emprestados pela BMB encontram-se numa prateleira à parte.

6.2.12. Imagem, comunicação e *marketing*



Imagem 20 – *Biblioteca Andarilha*: elementos gráficos base

¹⁹⁸ CDU: 03; 13; 133; 159; 33; 371; 323; 398; 613; 614; 615; 616; 618; 635; 636; 641; 646; 681; 78; 96; 799; 929; 946.

Partindo de duas cores base – amarelo e azul – que por si só invocam o Alentejo e o ambiente rural (as barras das casas alentejanas; o céu limpo e a planície), a imagem gráfica da *Biblioteca Andarilha* foi estudada de raiz e é coerente com o discurso da Biblioteca Municipal de Beja, com quem partilha a metáfora da biblioteca como «o Largo», ponto de encontro e de celebração (multi)cultural, «lugar mítico de aprendizagens, saberes, convívio e lazer»¹⁹⁹. O logótipo escolhido tem como elemento central o círculo (o largo, a roda, o sinal de paragem) a que crescem, em várias versões possíveis, outras figuras que representando o mundo rural (azinheira, casa térrea e vestuário) assinalam a diversidade de públicos a abranger.

A escolha da expressão *Andarilha* para designar a unidade itinerante não só lhe confere um sentido poético como reforça a ideia de movimento, de dinamismo e de informalidade que caracteriza o projeto. O *slogan* «um lugar para aprender a vida»²⁰⁰ evidencia a filosofia do equipamento e das práticas a desenvolver junto das populações, que longe da erudição e da sobrançeria científica, académica ou cultural pretende uma *aproximação a par* com as pessoas e em cumplicidade com a vida.

Os materiais e meios de comunicação utilizados pela *Andarilha* são múltiplos e todos eles graficamente coerentes com a imagem pré-definida, desde os *flyers* para a divulgação dos serviços, dos horários e itinerários, distribuídos na carrinha e junto dos pontos de encontro das comunidades, aos cartazes assinalando as *Paragens de Leitura* junto aos locais onde a carrinha presta os seus serviços ou ainda aos materiais gráficos presentes no *blogue* da *Andarilha* e no *site* da CMB.

No *blogue* da *Biblioteca Andarilha*, «onde se contam os contos que ainda cruzam os largos», faz-se o registo, a divulgação e a promoção das atividades realizadas, fornecem-se informações úteis sobre horários/itinerários, contactos, condições de acesso e novidades (sugestões de leitura) e uma ligação ao catálogo bibliográfico da BMB.

Embora de forma casual, nele também se publicam algumas recolhas do património imaterial feitas pela *Andarilha*, bem como os trabalhos (poesia popular, artesanato, textos) de leitores e residentes das freguesias rurais visitadas. Partilham-se ainda

¹⁹⁹ Extraído da brochura de apresentação da *Andarilha*. Cf. Anexo 2.

²⁰⁰ *Ibidem*.

notícias sobre o trabalho de outras bibliotecas e bibliotecários itinerantes. A sua atualização é feita semanalmente.

Para além dos vários vídeos produzidos pela Televisão do Alentejo constantes no *Youtube*, a *Biblioteca Andarilha* foi objeto de 2 reportagens feitas pela RTP1 (cujos *links* estão disponíveis no *blogue*)²⁰¹ e vem referenciada no Portal sobre Bibliotecas Itinerantes *A Nave Voadora*.²⁰²

A propósito de *marketing* será ainda de referir o programa de abertura da unidade móvel, em que se recorreu à música e aos contos ambulantes para se começar *em festa* um trabalho que se pretendia de continuidade e em relação ao qual importava deixar uma boa impressão e criar alguma curiosidade.

A *Andarilha* dispõe ainda de produtos de *merchandizing* próprios (sacolas para transportar os materiais requisitados, separadores de livros e autocolantes) que foram distribuídos quando o equipamento foi inaugurado e que são oferecidos a cada novo leitor.

²⁰¹ Disponíveis em: WWW:<URL: http://www.alenproducoes.pt/index.php?go=folio_video&tva=3&video=813> e WWW:<URL:<http://www.tvalentejo.pt/index.php?categoria=cultura&video=813>> [Consult. 29 Ago. 2012]

²⁰² Cf.: WWW:<URL: <http://anavevoadora.wetpaint.com/page/Biblioteca+Andarilha+Beja>> [Consult. 29 Ago. 2012]

6.3. AVALIAÇÃO DO IMPACTO JUNTO DAS COMUNIDADES RURAIS

Até ao momento, e ao contrário do que se previa no Relatório redigido no final de 2010, a equipa da *Andarilha* ainda não conseguiu implementar estudos do utilizador que lhe permitissem afinar as informações que empiricamente tem vindo a reunir sobre as preferências, o perfil e o grau de satisfação dos seus utilizadores. Com efeito, não tendo sido realizado um levantamento formal das necessidades da população nem feita nenhuma auscultação prévia à população a fim de medir a sua receptividade e de confirmar a pertinência da criação uma biblioteca itinerante no concelho de Beja, a *Andarilha* lançou-se à estrada com «muitas expectativas» em relação à forma como responderiam os seus potenciais públicos, «muitas dúvidas» sobre a forma de com eles se relacionar e a certeza, apenas uma, de que o sucesso da implementação do *Programa de Leitura em Meio Rural* dependeria da capacidade da equipa «identificar necessidades e encontrar as respostas em parceria com outros actores do terreno».²⁰³

Foi assumido, então, que o 1º ano de atividade serviria para se tentar recolher *no terreno* todos os dados importantes para o refinamento, aperfeiçoamento e confirmação das linhas de atuação da unidade itinerante - uns quantificados nas Estatísticas de utilização que vêm sendo feitas e interpretados no Relatório elaborado no final de 2010, outros que estão ainda por tratar, tal como a avaliação do Protocolo firmado com as Juntas de Freguesias envolvidas no projeto, que ainda não foi efetuada, ou a prospeção dos interesses culturais das comunidades, cujos parâmetros embora teoricamente ponderados também se encontram ainda por aplicar.

No que toca ao registo dos utilizadores, a *Andarilha* dispõe de estatísticas sobre o número de pessoas inscritas como utilizadores e a sua distribuição por sexo, por 4 faixas etárias²⁰⁴ e por localidades (a partir de 2010). Quanto a utilizações existe uma estatística anual de empréstimos por tipologia documental (livro/CD), por área/público (adulto/infantil e literatura/*específico*) e por localidade, complementada por uma estatística anual de utilização presencial, onde é registado o número de pessoas que frequentam a *Andarilha* usando os seus recursos *in loco*, independentemente de estarem

²⁰³ *Programa de leitura em meio rural: Relatório. Documento de avaliação do primeiro ano de trabalho do Programa de Leitura em Meio Rural – perspectivas*. 2010. p.3.

²⁰⁴ ≤ 12 anos; 13-17 anos; 18-65 anos; ≥ 65 anos.

ou não inscritos como leitores. Estas utilizações são caracterizadas, desde 2010, por género, grupo etário e localidade.

Da análise das estatísticas disponíveis, e cujos resultados genéricos se deram conta no capítulo *Públicos, utilizadores e utilizações*, podemos aferir que o equipamento em questão gozou de uma boa receptividade por parte das comunidades rurais, registando-se 650 pessoas fidelizadas em menos de 3 anos de atividade. Nas 11 freguesias rurais em que a itinerante efetua as suas paragens de leitura (e que não dispõem de pólos da BMB) só entre janeiro de 2010 e dezembro de 2011 contaram-se 320 novos leitores inscritos, o que representa quase 4% do total de pessoas aí residentes.²⁰⁵

Quando comparada com as 5 unidades itinerantes dependentes de Bibliotecas Municipais de tipologia/dimensão idêntica (BM2) e das quais obtivemos resposta no inquérito referido no capítulo 5.2., sendo dos equipamentos mais recentes a *Andarilha* apresenta uma boa média de leitores inscritos por ano (217), ficando apenas atrás de Vila Franca de Xira e de Vila Nova de Famalicão.²⁰⁶

Aos bons resultados na captação de públicos, somam-se os valores sempre crescentes dos empréstimos, que atingiram os 9.389 no final de 2011 - o que se traduz numa média de 4.173/ano, de 348/mês e de cerca de 7 empréstimos/leitor/ano - e das utilizações presenciais, que em 2 anos e meio chegaram praticamente às 7.200, à razão de uma média de 266/mês.²⁰⁷

Segundo o Relatório atrás referido, os empréstimos mensais da *Biblioteca Andarilha* ocorridos durante o período de setembro de 2009 a dezembro de 2010 tinham representado 10% dos empréstimos mensais da Biblioteca Municipal de Beja, o que foi considerado pela equipa como um resultado bastante animador, ainda mais se tivermos em consideração não só a *tenra idade* do equipamento e a reduzida dimensão das comunidades servidas, como também os condicionamentos impostos pelas limitações do espaço e pela periodicidade e horários dos serviços itinerantes, limitações estas a que a biblioteca municipal não está sujeita.

²⁰⁵ O total de 8.225 residentes foi calculado a partir dos dados fornecidos pela Associação Nacional de Municípios Portugueses. Cf. Apêndice 7.

²⁰⁶ Cf. Apêndice 5.

²⁰⁷ Cf. Apêndice 6.

No mesmo documento quantificavam-se ainda 662 crianças diretamente envolvidas, só entre fevereiro e junho de 2010, no projeto de mediação leitora «Uma mala mil leituras» desenvolvido nos estabelecimentos de ensino pré-escolar e do 1º ciclo sediados em 5 freguesias rurais. Em relação ao trabalho de animação e de intervenção cultural junto das comunidades rurais não dispomos de números que nos permitam perceber a quantidade de pessoas envolvidas e, menos ainda, o seu grau de envolvimento ou o impacto dessas iniciativas nas suas vidas.

Importará lembrar que os resultados de que atrás falámos, para além do significado numérico têm ainda um valor *quilométrico*, ou seja, e na sua generalidade, as utilizações da *Andarilha* processam-se a uma distância da BMB que poderá ir dos 7 aos 25km, contactando e intervindo, dessa forma (e considerando apenas as paragens atualmente em funcionamento) sobre pessoas e realidades que se encontram espalhadas por 18 lugares de 13 freguesias das 18 que compõem o concelho de Beja. Ou seja, para além da quantidade, há que contabilizar a diversidade e a improbabilidade dos públicos atingidos, quer seja pela distância física a que estão do edifício da biblioteca municipal, quer seja pela distância psicológica que a inexistência de hábitos de utilização de bibliotecas públicas e de hábitos de leitura no geral representa.

Para além de informações como o tipo de utilizações, número, idade, sexo e localidade das pessoas abrangidas pelos serviços e pela *influência cultural* da biblioteca itinerante de Beja, registados nos documentos estatísticos e sintetizados no capítulo 6.2.5., há um conjunto de outros elementos com interesse para o presente estudo, que fornecendo uma caracterização mais profunda dos utilizadores – perfil social, preferências, necessidades, carências, aspirações, opiniões e expectativas em relação ao que lhes é oferecido - nos ajudariam a discernir com maior precisão e substância qual o papel que um equipamento cultural público como a *Andarilha* deveria ou poderia ter no contexto específico destas comunidades rurais. A este respeito, e apesar de não dispormos de dados quantificados nem de uma sistematização das eventuais evoluções verificadas ao longo dos seus 3 anos de atividade, há uma *auscultação* dos públicos e das realidades sociais e culturais das populações rurais do concelho que tem vindo a ser feita de forma empírica pela equipa da *Andarilha*, e cujos resultados encontramos em parte expressos no *Documento de avaliação do primeiro ano de trabalho do Programa de Leitura em Meio Rural* por ela elaborado no final de 2010:

Apesar de toda a informação, fomos surpreendidos com o que encontramos e com o enorme fosso entre o urbano e o rural, onde se observa: o analfabetismo funcional da população abaixo dos 50 anos, a ausência de experiências e interesses culturais diferenciados, o isolamento geográfico e humano. Ao nível da Infância a realidade não é diferente. A Escola parece ser o único espaço socializador da comunidade sem conseguir no entanto proporcionar experiências educativas diferenciadas, o que acentua uma linguagem e imaginário empobrecidos, com as inevitáveis consequências a nível do sucesso educativo. A estes factores junta-se um outro, a fragilidade da relação identitária das crianças com as suas comunidades de pertença.²⁰⁸

Paralelamente, a equipa dava conta de alguns aspetos que facilitaram a integração deste equipamento e que poderiam potenciar a sua ação e a do *Programa* no futuro, como sejam a receptividade dos mais velhos a toda a oferta cultural e iniciativas que se lhes dirijam, a curiosidade e as recordações positivas que muitas pessoas ainda têm das carrinhas da Gulbenkian, a abertura da população à participação em projetos construídos no interior das comunidades, o agrado generalizado que a programação cultural de lançamento da *Andarilha* despertou nos habitantes de todas as localidades em que fez paragem e, ainda assim, a colaboração conseguida com alguns parceiros locais - docentes e juntas de freguesia.

Cientes de que a boa relação em tão pouco tempo construída com as populações rurais seria fruto mais das características apelativas do próprio equipamento, do fator novidade ou da inexistência de alternativas sociais/culturais do que de uma verdadeira tomada de consciência por parte das comunidades da utilidade dos recursos disponibilizados, as autoras do referido documento advertiam para a necessidade de se continuar a investir numa comunicação de qualidade, na divulgação dos serviços e na formação da equipa no âmbito de uma mediação leitora *especializada* nos públicos em questão, apontando como prioridades o reforço das parcerias já esboçadas, a procura de novos parceiros e de financiamentos que pudessem garantir um trabalho integrado e a longo prazo envolvendo projetos de continuidade, coerentes e transversais a toda a comunidade, devidamente enquadrados (ou comprometidos) económica e socialmente, lançando várias hipóteses de intervenção e pontos de partida.

²⁰⁸ Cristina Taquelim; Helena Ribeiro; Susana Gomes – *Programa de leitura em meio rural: Relatório. Documento de avaliação do primeiro ano de trabalho do Programa de Leitura em Meio Rural – perspectivas*, 2010, p.4.

Mas antes de tudo o mais, apresentava-se como condição essencial para assegurar e melhorar a eficácia do equipamento em questão conhecer melhor as pessoas para quem se está a trabalhar, assim como os contextos sócio-culturais respetivos, a fim de se poderem fidelizar públicos que continuam a ser excluídos ou negligenciados e de se conceberem e viabilizarem projetos em que as comunidades se possam rever.

*O mundo rural necessita de uma política cultural ajustada às condições de recepção artística que possui, que parta dos seus interesses e que o conduza a conquistar outras formas de ler o mundo e de o pensar. [...] Mais do que um programa centrado no acesso à leitura e às fontes de informação, o programa de leitura em meio rural deverá progressivamente assumir-se como um instrumento de intervenção sócio-cultural.*²⁰⁹

A fim de melhor conhecer os públicos da *Andarilha* e de perscrutar os impactos que esta biblioteca itinerante está a ter junto das populações rurais com quem vem contactando desde 2009, empreendemos – dentro das limitações técnico-operacionais inerentes a um estudo desta natureza e a um equipamento tão recente - um pequeno levantamento junto de uma amostra de 10 utilizadores assíduos residentes em 7 comunidades rurais servidas pela unidade móvel da BMB. Por ter sido efetuado durante o período de férias escolares não foi possível entrevistar alunos nem professores das escolas servidas pela *Andarilha*, tendo-se confirmado, contudo, a fraca utilização do equipamento por crianças que a ele se dirijam de forma autónoma. Valerá a pena lembrar, a este propósito, o facto de haverem cada vez menos crianças a residir nas aldeias visitadas, o que tem, inclusivamente, justificado o encerramento de várias escolas.

As entrevistas semidiretivas efetuadas em agosto de 2011 e em agosto de 2012 foram complementadas com os dados disponíveis relativos à quantidade de materiais requisitados por cada leitor.²¹⁰

Com este levantamento procurava-se responder às seguintes questões:

²⁰⁹ *Idem – Ibidem*, p.5-6.

²¹⁰ O formulário do questionário aplicado à amostra de leitores constitui o Apêndice 10 deste trabalho. Os dados complementares foram fornecidos pela técnica da *Andarilha* a partir das fichas de cada utilizador. As informações recolhidas que são *quantificáveis* estão sistematizadas nos quadros constantes do Anexo 11 - *Inquérito aos leitores da Biblioteca Andarilha: Quadros para caracterização comparativa dos utilizadores, utilizações, relação com o equipamento e opinião*; os dados mais subjetivos fornecidos de modo informal e espontâneo ao longo das conversas foram compilados no Apêndice 12 - *Inquérito aos leitores da Biblioteca Andarilha: Perfil dos leitores e impacto do equipamento*.

- a) Quem serve a *Andarilha*;
- b) Quais os serviços mais utilizados, quais as motivações/razões para a utilização;
- c) Conhecimento dos serviços/recursos/facilidades oferecidos pela *Andarilha* e receptividade às ações de animação cultural;
- d) Qual a relação com o equipamento e com a equipa;
- e) Qual a evolução das utilizações e qual a contribuição da *Andarilha* no desenvolvimento de aspetos que traduzam a qualificação dos públicos - nível de informação, hábitos de leitura, confiança, autonomia e exigência;
- f) Qual a opinião dos utilizadores sobre o serviço e qual o impacto nas suas vidas;
- g) Quais as lacunas apontadas e melhoramentos a levar a cabo.

Em relação à representatividade desta amostra (1,5% do total de 650 leitores inscritos) importará dizer que no total dos empréstimos realizados entre setembro de 2009 e dezembro de 2011 (9.389) estes 10 leitores são responsáveis por 572, ou seja, cerca de 6 % do total de materiais emprestados nesse período. Os utilizadores entrevistados são residentes em localidades que se situam entre os 10 e os 25km da BMB, 2 a Noroeste, 2 a Sul, 1 a Norte e 1 a Este da cidade de Beja. Encontram-se representadas nesta amostra 6 das 13 freguesias abrangidas pela *Andarilha*, 7 do total de 18 paragens e de 12 localidades rurais visitadas.

A caracterização geral dos utilizadores entrevistados reflete (e confirma) as evidências aferidas a partir das estatísticas da *Andarilha*: predominância das mulheres (70%) e da faixa etária entre os 46-65 anos (40%), seguida dos idosos (30%). O nível de escolaridade registado entre estes leitores é consonante com as realidades apresentadas pelo INE relativamente ao Baixo Alentejo e ao Conselho de Beja, referidas em capítulo anterior: 6 das 10 pessoas frequentaram apenas o 1º ciclo do ensino básico, sendo que 2 delas não o concluíram sequer; 3 pessoas possuem o 9º ano (sendo uma delas ainda estudante) e apenas uma frequentou um nível de ensino secundário. Não entrevistámos nenhuma pessoa sem qualquer escolaridade, embora tivéssemos contactado com utilizadores da *Andarilha* (não inscritos) que não sabiam ler nem escrever.

40% das pessoas da amostra estão ativas, trabalhando todas no setor terciário – comércio, limpezas e restauração - e 40% reformadas, sendo que anteriormente à reforma os homens trabalhavam na construção civil e as mulheres no campo ou como domésticas. Uma das mulheres entrevistadas encontrava-se desempregada.

A maior parte dos leitores nasceu na mesma localidade onde atualmente reside (60%), trabalha e utiliza os serviços da *Andarilha*. Todos os entrevistados são leitores registados (exceto um dos homens que requisita livros através do cartão da sua mulher), dizem utilizar a biblioteca itinerante desde «o princípio» e assumem-se como utilizadores assíduos. Todos requisitam preferencialmente literatura (romances, contos, histórias de vida e literatura portuguesa são os géneros mais referidos), 6 também costumam levar para casa CD's e 2 consultam esporadicamente as publicações periódicas.

Apenas o leitor mais jovem utiliza outros serviços para além do empréstimo e da consulta (Internet). Ninguém utiliza os serviços de apoio/informação à comunidade; normalmente porque não precisam, embora muitos não saibam da existência dessa valência. Apenas 60% dos entrevistados dizem ter participado/assistido a atividades de animação cultural promovidas ou divulgadas pela *Andarilha*. A maioria mostrou alguma dificuldade em identificar ou recordar tais iniciativas e vários referiram o facto de «não ter sido feita grande coisa» nessa área.

Apesar de apenas 3 dos entrevistados (os mais jovens) terem a experiência de utilização de uma biblioteca pública, quase todas as pessoas mostraram dispor, à partida, de uma boa relação com os livros ou com a leitura, sendo que 80% apontam «o prazer da leitura» como uma das motivações para o uso da *Andarilha*. A fruição, lazer ou entretenimento aparecem, a par da companhia e do convívio e das dificuldades de deslocação a outras bibliotecas, como as principais justificações para a utilização. Uma pessoa apontou como motivação a gratuidade do serviço e outra a existência de orientação/atendimento personalizado (hipóteses estas que não estavam previstas no questionário). Ninguém referiu motivações de natureza mais *funcional* relacionadas com a pesquisa de informação sobre certos temas específicos, com o esclarecimento de dúvidas relacionadas com o seu dia a dia ou com o acesso à programação cultural do município ou da BMB.

Ao longo da entrevista todas as pessoas acabaram por fazer, de alguma forma, referência a motivações de ordem emocional ou social - pela oportunidade de socialização, de discussão ou mesmo de desabafo que aquele equipamento significa (para os próprios e para os seus conterrâneos), várias queixando-se, inclusive, da falta

de interlocutores na aldeia. E se muitos leitores falam da companhia e da experiência intelectual, sensorial ou espiritual que *os livros* - de uma forma mais vaga ou abstrata - lhes proporcionam, não são menos os que se reportam especificamente à importância da relação com as técnicas da *Andarilha*, vários referindo-se inclusivamente à amizade com elas construída. Este fenómeno pode resumir-se nas palavras de uma leitora de São Brissos, de 42 anos: «Se não viessem elas aqui não tínhamos nada.»

Independentemente das especificidades do perfil, preferências e perspectiva de cada um dos 10 utilizadores da amostra em análise, e que podem encontrar-se resumidas no documento *Perfil dos leitores e impacto do equipamento*,²¹¹ há unanimidade no que toca à eficiência da equipa, à boa relação com as técnicas e à satisfação com os serviços prestados pela *Andarilha*. Quando solicitada a enumeração dos chamados *pontos fortes* do equipamento, a equipa ou a qualidade do atendimento foi especificamente referida 4 vezes, tal como o aspeto da acessibilidade e da proximidade.

Curiosamente, alguns leitores mais jovens fizeram menção ao significado positivo que a biblioteca poderia ter para os idosos. Ainda houve quem mencionasse os livros e a cultura como mais valias trazidas pela *Andarilha*. Duas pessoas não conseguiram apontar nenhum aspeto em particular, uma vez que consideravam que era «tudo bom». Por esta mesma razão, apenas 5 pessoas conseguiram apontar pontos fracos, lamentando o facto de poucos residentes estarem a aproveitar o recurso em questão ou apontando alguma limitação do fundo.

Quase ninguém tem sugestões a fazer. Uma leitora sugeriu o funcionamento em horário pós-laboral e um leitor solicitou que se ponderasse o empréstimo de DVD's e a aquisição de um veículo maior. Este 2 leitores são precisamente aqueles que, contrariando a tendência geral, apresentam um histórico de empréstimos decrescente, cuja razão se prenderá com as falhas denunciadas, ou seja, um porque tendo retomado o trabalho depois de uma licença de parto deixou de ter horário compatível com a biblioteca e outro porque começou a frequentar assiduamente a BMB, onde encontra filmes e uma coleção mais extensa e diversificada.

²¹¹ Apêndice 12.

Com efeito, em 50% dos casos a tendência dos empréstimos tem sido crescente. Em 2 casos tem-se mantido. O número de materiais requisitados por cada um destes leitores entre setembro de 2009 e o final de 2011 situa-se entre os 25 e os 108, embora estes números possam estar abaixo da realidade, uma vez que ocorreram alguns empréstimos manuais que não foram considerados.

No que toca à evolução das utilizações, e uma vez que não nos foi dado acesso ao tipo ou títulos dos materiais requisitados por cada um destes leitores ao longo dos 27 meses em apreço (por esses dados serem considerados sigilosos), o que podemos aferir – para além das quantidades – reporta-se à opinião que cada uma destas pessoas tem da sua própria evolução enquanto leitor e se atribui ou não à *Andarilha* um papel significativo nesse processo. Assim, 80% dos entrevistados consideram que desde a data em que começaram a ser leitores desta biblioteca estão mais informados e mais à vontade com os livros e com as leituras, havendo apenas 2 pessoas que pensam não terem sofrido uma influência direta da *Andarilha* nesse processo. A pergunta «Acha que está mais exigente?» despertou algumas dificuldades de interpretação, tendo sido necessário elucidar: «Já se arrisca a ler livros maiores, de géneros diferentes do que lia no início, ou de autores que não conhecia ou faz mais pedidos de obras que não encontra aqui na carrinha?», ao que a maioria respondeu afirmativamente, contra 4 pessoas que não souberam responder, que acham que estão iguais ou que não encontram relação. Uma destas pessoas esclareceu, inclusivamente, que «não se dava a exigências» porque confiava plenamente no juízo das técnicas, a quem apenas pedia que lhe escolhessem «livros bonitos para ler».²¹²

Praticamente todos os leitores da amostra acham que aprenderam com a *Andarilha* - uns «muitas coisas», outros «qualquer coisinha». E se vários dificilmente encontravam defeitos a apontar, pois que «a biblioteca tem tudo o que a gente necessita», o jovem leitor foi mais preciso no elogio: «esta biblioteca pode ser pobre em livros, que são poucos, mas rica em conselhos técnicos».

Apesar do comprometimento pessoal com a equipa da *Andarilha* que a maior parte das pessoas entrevistadas manifesta e da questão da companhia que é vulgarmente invocada,

²¹² Cf. Apêndices 11 e 12.

estes leitores não mostraram constrangimento em dar a sua opinião nem embarcaram em condescendências: «Se estou satisfeita com os serviços da BA? Então não estou! Se não estivesse não viria.».

A equipa técnica, por seu turno, mostrou-nos sempre uma visão da realidade muito desassombrada e realista. Helena Ribeiro, técnica de biblioteca responsável pela execução deste projeto e que vem contactando diariamente com estas populações, confessava (em entrevista informal feita no âmbito do presente estudo) a sua dificuldade em sugerir livros pela responsabilidade que isso acarreta, porque «as pessoas quando não gostam, não leem; estão à vontade connosco e não fazem cedências nem *fretes*»; por isso, as técnicas da *Andarilha* têm o hábito de jogar pelo seguro fornecendo aos seus leitores sempre 2 hipóteses de leitura, para não se correr o risco de algum deles ficar 15 dias sem ler (até à próxima visita) e de, por isso, perder-se a cumplicidade com as técnicas, o *ritmo de leitura* ou a confiança no serviço.

Sabendo muito embora que através da unidade itinerante a BMB está, indubitavelmente, a chegar a um número maior de pessoas e registando o facto dos leitores da *Andarilha* estarem a ler mais, de se mostrarem atentos às *novidades bibliográficas* (que aparecem na TV ou nos escaparates do supermercado) e de as requisitarem junto da biblioteca, Helena reconhece «alguma frustração» por não observar, ao longo dos quase 3 anos de atividade da itinerante, uma evolução palpável ao nível do tipo de leituras realizadas. Ou seja, os leitores de meio rural não vão, regra geral, além do género ou dos autores que já consumiam quando se registaram na *Andarilha*. E a esse propósito, recorda o episódio em que entrando uma criança na carrinha, e antes de devolver o livro requisitado pela mãe na visita anterior, lhe dirigiu um pedido verdadeiramente desconcertante: «A minha mãe pediu para lhe levar outro livro igual a este».

Relembra ainda o facto das dificuldades económicas em que muitos dos residentes nas aldeias visitadas se encontram afetar, de alguma forma, «a sua disponibilidade para os livros». A falta, nestes lugares, de espaços e de momentos para a reunião entre as pessoas e para o convívio, associado à ausência de uma programação cultural descentralizada que integre os conhecimentos locais acentua este quadro de *estagnação cultural*, de solidão e de isolamento social que a equipa da itinerante tem encontrado no terreno.

E se no início da sua atividade junto destas populações puderam contar com o fator surpresa, à medida que o serviço vem estabilizando a curiosidade vai desaparecendo e a coleção vai *perdendo alguns encantos*, sendo por isso fundamental a renovação e diversificação do fundo documental (livros, música, periódicos e outros materiais) para que se possa continuar a aprofundar a relação com os leitores, a aumentar a qualidade das utilizações e «a agarrar mais gente», sobretudo os jovens, que não têm estado a aderir, e aqueles que ainda não descobriram a ferramenta que um equipamento deste tipo pode constituir e que preferem «andar nos mexericos», como comentava, desconsolada, a leitora mais assídua de Trigaches.

Apesar das duras críticas que tece à forma – autista, imediatista e descontextualizada - como as questões da cultura e da intervenção social em meio rural têm vindo a ser abordadas pelos poderes políticos, a coordenadora do *Programa* e da *Biblioteca Andarilha* faz um balanço muito positivo do trabalho realizado e do impacto que a biblioteca itinerante tem tido junto das populações que se comprometeu servir:

*Os resultados dos empréstimos da carrinha são muito bons, muito bons! A grande surpresa para a mim, a grande revelação ao longo deste 2 anos de trabalho é a gente perceber que, em meio rural, mesmo com baixos níveis de escolaridade – não vou discutir a tipologia de livro que é utilizado – mas é muito interessante perceber como mulheres com a 4ª classe quinzenalmente vão buscar o limite de livros que podem e durante esses quinze dias leem – e a gente sabe que leem porque elas comentam com as técnicas: “Gostei; não gostei; arranje-me lá outro deste autor; gosto muito deste tipo de histórias”. Portanto, têm um discurso sobre aquilo que foi lido de alguém que leu.*²¹³

Para além das *experiências leitoras* que estão a ser regularmente proporcionadas a um número crescente de pessoas que não dispõem de alternativa e do incentivo à utilização dos serviços da biblioteca pública, Cristina Taquelim sublinha o impacto que este equipamento está a ter ao nível dos afetos e no combate ao isolamento social em que se encontram as comunidades rurais do concelho de Beja, comunidades estas cada vez mais vazias e mais deslaçadas.

Com efeito, e contrariando aquilo que se vem observando no contexto das bibliotecas públicas portuguesas, em que os utilizadores são predominantemente estudantes «que valorizam os usos instrumentais da leitura, tida como meio de aprendizagem, fonte de

²¹³ Cf. Apêndice 4, p.17.

informação e utensílio escolar»,²¹⁴ a *Biblioteca Andarilha* tem vindo a captar a atenção de um tipo de público menos jovem e portador de uma visão menos utilitária e mais emocional e recreativa dos serviços e recursos disponibilizados pelo equipamento, fundada no prazer de ler e na necessidade de partilhar experiências e de contactar com pessoas e realidades exteriores à comunidade, apontando para a vocação mais humana das bibliotecas e sublinhando a sua função sócio-cultural.

Num momento em que já se extinguiram grande parte dos rituais sociais ligados ao trabalho, à cooperação e à recreação que tradicionalmente se realizavam entre as populações rurais, e a partir dos quais não só se iam construindo as chamadas *identidades locais*, como se proporcionavam oportunidades de socialização e de participação política, Cristina Taquelim acredita que a biblioteca itinerante poderá ser «um belíssimo instrumento de intervenção social e comunitária. Talvez, o instrumento.»²¹⁵



Imagem 21 – Uma das paragens de leitura mais isoladas

²¹⁴ Maria de Lurdes Lima Santos (coord.) - *A Leitura em Portugal*, p.36.

²¹⁵ *Idem – Ibidem*, p.13.

7. CONCLUSÕES

*"La información es poder y lo será más cuanto más separación exista entre grupos bien informados y los que no están o lo están de manera deficiente. Por eso leer es un pequeño poder, es un poder que disuade a los poderosos de ejercer el suyo sobre nosotros de manera abusiva. En realidad nos estamos refiriendo a una riqueza aparentemente disponible para todos, pero concentrada de hecho en manos de una sola parte de los hombres y mujeres. Por eso también es un acto de justicia social distributiva trabajar por extender la práctica lectora entre quienes están privados del gusto y la necesidad de leer."*²¹⁶

Algumas das razões para as dificuldades ou impossibilidades do acesso das pessoas à leitura já se encontravam sintetizadas no discurso de Branquinho da Fonseca quando, em 1956, defendia o princípio da itinerância como forma de combater as exclusões, tanto as impostas ao homem, como sejam a geografia e as exigências laborais, como aquelas que o homem a si próprio se impõe, por ignorância, e por desconhecimento do «proveito que delas pode tirar».²¹⁷

E se quando se tratam de barreiras físicas a solução poderá passar simplesmente pela identificação dos obstáculos e pela criação de ferramentas que garantam a *mobilidade* e a flexibilidade necessárias para os ultrapassar, chegando aos que não têm, não conhecem ou não podem, quando a exclusão é autoimposta e alimentada durante décadas pela ignorância, pela indiferença dos centros de poder e por políticas culturais obscurantistas, imediatistas ou discriminatórias, a questão tem de se colocar já ao nível da criação de estratégias de *mobilização* que promovam a transformação dos hábitos e dos valores pré-estabelecidos. Porque «quando o homem, por qualquer motivo, não se interessa pelo livro e não busca a sua convivência, o livro tem de procurar e interessar o homem, para o servir»,²¹⁸ esperando-se cada vez mais da biblioteca pública, enquanto agente cultural democrático e democratizador, um investimento claro, perspectivado e integrado, nas chamadas *mediações ativas*.

Entre nós, os órgãos que tutelam a Cultura e a área das Bibliotecas e da Leitura Pública têm usado, desde finais dos anos 80, a Rede Nacional de Leitura Pública como infraestrutura para a prossecução da estratégia governamental de «motivação social pela

²¹⁶ Equipo Peonza - *El rumor de la lectura*, , 2001, p.26.

²¹⁷ Cf. Daniel Melo - *As bibliotecas da Fundação Gulbenkian e a leitura pública em Portugal (1957-1987)*, 2005, p.66.

²¹⁸ Branquinho da Fonseca, cit. por Maria Helena Borges, - *Leitura: o exercício da sedução*, 2005, p.5.

leitura»,²¹⁹ confiando às bibliotecas de âmbito concelhio a articulação da Administração central e local dentro de um objetivo comum: garantir aos cidadãos o acesso à informação e ao livro, promover a difusão da língua e da cultura portuguesas, contribuir para a consolidação dos hábitos de leitura e para a diversificação da oferta cultural. Muitos técnicos, agentes e instituições culturais têm, paralelamente, alertado consciências para a importância da leitura e da produção cultural diferenciada no desenvolvimento das pessoas e das economias.

A fim de se intervir no *upgrade* da população portuguesa no seio da qual se detetou significativo atraso em relação aos hábitos e competências culturais do resto da Europa, os sucessivos Executivos constituídos nas últimas 3 décadas tentaram promover o alargamento do acesso a bens culturais através da construção coordenada de infraestruturas de qualidade em todos os concelhos, primeiro, e, mais recentemente, apostando numa descentralização *não corpórea*, ou seja, utilizando-se os meios de comunicação de massas, as lógicas de processamento digital e os circuitos de difusão virtual para se chegar, muitas vezes de forma indiferenciada, massificada e unívoca, aos terminais onde se encontram os *potenciais consumidores* de informação e de cultura.

Sendo verdade que, no contexto da sociedade da informação em que vivemos, todo o esforço de informatização, partilha e difusão *on line* dos fundos documentais e outros bens culturais públicos, assim como a disponibilização *in loco* de dispositivos que permitam a fruição deste tipo de recursos, se mostram fundamentais para dar cumprimento às diretrizes que a IFLA/UNESCO traçou para os Serviços das Bibliotecas Públicas, encarando-as enquanto «rede de segurança contra o risco que correm alguns setores da sociedade de alienação e exclusão social dos avanços tecnológicos, possibilitando a todos os cidadãos gerir as suas vidas a nível local, adquirir informação essencial sobre o processo democrático e participar de forma positiva numa sociedade cada vez mais globalizada»,²²⁰ parece-nos evidente, contudo, que tal não se tem mostrado suficiente ou sequer adequado para dar resposta a uma série de outras formas de exclusão social, endémicas nas sociedades atuais, produto da macrocefalia que ainda persiste ao nível da organização do território, com o agravamento consecutivo da situação de isolamento, de desenraizamento e de atraso económico e cultural em que se

²¹⁹ Maria de Lurdes Lima dos Santos (coord.) – *Livro, publicações e bibliotecas*, 1998.

²²⁰ Extraído do programa de apresentação da RCBP constante do *site* oficial da DGLB [Consult. 22-11-2009]. Disponível em: WWW:<URL: vel - <http://rcbp.iplb.pt>.

encontram as populações que habitam no interior do país, por um lado, e com o engrossamento das tensões provocados pela enorme concentração em torno dos centros urbanos de populações com realidades sociais, históricas e culturais muito distintas, que aí foram chegando sucessivamente em busca de oportunidades de trabalho. Todos estes contrastes entre *novas* e *velhas* realidades, entre a cidade e o mundo rural, entre centro e periferias (várias) não se mostram, efetivamente, fáceis de gerir - muito menos a partir dos gabinetes.

Sendo intenção de qualquer moderna biblioteca pública fazer chegar os seus serviços ao maior número de cidadãos – teoricamente, a *todos* os cidadãos - as bibliotecas municipais portuguesas têm tentando de muitas maneiras fidelizar os públicos que as procuram e captar novos leitores, sobretudo junto das camadas mais jovens da população. Para tal têm procurado ampliar as suas áreas de intervenção *tradicional*, apostando na diversificação dos seus serviços, no desenvolvimento de atividades de mediação da leitura, no estreitamento da relação com as escolas e com outras estruturas sociais, na criação de projetos culturais transversais que promovam *a diferença* e a abertura do espaço da biblioteca à sociedade fora dos parâmetros convencionais em que aquela vinha sendo utilizada e, finalmente, na atualização tecnológica e no acompanhamento da quase alucinante evolução das Tecnologias da Informação e Comunicação. Mas estarão as bibliotecas públicas portuguesas preparadas para ultrapassar o *paradoxo* que já em 2007 Filipe Leal, então diretor da Divisão de Bibliotecas, Documentação e Informação da Câmara Municipal de Oeiras, temia que ensombrasse o futuro das bibliotecas municipais do seu concelho enquanto serviço social que se pretendia indiscriminado, democrático e acessível, e que se traduz no facto de «quanto maior for a sofisticação dos serviços, maior será a exclusão social, ou seja quanto maior for a inovação dos serviços prestados menor será o número de pessoas que está capacitada para usufruir deles».²²¹

Enquanto extensões das bibliotecas municipais e tendo consciência tanto do papel que estas estruturas têm vindo a desempenhar ao longo do tempo enquanto agentes culturais consensualmente reconhecidos como da posição privilegiada que ocupam enquanto mediador local consolidado, as bibliotecas móveis têm condições não só para ampliar o campo de ação (em quantidade, distância e diversidade) da biblioteca de que dependem

²²¹ Filipe Leal - *Bibliotecas Municipais de Oeiras: Espaços de Cultura e Conhecimento*, 2007. [p.5].

administrativamente e com quem partilham objetivos e ambições, como de *apurar* esta ação, tornando-a mais informada, mais ágil, mais precisa, mais envolvida - *mais próxima*.

Atualmente, as bibliotecas públicas estão bem disseminadas pelo território, dispõem de boas infraestruturas, de um estatuto sólido, de uma aceitação *transpartidária* e de recursos financeiros, técnico-científicos e tecnológicos que as operacionalizam e legitimam, simultaneamente. E se em tempos - tal como a experiência do SBI da FCG testemunha -, foram as próprias bibliotecas móveis que interessaram, prepararam, e qualificaram as populações, convertendo-as em leitores de direito e justificando a criação ou o aperfeiçoamento das bibliotecas municipais, competirá agora a estas avaliar as formas de exclusão *primária* que ainda persistem nos seus municípios e acionar novas incursões no sentido centro – periferia, garantindo as condições materiais, técnicas e éticas para uma mais justa distribuição dos recursos e oportunidades culturais e assumindo a sua responsabilidade no campo da intervenção social e no desenvolvimento dos povos.

E se qualquer *entrega* de bens culturais deverá obedecer à regra inerente a todo o ato comunicativo – a *troca* – as bibliotecas móveis têm melhores condições para o fazer pelo nível de *penetração* que alcançam junto das comunidades. Ou seja: funcionando como *veículo de aproximação* entre o universo da cultura formal e os públicos excluídos, entre o *centro* e as *periferias*, entre os recursos das bibliotecas municipais e os munícipes que habitam fora do seu raio de ação, entre a autarquia e as comunidades que ela é suposto representar, estas unidades podem e devem, também, funcionar como *veículo de aproximação* em sentido inverso, fazendo chegar ao *centro* – escutando, indagando, incentivando, sistematizando - informações e manifestações inscritas no universo da chamada *cultura popular* e que, pela sua natureza informal, espontânea, contraditória e essencialmente oral, se tendem a dispersar, esquecer e desintegrar.

Paralelamente, a captação de novos públicos e o aprofundamento da relação com comunidades com características, necessidades e valências diferentes das dos seus *leitores habituais* irá, como é natural, colocar novas exigências às bibliotecas municipais, obrigando-as a adaptarem-se, aperfeiçoarem-se e recriarem-se de forma a darem resposta às novas realidades que através das extensões móveis vão conhecendo.

Tal terá como resultado não só a alteração do perfil dos frequentadores das bibliotecas do nosso país, tradicionalmente esgotado numa classe média letrada que, por necessidades escolares, antecedentes socioprofissionais ou apetências culturais previamente desenvolvidas se desloca às suas instalações, como também o aumento da qualidade dos serviços prestados pelas bibliotecas públicas em geral, por aquilo que ganham em abrangência, em versatilidade técnica, em diversidade, em experiência, mas também em humildade e humanidade.

Pois que neste trabalho de *aproximação* àqueles que se encontram mais isolados, resistentes ou limitados, em geral, e às comunidades de meio rural, em particular, parece-nos da maior importância que se invista num modelo de relacionamento que represente uma alternativa à relação equívoca, displicente, sobranceira, elitista ou infantilizadora tantas vezes mantida pelas instituições culturais *dos centros* face aos potenciais públicos *das periferias* e valorizá-los social e culturalmente. Não devendo continuar a ser encarados como massa informe, homogénea, previsível e puramente mimética, estes *novos* recetores dos serviços e bens disponibilizados pelas bibliotecas públicas deverão ser objeto de uma análise séria e integrada e de um trabalho de continuidade desenvolvido em parceria com os demais agentes locais das áreas sócio-culturais, para que se possa encontrar a mais adequada forma de *aproximação* – realista, pertinente e participada, tendo sempre presente que, a *Cultura* não se esgota nas formulações mais ou menos abstratas produzidas por um punhado social ou academicamente validado de intelectuais e artistas, sendo, antes de mais,

*el estilo de cada pueblo y de cada hombre en su forma de ver, sentir y ser, [...] el compromiso de cada individuo para lograr su desarrollo integral y armónico y su aportación a la realización de una sociedad más sana.*²²²

Neste sentido, conceber projetos que promovam a *inclusão* ou a *descentralização* não significa apenas assegurar que a *Cultura* chega, distribuindo bens e obras, equilibrando geograficamente ou multiplicando o número de utilizadores e de utilizações, mas também, e cada vez mais, saber *como chega* e acompanhar a evolução da forma como se recebe (ou produz) a *Cultura*, isto é, propor, intervir, transformar, mas também escutar, reconhecer e incentivar identidades, valorizar, integrar e construir em conjunto,

²²² Ángel de Castro, 1987. Cit. Por Xilberto Llano – La biblioteca en el medio rural: reflexiones, 1997, p.26.

pois que a verdadeira inclusão «evita a ruptura entre a alta cultura e o necessário objectivo de que todas as pessoas participem na criação e no consumo cultural.»²²³

Com efeito, das bibliotecas municipais é hoje esperado não só que continuem a participar do processo de *democratização cultural* iniciado após a revolução do 25 de Abril, investindo na multiplicação dos acessos e na rentabilização dos recursos públicos com vista a uma melhor distribuição territorial e social, mas que se empenhem igualmente nos processos de qualificação dos públicos em razão dos quais as bibliotecas continuam a existir, promovendo as condições para uma utilização/relação mais respeitadora, mais lúcida, mais crítica, mais participativa e mais consciente dos seus verdadeiros benefícios – numa palavra: fomentando o *exercício da democracia*.

Gozando da legitimidade garantida pelo facto de se encontrarem associadas a um organismo público hoje perfeitamente consolidado e institucionalizado, por se moverem numa esfera mais *clássica* da cultura – as bibliotecas, os livros e o conhecimento – e ainda por estarem confortavelmente integradas nas redes de informação e atualizadas no que respeita às novas tecnologias da informação e da comunicação globalizada, as bibliotecas itinerantes conseguem compensar aquilo que possam perder em termos de área útil e da quantidade de materiais que disponibilizam diretamente aos seus públicos com a autonomia, transversalidade e informalidade da sua presença. O contacto físico que naturalmente promovem, a redução de escala que possibilitam e o carisma que transpiram são características que conferem a esta tipologia bibliotecária a possibilidade de diferenciação em relação a uma imagem algo elitista, pesada e conservadora que possuem as bibliotecas convencionais; fatores estes que quando associados à regularidade na prestação dos serviços, à qualidade do fundo documental e à personalização do atendimento alimentam a confiança necessária para a realização de um trabalho de fundo para e com as populações. Tal é a nossa convicção.

...

A *Biblioteca Andarilha* é um equipamento muito recente; ainda está a encontrar a sua definição e a testar os limites físicos e conceptuais daquela que foi definida como sua primeira vocação - promover a leitura pública entre as comunidades de meio rural através de um trabalho sócio-cultural desenvolvido em rede, em continuidade e em colaboração com as pessoas que pretende servir.

²²³ Iñaki López de Aguieta - *Cultura y Ciudad: manual de política cultural municipal*, 2000.

Por outro lado, e antes de mais, é um *instrumento* criado, alimentado e *protegido* pela Biblioteca Municipal de Beja, casa com larga e reconhecida experiência de trabalho de mediação, de promoção das muitas leituras e de divulgação da cultura e das artes portuguesas, tanto na sua vertente formal, erudita ou contemporânea como nos aspetos mais espontâneos, ligados à oralidade, à tradição e às identidades locais. A *sua* biblioteca itinerante é, por isso, rosto, ferramenta e produto desta vontade *oficialmente assumida* de continuar a trabalhar com as pessoas concretas e de as atrair para o espaço da biblioteca – espaço não estritamente no sentido material do termo, mas enquanto local de encontro(s), de partilha e de crescimento.

Constituindo-se como um incentivo à participação, a *Andarilha* é assumida desde logo como um dispositivo privilegiado para desenvolver um trabalho de escuta, de sensibilização e de criação de cumplicidades, nunca como meio para «impor leituras». Por esta razão, o valor e as dificuldades do trabalho de certa forma experimental que vem sendo feito pela equipa da *Andarilha* tem sido reconhecido não só internamente - pelos colegas da BMB – como pelas chefias camarárias e, mais importante que tudo, pelas pessoas que conseguiu converter em leitores e pelos *amigos* que já criou entre as populações de meio rural.

Integrada no *Programa de Leitura em Meio Rural*, projeto de feição marcadamente social implementado em 2009 pela BMB/CMB em articulação com as Juntas de Freguesia, a *Biblioteca Andarilha* é a única componente *estratégica* do programa que se encontra atualmente a funcionar a 100%, apesar das dificuldades verificadas na comunicação entre os vários parceiros envolvidos e malgrado os cortes orçamentais ocorridos desde 2010 (e que se vêm agravando) responsáveis pela mutilação de grande parte dos pressupostos materiais para a criação da rede de trabalho necessária à plena concretização do programa.

Apesar de não ter sido feito um levantamento formal das necessidades da população nem terem sido, ainda, realizados estudos do utilizador – embora se reconheça a necessidade de tais instrumentos de medição -, toda a documentação produzida pela *Andarilha* (para planeamento, avaliação e apresentação interna e interpares) mostra a atenção e o critério colocados no delineamento do projeto, no aproveitamento de recursos existentes, na caracterização e acompanhamento dos públicos, no levantamento das falhas do sistema e das carências das comunidades em questão, na quantificação dos

resultados, na procura de parceiros locais, de apoios e de financiamentos complementares ou alternativos. É manifesta a disponibilidade para o trabalho em cooperação e para a colaboração no desenho de estratégias à escala da(s) realidade(s) concelhia(s) e das possibilidades da própria estrutura (recursos materiais, equipa, dinâmicas), suficientemente abertas para absorverem futuras aprendizagens e (re)ajustes.

Ficámos com a clara noção de que este equipamento é resultado, causa, centro e pretexto de uma tomada de consciência, fundamentalmente empírica (produto de um contacto estreito da biblioteca municipal e dos seus técnicos com as pessoas e as realidades do concelho), daquilo que faz falta às populações e de uma *teimosia* em apostar num trabalho coletivo, integrado e estrategicamente definido em função das características da região, destinado a resolver problemas específicos e a potenciar populações específicas.

Tornou-se-nos igualmente visível nos técnicos da *Andarilha* a capacidade de se autocriticarem e de apontarem alternativas realistas e criativas para melhorar tanto o seu desempenho como os processos de comunicação, de forma a salvaguardar a subsistência futura do equipamento, adaptando-o, se necessário for, mas sem fazer cedências ao nível dos pressupostos do Programa e da *filosofia* da Biblioteca, nem no respeito e rigor com que tratam os seus leitores e potenciais públicos. A importância dada à preservação da coesão da equipa, à preparação das atividades, ao trabalho de retaguarda, à aquisição de materiais adequados aos seus utilizadores; os diversos *estratagemas* formulados para promover a renovação da coleção, os sucessivos ajustes ao nível dos itinerários, a disponibilidade para se abrirem as portas a outras comunidades (incluindo as que se encontram fora do espaço rural propriamente dito) e o discernimento para se cancelarem paragens que não estão a ser pertinentes testemunham o pragmatismo e o dinamismo da sua atitude. O projeto da *Andarilha* está a ser levado a sério pela equipa que o tem tentado defender junto das instâncias políticas protegendo-o das *flutuações de mercado* e da cegueira da chamada *austeridade financeira* que, no nosso país, vem pondo em causa a continuidade de muitos projetos de fundo - até mesmo daqueles que dispõem de um reconhecimento generalizado - estrategicamente desenvolvidos pelas bibliotecas municipais no sentido de melhorarem a qualidade de vida dos seus munícipes.

O projeto *Leitura de Cueiros* é exemplo desta persistência e da prioridade dada pela biblioteca ao compromisso com as populações. Decorrido de uma paragem *mal sucedida* da *Biblioteca Andarilha* num bairro urbano *problemático*, a experiência obtida no terreno e as informações recolhidas serviram de base à definição de um plano de intervenção sócio-cultural de natureza distinta, que se aplicou – graças ao financiamento externo entretanto angariado – em alternativa à biblioteca itinerante. A paragem naquele bairro foi suspensa, mas as pessoas não foram abandonadas e os objetivos de desenvolvimento sócio-cultural, de sensibilização e corresponsabilização dos cidadãos do concelho pretendidos pelo serviço de extensão da BMB, e do qual a *Andarilha* participa, não foram esquecidos nem corrompidos.

Ao fim de apenas 3 anos de idade, a *Biblioteca Andarilha* tem os seus públicos bem identificados, conhece as comunidades que serve - tratando pelo nome cada um dos seus leitores - e goza de simpatia e de confiança entre as populações rurais. Tem conseguido garantir a regularidade dos seus serviços, bem como a informalidade no funcionamento e a simplicidade e rigor nos procedimentos técnicos, reequacionando, sempre que necessário, locais de paragem, horários, percursos, atividades e abordagens. Apesar das contrariedades financeiras e logísticas, tem-se esforçado por manter a integridade e motivação da equipa, assim como a variedade, qualidade e *frescura* do seu fundo documental. Tem investido na divulgação do seu trabalho a vários níveis (leitores, escolas, município, parceiros, colegas, público em geral) e na qualidade, atualidade e alcance dos meios e materiais de comunicação que utiliza. Tem mostrado capacidade de improvisação e eficácia na resposta às solicitações do público, de quem tem obtido um retorno muito positivo, tanto ao nível das adesões e utilizações como das opiniões.

As atividades de animação cultural promovidas pela *Andarilha*, ainda que intermitentes, têm sido desenvolvidas com a preocupação de que as comunidades nelas se possam rever, abrindo perspetivas e *lançando sementes*.

Através da sua unidade itinerante a BMB tem igualmente tentado identificar parceiros e consolidar hábitos de trabalho cooperativo, envolvendo e corresponsabilizando poderes municipais e estruturas culturais locais, docentes, mediadores e utilizadores. Paralelamente, tem procurado encontrar interlocutores entre populações aparentemente indistintas e inertes - as *vozes* capazes de exprimir a especificidade, a diversidade e a legitimidade das vontades, dos olhares, dos modos de fazer e de criar das culturas

locais. Dando voz a estas vozes - e fazendo-o dentro de um espírito de Serviço Público - a *Andarilha* está ajudando à criação das condições necessárias para desautorizar a indiferença, o paternalismo, a arrogância e, sobretudo, a ignorância patentes na forma como políticos e instituições vêm sucessivamente abordando as realidades culturais do chamado meio rural, mantendo-as na *periferia* - numa espécie de *limbo* - enquanto alvo preferencial das mais diversas formas de discriminação e exclusão.

Em síntese, e quanto a nós, a *Biblioteca Andarilha* tem conseguido promover entre os habitantes do concelho de Beja uma ***maior igualdade de oportunidades na fruição dos bens culturais públicos***, constituindo-se como um ***veículo de aproximação*** a vários níveis, a saber:

- Entre os cidadãos e o universo da cultura formal;
- Entre as pessoas e os livros, as leituras e os hábitos de fruição/utilização;
- Entre as estruturas culturais que operam no centro do concelho e as zonas periféricas;
- Entre a Biblioteca Municipal de Beja (e respetivos recursos, serviços e atividades) e os municípios que se encontram fora do seu raio de ação;
- Entre formas de cultura formal e popular, urbana e rural, contemporânea e tradicional;
- Entre os produtores de cultura/arte (escritores, artistas plásticos, *performers*) e públicos marginais ou marginalizados;
- Entre a autarquia e as estruturas locais;
- Entre profissionais (técnicos de biblioteca e animação, mediadores, investigadores) e *outros* públicos;
- Entre as pessoas que habitam nos centros e as que residem em meio rural;
- Entre leitores;
- Entre pessoas.

Representando uma via paralela, não massificada, de abordagem aos públicos, a *Biblioteca Andarilha* vem-se constituindo, simultaneamente, como *espaço* de cultura e *ferramenta* cultural, que acreditamos – tal indicia o presente estudo – essencial na salvaguarda da diversidade cultural e no combate aos *gethos* que se vão formando um pouco por toda parte, lembrando-nos da importância do contacto físico nos processos de comunicação e de um funcionamento à escala humana, para que nos saibamos posicionar, para percebermos limites e possibilidades e para podermos participar nos processos de fruição e criação cultural de forma mais livre e mais responsável.

Em jeito de remate, gostaríamos ainda de deixar a seguinte nota:

Tal como a *Biblioteca Andarilha*, muitas outras unidades itinerantes em Portugal lutam por subsistir, numa altura em que a quantidade de pessoas atingidas (não importa como) e a rapidez e *espetacularidade* dos resultados parecem ser o único critério para a preservação ou extinção de certos serviços públicos. Tendo em comum a tipologia de veículo utilizado e o objetivo de promover uma maior igualdade espacial no acesso à cultura, as bibliotecas móveis em funcionamento no nosso país servem realidades muito diversas, têm enquadramentos institucionais distintos e, mais do que de políticas concertadas, resultam de *circunstâncias* locais, não participando de uma estratégia nacional para a Cultura. Por outro lado, conhecem-se mal entre si, dispondo como referência quase exclusiva a experiência do SBI da Gulbenkian - extinto há mais de uma década e recessivo há pelo menos 4 - ou o exemplo das modernas unidades móveis espanholas, realidade que se encontra a anos luz da nossa, não só pela escala em que operam, como pelos meios, estatuto e cumplicidade político-institucional de que dispõem.

Para além da identificação, caracterização e divulgação das bibliotecas itinerantes em funcionamento em território português que cremos ser fundamental efetuar-se, parece-nos da maior necessidade a avaliação do trabalho feito e a fazer – tanto quantitativa como qualitativamente –, com a disponibilização de ferramentas que permitam aos técnicos e às bibliotecas medir os impactos destes equipamentos na evolução das competências e dos hábitos leitores e na qualificação dos públicos; ferramentas estas que podem ajudar a corrigir direções, mas também a criar uma *terminologia* comum que facilite a leitura dos problemas e das soluções à escala regional e nacional e que garanta às equipas, aos equipamentos, aos projetos e aos públicos-alvo a necessária autonomia em relação aos *timings* e às prioridades da(s) agenda(s) política(s).

Por fim, e num trabalho com tantas implicações humanas e sociais e não menos dificuldades operacionais, parece-nos da maior importância uma mais alargada e regular partilha da *experiência ambulante em Portugal* inter pares e interdisciplinar, que possa contribuir para a potencialização de recursos e para combater o isolamento profissional e humano em que muitos dos técnicos envolvidos nestes projetos se encontram, qualificando-os também a eles não só como consumidores e distribuidores, mas como produtores de cultura.

8. BIBLIOGRAFIA E OUTRAS FONTES

ALADRO, Mário; **HERRERO**, Mercedes – *Novas estratégias, recursos e projectos de dinamização da leitura no Século XXI*. [Em linha] In Encontro Internacional de Bibliotecas Itinerantes da Batalha, 1, Batalha, 2009 - As Bibliotecas Itinerantes no Século XXI: que desafios, estratégias e públicos? [Consult. 09 Ago. 2010]. Formato PDF. Disponível em: WWW:URL: <http://biblioteca.cm-batalha.pt/UserFiles/Files/apresentacoes/mario.pdf>>.

A leitura pública em Portugal: Manifesto. *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*. ISSN 0007-9421. 1 (1983), p.11-14.

ARANA PALACIOS, Jesús; **OLASO VAL**, Anabel - El bibliobús es un arma cargada de futuro: Una reflexión sobre los servicios móviles de biblioteca. [Em linha] *TK*, 2 (1996). [Consult. 19 Jun. 2012]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL: <http://asnabi.datamina.net/revista-tk/revista-tk-02/15aranaolaso.pdf>>.

ARROYO ORTEGA, Óscar, **TREVIÑO BLASCO**, Modesto - Bibliobuses para el siglo XXI : modelos de desarrollo y gestión de servicios bibliotecarios móviles en España. [Em linha] *Educación y Biblioteca*. (2005), p.83-91. [Consult. 09 Ago. 2010]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL:<http://www.bibliobuses.com/documentos/Bibliobusesparaelsiglo21.pdf>> ISSN 0214-7491.146.

ATHAYDE, Augusto Pereira de Bettencourt – A organização da primeira biblioteca móvel portuguesa. [Em linha] Coimbra: Imprensa da Universidade, 1915. *Separata dos Anais das Bibliotecas e Arquivos de Portugal*. Vol. I, nº 3. [Consult. 23 Dez. 2010]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL:http://purl.pt/255/3/bad-1507-v_PDF/bad-1507-v_PDF_08-G-R0100/bad-1507-v_0012_capa-95_t08-G-R0100.pdf>.

BATALHA. Câmara Municipal. Divisão da Educação, Cultura e Desporto. Sector da Biblioteca - I Encontro Internacional de Bibliotecas Itinerantes da Batalha. 12 a 14 junho de 2009: Comemorações dos 50 anos da Biblioteca Itinerante da Batalha. [Em linha] Batalha: Município da Batalha, 2009. [Consult. 09 Ago. 2010]. Formato PDF.

Disponível em: WWW:<URL:http://biblioteca.cm-batalha.pt/Userfiles/File/Boletim_Itinerante.pdf>.

Beja: Boletim Municipal [Em linha]. Nº 2 (Novembro/Dezembro 2010) Beja: Câmara Municipal de Beja, 2011. [Consult. 13 Nov 2011]. Disponível em: WWW:<URL:http://www.cm-beja.pt/portal/page?_pageid=73,46181&_dad=portal&_schema=PORTAL&conteudos_genericos_qry=BOUI=47635>.

BEJA. Biblioteca Municipal - Esboço de um Programa de Leitura em Meio Rural: Histórico/Dados/Desenho de projecto. [2009]. 13 p. Exemplar cedido pela Biblioteca Municipal de Beja.

BEJA. Câmara Municipal – Proposta de modelo de estrutura orgânica nos termos do Decreto-Lei nº 305/2009, de 23 de Outubro. [Em linha] [2010]. 66 p. [Consult. 8 Jul. 2012]. Disponível em: http://www.cm-beja.pt/portal/page?_pageid=73,46181&_dad=portal&_schema=PORTAL&conteudos_genericos_qry=BOUI=27353>.

BEJA. Câmara Municipal – Programa de Leitura em Meio Rural – Biblioteca Andarilha: Protocolo de Parceria entre a Câmara Municipal de Beja e as Juntas de Freguesia do Concelho. 2009. 5 p. Exemplar cedido pela Biblioteca Municipal de Beja.

Boletim Informativo [dos] Serviços de Bibliotecas [Em linha]. Nº 1 (Out. 1960). Lisboa: FCG, 1960 ([Série I]) [Consult. 16 Jun. 2012]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL:http://www.leitura.gulbenkian.pt/boletim_cultural/files/I_01.pdf>.

Boletim Informativo [dos] Serviços de Bibliotecas: Bibliotecas itinerantes em Portugal [Em linha]. Nº 6 (1962). Lisboa: FCG, 1962 ([Série I]) [Consult. 16 Jun. 2012]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL:http://www.leitura.gulbenkian.pt/boletim_cultural/files/I_06.pdf>.

Boletim Informativo [dos] Serviços de Bibliotecas [Em linha]. Nº 5 (1966). Lisboa: FCG, 1966 (Série II) [Consult. 16 Jun. 2012]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL:http://www.leitura.gulbenkian.pt/boletim_cultural/files/II_05.pdf>.

Boletim Cultural [do] **Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas: Vinte e cinco anos ao serviço da leitura.** Dir. David Mourão-Ferreira [Em linha]. Nº 2 (Jun. 1984). Lisboa: FCG, 1984 (Série VI) [Consult. 16 Jun. 2012]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL:http://www.leitura.gulbenkian.pt/boletim_cultural/files/VI_02.pdf>.

BORGES, Maria Helena – *Leitura: o exercício da sedução. Mestrado de Promoção da Leitura da Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação.* 2005. 50 p. Documento não publicado produzido para orientação de seminário. Exemplar cedido pela autora.

BORTOLOTTO, Chiara – A salvaguarda do património cultural imaterial na implementação da Convenção da UNESCO de 2003. *Revista Memória em Rede.* [Em linha] Vol. 2, nº 4 (Dez. 2010 - Mar. 2011) p. 5-17 [Consult. 12 Jul 2012]. Formato PDF. Disponível em: http://www.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/wp/wp-content/uploads/2011/01/Edicao-04_completa-09-01.pdf> ISSN- 2177-4129.

BRAGA, António Maria; **DOMINGUES**, Rosa Midões - O Programa da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas: 20 anos depois. In Encontro Luso-Espanhol de Bibliotecas Públicas, 8, Lisboa, 2008. [Em linha] DGLB [Consult. 11 Jun. 2012]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL: http://rcbp.dglb.pt/pt/noticias/Documents/Rosa_Domingues_Antonio_Braga.pdf>.

CABRAL, Luís - As bibliotecas públicas portuguesas: problemas e propostas de desenvolvimento. Lisboa: Afrontamento, 1999.

CALDAS, Aníbal – 25 anos depois. *Boletim Cultural* [do] *Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas: Vinte e cinco anos ao serviço da leitura.* [Em linha] Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2 (Jun. 1984), 55-56 (Série VI). [Consult. 16 Jul. 2012]. Disponível em: WWW:<URL:http://www.leitura.gulbenkian.pt/boletim_cultural/files/VI_02.pdf>.

CALIXTO, José António - As bibliotecas públicas portuguesas: transformações, oportunidades e desafios. In Conferência Internacional de Bibliotecas Públicas, Lisboa, Maio 2000 - Inventando o futuro. [Em linha] [Consult. 10 Jun. 2012]. Disponível em: WWW:<URL:<http://www.iplb.pt/>>.

CASTELO, Cláudia - A evolução das práticas profissionais nas bibliotecas municipais de Lisboa [em linha] [2012] [Consult. 11 Jun. 2012]. Formato PDF. Disponível em WWW:<URL:http://blx.cm-lisboa.pt/fotos/gca/1215787947a_evolucao_das_praticas.pdf>.

CONSTITUIÇÃO da República Portuguesa [Em linha]. *D.R. I Série - A*. 155 (2005-08-12) 4642-4686. [Consult. 10 Jul. 2012]. Disponível em: WWW:<URL:<http://dre.pt/util/pdfs/files/crp.pdf>>.

ESPAÑA. Ministerio de Educación, Cultura y Deporte. Secretaría de Estado de Cultura. Dirección General del Libro, Archivo y Bibliotecas - El servicio de bibliobús. Pautas básicas para su funcionamiento [Em linha]. Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, 2002. [Consult. 10 Jun. 2012]. Formato PDF. Disponível em: WWW: <URL: <http://www.bibliobuses.com/documentos/pautasbibliobusesministerio.pdf>>.

FERRER-CORREIA, António - Palavras de abertura, *Boletim Cultural [do] Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas: Vinte e cinco anos ao serviço da leitura*. Lisboa: FCG. Nº 2 (Jun. 1984), 6-8 (Série VI). [Em linha] [Consult. 16 Jul. 2012]. Disponível em: http://www.leitura.gulbenkian.pt/boletim_cultural/files/VI_02.pdf>.

FIGUEIREDO, Fernanda Eunice - Rede Nacional de Bibliotecas Públicas: atualizar para responder a novos desafios. [Em linha] *Cadernos BAD*, 1 (2004) p.60-72. [Consult. 14 Out. 2010]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL:<http://www.apbad.pt/CadernosBAD/Caderno12004/Figueiredo.pdf>>.

FORTE, António José – Recordar, *Boletim Cultural [do] Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas: Vinte e cinco anos ao serviço da leitura*. [Em linha] Lisboa: FCG. Nº 2 (Jun. 1984), p. 52 (Série VI). [Consult. 16 Jul. 2012]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL:http://www.leitura.gulbenkian.pt/boletim_cultural/files/VI_02.pdf>.

FREITAS, Eduardo - As bibliotecas em Portugal: elementos para uma avaliação (na última década). Lisboa: Observatório das Actividades Culturais, 1998. (Coleção OBS – Pesquisas). ISBN: 972-8488-01-7.

FUNDAÇÃO FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS – PORDATA: Base de dados de Portugal contemporâneo [Base de dados em linha]. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2009- . [Consult. 25 Ago. 2012]. Disponível em: WWW:<URL: <http://www.pordata.pt>>

FURTADO, José Afonso – A promoção da leitura nas bibliotecas públicas europeias: Conclusões e recomendações. *Cadernos Oeiras a Ler: II Encontro Oeiras a ler. Maio 2007*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. ISSN 5627-7896. (Jul. 2008) p.116-138.

GASCUEL, Jacqueline – Um espaço para o livro: como criar, animar ou renovar uma biblioteca. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

GIBERT, Beth; TRABAL, Carme – *Con la colección auestas* [Em linha] In Congreso Nacional de Bibliotecas Móviles, 2, Barcelona, 2005 — La biblioteca móvil, un servicio de proximidad. ACLEBIM [Consult. 09 Ago. 2010]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL: <http://www.bibliobuses.com/documentos/Con%20la%20coleccion%20a%20cuestasDOC.pdf>>.

GILL, Philip (dir.) - Os serviços da biblioteca pública: directrizes da IFLA/UNESCO. Lisboa: Caminho; Liberpolis, 2003. ISBN 972-21-1567-7.

GOMES, Rui Telmo; LOURENÇO, Vanda. Democratização Cultural e Formação de Públicos: Inquérito aos Serviços Educativos em Portugal. [Em linha] Lisboa: Observatório das Actividades Culturais, 2009. (Colecção OBS – Pesquisas; 15). [Consult. 13 Jun. 2010]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<UR:http://www.oac.pt/pdfs/OBS_Pesquisas15_impresao.pdf>

HENRIQUES, João – *Na estrada com os livros: as bibliotecas móveis como solução de acesso a serviços de bibliotecas num país de contrastes* [Em linha]. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2009. 196p. Tese de mestrado. Formato PDF. Disponível em WWW: <URL: <http://www.bibliobuses.com/documentos/Joao%20Carlos%20Henriques.pdf>>.

HENRIQUES, João Miguel; **PACHECO**, Cristina – Branquinho da Fonseca: Um escritor na biblioteca. [Cascais]: [Câmara Municipal de Cascais]. Departamento de Cultura; Departamento de Comunicação, 2012. ISBN 978 972 637 247 9.

IFLA; **UNESCO** – *Manifesto da UNESCO sobre as Bibliotecas Públicas*. 1994 [Em linha]. Formato PDF. [Consult. 16 Out. 2009]. Disponível em: WWW:<URL:http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Português/bibliotecasPublicas/documentacaoBibliotecas/Documents/1994_Manifesto_IFLA_Unesco_sobre_Bibliotecas_Publicas.pdf>.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, IP - Portal do Instituto Nacional de Estatística [Base de dados em linha]. Lisboa: INE, [S. d.]. [Consult. 25 Ago. 2012]. Disponível em: WWW:<URL:http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main>

LEAL, Filipe - Bibliotecas Municipais de Oeiras: Espaços de Cultura e Conhecimento [Em linha]. In Actas do Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, 9, 2007. BAD [Consult. 15 Out. 2009] Disponível em: WWW:<URL:<http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/548/346>>.

LISBOA. Câmara Municipal. DMC. DBA. Divisão de Gestão de Bibliotecas - As bibliotecas itinerantes da Câmara Municipal de Lisboa no século XXI. Coord. de Susana Silvestre. Lisboa: CML, 2010.

LLANO CAELLES, Xilberto – La biblioteca en el medio rural: reflexiones. 1ª ed. Gijón: Trea, 1997. ISBN 84-89427-80-1.

LOPÉS DE AGUILETA, Iñaki - Cultura y Ciudad: manual de política cultural municipal. Madrid: Trea, 2000.

LOPES, João Teixeira; **ANTUNES**, Lina. - Bibliotecas e Leitores: alguns resultados que nos interpelam. *OBS – Publicação Periódica do Observatório das Actividades Culturais* [Em linha]. Nº 5 (Fev. 1999) p.7-10. [Consult. 16-06-2012] Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/20024/2/joaoteixeiralopesbibliotecas000083837.pdf>>

LOPES, João Teixeira; **ANTUNES**, Lina - Leitura e Comunicação digital – o papel das bibliotecas públicas. *OBS – Publicação Periódica do Observatório das Actividades Culturais*. Lisboa. ISSN 0773-883110. Nº 10 (Dez. 2001), p.40-45.

LOPES, João Teixeira; **ANTUNES**, Lina - Bibliotecas e hábitos de leitura: Instituições e agentes – Relatório Síntese. Instituto Português do Livro e das Bibliotecas; Observatório das Actividades Culturais, 2000. (Sobre a leitura em Portugal; V). ISBN 972-8436-16-5/972-8488-15-5.

LUCAS, António José Martins de Sousa – Bibliotecas itinerantes: novos desafios num tempo de mudança. [Boletim do] *I Encontro Internacional de Bibliotecas Itinerantes da Batalha. 12 a 14 de Junho de 2009: Comemorações dos 50 anos da Biblioteca Itinerante da Batalha*. [Em linha] p. 5. Batalha: Município da Batalha, 2009. [Consult. 09 Ago. 2010]. Formato PDF. Disponível em http://biblioteca.cm-batalha.pt/Userfiles/File/Boletim_Itinerante.pdf>.

MANIFESTO da leitura Pública da BAD (1983). *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*. Lisboa. Nº 1 (1983) p. 11-14.

MARÇAL, Nuno – *As andanças por terras e gentes de Proença-a-Nova*. [Em linha]. In Encontro Internacional de Bibliotecas Itinerantes da Batalha, 1, Batalha, 2009 - As Bibliotecas Itinerantes no Século XXI: que desafios, estratégias e públicos? [Consult. 09 Ago. 2010]. Formato PDF. Disponível em WWW: <URL: <http://biblioteca.cm-batalha.pt/UserFiles/File/apresentacoes/Nunomarcas.pdf>>.

MANUEL DE VILLENA, Carmen M^a Vigata – *Los Bibliobuses y los Nuevos Servicios de Extensión Bibliotecaria en la Comunidad de Madrid* [Em linha]. In Congreso Nacional de Bibliotecas Móviles, 3, Guadalajara, 2007 – Las bibliotecas móviles, al encuentro de los ciudadanos. ACLEBIM. [Consult. 09 Ago. 2010]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.bibliobuses.com/documentos/Carmen%20Vigata-Ponencia.pdf>>.

MATEOS, A. I.; **SOTO**, R. - *Propuesta de indicadores de rendimiento para Bibliotecas Móviles* [Em linha]. In Congreso de Bibliotecas Móviles, 2, Barcelona,

2005. Barcelona. ACLEBIM. [Consult. 03 Jul. 2012]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL:<http://www.bibliobuses.com/documentos/IndicadoresDOC.pdf>>

MEADOWS, Jan - *Keeping Bookmobiles Alive* [Em linha]. In New Zealand Mobile Library Conference, 2007. [Consult. 21 Out. 2009]. Disponível em: WWW:<URL:<http://www.shorelibraries.govt.nz/MobileConference2007.php>>

MELO, Daniel – A leitura pública no Portugal contemporâneo: 1926-1987. 1ª ed. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2004. ISBN 972-671-137-1.

MELO, Daniel. As Bibliotecas da Fundação Gulbenkian e a leitura em Portugal (1957-1987) [Em linha]. In *Análise Social*, vol. XL, nº 174 (Primavera de 2005) p.65-86. [Consult. 04 Jul. 2012] Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL:<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218708963Z4hRT9bf5Dp01CL0.pdf>>

MELO, Daniel - Os leitores das bibliotecas da Fundação Gulbenkian (contributo para um retrato caleidoscópico). *OBS – Publicação Periódica do Observatório das Actividades Culturais* [Em linha]. Nº 13 (Jul. 2004) p.43-55. [Consult. 16 Jun. 2012] Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL:<http://catbib.cm-beja.pt/multimedia/associa/cdu/02biblioteconomia/027bibgerais/osleitoresdasbibliot.pdf>>.

MONCASÍ SALVÍA, Nati; **REYES CAMPS**, Lourdes – *Más allá del bibliobús: apuntes para una reflexión en torno a los servicios bibliotecarios rurales*. In Congreso Nacional de Bibliotecas Móviles, 3, Guadalajara, 2007 – Las bibliotecas móviles, al encuentro de los ciudadanos. [Em linha]. ACEBLIM. [Consult. 17 Jun. 2012]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL:<http://www.bibliobuses.com/documentos/MasAllaDelBibliobus.pdf>>.

MOURA, Maria José (coord.) - Leitura pública: Rede de bibliotecas municipais. Relatório. [Em linha] Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura, 1986. [Consult. 15 Jun. 2012] Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL:<http://rcbp.dglib.pt/pt/ServProf/Documentacao/Documents/LeituraPublicaRelatorio1986.pdf>>.

MOURA, Maria José (coord.) - Relatório sobre as bibliotecas públicas em Portugal. Lisboa: Ministério da Cultura, 1996 [Consult. 15 Jun. 2012] Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL:http://rcbp.dglb.pt/pt/ServProf/Documentacao/Documents/16_RelatorioRNBp96.pdf>.

MOURÃO-FERREIRA, David – Editorial. *Boletim Cultural* [do] *Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas: Vinte e cinco anos ao serviço da leitura*. [Em linha] Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Nº 2 (Jun. 1984), p. 3-4 (Série VI). [Consult. 16 Jul. 2012]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL:http://www.leitura.gulbenkian.pt/boletim_cultural/files/VI_02.pdf>.

NEVES, José Soares; **LIMA**, Maria João - Promoção da leitura nas bibliotecas públicas. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais, 2009. ISBN: 978-972-614-467-0.

NEVES, Rui. - *Bibliotecas em movimento: as bibliotecas móveis em Portugal* [Em linha]. In Congresso Nacional de Bibliotecas Móveis, 2, Barcelona, 2005 [Consult. 10 Jun. 2011]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL:<http://www.bibliobuses.com/documentos/ruineves.pdf>>.

NEVES, Rui Manuel – *Bibliotecas viajantes: um olhar sobre o aparecimento das bibliotecas móveis em Portugal* [Em linha]. In Encontro Internacional de Bibliotecas Itinerantes da Batalha, 1, Batalha, 2009 - As Bibliotecas Itinerantes no Século XXI: que desafios, estratégias e públicos? [Consult. 10 Jun. 2011]. Formato PDF. Disponível em WWW: <URL:<http://biblioteca.cm-batalha.pt/UserFiles/File/apresentacoes/Ruineves.pdf>>.

NP 405-1. 1994, Informação e Documentação - *Referências bibliográficas: documentos impressos*. IPQ

NP 405-3. 2000, Informação e Documentação – Referências Bibliográficas. Parte 3: Documentos não publicados. IPQ

NP 405-4. 2002, Informação e Documentação – Referências Bibliográficas. Parte 4: Documentos electrónicos. IPQ

NUNES, Henrique Barreto - A oferta pública de leitura. *OBS – Publicação Periódica do Observatório das Actividades Culturais* [Em linha]. Nº 3 (Março 1998) p.13-15. [Consult. 16-06-2012]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL:http://www.oac.pt/pdfs/OBS_3_Oferta%20P%C3%BAblica%20de%20Leitura.pdf>.

NUNES, Henrique Barreto – Da biblioteca ao leitor: estudos sobre a leitura pública em Portugal. Braga: Autores de Braga, 1996. ISBN 972-82026-10-2.

OLEIRO, Margarida; **HEITOR**, Célia - *20 Anos da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas: Um balanço (possível) do grau de cumprimento do Programa* [Em linha]. In Congresso Nacional de Bibliotecários. Arquivistas e Documentalistas, 10, 2010. [Consult. 15 Jun. 2012]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL:http://rcbp.dglb.pt/pt/ServProf/Documentacao/Documents/Comunicacao_MOleiro_CHeitor_10CongBAD.pdf>.

PEONZA, Equipo - El rumor de la lectura, Madrid: Anaya, 2001. (La Sombra de la Palabra). ISBN 84-667-1310-7

PESTELL, Robert (cord.) – *Mobile Library Guidelines. IFLA Professional Report Nº. 28* [Em linha]. Haia. International Federation of Library Associations and Institutions, 1991. [Consult. 3 Mar. 2008]. Disponível em WWW: <URL: http://www.eric.ed.gov/ERICDocs/data/ericdocs2sql/content_storage_01/0000019b/80/38/2c/f1.pdf>.

PINTO, José Madureira - Lados encobertos da iliteracia. *Jornal de Notícias* (23 Jan. 1996).

PORTUGAL. Direcção-geral do Livro e das Bibliotecas – *Bibliotecas da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas*. [Base de dados em linha]. Lisboa: DGLB, [S.d.]. [Consult. 20 Out. 2009]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.iplb.pt/sites/DGLB/Portugu%c3%aas/bibliotecasPublicas/pesquisaBibliotecas/Paginas/pesquisadeBibliotecasPublicas.aspx>>.

PORTUGAL. Biblioteca Nacional – *Biblioteca Nacional Digital* [Base de dados em linha]. Lisboa: BN, 2002- . [Consult. 20 Out. 2009]. Disponível em: WWW: <URL:<http://bnd.bn.pt>>

PORTUGAL. Ministério da Cultura. DGLB. DDSB – *Rede Nacional de Bibliotecas Públicas: Bibliotecas municipais com carrinhas itinerantes*. 23-03-2010. 8 p. Documento cedido pela Divisão de Serviços Bibliotecários da DGLB.

PROGRAMA do XVII Governo constitucional [Em linha]. [Consult. 10 Jul. 2012]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL: <http://www.unic.pt/images/stories/publicacoes/ProgramaGovernoXVII.pdf>, XVIII>.

PROGRAMA do XVIII Governo constitucional [Em linha]. [Consult. 10 Jul. 2012]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL:<http://www.parlamento.pt/Documents/PROGRAMADOXVIII Governo.pdf>>.

PROGRAMA do XIX Governo constitucional [Em linha]. [Consult. 10 Jul. 2012]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL:<http://www.portugal.gov.pt/media/130538/programa_gc19.pdf>.

PROGRAMA Regional Operacional do Alentejo 2007-2013. [Em linha] Lisboa: Observatório do QREN, 2008. [Consult. 15 Ago. 2012]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL:http://www.qren.pt/item3.php?lang=0&id_channel=34&id_page=203

QUADROS, António - Os tempos heróicos: um testemunho. *Boletim Cultural* [do] *Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas: Vinte e cinco anos ao serviço da leitura*. [Em linha] Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2 (Jun. 1984), 40-44 (Série VI). [Consult. 16 Jul. 2012]. Disponível em: WWW:<URL:http://www.leitura.gulbenkian.pt/boletim_cultural/files/VI_02.pdf>.

RODRIGUES, Anabela; **CUNHA,** Rui Borges – Breve síntese histórica das bibliotecas itinerantes em Portugal. [Boletim do] *I Encontro Internacional de Bibliotecas Itinerantes da Batalha. 12 a 14 de Junho de 2009: Comemorações dos 50 anos da Biblioteca Itinerante da Batalha*. [Em linha] p. 8-10. Batalha: Município da Batalha, 2009. [Consult. 09 Ago. 2010]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL: http://biblioteca.cm-atalha.pt/Userfiles/File/Boletim_Itinerante.pdf>.

ROSA, Manuel Carmelo – 50 anos da Biblioteca Itinerante da Batalha. [Boletim do] *I Encontro Internacional de Bibliotecas Itinerantes da Batalha. 12 a 14 de Junho de 2009: Comemorações dos 50 anos da Biblioteca Itinerante da Batalha*. [Em linha] p. 6. Batalha: Município da Batalha, 2009. [Consult. 09 Ago. 2010]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL:http://biblioteca.cm-atalha.pt/Userfiles/File/Boletim_Itinerante.pdf>.

SANTOS, Luísa - Caracterização Sócio- Económica dos Concelhos: Concelho de Beja [Em linha]. Lisboa: Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano. Direcção de Serviços de Estudos e Planeamento Estratégico. Divisão de Estudos e Planeamento, Maio 2005. [Consult. 15 Ago. 2012]. Disponível em: WWW:<URL:<http://especial.imgs.sapo.pt/multimedia/pdf/local/Beja.pdf>>.

SANTOS, Maria de Lurdes Lima (coord.) - A Leitura em Portugal. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação, 2007. ISBN: 978-972-614-419-9.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.) – Livro, publicações e bibliotecas. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais, 1998 (Colecção OBS – Pesquisas; nº 3) p. 215-261 ISBN: 972-8488-02-5

SEQUEIROS, Paula – *Para quem abrimos as nossas portas: leitura pública e exclusão social* [Em linha] Revista de Sociologia, Faculdade de Letras, Universidade do Porto. Vol. 15 (2005) [Consult. 03 Abr. 2012]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL:<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3739.pdf>>.

SOTO ARRANZ, Roberto (coord.) – La biblioteca móvil. Gijón: Trea, 2001. (Biblioteconomia y Administración Cultural; nº 49). ISBN 84-9704-016-3.

SOTO ARRANZ, Roberto. De bibliotecas móviles. 2009 [Em linha] [Consult. 24 Jun. 2012]. Disponível em: WWW:<URL:<http://blog.sedic.es/?p=2334>>.

STRINGER, Ian; **ØRNHOLT**, Ruth – *101 things you wanted to know about mobiles, but were afraid to ask*. In IFLA General Conference, 70, Buenos Aires, 2004 – Libraries: Tools for Educations and Development [Em linha]. IFLA. [Consult. 2 Set. 2010]. Formato PDF. Disponível em WWW: <URL:http://archive.ifla.org/IV/ifla70/papers/165e-Stringer_Ornholt.pdf>.

STRINGER, Ian – *As Bibliotecas Móveis no Mundo* [Em linha]. In Encontro Internacional de Bibliotecas Itinerantes da Batalha, 1, Batalha, 2009 - As Bibliotecas Itinerantes no Século XXI: que desafios, estratégias e públicos? [Consult. 09 Ago. 2010]. Formato PDF. Disponível em WWW: <URL: <http://biblioteca.cm-batalha.pt/UserFiles/File/apresentacoes/Ian.pdf>>.

STRINGER, IAN (coord.) – *Mobile Library Guidelines*. IFLA Professional Report N°. 123 [Em linha]. Haia. International Federation of Library Associations and Institutions, 2010. [Consult. 20 Jan. 2011]. Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL: <http://www.ifla.org/files/hq/publications/professional-report/123.pdf>>.

TAQUELIM, Cristina; **RIBEIRO**, Helena; **GOMES**, Susana – *Programa de leitura em meio rural: Relatório. Documento de avaliação do primeiro ano de trabalho do Programa de Leitura em Meio Rural – perspectivas*. 2010. 24 p. Exemplar cedido pelas autoras/ Biblioteca Municipal de Beja.

TRABAL, Carme; **VILÀ**, Núria - Los bibliobuses: un servicio para el acceso a la sociedad de la información, la cultura y el ocio en áreas rurales. [Em linha] In *Educación y biblioteca: revista mensual de documentación y recursos didácticos*. Ano II, nº 107 (Dezembro 1999). Madrid: Tilde. [Consult. 21 Jun. 2012] Formato PDF. Disponível em WWW:<URL:<http://www.bibliobuses.com/documentos/bustrabal.pdf>>.

USHERWOOD, Bob. *A biblioteca pública como conhecimento público*. Caminho: Lisboa, 1999. ISBN 972-21-1284-8.

VILARINHO, Fernando – *As Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian: 1958-2002*. [Em linha]. Atual. 24 Dez. 2006. [Consult. 09 Out. 2009]. Disponível em: WWW:<URL: <http://bep-suporte.blogspot.com/2006/12/as-bibliotecas-itinerantes-da-fundao.html>>.

WILSON, Tena (comp.) - *Handbook for mobile services staff* [Em linha] In American Library Association Annual Conference: *Our New Bookmobile Has Arrived! What Do We Do Now?*, New Orleans, 2006. [Consult. 13 Jun. 2012] Formato PDF. Disponível em: WWW:<URL: http://www.ala.org/offices/sites/ala.org.offices/files/content/olos/bookmobiles/Mobile_Services_Handbook.pdf>

Principais páginas *web* consultadas:

ACLEBIM - Asociación de Profissionais de Bibliotecas Móviles

[Consult. 28 Jul 2012]. Disponível em: WWW:<URL:<http://www.bibliobuses.com>>.

Associação Nacional de Municípios Portugueses

[Consult. 28 Jul 2012]. Disponível em: WWW:<URL:<http://www.anmp.pt/anmp/pro/mun1/mun205w1.php?dis=02&cod=M7800>>.

A Nave Voadora - Directório de Bibliotecas Itinerantes Portuguesas

[Consult. 28-07-2012]. Disponível em: WWW:<URL:<http://anavevoadora.wetpaint.com>>.

ABOS – Association of Bookmobile & Outreach Services

[Consult. 28 Jul 2012]. Disponível em: WWW:<URL:<http://abos-outreach.org>>.

APBAD - Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas

[Consult. 28 Jul 2012]. Disponível em: WWW:<URL:<http://www.apbad.pt>>.

Beja Digital - O Portal do Baixo Alentejo

[Consult. 28 Jul 2012]. Disponível em: WWW:<URL:<http://www.bejadigital.pt>>.

Biblioteca Andarilha: Onde se contam as histórias que ainda cruzam os largos

[Consult. 28 Jul 2012]. Disponível em: WWW:<URL:<http://bibliotecaandarilha.blogspot.pt>>.

Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian

[Consult. 28 Jul 2012]. Disponível em: WWW:<URL:<http://www.biblar.te.gulbenkian.pt>>.

Câmara Municipal de Beja

[Consult. 28 Jul 2012]. Disponível em: WWW:<URL:http://www.cm-beja.pt/portal/page?_pageid=73,1&_dad=portal&_schema=PORTAL>.

DGLB - Direcção Geral do Livro e da Biblioteca

[Consult. 28 Jul 2012]. Disponível em: WWW:<URL:<http://www.iplb.pt/sites/DGLB/Portugues/dglb/Paginas/dglb.aspx>>.

Fundação Calouste Gulbenkian

[Consult. 28 Jul 2012]. Disponível em: WWW:<URL:<http://www.gulbenkian.pt>>

O Papalagui: As andanças do bibliomóvel por estradas, terras e gentes de Proença-a-Nova

[Consult. 28 Jul 2012]. Disponível em: WWW:<URL:<http://opapalagui.blogspot.pt>>.

PNL – Plano Nacional de Leitura Pública

[Consult. 28 Jul 2012]. Disponível em: WWW:<URL:<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt>>.

RCBP – Rede para o Conhecimento das Bibliotecas Públicas

[Consult. 28 Jul 2012]. Disponível em: WWW:<URL:<http://rcbp.dglb.pt/pt/Paginas/default.aspx>>.

9. FONTES DAS IMAGENS UTILIZADAS

Imagem 1 (p.102)

Autoria/Propriedade: José Maria/Biblioteca Municipal de Beja

URL:http://www.cm-beja.pt/xeo/attachfileu.jsp?look_parentBoui=24751&att_display=n&att_download=y

Imagem 2 (p.111)

Autoria/Propriedade: José Maria/Biblioteca Municipal de Beja

URL:[http://image.wetpaint.com/wiki/bibliotecas/image/1kHRrB5D\\$z4rib\\$GxgPwr\\$A>=93487/GW369H246](http://image.wetpaint.com/wiki/bibliotecas/image/1kHRrB5D$z4rib$GxgPwr$A>=93487/GW369H246)

Imagem 4 (p.128)

Autoria/Propriedade: Helena Ribeiro; Susana Gomes/ Biblioteca Municipal de Beja

URL:<https://lh4.googleusercontent.com/-kePsy6Zwjho/TYdyT3IFjTI/AAAAAAAAATw/bG7Puicy3-I/s320/DSC00960.JPG>

Imagem 5 (p.128)

Autoria/Propriedade: Helena Ribeiro; Susana Gomes/ Biblioteca Municipal de Beja

URL:http://3.bp.blogspot.com/_5CcGloc1uIc/TLxZAgPTQsI/AAAAAAAAANQ/CjHdTT31wTU/s320/DSC00690.JPG

Imagem 6 (p.128)

Autoria/Propriedade: Helena Ribeiro e Susana Gomes/ Biblioteca Municipal de Beja

URL:http://1.bp.blogspot.com/_5CcGloc1uIc/TLxXLNFQI5I/AAAAAAAAAMw/BEwo1pw3eYw/s320/DSCF0220.JPG

Imagem 7 (p.128)

Autoria/Propriedade: Helena Ribeiro; Susana Gomes/ Biblioteca Municipal de Beja

URL:http://3.bp.blogspot.com/_5CcGloc1uIc/TLiFhTzzwWI/AAAAAAAAALk/dFt3Qf3EF88/s320/P1030680.JPG

Imagem 8 (p.128)

Autoria/Propriedade: Helena Ribeiro; Susana Gomes/ Biblioteca Municipal de Beja

URL:http://1.bp.blogspot.com/-5Ugob_sHisg/TIixsqIrxqI/AAAAAAAAAZY/BVOyFDKUqTA/s1600/P1010018.JPG

Imagem 9 (p.130)

Autoria/Propriedade: Fundação Calouste Gulbenkian

Boletim Informativo [dos] Serviços de Bibliotecas. Série II, nº 5 (1966). [Em linha] Lisboa: FCG, 1966. p.144. [Consult. 16 Jun. 2012]. Formato PDF. Disponível em: http://www.leitura.gulbenkian.pt/boletim_cultural/files/II_05.pdf>

Imagem 10 (p.130)

Autoria/Propriedade: Helena Ribeiro; Susana Gomes/ Biblioteca Municipal de Beja

URL:http://4.bp.blogspot.com/_5CcGloc1uIc/TLiDwdYGM_I/AAAAAAAAALM/iEn86aDY13o/s320/P1030668.JPG

Imagem 11 (p.132)

Autoria/Propriedade: Helena Ribeiro; Susana Gomes/ Biblioteca Municipal de Beja
URL:http://4.bp.blogspot.com/_5CcGloc1uIc/TLiCShC4oQI/AAAAAAAAAK4/Ij0AwgJmxFY/s400/P1030655.JPG (pormenor)

Imagem 12 (p.133)

Autoria/Propriedade: Helena Ribeiro; Susana Gomes/ Biblioteca Municipal de Beja
<http://3.bp.blogspot.com/-wjfTpC4eCOk/UBe3qPc26jI/AAAAAAAAAiI/wl3kcCpvH7k>

Imagem 13 (p.133)

Autoria/Propriedade: Helena Ribeiro e Susana Gomes/ Biblioteca Municipal de Beja
URL:http://2.bp.blogspot.com/_5CcGloc1uIc/TLxXrVbFADI/AAAAAAAAANA/2N6eyPvCjHc/s320/DSCF0285.JPG

Imagem 14 (p.133)

Autoria/Propriedade: Helena Ribeiro; Susana Gomes/ Biblioteca Municipal de Beja
URL:http://3.bp.blogspot.com/_5CcGloc1uIc/TLiBWvZrqiI/AAAAAAAAAKg/TLwnyqV_Fzk/s320/P1030645.JPG

Imagem 15 (p.133)

Autoria/Propriedade: Helena Ribeiro; Susana Gomes/ Biblioteca Municipal de Beja
URL: http://4.bp.blogspot.com/-7HuXMMJixtc/TwscGB67HSI/AAAAAAAAAb8/iaZRosYKV_A/s320/DSCF1107.JPG

Imagem 16 (p.133)

Autoria/Propriedade: Helena Ribeiro; Susana Gomes/ Biblioteca Municipal de Beja
URL:http://2.bp.blogspot.com/_5CcGloc1uIc/TLxS2bNiDUI/AAAAAAAAAME/b1WKmIEePMA/s320/Imagem+005.jpg

Imagem 19 (p.135)

Autoria/Propriedade: Helena Ribeiro; Susana Gomes/ Biblioteca Municipal de Beja
URL: <http://2.bp.blogspot.com/-rZFpQjuxRpY/TVVSI-du5LI/AAAAAAAAARc/l6oR1dYh42I/s400/DSC00894.JPG>

Imagem 20 (p.136)

Autoria/Propriedade: Helena Ribeiro; Susana Gomes/ Biblioteca Municipal de Beja
URL: <http://www.bibliotecaandarilha.blogspot.pt/search/label/Monte%20da%20Juliana>

Imagem 21 (p.149)

Autoria/Propriedade: Helena Ribeiro; Susana Gomes/ Biblioteca Municipal de Beja
URL:http://3.bp.blogspot.com/_5CcGloc1uIc/TU4L3bSKfI/AAAAAAAAAQ4/W9pKqMXEX6k/s320/DSC00861

10. APÊNDICES

Apêndice 1	Entrevista a Maria Helena Melim Borges, diretora adjunta do Serviço de Educação e Bolsas da FCG	01-03
Apêndice 2	Inquérito às Bibliotecas Municipais com extensão móvel: Formulário do questionário enviado a 75 bibliotecas municipais	04-08
Apêndice 3	Inquérito às Bibliotecas Municipais com extensão móvel: Quadros para caracterização comparativa das 13 bibliotecas de que se obteve resposta válida	9-14
Apêndice 4	Entrevista a Cristina Taquelim, coordenadora da <i>Biblioteca Andarilha</i> e do Programa de Leitura em Meio Rural	15-28
Apêndice 5	Utilizadores e utilizações da <i>Biblioteca Andarilha</i> : Quadro comparativo de 6 unidades itinerantes dependentes de Bibliotecas Municipais de tipologia BM2	29
Apêndice 6	Utilizadores e utilizações da <i>Biblioteca Andarilha</i> : Quadro síntese 2009-2011: inscrições, empréstimos e utilizações presenciais	30
Apêndice 7	Utilizadores e utilizações da <i>Biblioteca Andarilha</i> : Relação entre o nº de leitores e o nº de habitantes das freguesias rurais servidas	31
Apêndice 8	Utilizadores e utilizações da <i>Biblioteca Andarilha</i> : Relação entre o nº de leitores e o nº de empréstimos	32
Apêndice 9	Utilizadores e Utilizações da <i>Biblioteca Andarilha</i> : Tipos de materiais requisitados por ano	33
Apêndice 10	Inquérito aos leitores da <i>Biblioteca Andarilha</i> : Formulário da entrevista aplicada a uma amostra de 10 utilizadores	34
Apêndice 11	Inquérito aos leitores da <i>Biblioteca Andarilha</i> : Quadros para caracterização comparativa dos utilizadores, utilizações, relação com o equipamento e opinião	35-38
Apêndice 12	Inquérito aos leitores da <i>Biblioteca Andarilha</i> : Perfil dos leitores e impacto do equipamento	39-40

APÊNDICE 1 | Entrevista a Maria Helena Melim Borges, diretora adjunta do Serviço de Educação e Bolsas da FCG (Lisboa, Sede da Fundação Calouste Gulbenkian, 20 Jun. 2012)

Entre 1983 e 2002 Maria Helena Melim Borges trabalhou no Serviço de Bibliotecas e Apoio à Leitura da Fundação Calouste Gulbenkian (sucessor do Serviço de Bibliotecas Itinerantes) como Assessora do departamento de Inspeção, tendo à data da extinção do serviço, em 2002, as funções de Diretora Interina. Em janeiro de 2003 foi integrada no Serviço de Educação e Bolsas da Fundação Calouste Gulbenkian, como responsável pelos projetos culturais. Licenciada em Filologia Germânica, pela Universidade Clássica de Lisboa, é pós-graduada em Ciências Documentais, incidindo a sua experiência sobretudo nas áreas da promoção da leitura e da gestão de bibliotecas públicas.

Qual o balanço que faz em relação ao trabalho desenvolvido por este serviço e pelos técnicos que se deslocavam junto das populações que não tinham habitualmente acesso a uma biblioteca?

É impossível não fazer um balanço positivo deste trabalho. Aliás, é muito vulgar encontrarmos pessoas, dos mais variados quadrantes da vida portuguesa que dizem terem começado a ler graças à Bibliotecas Itinerantes da sua vila.

Que legado deixou, quanto a si, às populações e aos municípios esta rede de “furgonetas”?

O prazer da leitura.

Sendo de carácter privado, estas bibliotecas acabaram por prestar um serviço público. Concorda?

O serviço prestado pelas Bibliotecas Itinerantes foi, sem dúvida, um serviço público.

Para além da natureza “especial” inerente a esta categoria de equipamentos (flexibilidade, deslocalização, carisma), os fundos documentais e o tipo de abordagem ao público promovido pelos técnicos das itinerantes são, habitualmente, apontados como os principais fatores que determinam o sucesso deste tipo de serviço. Na sua opinião, quais foram as especificidades ou mais-valias que o serviço da Gulbenkian introduziu em relação a estes dois fatores?

Parece-me que a simplicidade foi o fator mais importante. Tudo era simples: o preenchimento do cartão de leitor; o empréstimo e a devolução dos livros; a escolha – os livros tinham nas lombadas fitas coloridas que representavam as classes da CDU. A colocação da fita na lombada, representava a dificuldade da obra: quanto mais no topo, mais difícil. O papel dos “Encarregados” foi também inexecedível: eram eles que, não só aconselhavam, como orientavam, no sentido de passar de um livro para outro, conforme a capacidade leitora ia crescendo. Foram verdadeiros “mediadores”.

O que considera ter sido mais decisivo para o impacto que estas carrinhas tiveram junto das populações rurais e de várias gerações que, então crianças e jovens, ainda hoje se reportam a esta experiência com tanto entusiasmo?

O facto de ser gratuito, simples (conforme esclareci na questão anterior), e regular. A regularidade das visitas das Bibliotecas Itinerantes foi imprescindível para a criação do hábito: cada 15 dias, num determinado dia, a determinada hora, a Bibliotecas Itinerantes visitava a mesma povoação. A antecipação do prazer, chega a ser melhor que o próprio prazer...!

Foi-lhe possível, ao longo do período em que integrou este serviço, apurar sinais concretos que, quanto a si, possam traduzir uma evolução no serviço e nas competências culturais das populações servidas?

Para responder a esta questão, o melhor é olhar para alguns números:

Em dezembro de 1960, com 29 BI em funcionamento, 1.445.787 obras tinham sido emprestadas (354.710 Literatura; 663.348 Literatura para crianças; 274. 987 Literatura para adolescentes (> de 12; < 16 anos) e 789 Filologia, Linguística. Havia 151.051 leitores inscritos. Em 1958 foram atendidos 94.200 leitores; em 2002, 1.601.374, embora 1986 fosse o ano em que se registou maior número de leitores atendidos: 1.891.751. Quanto a livros requisitados, de 263.759 em 1958 passaram-se a 2.011.543 em 2002. 1973, foi o ano que registou o número mais elevado de livros requisitados: 6.002.478. Mesmo tendo em conta o aumento de população, é muito significativa a alteração do número de leitores atendidos (isto é, aqueles que utilizaram o empréstimo domiciliário).

Que dificuldades/obstáculos/condicionamentos à prossecução e qualidade do Serviço de Bibliotecas Itinerantes foram então detetados pela vossa equipa ou denunciados pelos utilizadores?

As dificuldades maiores prenderam-se com a desertificação do interior do país e das vilas e aldeias onde as Bibliotecas Itinerantes operavam.

Qual a justificação para a extinção do serviço de itinerantes?

Exatamente porque muitas das visitas ficavam desertas. E também porque, a partir dos anos 80, a intervenção do Estado na área das bibliotecas e da leitura pública colmatou as lacunas culturais que, até aí, não tinham cobertura nem autárquica, nem do governo central. A FCG alterou o apoio que dava às bibliotecas, tendo, a partir de 2003, passado a abrir um concurso anual – para Bibliotecas Públicas Municipais, Bibliotecas Escolares e Pequenas Bibliotecas Públicas.

Acredita que o serviço prestado pelas itinerantes da Gulbenkian foi colmatado pela instalação, por iniciativa estatal, de bibliotecas municipais (Rede Nacional de Bibliotecas Públicas)?

Até certo ponto sim, pelo menos numa primeira fase; ou seja, a curiosidade que as novas bibliotecas municipais da rede do Estado provocaram nas populações foi muito semelhante à que foi criada pelas Bibliotecas Itinerantes da FCG, à época. No entanto, a perspetiva é muito diferente: com as Bibliotecas Itinerantes, o livro é “levado” às pessoas e estabelece-se uma espécie de “ligação fraterna” entre os leitores e aqueles que levam os livros; qualquer biblioteca pública “fica à espera” de utilizadores (repare-se na mudança de terminologia – leitor/utilizador. Há países [como Espanha] em que se chamam “clientes”), faz ações para que eles vençam a sua inércia e venha à biblioteca pública. Mas é positiva a criação de pólos móveis dessas bibliotecas Públicas, que têm – essas sim – substituído as Bibliotecas Itinerantes da FCG.

Considera que as carências/lacunas que nos anos 80 ainda estavam por colmatar e às quais a Fundação Gulbenkian através do serviço de leitura tentava dar resposta já se encontram preenchidas/resolvidas?

Algumas sim, outras não. Aliás, porque as “lacunas” mudam conforme os tempos...

Considera este tipo de extensão bibliotecária pertinente nos dias de hoje?

Penso que uma biblioteca itinerante é sempre precisa, agora para outros públicos, dado o prolongamento da esperança de vida.

É, neste momento, uma forma de “assistência”, de preenchimento da solidão (daí, na questão anterior, ter falado em lacunas que mudam com os tempos)

Que tipo de competências ou especiais incumbências crê que podem ser atribuídas a este tipo de bibliotecas no contexto sócio-cultural do Portugal do século XXI?

O de aproximar os livros e as novas tecnologias das populações mais isoladas. Com o avanço da técnica, é já possível integrar numa Biblioteca Itinerante as novas tecnologias. É isso que pode fazer a diferença.

Considera que este tipo de equipamentos poderá contribuir/continuar a contribuir para a qualificação dos nossos públicos?

Qualquer instrumento (ou unidade – fixa ou móvel) que disponibilize e facilite o acesso à informação acabará por contribuir para a qualificação das populações.

Tem acompanhado o trabalho que vem sendo desenvolvido pelos colegas das itinerantes “modernas”? Quer tecer algum comentário a este respeito?

As Bibliotecas Itinerantes “modernas” – como lhes chama – têm basicamente as mesmas funções e cumprem a mesma “missão” que as Bibliotecas Itinerantes antigas. Só com novos e melhores “produtos”, para além do livro em papel. Acho um trabalho meritório, importantíssimo e, dos casos que conheço, todos têm um papel fundamental na vida cultural das localidades onde operam.

Que conselho daria a um mediador/bibliotecário que quisesse abraçar, hoje, um projeto/trabalho desta natureza?

Penso que é preciso, antes de mais nada, que a pessoa que siga esta via profissional, tenha a noção da dignidade e do mérito deste trabalho. Para além da sua importância real. Para além disso, há que seduzir para a leitura: sem obrigação (como nas escolas), ouvindo os leitores, criando empatia para que, pouco a pouco, os gostos vão surgindo, e simplificando muito toda a burocracia. Dificilmente um prazer é complicado...

APÊNDICE 2| Inquérito às Bibliotecas Municipais com extensão móvel: Formulário do questionário enviado por e-mail a 75 bibliotecas municipais, entre junho e setembro de 2011

O preenchimento deste questionário autoriza o tratamento dos dados fornecidos e a sua divulgação para fins estritamente científicos/acadêmicos. Muito obrigada pela sua colaboração!

1. QUESTÕES GENÉRICAS – BIBLIOTECA MUNICIPAL

1.1. Identificação *(introduzir os dados solicitados nos espaços em branco)*

- 1.1.1 Nome(s)
- 1.1.2 Morada
- 1.1.3 Página Web
- 1.1.4 E-mail
- 1.1.5 Concelho
- 1.1.6 Distrito
- 1.1.7 Data da fundação
- 1.1.8 Horário
- 1.1.9 Tipo de Biblioteca (BM1/BM2/BM3)
- 1.1.10 Tem edifício próprio? Desde quando? Financiado por quem?
- 1.1.11 Integra a RNBP?
- 1.1.12 Principais entidades apoiantes

1.2. Equipa *(indicar quantidade + tipo de vínculo)*

- 1.2.1 Técnicos Superiores Especializados (Biblioteconomia/Documentação)
- 1.2.2 Técnicos Superiores
- 1.2.3 Técnicos BAD
- 1.2.4 Animadores Culturais
- 1.2.5 Professores, Formadores, Mediadores, Artistas
- 1.2.6 Outros. Quais?

1.3. Extensões bibliotecárias *(indicar quantidade)*

- 1.3.1 Unidades móveis
- 1.3.2 Pólos Permanentes
- 1.3.3 Pólos Sazonais (quiosques, tendas)
- 1.3.4 Leitura deslocalizada (visita de técnicos a lares, prisões, escolas, domicílios)
- 1.3.5 Bibliocaixas
- 1.3.6 Outras. Quais?

1.4. Espaços *(indicar SIM ou NÃO)*

- 1.4.1 Sala de Leitura Geral/Adultos
- 1.4.2 Sala de Leitura Infantil e/ou Juvenil
- 1.4.3 Sala de Leitura de Periódicos
- 1.4.4 Sala de Leitura Informal
- 1.4.5 Bebeteca
- 1.4.6 Sala de audiovisuais
- 1.4.7 Sala de multimédia/Internet
- 1.4.8 Auditório
- 1.4.9 Área de exposições
- 1.4.10 Sala para animação da leitura e/ou oficinas
- 1.4.11 Bar/Cafetaria
- 1.4.12 Outros. Quais?

1.5. Fundos Documentais (*indicar SIM ou NÃO + quantitativos, caso estejam disponíveis*)

- 1.5.1 Fundo bibliográfico geral/adulto
- 1.5.2 Fundo bibliográfico infantil
- 1.5.3 Periódicos
- 1.5.4 Fundo audiovisual e multimédia
- 1.5.5 Fundo Local
- 1.5.6 Coleções especializadas (minorias étnicas, faixas etárias, grau habilitações, etc.)
- 1.5.7 Espólios/ Coleções especiais
- 1.5.8 Outros. Quais?

1.6. Serviços / Recursos / Atividades (*indicar SIM ou NÃO*)

- 1.6.1 Informação e referência local
- 1.6.2 Informação e referência à distância (*em linha* ou por *e-mail*)
- 1.6.3 Leitura e consulta presencial
- 1.6.4 Empréstimo domiciliário
- 1.6.5 Empréstimo interbibliotecas/trabalho em rede com outras bibliotecas ou fundos documentais
- 1.6.6 Formação de utilizadores (TIC's, Pesquisa, Tutoriais)
- 1.6.7 Animação cultural (exposições, festivais, visitas guiadas, debates)
- 1.6.8 Promoção do livro e da leitura
- 1.6.9 Acesso a recursos informáticos (computadores e *software*)
- 1.6.10 Acesso a recursos áudio, vídeo e multimédia
- 1.6.11 Acesso à Internet
- 1.6.12 Catálogo Público de Acesso em Linha (OPAC)
- 1.6.13 Acesso a publicações (selecionadas) e catálogos bibliográficos *on line*
- 1.6.14 Disponibilização de Coleções Digitais
- 1.6.15 Serviço de Leitura em Suportes Especiais (SELESE)
- 1.6.16 Serviço de Informação à Comunidade (SIC)
- 1.6.17 Iniciativas de alfabetização/formação ao longo da vida
- 1.6.18 Serviço de apoio às Bibliotecas Escolares (SABES)
- 1.6.19 Edições especializadas na área da biblioteconomia, leitura, literatura
- 1.6.20 Edições municipais e/ou apoio à edição de autores locais
- 1.6.21 Recolha, tratamento, investigação e divulgação do património cultural local
- 1.6.22 Difusão informativa, bibliográfica e cultural da Biblioteca
- 1.6.23 Cooperação com outras instituições culturais e parcerias locais
- 1.6.24 Reprografia e digitalização de documentos
- 1.6.25 Outros serviços/recursos/atividades. Quais?

2. QUESTÕES ESPECÍFICAS – BIBLIOTECA ITINERANTE

2.1. Identificação (*introduzir os dados solicitados nos espaços em branco*)

- 2.1.1 Nome(s)
- 2.1.2 Departamento/Setor
- 2.1.3 Página *Web*
- 2.1.4 E-mail
- 2.1.5 Concelho
- 2.1.6 Distrito
- 2.1.7 Data da fundação Data da extinção
- 2.1.8 Localização/Itinerário
- 2.1.9 Periodicidade/Horário
- 2.1.10 Populações abrangidas
- 2.1.11 Integra redes concelhias de bibliotecas/fundos documentais?
- 2.1.12 Principais entidades apoiantes

2.2. Equipa (*indicar quantidade + tipo de vínculo*)

- 2.2.1 Técnicos Superiores Especializados (Biblioteconomia/Documentação)
- 2.2.2 Técnicos Superiores
- 2.2.3 Técnicos BAD
- 2.2.4 Animadores Culturais
- 2.2.5 Professores, Formadores, Mediadores, Artistas
- 2.2.6 Outros. Quais?

2.3. Espaço (*introduzir os dados solicitados nos espaços em branco*)

- 2.3.1 Tipo de veículo
- 2.3.2 Nº de lugares sentados
- 2.3.3 Tipo de estantes e capacidade
- 2.3.4 Dispõe de expositores para periódicos?
- 2.3.5 Dispõe de outros contentores de livros/materiais (caixas, baús, malas)?
- 2.3.6 Dispõe de painel informativo?
- 2.3.7 Dispõe de avançados/toldos?
- 2.3.8 Dispõe de área para exposições?
- 2.3.9 Dispõe de condições para a leitura presencial? Quais?
- 2.3.10 Dispõe de condições para a realização de atividades de animação cultural/promoção da leitura? 2.3.11 Dispõe de acesso facilitado para utilizadores com dificuldades de locomoção?
- 2.3.12 O interior da carrinha dispõe de tratamento estético personalizado?
- 2.3.13 O exterior da carrinha dispõe de tratamento estético personalizado?
- 2.3.14 Outros elementos espaciais que considere pertinentes

2.4. Fundos Documentais (*indicar SIM ou NÃO + quantitativos, caso estejam disponíveis*)

- 2.4.1 Fundo bibliográfico geral/adulto
- 2.4.2 Fundo bibliográfico infantil
- 2.4.3 Periódicos
- 2.4.4 Fundo audiovisual e multimédia
- 2.4.5 Fundo Local
- 2.4.6 Coleções especializadas (minorias étnicas, faixas etárias, grau habilitações, etc.)
- 2.4.7 Espólios/ Coleções especiais
- 2.4.8 Outros. Quais?

2.5. Serviços / Recursos / Atividades (*indicar SIM ou NÃO*)

- 2.5.1 Informação e referência local
- 2.5.2 Informação e referência à distância (*em linha* ou por *e-mail*)
- 2.5.3 Leitura e consulta presencial
- 2.5.4 Empréstimo domiciliário
- 2.5.5 Empréstimo interbibliotecas/trabalho em rede com outras bibliotecas ou fundos documentais
- 2.5.6 Formação de utilizadores (TIC's, Pesquisa, Tutoriais)
- 2.5.7 Animação cultural (exposições, festivais, visitas guiadas, debates)
- 2.5.8 Promoção do livro e da leitura
- 2.5.9 Acesso a recursos informáticos (computadores e *software*)
- 2.5.10 Acesso a recursos áudio, vídeo e multimédia
- 2.5.11 Acesso à Internet
- 2.5.12 Catálogo Público de Acesso em Linha (OPAC)
- 2.5.13 Acesso a publicações (selecionadas) e catálogos bibliográficos *on line*
- 2.5.14 Disponibilização de Coleções Digitais
- 2.5.15 Serviço de Leitura em Suportes Especiais (SELESE)
- 2.5.16 Serviço de Informação à Comunidade (SIC)
- 2.5.17 Iniciativas de alfabetização/formação ao longo da vida
- 2.5.18 Serviço de apoio às Bibliotecas Escolares (SABES)

- 2.5.19 Edições especializadas na área da biblioteconomia, leitura, literatura
- 2.5.20 Edições municipais e/ou apoio à edição de autores locais
- 2.5.21 Recolha, tratamento, investigação e divulgação do património cultural local
- 2.5.22 Difusão informativa, bibliográfica e cultural da Biblioteca
- 2.5.23 Cooperação com outras instituições culturais e parcerias locais
- 2.5.24 Reprografia e digitalização de documentos
- 2.5.25 Outros serviços/recursos/atividades

2.6. Caracterização (*indicar SIM ou NÃO*)

- 2.6.1 Foram definidos missão e objetivos específicos para a biblioteca itinerante?
- 2.6.2 Nasceu associada a algum projeto de intervenção cultural ou a um programa específico?
- 2.6.3 A biblioteca itinerante atual foi precedida pela experiência de uma carrinha da Gulbenkian?
- 2.6.4 Foi feita alguma auscultação à população para medir a sua receptividade?
- 2.6.5 Foi realizado algum estudo formal sobre a pertinência de uma biblioteca itinerante?
- 2.6.6 Como foi financiada a instalação/reactivação da biblioteca itinerante?
 - a) Fundos UE
 - b) Governo Central
 - c) DGLB/PNL
 - d) Município
 - e) Fundação Calouste Gulbenkian
 - f) Iniciativa Privada
 - g) ONG's/Fundações
 - h) Outras iniciativas. Quais?
- 2.6.7 O que motivou a criação/manutenção da biblioteca itinerante?
 - a) Isolamento/dispersão demográfica
 - b) Dimensão do concelho
 - c) Dificuldades nos acessos (vias e transportes)
 - d) Queixas ou solicitações das populações
 - e) Oferta de entidades exteriores à Biblioteca
 - f) Decisão política
 - g) Tradição
 - h) Outra razão. Qual?
- 2.6.8 Quais são os locais de paragem habitual da biblioteca itinerante?
 - a) Aldeias/lugares
 - b) Bairros residenciais (urbanos)
 - c) Centros Sociais e Associações Recreativas
 - d) Lares/Centros de Dia para idosos
 - e) Estabelecimentos prisionais
 - f) Estabelecimentos de saúde
 - g) jardins de infância
 - h) Escolas Públicas do 1º Ciclo
 - i) Escolas Públicas do 2º Ciclo
 - j) Escolas Privadas
 - k) Fábricas
 - l) Estabelecimentos comerciais
 - m) Outros locais. Quais?
- 2.6.9 Qual a forma de arrumação/apresentação dos materiais em livre acesso?
 - a) CDU
 - b) Por tema
 - c) Por grupos de interesse (tipos de público)
 - d) Mista
 - e) Outra. Qual?

- 2.6.10 A biblioteca itinerante está ligada em rede com a biblioteca municipal?
- 2.6.11 A itinerante utiliza o mesmo Sistema Integrado de Gestão (SIG) da biblioteca municipal?
- 2.6.12 A biblioteca itinerante dispõe de materiais de divulgação e marketing próprios?
- 2.6.13 Os técnicos da biblioteca municipal participam nas viagens da biblioteca itinerante?
- 2.6.14 Os técnicos da itinerante participam nas decisões relativas à constituição da sua coleção?
- 2.6.15 Os técnicos da itinerante participam em ações de formação especializadas?
- 2.6.16 A carrinha da biblioteca itinerante é um recurso partilhado por outras entidades?

2.7. Avaliação (*introduzir os dados solicitados nos espaços em branco*)

- 2.7.1 N° Leitores (total) N° Novas inscrições/mês (média) N° Requisições/mês (média)
- 2.7.2 Quais são os utilizadores mais assíduos/interessados?
 - a) Género
 - b) Faixa etária
 - c) Grau de instrução
 - d) Localidade
 - e) Outro indicador que considere importante
- 2.7.3 Quais são os tipos de materiais mais requisitados?
- 2.7.4 Quais são os tipos de atividades mais participadas?
- 2.7.5 O n° de requisições tem aumentado, diminuído ou estabilizado?
- 2.7.6 O n° de novas inscrições tem aumentado, diminuído ou estabilizado?
- 2.7.7 O grau de exigência dos utilizadores tem aumentado, diminuído ou estabilizado?
- 2.7.8 A participação dos utilizadores tem aumentado, diminuído ou estabilizado?

2.8. Opinião (*Indicar grau de importância: P = Pouco Importante; S = Significativo; M =Muito Importante*)

- 2.8.1 Quais têm sido os principais motores para a consolidação e evolução da biblioteca itinerante?
 - a) Interesse político, estratégico ou programático por parte dos poderes autárquicos
 - b) Existência de financiamento e apoios
 - c) Estabelecimento de parcerias locais
 - d) Potencialidades técnicas associados ao equipamento (veículo)
 - e) Preparação, coesão e/ou motivação da equipa
 - f) Investimento na comunicação e divulgação
 - g) Interesse e colaboração por parte dos utilizadores (efetivos ou potenciais)
 - h) Agilidade/flexibilidade administrativa e orgânico-funcional
 - i) Outras razões. Quais?
- 2.8.2 Quais têm sido os principais entraves à consolidação e evolução da biblioteca itinerante?
 - a) Falta de interesse político, estratégico ou programático por parte dos poderes autárquicos
 - b) Falta de financiamento e apoios
 - c) Dificuldades no estabelecimento de parcerias locais
 - d) Limitações técnicas associados ao equipamento (veículo)
 - e) Falta de preparação, coesão e/ou motivação da equipa
 - f) Falta de investimento na comunicação e divulgação
 - g) Desinteresse ou pouca colaboração por parte dos utilizadores (efetivos ou potenciais)
 - h) Disfunções/dificuldades administrativas e orgânico-funcionais
 - i) Outras razões. Quais?
- 2.8.3 Considera a biblioteca itinerante um equipamento com pertinência no futuro?

3. Identificação do técnico que preencheu o questionário

Nome
 Posto/Função
 Data

APÊNDICE 3 | Inquérito às Bibliotecas Municipais com extensão móvel: Quadros para caracterização comparativa das 13 bibliotecas de que se obteve resposta válida, novembro de 2011 a maio 2012

IDENTIFICAÇÃO

Zona do País	%
Centro	6 46
Norte	5 38
Sul	2 15

Data de fundação da biblioteca municipal	%
<1950	5 38
1950-1985	2 15
>1985	6 46

Tipologia da biblioteca municipal	%
BM1	5 38
BM2	6 46
BM3	1 8
Não sabem responder/Não responderam	1 8

Data de fundação da unidade móvel	%
<1950	0 0
1950-1985	1 8
1986-2000	3 23
>2000	9 69
Sim	12 92
Não	1 8

Integra a RNB	%
Sim	8 62
Não	5 38

Instalação precedida de estudo	%
Sim	2 15
Não	11 85

Periodicidade dos serviços	%
Quinzenal	3 23
Mensal	2 15
Não sabem responder/Não responderam	5 38

Instalação integrada num Projeto	%
Sim	6 46
Não	7 54

Integra redes concelhias/locais de partilha de dados	%
Sim	5 38
Não	7 54
?	1 8

Instalação antecedida por experiência de carrinha da FCG	%
Sim	6 46
Não	7 54

CARACTERIZAÇÃO

Serviços, recursos e atividades	%		B1 B2 B3 B4 B5 B6 B7 B8 B9 B10 B11 B12 B13															
Empréstimo domiciliário	9	69	1	1	1	1					1	1		1			1	1
Promoção do livro e da leitura	7	54	1	1	1				1	1		1		1			1	1
Informação e referência local	8	62	1	1					1	1	1	1		1			1	1
Cooperação e parcerias locais	13	100	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Leitura e consulta presencial	7	54	1	1		1			1	1	1	1					1	
Difusão informativa e cultural da BM	2	15								1		1		1				
Informação e referência à distância	4	31				1					1			1			1	
Empréstimo interbibliotecas	11	85	1	1	1	1			1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Recursos informáticos	7	54	1	1				1		1	1	1		1			1	
Internet	4	31	1	1							1	1		1				
Apoio às Bibliotecas Escolares	6	46	1	1						1	1	1		1			1	
Recolha/Divulgação Patrimônio Cultural Local	5	38	1	1					1	1	1	1						
Catálogo Público de Acesso em Linha	4	31	1				1			1	1	1						
Animação cultural	1	8									1							
Recursos áudio/vídeo/multimídia	3	23	1	1							1							
Acesso a publicações <i>on line</i>	4	31	1	1		1			1									
Serviço de Informação à Comunidade	3	23			1				1					1				
Apoio à edição de autores locais	6	46				1			1		1	1	1	1			1	1
Serviço Leitura em Suportes Especiais	2	15	1			1												
Alfabetização/Formação longo da vida	4	31	1	1		1			1									
Reprografia e digitalização de documentos	6	46	1	1		1			1		1			1				
Formação de utilizadores	8	62	1	1		1			1	1	1	1		1			1	1
Edições especializadas biblioteconomia	9	69	1	1		1			1	1	1	1	1	1	1		1	1
Disponibilização de Coleções Digitais	3	23		1							1			1				

CARACTERIZAÇÃO

Locais de paragem habitual	%	B1	B2	B3	B4	B5	B6	B7	B8	B9	B10	B11	B12	B13
Aldeias/lugares	9 69	1	1	1	1	1			1		1		1	1
Bairros urbanos	3 23	1							1				1	
Centros Sociais/Ass. Recreativas	6 46	1						1	1	1	1			1
Lares/Centros de Dia Idosos	8 62	1						1	1	1	1		1	1
Estabelecimentos prisionais	1 8													
Estabelecimentos de saúde	2 15		1											1
Jardins de infância	12 92	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Escolas Públicas do 1º Ciclo	10 77	1	1	1	1	1	1		1	1		1		1
Escolas Públicas do 2º Ciclo	2 15			1	1									
Escolas Privadas	3 23	1		1				1						
Fábricas	1 8	1												
Estabelecimentos comerciais	2 15								1		1			

7 5 5 4 4 5 2 3 8 4 5 2 4 5

Fundos documentais	%	B1	B2	B3	B4	B5	B6	B7	B8	B9	B10	B11	B12	B13
Geral/adulto	13 100	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Infantil	13 100	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Periódicos	5 38	1	1	1	1					1				
Audiovisual/Multimédia	11 85	1		1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Fundo Local	7 54	1	1	1	1					1	1	1	1	1
Coleções especiais	0 0													

Equipa*	%	B1	B2	B3	B4	B5	B6	B7	B8	B9	B10	B11	B12	B13
Técnicos Superiores Especializados	2 6			1							1			
Técnicos Superiores	6 18	2	1			1				2				
Técnicos BAD	21 62	4	2	2	1		5	3	1				2	1
Animadores Culturais	1 3		1											
Outros	6 18	3				1				1		1		

* % encontrada a partir do total de 36 técnicos envolvidos nas equipas das 13 itinerantes

UTILIZAÇÃO

Requisições - tendência	%
Aumentado	4 31
Diminuído	3 23
Estabilizado	5 38
Não sabem responder/Não responderam	1 8

Novas Inscrições - tendência	%
Aumentado	5 38
Diminuído	3 23
Estabilizado	4 31
Não sabem responder/Não responderam	1 8

Exigência - tendência	%
Aumentado	6 46
Diminuído	0 0
Estabilizado	5 38
Não sabem responder/Não responderam	2 15

Participação - tendência	%
Aumentado	5 38
Diminuído	1 8
Estabilizado	4 31
Não sabem responder/Não responderam	3 23

Nº leitores inscritos

	total	idade	ano
Batalha	1359	53	26
Beja	650	3	217
Coimbra	8100	10	810
Felgueiras	1500	15	100
Guarda	350	1	350
Moura	572	6	95
Óbidos	520	6	87
Oliveira Azeméis	--	1	
Paredes	700	11	64
Proença-a-Nova	230	6	38
Torres Novas	723	13	56
Vila Franca Xira	4847	11	441
V. N. Famalicão	7578	23	329

OPINIÃO

Motores para a consolidação/evolução da biblioteca itinerante**

		%
Interesse político, estratégico, programático da autarquia	3	23
Existência de financiamento e apoios	4	31
Estabelecimento de parcerias locais	0	0
Potencialidades técnicas do veículo	3	23
Preparação, coesão e/ou motivação da equipa	3	23
Investimento na comunicação e divulgação	3	23
Interesse e colaboração por parte dos utilizadores	10	77
Agilidade/flexibilidade administrativa e orgânico-funcional	2	15

**Contabilizados apenas os aspetos classificados como "Muito importante"

B1	B2	B3	B4	B5	B6	B7	B8	B9	B10	B11	B12	B13
1											1	1
1			1			1			1			
1	1			1								
1	1	1										
1	1								1			
1	1	1		1	1	1			1	1	1	1
1								1				

Entraves para a consolidação/evolução da biblioteca itinerante***

		%
Falta de interesse político, estratégico, programático da autarquia	2	15
Falta de financiamento e apoios	5	38
Dificuldades no estabelecimento de parcerias locais	1	8
Limitações técnicas do veículo	4	31
Falta de preparação, coesão e/ou motivação da equipa	1	8
Falta de investimento na comunicação e divulgação	1	8
Desinteresse ou pouca colaboração por parte dos utilizadores	2	15
Disfunções/dificuldades administrativas e orgânico-funcionais	0	0

***Contabilizados apenas os aspetos classificados como "Muito importante"

B1	B2	B3	B4	B5	B6	B7	B8	B9	B10	B11	B12	B13
						1			1			
	1	1				1		1				
								1				
			1	1	1						1	
				1								
								1				
									1			
	1								1			

APÊNDICE 4| Entrevista a Cristina Taquelim, coordenadora da Biblioteca Andarilha e do Programa de Leitura em Meio Rural (Beja, Biblioteca Municipal José Saramago, 18 Ago. 2012)

Cristina Taquelim é técnica da Biblioteca Municipal de Beja desde 1989 e tem a seu cargo o Setor Infantil, o Centro do Livro Infantil, o Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares, os Projetos de Promoção das Leituras e todos os projetos de extensão cultural e social da Biblioteca Municipal de Beja. Licenciada em Psicologia e especializada em Biblioteconomia, tem desenvolvido paralelamente um trabalho importante nas áreas da mediação da leitura, da tradição oral e da narração.

Quando e porque surgiu a ideia de se criar uma extensão itinerante como componente essencial de um Programa de Leitura em Meio Rural?

A ideia de criar esta extensão itinerante surge quando começamos a ter consciência da falência dos Pólos criados em meio rural. Talvez uns 3 anos depois da BMB ter sido inaugurada, inaugurou-se logo um pequeno Pólo numa das freguesias de maior dimensão, com maior dinâmica e onde a Junta [de Freguesia] mostrava mais interesse. Criou-se o Pólo da Salvada - foi o 1º a ser criado e a partir daí foi um pulular de Pólos. Toda a gente queria um Pólo na sua aldeia. Quer dizer, a consciência do que ter um Pólo representa - nem as Juntas, nem nós a tínhamos. Não vamos estar a responsabilizar as Juntas. Só a partir da criação do 2º pólo é que a Biblioteca começou a ter consciência do que aí vinha; resistimos mas já não houve possibilidade de dar-lhe a volta. O que é que começámos a aperceber-nos (e a literatura que havia – pouca – já indicava isso) era que tudo o que fossem zonas habitacionais com a densidade populacional que nós tínhamos, era contraproducente a criação de um Pólo. E, portanto, as comunidades ficariam melhor servidas com um núcleo itinerante e com um trabalho de dinamização mais ativo do que aquele que estava a ser feito, até porque - talvez não seja muito politicamente correto dizê-lo – o meio rural no nosso concelho, tirando uma ou outra atividade mais pontual, sempre foi muito abandonado do ponto de vista cultural. O entendimento que se tem da política cultural em meio rural é que as pessoas gostam de bailes e gostam de fados e durante estes anos, mesmo com a revolução de abril, mesmo com o pós 25 de Abril, aquilo que foi dado às pessoas foi muito pouco. E portanto, isso criou grandes massas de pessoas infoexcluídas, criou - associado aquilo que são as questões normais no nosso país, de desertificação, de baixos níveis de escolaridade - aquilo que a gente hoje encontra quando vai para o meio rural (...). Nós começámos a ter consciência que era necessário um projeto de leitura em meio rural com outros contornos a partir do momento em que os Pólos entram em falência. E depois andámos a tentar negociar ao máximo com o antigo Executivo as condições de funcionamento desta biblioteca, porque a ideia era uma carrinha com livros e vamos à estrada.

Nesse processo queríamos garantir que havia um envolvimento por parte das Juntas de Freguesia, que havia um compromisso financeiro efetivo por parte da Autarquia, negociado em protocolo, e que era respeitado no sentido de não acontecer com o fundo da *Biblioteca Andarilha* o mesmo que aconteceu com o fundo dos Pólos, que progressivamente se veio a desatualizar, a ponto de hoje ter muito pouca novidade, a não ser aquela que conseguimos levar a partir de empréstimos coletivos.

Ou seja, o técnico do Pólo vem à Biblioteca Municipal, seleciona um fundo documental que está durante um período no Pólo, o que é, neste momento, feito com a Lena [Helena Ribeiro, técnica afeta ao projeto da *Biblioteca Andarilha*] através da *Biblioteca Andarilha*. Era para se evitar um bocadinho isso. E é nesse contexto que surge depois, mais tarde, em 2009, o projeto que nós apresentámos ao Executivo, que tinha um desenvolvimento em duas fases: um 1º ano em que se fez a aquisição da carrinha e um 2º ano em que se comprou o equipamento e que tinha como ponto de honra - e sem o qual a gente não avançava com o Projeto – um protocolo com todas as Juntas de Freguesia em Meio Rural, com contrapartidas: a Câmara comprometia-se a fazer determinados investimentos, as Juntas comprometiam-se a fazer determinado tipo de investimentos, para o projeto avançar. Dois anos depois, o protocolo está lá, de facto, mas...

Relativamente ao “Programa de Leitura em Meio Rural”, como tem estado a evoluir, de setembro de 2009 até agora, relativamente a cada uma das suas linhas de atuação, definidas no protocolo estabelecido com as Juntas de Freguesia: a) revitalização dos Pólos da Biblioteca Municipal existentes nas freguesias?

Parou.

b) Criação da Biblioteca Itinerante - Biblioteca Andarilha, que garanta o empréstimo em todas as freguesias que não têm Pólo da Biblioteca Municipal?

Funciona.

c) Criação de núcleos de leitura de periódicos em todas as freguesias rurais do concelho?

Nenhuma das freguesias avançou para isso e se o fez fê-lo fora deste contexto de protocolo; nós nem fomos informados que na freguesia de Neves, por iniciativa da Junta de Freguesia, abriram um serviço multimédia com jornais – não há qualquer tipo de articulação, é absolutamente autista... Vamos lá a ver, é óbvio que eu percebo que há aqui questões de natureza política. Já existiam e que depois se agudizam. Tradicionalmente sempre houve alguma conflitualidade entre Juntas [de Freguesia] e o Executivo Camarário, apesar de estarem no mesmo alinhamento ideológico político-partidário. Esses conflitos agudizaram-se com as mudanças no executivo a partir de novembro de 2009. Há um mal-estar muito grande na relação entre Juntas e o Executivo que se reflete nestas coisas. E tem também uma outra origem; temos de ser realistas – esta terra de latifúndio criou nas mentalidades uma incapacidade de partilhar recursos e de trabalhar em equipa assustadora. Tu não vês isto a Norte – a Norte é mais fácil trabalhares em cooperação, trabalhares em equipa. É muito complicado... Temos várias situações dessas, duas ou três freguesias que abriram Pólos multimédia, supostamente com financiamento da Associação de Municípios e que não tiveram qualquer preocupação em fazer qualquer tipo de articulação com a Câmara, nem tão pouco de informar a *Biblioteca Andarilha*, porque até pode haver soluções intermédias de colocação de fundo documental nestes núcleos – porque têm lá uma pessoa a tempo inteiro que pode facilitar a vida das escolas ou a vida da comunidade. Trabalhar em parceria tem sido impossível até agora...

d) Criação de maletas a distribuir pelas escolas das freguesias que não têm Pólo ou Biblioteca Escolar?

Essas temos feito através das Bibliotecas Escolares, através do empréstimo direto às escolas.

Uma coisa que não temos feito e que também consta do Protocolo são as atividades regulares de animação. Caíram praticamente todas. O que há é uma coisa muito episódica e tirada a ferros – que é, por exemplo, temos as comemorações do 23 de abril [Dia Mundial do Livro] aqui em Beja, e esticas a corda para conseguir organizar uma pequena atividade numa das Freguesias, com Pólos; nas outras não temos conseguido. Mas o compromisso não foi esse. O compromisso que se assumiu em Protocolo era de outra natureza, e que garantiria não só dentro da Câmara, numa articulação direta com os serviços sócio-culturais da Câmara, um trabalho efetivo de rede e parceria que não se consegue estruturar. Aquilo que se previa era que dentro da própria Autarquia existisse uma rede de trabalho para o meio rural, ao nível do desenvolvimento de uma política cultural...

Que rentabilizasse os recursos existentes...

Exatamente. Porque em vez da gente fazer o bailarico saloio, pode fazer uma outra atividade... Isso não está ainda a funcionar, nem sei se alguma vez estará. Com toda a franqueza; não estou a ser pessimista, estou a ser realista. Com o quadro financeiro de grande dificuldade que a biblioteca

central apresenta... Temos tido imensos reveses... Portanto não vejo que haja, a curto prazo, disponibilidades financeiras que permitam o desenvolvimento de um projeto destes, que - se fosse executado em pleno - custaria *uma fortuna* [ironia] por volta dos 25 mil euros por ano. Não estamos a falar de 200 mil... Para abranger todas as freguesias rurais por onde a carrinha [passa].

Efetivamente, aquilo que a gente percebe é que continuamos a viver num país onde temos cidadãos de várias categorias. Os cidadãos do meio rural não são de 1ª; portanto, para eles qualquer coisa serve. Isto está instituído da esquerda à direita...

Com diferenças de estilo...

Sim, com diferenças de estilo, mas está instituído e é muito complicado dar-lhe a volta... Vamos tentando, vamos labutando...

Os resultados também não têm sido mediáticos...

Os resultados são muito bons! Os resultados dos empréstimos da carrinha são muito bons, muito bons! A grande surpresa para a mim, a grande revelação ao longo deste 2 anos de trabalho é a gente perceber que, em meio rural, mesmo com baixos níveis de escolaridade – não vou discutir a tipologia de livro que é utilizado – mas é muito interessante perceber como mulheres com a 4ª classe quinzenalmente vão buscar o limite de livros que podem e durante esses quinze dias leem – e a gente sabe que leem porque elas comentam, com a equipa do terreno: “Gostei; não gostei; arranje-me lá outro deste autor; gosto muito deste tipo de histórias”. Portanto, têm um discurso sobre aquilo que foi lido, de alguém que leu.

(...) Uma questão que também é importante neste estudo e que é uma das funções, para mim, com mais importância da *Biblioteca Andarilha*, e que eu não tinha a perceção de que isso ia acontecer, e que é a função da *Biblioteca Andarilha* como instrumento de combate ao isolamento social. As pessoas estão sozinhas.

Achavas que não???

Eu achava que a Biblioteca ia levar fundo [documental]. Que as pessoas iam ter uma boa relação com a biblioteca, mas não tinha noção do peso que a biblioteca tem na vida das pessoas do ponto de vista social, do ponto de vista dos afetos, do ponto de vista das emoções, daquilo que contam da sua vida particular, do desabafo, do ir à biblioteca só para conversar com as funcionárias.

Todos os leitores com quem conversei falam na relação com as funcionárias e na questão da companhia. Penso que isto é uma dimensão que a Biblioteca Andarilha, e as bibliotecas itinerantes em geral, acrescentam à biblioteca municipal. As pessoas ficam mais à vontade, estão no seu território... O que tem também muito a ver com a própria atitude das pessoas que foram escolhidas para irem levar este tipo de serviço às populações.

Exatamente. Penso que a equipa tem muita influência. A maneira como elas se relacionam, a proximidade...

E também pelo facto de serem mulheres a atender, e as mulheres serem também, numa forma geral, as que mais participam neste tipo de iniciativas, não é assim?

Neste momento, está-se a assistir a uma coisa muito curiosa: o que acontece de movimentação cultural em muitas aldeias é liderado por mulheres. Boavista [Freguesia Santa Clara do Louredo] é um exemplo muito engraçado. Estão lá com um projeto dum grupo coral feminino e aquilo está a

funcionar como um pólo de ligação com a comunidade que tem muita graça. Idalina Cacito [informante e narradora residente em Santa Clara do Louredo], as mulheres das Rosinhas...

Fez-se um levantamento formal das necessidades dos leitores potencialmente excluídos e das lacunas existentes no concelho? Receberam pedidos dos leitores nesse sentido?

Não. Aliás, uma das coisas que o Projeto dizia era que íamos para o terreno sem ter a noção do que eram os hábitos, os gostos, as preferências... Portanto, que o primeiro ano tinha como objetivo perceber isso. E fizemo-lo empiricamente. Não foi feito à partida nenhum levantamento de necessidades.

Porquê no final do verão de 2009. Que sentido de oportunidade: Financiadores ou financiamentos especiais? Técnicos disponíveis? Oferta de fundos? Verbas sem aplicação?

Era ano de eleições [autárquicas]. Do projeto eleitoral da CDU, naquele último mandato, avançou-se com a criação do Centro do Livro Infantil em 2007 e a *Biblioteca Andarilha*, que se fez em 2 tranches – no fim de 2008 fez-se a aquisição do veículo, através da Central de Compras do Estado, aproveitando-se um resto de verbas de investimento e em 2009 a aquisição do fundo documental, o mobiliário, a adaptação do veículo.

Fizeram a adaptação do veículo depois?

Mediante uma ideia muito geral daquilo que a gente tinha e da literatura que havia, foi adaptado [o veículo] pela *Transvetra*, foi comprado fundo documental, fizemos um primeiro plano de lançamento do projeto, que ainda hoje as pessoas falam disso ...

De facto, as pessoas com quem falei – quando lhes falo de animação - reportam-se a isso, ao lançamento do Projeto, no final de agosto de 2009...

Andámos de aldeia em aldeia, com uma estrutura de teatro mínima – 2 atores e um projeto muito engraçado para todas as idades. Tivemos música tradicional com dois músicos locais (acordeão e viola) pegando em repertório tradicional, cantigas de roda, valsa mandada e funcionou bem. E é essa a memória que as pessoas têm das atividades de animação da *Biblioteca Andarilha*.

E é isso que poderia continuar-se a fazer.

E funciona.

Segundo previsto no modelo de protocolo com as Juntas (Programa de Leitura em Meio Rural) que me foi fornecido em maio 2010, contava-se com €10.000,00/ano do orçamento da BMB para requalificação e atualização do fundo documental + €15.000,00 para atividades de animação/promoção da leitura. Este investimento na qualificação dos fundos, que costuma ser um dos calcanhares de Aquiles quando se trata de criar extensões bibliotecárias (uma vez que as próprias sedes têm margem de investimento nas coleções muito apertadas) assim como a aposta na animação cultural que é, também, um trabalho normalmente muito apoiado no voluntariado ou na prata da casa, parece-me muito positivo e até, invulgar. No atual contexto de crise este enquadramento financeiro mantém-se? No que é que se está a cortar e que aspetos são intocáveis neste projeto de promoção da leitura pública nos meios rurais?

Neste momento não há nada intocável... Vá lá, digo, a Equipa. Intocável, neste momento, e até ver, é a Equipa. Ou seja, estamos a conseguir manter o contrato da Susana Gomes [animadora cultural que colabora com a *Biblioteca Andarilha* desde o seu lançamento]. De resto, em 2010-2011, em

verbas para fundo documental temos gasto entre 1.000/1.500 euros, o que acompanhou, aliás, o corte do fundo documental para a Biblioteca Municipal. Nós passámos de uma situação de perto de 50.000 euros anuais para 6.000. Não se está a fazer nada na Biblioteca [Municipal] que não se faça na *Andarilha*. Mas com uma agravante - é que se não tivessem cortado as verbas da Biblioteca Mãe, nós teríamos gerido de maneira a suportar a *Andarilha* e assim não conseguimos, porque não temos na Biblioteca [Municipal] quantidade de fundo para responder às necessidades dos leitores, quer dos Pólos, quer da *Biblioteca Andarilha*. Ao nível das atividades, é mais difícil calcular porque como não tínhamos verbas para a *Biblioteca Andarilha*, fizemos desdobramentos de atividades nossas. Portanto não mentirei se disser que andou à volta dos 1.500/2.000 euros nestes 2 anos. Não gastámos mais de certeza do que isto - dos 15.000, que seriam 30.000 em 2 anos... Dois mil euros, no máximo dos máximos, para o meio rural. Portanto, percebes o desagrado...

Qual tem sido a recetividade/grau de cooperação de parceiros e públicos?

Tudo o que tem a ver com as escolas é sempre ganho, porque os miúdos estão na escola e nós vamos à escola. Tudo o que implique a deslocação de um docente é um bocadinho mais complicado. No 1º ano de funcionamento da *Andarilha* [2009-2010] tivemos um programa específico para meio rural que funcionou muito bem e que as professoras se inscreviam e tínhamos atividade regular com os grupos. No ano passado, em 2010-2011, pensámos: *pronto, o público está ganho, vamos agora ver quem é que solicita trabalho*. Não estava lá. Trabalhámos casuisticamente. Não resultou.

Os professores não estão a funcionar autonomamente, mas era essa a base - a Andarilha lançaria ideias e projetos comuns e depois eles tratariam de os desenvolver na sala de aula, com os seus alunos...

Continuamos a precisar de enquadrar melhor o programa, a ter de tomar a iniciativa de calendarizar as turmas para a utilização, quer da *Biblioteca Andarilha* em termos de empréstimo, quer para as atividades. No próximo ano vamos voltar à fase inicial e mantê-la até se perceber que há autonomia.

Com as Juntas [de Freguesia] sempre que é pedido apoio, as coisas funcionam, mas não há nunca da parte das Juntas iniciativa: “temos este projeto, gostávamos que a *Biblioteca Andarilha* desenvolvesse este ou este projeto”. Continuamos a trabalhar muito de costas viradas.

Mas as pessoas que trabalham nos Pólos, na dependência das Juntas de Freguesia, que não têm nada que ver aqui com a Biblioteca Municipal e colaboram com a Andarilha...

Sim, mas colaboram com a *Andarilha* porque têm contrapartidas financeiras. A Câmara paga metade do vencimento dessas pessoas. Do [estipulado no] Protocolo isso manteve-se num dos Pólos. O outro técnico é pago pela Câmara. Portanto, aí não havia grande escapatória... E a equipa está a evoluir.

Agora as bibliotecas itinerantes estão um pouco na moda, mas trabalhar numa itinerante podia ser visto um bocadinho como uma despromoção.

Aqui não. Acho que o primeiro ano [da *Biblioteca Andarilha*] em que toda a gente fazia horário na carrinha, acompanhando a equipa fixa, foi muito importante. E o facto de haver esta equipa fixa é fundamental. Acho que também os técnicos que estão na equipa da *Andarilha* são considerados, internamente, privilegiados.

Mas as pessoas não preferem fazer trabalho de gabinete?

Vamos lá ver, o trabalho da *Andarilha*, para a maior parte dos técnicos da Biblioteca [Municipal], obriga a que saiam do conforto do seu gabinete, que se exponham ao frio, à chuva e ao sol. O *roulement* que fizemos no lançamento do projeto conduziu a uma valorização desse trabalho: não são as pessoas que vão ter com a BA, é a BA que vai ter com a comunidade. Trabalhar na itinerância exige uma atitude proactiva que ainda não está adquirida por todos, mas os técnicos valorizam o trabalho. E também há um discurso por parte da Direção da Biblioteca [Municipal] que tem o seu peso, pois valoriza muito o trabalho de quem está com zero graus a trabalhar na rua. As pessoas percebem que é um trabalho duro, até porque quando vão uma ou duas vezes vêm cansadas. E percebem a importância porque têm esse *feedback*. Quando vão, percebem a relação que as pessoas [utilizadores da *Andarilha*] têm com os projetos. Percebem a proximidade com o público...

Agora, outras parcerias dentro da Câmara ainda não temos. Tentámos com o relatório do 1º ano de atividade rasgar um bocadinho internamente, puxar algumas orelhas e dizer *atenção*, dentro da própria Autarquia há um divórcio total entre este projeto e as políticas sociais da Autarquia e está no papel escrito, só. Não se passou daí.

Eu acho que há uma ligação direta entre a questão social e este tipo de equipamento...

Não sei como é que funciona noutras Autarquias, mas aqui continuamos a trabalhar muito por capelinhas. Fazia todo o sentido que a política cultural da Autarquia ao nível do meio rural estivesse articulada com a *Biblioteca Andarilha*. E a prova que não há esse entendimento é que nós apresentámos um projeto para ser articulado com a área sócio-cultural; o nosso projeto foi cortado e o dinheiro gastou-se em apitos e flautas nas freguesias rurais, com bailes... É uma questão de opção. Já disse, formalmente, o que tinha a dizer. Não percebo, não concordo, acho que é um erro estratégico – e só me compete fazer isso: dar o parecer técnico.

E esses técnicos são as pessoas com mais condições para definir estratégias. Porque são os que ficam. Os outros, nomeados politicamente, vão mudando... e há todo um trabalho que vai retrocedendo. Investimentos que se perdem... Isso sente-se aqui?

No último orçamento nós tivemos cortes entre a proposta que apresentámos, em que os montantes eram mais ou menos iguais aos do ano anterior, na ordem dos 70%. Isto dá-te uma perspetiva de como se está a trabalhar e de com que dificuldades. Na Biblioteca só não se sente mais porque a equipa se qualificou e consegue encontrar respostas e soluções para minorar o estrago. O poder político continua, do ponto de vista do discurso, a defender um equipamento de referência, uma biblioteca de referência, mas na prática assistimos à progressiva desqualificação dos serviços, do edifício, do fundo documental e preocupa-me. Pois receio que no futuro se esgotem as soluções de engenho com que temos vindo a aguentar o barco. Preocupa-me porque entendo um serviço de leitura como um serviço fundamental ao desenvolvimento de uma comunidade; não vejo que possa haver desenvolvimento sem uma política de leitura e uma política cultural e social estrategicamente montada e não sinto que tenhamos interlocutores - é importante ter interlocutores junto do poder político quando se reflete sobre leitura e desenvolvimento - nem vejo vontade política para que isso seja implementado. As bibliotecas não são um problema para o poder, porque a leitura não é um problema.

É um problema antigo a ausência de políticas culturais e, então agora, com a questão da crise...

A questão financeira para a cultura é, para mim, uma falsa questão. A nível local e a nível nacional. Vemos as Autarquias a encontrarem soluções para projetos que trazem muita gente aos Concelhos, mas que não deixam nada nos Concelhos. E o dinheiro aparece. E para projetos que têm a ver com

as comunidades e que podiam de alguma forma ajudar na transformação dessas comunidades - torná-las mais empreendedoras, trabalhar mais a sua identidade, desenvolvê-las mais culturalmente – o dinheiro não aparece. E se juntarmos a isto questões macro, como são por exemplo, as mudanças dos modos de ler – já não se lê só em livro, já não ouves música só no CD, já não há só este equipamento cultural de qualidade [Biblioteca Municipal] em Beja, há outros equipamentos. As pessoas já não têm necessidade de encontrar na Biblioteca aquilo que encontravam há dezassete anos quando aqui chegavam. Tens que encontrar outros argumentos para manter público. Não temos capacidade de os encontrar.

Há esta competição com as novas tecnologias, a Internet que existe em casa...

Tudo isso afeta o público que tu [hoje] tens. E se houver desinvestimentos... Vê este exemplo: há uns anos, nós, num prazo de quatro dias, conseguíamos ter um livro acabado de sair. Desde 2010 até agora não entraram novidades no setor infantil. Isto dá-te uma perspetiva do que é. Neste momento, até tenho medo de avaliar o meu Setor Infantil. No Centro do Livro Infantil, supostamente um centro de documentação referenciado, há 2 anos que não se compra um livro. Compras apenas um exemplar. Todos temos consciência que uma Biblioteca é também o seu património e que este se desatualiza assim [estala os dedos]. Há questões de natureza técnica a que os poderes políticos não são sensíveis. Não se pode comprar 50 mil, admito. É preferível não comprar 50 mil do que ficar a dever a fornecedores, que é a realidade do País. Mas fixar o que podemos adquirir e selecionar em função do que se fixou e que é possível pagar. É diferente comprares quinhentos euros de livros todos os meses do que comprares de 2 em 2 meses. Há *rodriguiños* que, se eu comprar todos os meses, têm cabimento na minha seleção, mas se compras de 2 em 2 meses, não podemos integrar. Não pode estar sempre a haver alterações de orçamento, atrasos na cabimentação, devolução de processos. Gerir melhor implica melhorar a eficácia dos processos para chegar a um bom resultado. Não significa criar entraves para não gastar.

Havia um Centro de Dia onde a Biblioteca Andarilha costumava deixar os jornais e agora já não o pode fazer.

Este ano fizemos cortes em todos os setores, também nos periódicos. Na diversidade de títulos, no número de exemplares. Quando só tens um exemplar tens de privilegiar o local onde ele é mais acedido: manténs na Biblioteca e cortas na Carrinha - e isso reduz a amplitude, a diversidade e abrangência da informação que disponibilizas.

Já se vêem resultados da operacionalização do Programa de Leitura em Meio Rural, nomeadamente ao nível da renovação dos fundos documentais das Bibliotecas Escolares e Pólos?

A renovação dos fundos documentais das Bibliotecas Escolares está-se a fazer. Talvez em setembro de 2010 foi assinado um acordo de colaboração com a Direção Regional [de Educação] que obriga a uma série de medidas nas Bibliotecas Escolares. Nós começámos com um dos Agrupamentos, tratámos e remontámos as Bibliotecas todas desse agrupamento. Agora estamos a pegar noutro. Mas é um projeto a 5-7 anos. Estamos a falar de milhares de títulos a integrar para criação de uma base de dados única. É um trabalho ciclópico porque eram catorze Bibliotecas Escolares, agora vão entrar mais 5 de EB2+3 e Escolas. Nos Pólos, a situação mantém-se.

E em relação à ideia de se disponibilizar um conjunto de serviços do Município de Beja que pudessem ser prestados no âmbito da Andarilha e que implicam a intervenção de várias divisões da autarquia?

Esse ponto tinha a ver com questões de natureza social e com uma articulação efetiva no Departamento, para a Casa da Cultura, a Biblioteca [Municipal], o *Pax Júlia* [Teatro Municipal] estarem a trabalhar para o mesmo. Isso nunca se conseguiu concretizar. Quem está a trabalhar em

meio rural continua a ser a Biblioteca Municipal; a Casa da Cultura passou agora para a nossa jurisdição e também fez um atelier em meio rural, mas o resto não se consegue. Mas depois aparecem programas, aparecem atividades nos largos das comunidades rurais colocadas por uma Divisão de Cultura sem articulação nenhuma com a *Biblioteca Andarilha*. No fundo, a questão não é gastar mais, é gastar melhor. Gastar com perspetiva.

E já conseguiram disponibilizar um serviço de apoio à comunidade como pretendiam?

Não. O que se tentou em articulação com o Gabinete de Informática foi dar aos colegas da *Biblioteca Andarilha* acesso a todos os documentos em suporte digital para serem impressos no sentido de se poder facilitar um bocadinho a vida às pessoas.

Para se poder usar o posto de Internet da Biblioteca Andarilha e pesquisar-se a partir dali. Mas depois há a questão dos tempos...

Há a questão dos tempos, há a questão da Internet que não temos em todos os sítios... E como envolve uma questão processual muitíssimo complexa para o trabalho das 2 técnicas que estão na *Biblioteca Andarilha*. Aquilo que ficou como situação limite foi garantir que quando a pessoa faz a pergunta sobre que papéis precisa para qualquer coisa, nós podemos dar-lhe a resposta.

Mas as pessoas não sabem que este serviço existe, ainda que com estas limitações...

De uma forma geral não [sabem]. Até porque o perfil do nosso público do meio rural é: não utilizam tecnologias, são pessoas reformadas ou desempregadas de longa duração ou domésticas, e não vão sobrepor a articulação que fazem destas coisas com as Juntas de Freguesia – porque estes serviços já são prestados por todas as Juntas de Freguesia do Concelho. No fundo, o que a *Biblioteca Andarilha* pode fazer é prestar um apoio em termos do esclarecimento de algumas dúvidas de forma que a pessoa, se tivesse que se deslocar a Beja ou se tiver de tratar de um assunto da Junta, leve dessa vez toda a documentação necessária. Também têm os formulários *on line*.

E em relação à disponibilização de atividades de animação cultural e de animação da leitura?

Fazemos nas comunidades rurais um bocadinho a pedido... Por exemplo, temos uma noite de contos em Beja e fazemos um esforço para colocar uma segunda numa Freguesia com Pólo.

Estas iniciativas têm acontecido mais nas freguesias que têm Pólo, nas escolas...

Na escola fazemos, com alguma regularidade.

Mas és mais tu que vais desenvolvendo um trabalho de fundo – ações de formação, sensibilização e promoção da leitura

O trabalho de terreno, de reprodução das sessões é feito exclusivamente pela equipa. Eu vou ao terreno cirurgicamente, arranco com o projeto, trabalho com os técnicos para discutir processos, metodologias. Há anos em que aproveito para investigar. Experimentar de forma avulsa. Começas a perceber que o público das bibliotecas está a mudar. Que está a chegar às bibliotecas uma massa de públicos infoexcluídos muitíssima deprimida, que não sabe estar, que não sabe usar e em relação aos quais tu tens de experimentar metodologias. Este ano estamos a iniciar trabalho com 3 núcleos novos: um do estabelecimento prisional, um grupo de CFP [Centro de Formação Profissional de Beja] e com a comunidade terapêutica. São, digamos, primeiras ações, ações embrionárias para alargar o trabalho da *Biblioteca Andarilha* a esses públicos. Queremos que a partir de setembro [de 2011] a *Biblioteca Andarilha* comece a ir ao estabelecimento prisional, à comunidade terapêutica,

que tem 24 jovens adultos integrados em processo de reabilitação. (...) Aquilo que tenho estado a fazer são ações preparatórias: negociar o projeto, preparar o projeto, fundamentá-lo – ações exploratórias para afinar metodologias, perceber que títulos poderemos trabalhar com aqueles grupos, que áreas é que podemos trabalhar ao nível da promoção da leitura, desde a escrita criativa, leitura em voz alta, narração... Este ano continuámos a fazer algum trabalho de recolha com algumas idosas das comunidades rurais. Mas não posso chamar a isto projeto, porque não é um projeto – são ações exploratórias com vista à concretização de projetos.

Estás sozinha a fazer esse trabalho?

No trabalho exploratório, das sessões diretas, na experimentação de metodologias, sim. Na preparação e articulação com as entidades está sempre um segundo elemento das diferentes equipas que articula e assiste às sessões, pois a ideia é que a médio prazo eu possa sair e seja esse elemento a liderar o projeto - a Helena , a Susana , ou a dar continuidade.

Há uma política de desenvolvimento de coleções específica para a Andarilha?

Não. Ela vai-se desenvolvendo no contexto atual muito em função daquilo que vão sendo os pedidos dos leitores. Tentando colmatar a coleção em função daquilo que sai mais e partir da coleção da BMB, de empréstimos inter bibliotecas.

Aquilo que verdadeiramente sai e que agarra as pessoas para elas começarem...

Exatamente. Jogando com as novas aquisições e jogando com o fundo que temos da Biblioteca Municipal.

Há um tipo de abordagem ao público especificamente delineado para a Andarilha? Houve uma preparação específica exigida ou fornecida aos técnicos que dinamizam a Andarilha? Que critérios foram considerados na escolha da equipa?

Não. Aquilo que se tentou fazer, desde a primeira hora, e eu acho uma da razão pelas quais a equipa da *Andarilha* é tão coesa e as equipas dos projetos de mediação são tão coesas, tem a ver com o facto dos projetos serem construídos com as equipas; não são construídos por alguém para as equipas executarem. Estudou-se em conjunto muita coisa, toda a documentação que eu li, os técnicos leram e isso deu à equipa uma noção muito clara de quais eram os problemas com que os outros colegas ou que projetos da mesma natureza se confrontavam e deu-nos sobretudo uma noção de que apesar de muita metodologia, não há respostas. O grande segredo das bibliotecas itinerantes é encontrarem respostas locais para os problemas locais. Apesar de se encontrar alguma documentação da ACLEBIM [Asociación de Profesionales de Bibliotecas Móviles] e editada pela Fundación Germán Sánchez Ruipérez que ajudam a parametrizar mais ou menos as coisas. Agora, estamos a falar de processos com escalas completamente diferentes.

Cada caso, depois, é um caso. O sucesso tem que ver...

... Com a resposta que se consegue encontrar. É diferente teres um *Bibliobus* que é um autocarro com não-sei-quantos mil exemplares num bairro de Madrid a teres o *Bibliobus* de Ourique ou de Castro Verde que param em aglomerados populacionais de 4 casas. A realidade é outra. Eu penso que uma das coisas boas que o projeto teve foi o facto de ele ter sido discutido de raiz com a equipa, delas [técnicas da *Biblioteca Andarilha*] possuírem muita informação de partida. Agora, não tens formação específica desta área. Há muitas coisas da área de formação que ajuda na busca de soluções: a Susana é licenciada em animação sócio-cultural, a Helena em investigação social – elas são as duas licenciadas. Isso acaba também por moldar um bocadinho a sua forma de estar e de enquadrar... e o olhar que têm sobre as coisas.

Não vêm de uma área “mais dura” ou mais tecnicista como a biblioteconomia...

E isso é muito importante e acaba por refletir-se na prática. Agora, preparação específica ninguém a tinha. Tirando a experiência do Nuno [Marçal – responsável da Biblioteca Itinerante de Proença-a-Nova], que também não pode ser desenraizada da pessoa que o Nuno é do contexto em que o Nuno trabalha, não há muita coisa no País que a gente possa agarrar.

E também já fez referência, em conversas anteriores, ao técnico da Biblioteca Municipal de Almodôvar, Constantino Piçarra, enquanto grande entusiasta deste tipo de equipamentos...

Foi outro sítio onde fomos beber. Foram as duas experiências que fomos conhecer.

Foram/são consideradas estratégias de promoção da leitura pública e de animação/formação cultural específicas ou participam no plano geral definido para a biblioteca municipal, funcionando a Biblioteca Andarilha apenas como uma extensão física desta?

Há projetos que nós temos vindo a desenvolver muito devagarinho e que têm a ver com alguma especificidade da *Biblioteca Andarilha*. Por exemplo, o trabalho em torno da recolha de património [imaterial] e o que a gente já encontrou, sem escavar muito. Porque o escavar muito implica um segundo momento que nós não temos capacidade de responder, que é o ir alimentando aquela relação. Vamos publicando, vamos disponibilizando através do *Memoria Media* [e-Museu do Património Imaterial Português], temos alguns pequenos vídeos com pequenos elementos de recolha, mas isso é um trabalho que tem de ser sistematizado, organizado e disponibilizado. Estamos a tentar encontrar uma forma para o fazer já que não gostamos muito dos portais e dos *sites* porque dão uma exposição excessiva aos velhos. E achamos que os devemos manter mais protegidos.

Pois, porque a Internet é uma estrada de dois sentidos... Podes chegar ao mundo, mas o mundo também, de repente, chega a ti.

Exatamente. A mim pessoalmente o que me interessa nesse trabalho, mais do que o conto, mais do que a canção é a construção de uma relação que valorize o informante. Fizemos uma candidatura a uma ação no âmbito das *Itinerâncias* da DGLB: consistia em recolher e editar testemunhos e textos de cultura popular. Obviamente, que nos candidatámos a essa ação. Vamos jogando com tudo aquilo que são possibilidades para fazer esse trabalho com qualidade, porque o que temos recolhido, por nós, não tem uma grande qualidade em termos de imagem.

Fomos para a Salvada [freguesia do Concelho de Beja], falámos uma tarde com a Mariana Bicho [informante residente], que é uma senhora com quem eu mantenho uma relação regular – tenho muitas horas de escuta da Mariana Bicho, mas tenho pouca recolha. E com esse material montou-se um pequeno vídeo, um DVD; passados 3 ou 4 meses fizemos uma sessão de contos na Salvada só para os idosos e mostrou-se o DVD que o Barbieri [José Barbieri, membro do *Memoria Media*] tinha montado. A D. Mariana estava completamente deslumbrada porque ela nunca pensou que aquilo que contou e cantou, fosse tratado e apresentado daquela maneira – não era nada de especial, mas para ela, e para os seus pares, foi muito importante.

Sentiu-se respeitada.

Exatamente. Esse trabalho é fundamental.

E não pode ser feito de qualquer maneira. Senão resulta ao contrário. Voltamos a ser condescendentes, descontextualizamos as coisas... E as pessoas nem sempre têm capacidade ou estão preparadas para estar em certos ambientes...

Nem tudo o que se recolhe pode ser editado. Há coisas que a gente não quer que fique como memória. “Ah, porque a velha é engraçada!...” Não basta *ser engraçada*. E vemos muita coisa desta na *Internet*... (...) Há coisas que conheço, mas que não interessa pôr. Porque não dignifica o idoso. E a minha função, ao fazer esse trabalho de recolha não é só armazenar a memória; é a dignificação do estatuto daquele narrador. É isso que eu quero. Se não dignifica, se não traz nada de novo, para que é que eu vou pôr na *Internet*? Porque o homem contou uma facécia engraçada ou porque disse umas larachas? Não preciso de pôr isso.

Penso que a recolha é um dos aspetos que é específico das bibliotecas itinerantes. Achas que a Biblioteca Andarilha tem particular competência para fazer este tipo de trabalho?

Acho que este tipo de trabalho é específico da *Andarilha*.

Mas quando se fez a edição deste ano das “Palavras Andarilhas” a Biblioteca Itinerante esteve envolvida e aproveitou para fazer algum trabalho nesta área?

Nas últimas “Palavras Andarilhas” [2010] não tivemos capacidade para fazer o desdobramento das atividades como tínhamos feito em anos anteriores. Por exemplo, no ano de 2007 conseguimos fazer sessões de narração em todas as freguesias rurais do Concelho. Cobrimos todas. Com os narradores a baixarem preços para ir a meio rural. Todas as freguesias rurais tiveram sessões de contos para público infantil ou para público adulto. Até optámos por fazê-las à noite para termos público familiar. Desta vez estivemos nos 3 Pólos e em 3 ou 4 escolas. Até porque a *Andarilha* para na altura das “Palavras Andarilhas”, porque precisamos de todos os recursos para o encontro. Mas tivemos a vinda de algumas destas informantes às “Palavras Andarilhas” - e fizeram um belíssimo trabalho. Com a Idalina Cocito [informante residente na freguesia de Boavista] fizemos uma sessão para 30 pessoas, em que ela estava sentada num sofázinho com a Lénia [Lénia Estanque, técnica da Biblioteca Municipal de Beja], que é quem fez o trabalho de recolha com ela. Estiveram a conversar como se estivessem na cozinha, Uma conversa assistida por umas 30 pessoas. E foi delicioso. Uma coisa pequenina, que quase ninguém se apercebeu. A Rosa Helena Moita [informante] também vinha participar, mas adoeceu e a Mariana Bicho também esteve doente. Eram as 3 senhoras, mas por estes motivos, só se fez com uma.

A Biblioteca Andarilha tem estado envolvida na programação cultural que vai sendo promovida pela Biblioteca Municipal/Câmara Municipal – por exemplo, nos ateliers de verão que estão neste momento a ser divulgados?

A *Andarilha* está envolvida. Mas não conseguimos fazer isto nas freguesias rurais todas, porque não temos verba para pôr mediadores em todas, nem recursos humanos para sermos nós [técnicos da Biblioteca] a fazer. Portanto, fazemos uns *mistos*. Se, por exemplo, o mediador é de Beja, e não obriga a despesas de deslocação, de estadia nem de alimentação, conseguimos colocá-lo a trabalhar numa freguesia rural com Pólo porque senão não justifica. Não podemos estar a pagar *cachets* e envolver apenas 5 crianças. Para essa freguesia com menos crianças, a Susana [Gomes, animadora cultural da *Biblioteca Andarilha*] prepara uma atividade, para dar outro tipo de resposta. Ou geres bem, ou não serves ninguém. Às vezes, é gerir o ingerível. O mais difícil é assegurar a continuidade de presenças.

E essas atividades são todas gratuitas?

Em meio rural, sim. Aqui na cidade, este ano, não foram. Não é nenhuma fortuna; é uma coisa simbólica; e numa forma geral, os pais podem pagar. E não ajuda em nada, mas pelo menos responsabiliza. Diz-me a intuição que em breve todos os ateliers serão pagos.

Como estão a ser medidos os efeitos/impacto junto da população e como está a ser avaliada a atividade da BA?

Não estão a ser medidos nem está a ser avaliada. Excetuando a estatística [nº de inscrições e nº de empréstimos]. Estamos agora a fazer, para passar até novembro, um questionário aos utilizadores externos da *Biblioteca Andarilha* - o que já era aliás proposto na avaliação que fizemos ao Executivo e que não teve grande eco - e suspendemos o que iríamos fazer às freguesias rurais porque... receamos que o questionário se transforme noutra coisa que não é o nosso objetivo. Portanto, vamos esperar que as águas acalmem para depois passar o questionário às freguesias rurais.

E ferramentas de medição da evolução das competências leitoras, existem, têm-nas?

Não, nada. Todas essas questões que me colocas - das ferramentas, da medição, da avaliação - são, do meu ponto de vista, um problema da *Andarilha*, mas são também um problema da Rede de Leitura Pública. E é um problema que não se vai colmatar se esta questão for discutida exclusivamente inter pares e interbibliotecas. É um problema muito sério e toda a gente anda a assobiar para o lado... A própria DGLB, quando nos pede avaliação das atividades, pede-nos nº de sessões, etc., e já devia existir, há muitos anos neste país, alguma universidade a investigar...

E a definir critérios.

Exatamente. E mais do que estares a aplicar, neste contexto, instrumentos que vêm da área da psicologia da linguagem e da psicologia da leitura, que são no fundo, instrumentos para perceber os níveis de desenvolvimento dos meninos em relação a determinadas coisas, mudanças nas práticas leitoras, têm de se arranjar outros instrumentos, mais simples, de fácil aplicação e de fácil tratamento. É fundamental que, com as universidades, e conhecendo o quotidiano das Bibliotecas Públicas, se encontrem metodologias de fácil aplicação que nos permitam aferir resultados - saber se o trabalho que a gente anda a fazer há não sei quantos anos chaga a algum lado, se os nossos projetos de continuidade mudam alguma coisa. É tudo muito empírico.

Resumindo, quais consideras serem as maiores vantagens em utilizar um equipamento móvel da natureza da Andarilha na prossecução dos objetivos e missão da Biblioteca Municipal de Beja?

Por um lado, a questão da proximidade. Por outro lado, o seres capaz de conseguir fazer chegar experiências leitoras - já não falo de mais nada, mas pelo menos experiências leitoras - a públicos que estão profundamente isolados geograficamente, mas não só geograficamente - conceptualmente, culturalmente. Por outro lado porque ela [Biblioteca Andarilha] pode ser - não é, mas pode ser - um belíssimo instrumento de intervenção social e comunitária. Talvez, O instrumento.

Através da BA a equipa da Biblioteca de Beja já está a trabalhar com a comunidade e não apenas para a comunidade?

Em alguns casos, sim. Mas não chega ainda, nem lá ao pé. Ainda estamos muito longe disso.

Mas há esta intenção... Estão dentro desta lógica?...

Vamos lá a ver... Eu não quero passar-te uma imagem de desalento, mas efetivamente, é a realidade. Estamos a milhões de anos luz de uma realidade dessa natureza, porque para trabalhares com a comunidade tens de dar meios à comunidade para ela perceber que os tem. Tu não podes propor um projeto como este de "Há vida no largo" a uma freguesia rural, discutires o projeto, negociares o projeto e 3 meses depois "Olhe, espere lá que afinal o projeto não teve o aval superior..."

E isso é pior do que não fazer nada...

Descrédibiliza. Valerá a pena tu criares expectativas nas pessoas, desafiases as pessoas para coisas; as pessoas apreendem, as pessoas reúnem e vêm a Beja, reúnem fora dos seus horários de serviços, com os Presidentes das Juntas - contrariamente ao que se diz, efetivamente trabalham - e depois... Vamos sempre dizendo “atenção que isto ainda não está aprovado; eu estou a discutir com vocês para a gente apresentar superiormente a proposta que melhor se ajuste aos vossos interesses”, mas vais alimentando a chama. Para quê? Para fazeres **com** as pessoas, para as chamares ao largo, para construíres alguma coisa com a comunidade em que a comunidade se reveja. Mas qualificares de uma certa forma... Coisas pequeninas... Coisas simples... Esta história dos Lavadouros [projeto com as comunidades rurais à volta do espaço dos lavadouros] – isto é uma coisa que não tem dificuldade nenhuma em ser feita. Implica impressão em pano e a vinda de 3 ou 4 pessoas para falarem do universo feminino e da água no universo feminino e na vida das mulheres – alguém que escreva no feminino...

Porque nas formas de arte atuais, cada vez a vida está mais integrada, mais misturada.

Exatamente. E depois de teres isto tudo montado, “olhe, afinal, não há condições...”. É incrível, voltámos à estaca zero. Isto descrédibiliza e deixas de ter interlocutores. A pessoa a próxima vez diz-te assim: “então olhe, veja lá se tem dinheiro, e depois logo conversamos.” Portanto, essa coisa de «fazer com “ não é fácil – há essa lógica em tudo aquilo que a gente faz, mas muitíssimo condicionada.

Da tua experiência como mediadora, bibliotecária e educadora consideras que se pode estabelecer uma relação de causa-efeito entre o interesse que mediadores ou agentes culturais como as bibliotecas demonstrem em escutar as populações que servem e em valorizar o(s) património(s) imateriais (vivos) e a tomada de consciência das pessoas como produtores ativos de cultura e, logo, a sua qualificação enquanto público?

Aquilo que há alguns anos atrás era uma característica das comunidades urbanas – isolamento, dispersão, falta de investimento na vida da comunidade – chegou também a meio rural, inevitavelmente. Com uma agravante – em meio rural, o caos provocado é muito maior.

Porque é que dizes isso?

Porque qualquer dia tens as aldeias do Alentejo completamente vazias. Acentuado por uma crise de desemprego monumental, acentuado pelo problema do isolamento e das acessibilidades, tu chegas à maior parte das aldeias e tens velhos. Em meio urbano continuas a ter massa.

Uma massa indistinta, as pessoas não se relacionam, mas há gente...

E em meio rural tens o mesmo, não te iludas. Tens pequenos núcleos de pessoas. Agora, é fundamental que quem está no terreno tenha um olhar sobre essas dinâmicas e tirar-lhes o escudo.

Aquela coisa de, nas aldeias, as pessoas se apoiarem mutuamente, da relação com os mais novos...

Isso perdeu-se, completamente. É poesia. “O Alentejo é a última utopia” – isso é poesia. É poesia hoje como era poesia há 2 anos atrás quando a gente foi para o terreno. Consegues encontrar uns pequenos redutos de comunidades que tem características muito especiais, e tens comunidades completamente deslaçadas. Completamente deslaçadas. E tens uma coisa que é uma realidade - as pessoas em meio rural querem usufruir da qualidade – do que elas entendem ser qualidade – do

meio urbano. E, portanto, há um conjunto de coisas que tradicionalmente se fazia em meio rural, e que eram fundamentais para a vitalidade da comunidade e para o entretecer destes laços e que se deixou de fazer. Isso acabou. Ninguém trabalha cooperativamente; ninguém “faz agora as minhas chouriças para amanhã eu ir fazer as tuas” – passamos todos a comprar as chouriças e acabou-se o problema.

Eu continuo a acreditar que é possível trabalhar com poucos meios e fazer melhor do que temos feito até aqui... Por exemplo, em Beringel, este projeto do *Mercadinho* que estão a tentar fazer – é uma teimosia. Somos um grupo de cidadãos – produtores, agentes culturais, enfermeiros – pessoas que gostavam de fazer no dia das Festas de Beringel um mercado. Cada um leva para o mercado aquilo que sabe fazer e vende e merca, como antigamente se mercava. Uma coisa informal, porque temos uma pessoa que tem uma horta, outra que faz gado biológico, outra que faz licores, outra que faz *patchwork* e o pessoal juntou-se para fazer aquilo e ver o que é que pega. Porque na Austrália, por exemplo, combatem a desertificação – que é um país que tem o problema da desertificação – com este tipo de coisas. E organizam, por exemplo, um mercado num sítio perdido e ...

E incluem toda a gente.

Toda a gente vai para lá vender. E de um momento para o outro... Chegas num dia e não tens nada; no dia seguinte tens centenas de pessoas a visitarem aquilo. E aquela aldeia que tem 2 ou 3 casas transforma-se num centro naquele dia. E o mercado começa a ganhar sustentabilidade, começa a ganhar interesse, começa-se a transformar...

Para além do fenómeno cultural e do interesse até estético que isso possa ter, tens a questão das pessoas venderem as suas coisas...

Claro. E dinamiza as pequenas economias locais.

E esta parece-me ser a única maneira, porque com a globalização, há uma certa desresponsabilização. Estamos todos a ficar uns seres um bocado abstratos...

O Mundo rural continua sem voz e sobre ele vamos construindo ideias utópicas. A realidade é miserável. Ao nível das representações sobre o género é, muitas vezes, até fascista... Não estou com paninhos quentes... As mulheres têm uma vida de cão. Os homens continuam no comando, com arrogância. E no meio disto, **tu tens que saber encontrar essas vozes.**

APÊNDICE 5 | Utilizadores e utilizações da Biblioteca Andarilha: Quadro comparativo de 6 unidades itinerantes dependentes de Bibliotecas Municipais de tipologia BM2

	GUARDA	BEJA	TORRES NOVAS	FELGUEIRAS	V. FRANCA DE XIRA	V. NOVA DE FAMALICÃO
Zona do País	Norte	Sul	Centro	Norte	Centro	Norte
Data de fundação	2011	2009	1999	1997	2001	1989
Tempo de atividade (anos)	1	3	13	15	11	23
Integra a RBNBP	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Periodicidade dos serviços	?	Quinzenal	Mensal	Semanal	Semanal	Quinzenal
Abrange populações rurais	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
Prática empréstimo domiciliário	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
Instalação precedida de estudo	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Instalação integrada num Projeto	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Nº total de leitores inscritos	c.350	650	723	1500	4847	7578
Nº médio de requisições/mês	50	378	723	1500	540	211
Nº médio de requisições/ano	175	217	56	100	403	329

APÊNDICE 6 | Utilizadores e utilizações da Biblioteca Andarilha: Quadro síntese 2009-2011: inscrições, empréstimos e utilizações presenciais

LOCALIDADES	INSCRIÇÕES				EMPRÉSTIMOS				UTILIZAÇÕES PRESENCIAIS														
	2009	%	2010	%	2009	%	2010	%	Total	%	2010	%	2011	%	Total	%							
Baleizão	31	14,49	7	5,26	38	10,95	353	7,97	240	5,04	593	6,45	310	8,71	199	5,48	509	7,08	
Beringel	23	10,75	15	11,28	38	10,95	255	5,76	279	5,86	534	5,81	210	5,90	250	6,88	460	6,40	
B° da Esperança	4	1,87	6	4,51	10	2,88	13	0,29	8	0,17	21	0,23	32	0,90	9	0,25	41	0,57	
B° do Pelame	3	1,40	0	0,00	3	0,86	23	0,52	4	0,08	27	0,29	20	0,56	1	0,03	21	65,63	
B° N. Srª Conceição	0	0,00	0	0,00	0	0,00	29	0,66	6	0,13	35	0,38	25	0,70	7	0,19	32	0,44	
B° S. João	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,03	0	0,00	1	0,01	
Cabeça Gorda	18	8,41	27	20,30	45	12,97	176	3,98	329	6,91	505	5,50	168	4,72	217	5,97	385	5,35	
Horta Nova	0,00	21	15,79	21	6,05	0	0,00	63	1,32	63	0,69	...	0,00	77	2,12	77	1,07	
Mina da Juliana	2	0,93	0	0,00	2	0,58	122	2,76	83	1,74	205	2,23	133	3,74	127	3,50	260	3,62	
Mombreja	16	7,48	3	2,26	19	5,48	514	11,61	601	12,62	1.115	12,14	345	9,69	344	9,47	689	9,58	
Monte da Juliana	1	0,47	1	0,75	2	0,58	98	2,21	82	1,72	180	1,96	73	2,05	62	1,71	135	1,88	
Neves	14	6,54	2	1,50	16	4,61	242	5,47	239	5,02	481	5,24	242	6,80	334	9,19	576	8,01	
Padrão	6	2,80	0	0,00	6	1,73	54	1,22	2	0,04	56	0,61	47	1,32	4	0,11	51	0,71	
Penedo Gordo	2	0,93	0	0,00	2	0,58	174	3,93	372	7,81	546	5,94	148	4,16	201	5,53	349	4,85	
Porto Peles	20	9,35	16	12,03	36	10,37	245	5,53	141	2,96	386	4,20	201	5,65	169	4,65	370	5,14	
Quintos	10	4,67	2	1,50	12	3,46	103	2,33	150	3,15	253	2,75	80	2,25	99	2,73	179	2,49	
RI3	1	0,47	3	2,26	4	1,15	34	0,77	13	0,27	47	0,51	58	1,63	29	0,80	87	1,21	
S. Brissos	9	4,21	3	2,26	12	3,46	231	5,22	141	2,96	372	4,05	154	4,33	97	2,67	251	3,49	
S. Matias	4	1,87	0	0,00	4	1,15	365	8,24	351	7,37	716	7,79	373	10,48	342	9,41	715	9,94	
Stª Clara Louredo	15	7,01	9	6,77	24	6,92	380	8,58	385	8,09	765	8,33	354	9,95	324	8,92	678	9,43	
Trigaches	13	6,07	8	6,02	21	6,05	191	4,31	453	9,51	644	7,01	241	6,77	394	10,85	635	8,83	
Trindade	7	3,27	6	4,51	13	3,75	336	7,59	348	7,31	684	7,44	229	6,43	231	6,36	460	6,40	
Vila Azedo	13	6,07	2	1,50	15	4,32	120	2,71	106	2,23	226	2,46	115	3,23	116	3,19	231	3,21	
Outros	2	0,93	2	1,50	4	1,15	86	1,94	22	0,46	108	1,18	0	0,00	0	0,00	0	0,00	
Pólo de Albernoa	114	2,58	134	2,81	248	2,70	
Pólo de Salvada	104	2,35	99	2,08	203	2,21	
Pólo de Stª Vitória	65	1,47	110	2,31	175	1,90	
TOTAL	260	100	214	100	133	100	607	100	201	100	4.427	100	4.761	100	9.389	100	3.559	100	3.633	100	7.192	100	
MÉDIA/ANO																	4,173			3,596			
MÉDIA/MÊS																	270			348			300

APÊNDICE 7 | Utilizadores e utilizações da *Biblioteca Andarilha*: Relação entre o nº de leitores e o nº de habitantes das freguesias rurais servidas (2010-2011)

FREGUESIA	LEITORES	HABITANTES*	RACIO (%)
Baleizão	38	903	4,21
Beringel	38	1304	2,91
Cabeça Gorda	45	1364	3,30
Mombeja	19	384	4,95
Quintos	12	265	4,53
S. Brissos	12	108	11,11
S. Matias	4	561	0,71
Stª Clara Louredo	24	865	2,77
Trigaches	21	448	4,69
Trindade	13	274	4,74
Nossa Sra. das Neves	94	1749	5,37
Total	320	8225	3,89

* Fonte: Associação Nacional de Municípios Portugueses.

Notas:

N. Sra. Neves = soma das inscrições das paragens de Neves, Padrão, Porto Peles, Vila Azedo e Horta Nova. Monte e Mina da Juliana são povoações muito pequenas que fazem parte da freguesia de Santa Vitória; nº habitantes não disponível.
Penedo Gordo é uma localidade rural integrada na freguesia urbana de Santiago Maior; nº habitantes não disponível.

APÊNDICE 8 | Utilizadores e utilizações da *Biblioteca Andarilha*: Relação entre o nº de leitores e o nº de empréstimos (2010-2011)

FREGUESIA	LEITORES	EMPRÉSTIMOS	MÉDIA EMP/LEITOR/ANO
Baleizão	38	593	7,80
Beringel	38	534	7,03
Bº da Esperança	10	21	1,05
Bº do Pelame	3	27	4,50
Bº N. Srª Conceição	0	35	?
Bº S. João	0	0	0,00
Cabeça Gorda	45	505	5,61
Horta Nova	21	63	1,50
Mina da Juliana	2	205	51,25
Mombeja	19	1115	29,34
Monte da Juliana	2	180	45,00
Neves	16	481	15,03
Padrão	6	56	4,67
Penedo Gordo	2	546	136,50
Porto Peles	36	386	5,36
Quintos	12	253	10,54
RI3	4	47	5,88
S. Brissos	12	372	15,50
S. Matias	4	716	89,50
Stª Clara Louredo	24	765	15,94
Trigaches	21	644	15,33
Trindade	13	684	26,31
Vila Azedo	15	226	7,53

Nota:

Nas estatísticas da *Andarilha* os 260 leitores inscritos nos 3 meses de 2009 não se encontram discriminados por localidade, pelo que não constam deste quadro.

APÊNDICE 9| Utilizadores e Utilizações da *Biblioteca Andarilha*: Tipos de materiais requisitados por ano (2009-2011)

Categorias de Materiais	2009	2010	2011	Totais
Adulto Literatura	38	1.623	1.799	3.460
Adulto Específicos	44	403	329	776
Infantil Literatura	87	1.636	1.987	3.710
Infantil Específicos	23	321	383	727
Total Livros	192	3.983	4.498	8.673

Categorias de Materiais	2009	2010	2011	Totais
Literatura	125	3.259	3.786	7.170
Específicos	67	724	712	1.503
Total Livros	192	3.983	4.498	8.673

Categorias de Materiais	2009	2010	2011	Totais
Adultos	82	2.026	2.128	4.236
Infantil	110	1.957	2.370	4.437
Total Livros	192	3.983	4.498	8.673

Categorias de Materiais	2009	2010	2011	Totais
Total Livros	192	3.983	4.498	8.673
Total CD's (audio)	9	444	263	716
Total Materiais Req./Ano	201	4.427	4.761	9.389

APÊNDICE 10| Inquérito aos leitores da *Biblioteca Andarilha*: Formulário da entrevista aplicada a uma amostra de 10 utilizadores, em agosto de 2011 e agosto de 2012)

A seleção dos leitores a entrevistar foi feita de forma aleatória, aproveitando a sua presença nas 7 paragens de leitura ocorridas durante o período em que nos foi possível observar o funcionamento do equipamento no terreno.

ENTREVISTA Nº

1. Identificação

- 1.1 Nome
- 1.2 Naturalidade
- 1.3 Sexo
- 1.4 Idade
- 1.5 Habilitações literárias
- 1.6 Profissão
- 1.7 Local de utilização

2. Caracterização

- 2.1 Desde quando é leitor(a) da BA
- 2.2 Alguma vez utilizou/visitou a Biblioteca Municipal de Beja (central)?
- 2.3 Usa regularmente os materiais e serviços oferecidos pela BA?
- 2.4 Que materiais disponibilizados pela BA costuma consumir?
- 2.5 Utiliza outros serviços disponibilizados pela BA (computador, Internet, fotocópias)?
- 2.6 O que o motiva a recorrer à BA quando ela estaciona na sua localidade?
 - a) Informação sobre certos temas que lhe interessam
 - b) Fruição, lazer e entretenimento
 - c) Esclarecimento de dúvidas relacionadas com o seu dia a dia
 - d) Companhia e convívio
 - e) Saber o que se passa aqui no concelho e no mundo
 - f) Conhecer propostas culturais/agenda do município ou da biblioteca
 - g) Falar das suas experiências, mostrar os seus trabalhos, contar as suas histórias
 - h) Prazer da Leitura
 - i) Dificuldade/impossibilidade de deslocação a outra biblioteca
 - j) Outros motivos. Quais?
- 2.7 Recorre às técnicas da BA p/ a ajudarem a resolver situações que implicariam a sua deslocação a Beja?
- 2.8 Participa nas atividades culturais promovidas ou divulgadas pela BA?

3. Satisfação

- 3.1 Querendo aceder a materiais que não existiam nas prateleiras, estes pedidos foram satisfeitos?
- 3.2 Está satisfeito com os serviços que a BA lhe tem oferecido?
- 3.3 Tem uma relação fácil e próxima com as técnicas da BA?

4. Evolução/qualificação dos públicos

- 4.1 Acha que desde a data em que começou a ser leitor da BA está mais informado?
- 4.2 Está mais à vontade com os livros e com as leituras?
- 4.3 Está mais exigente?
- 4.4 Aprendeu com a BA?

5. Opinião

- 5.1. Pontos fortes, pontos fracos e sugestões
- 5.2. Pontos fracos
- 5.3. Sugestões

6. Recolha: [nome], [data]

APÊNDICE 11 | Inquérito aos leitores da *Biblioteca Andarilha*: Quadros para caracterização comparativa dos utilizadores, utilizações, relação com o equipamento e opinião (amostra de 10 utilizadores entrevistados em 7 localidades, agosto de 2011 e agosto de 2012)

CARACTERIZAÇÃO

Sexo (1.3)	%
Feminino	70
Masculino	30
	10

Faixa etária (1.4)	%
0-12	0
13-18	10
19-30	10
31-45	10
46-65	40
>65	30
	10

Naturalidade (1.2)	%
Nascidas na terra onde residem e utilizam a biblioteca	60
Nascidas no concelho	20
Nascidas noutros concelhos	20
	10

Atividade (1.6)	%
Ativo	40
Desempregado	10
Reformado	40
Estudante	10
Outra situação	0
	10

Habilitações literárias (1.5)	%
Sem escolaridade	0
Menos de 4 anos de escolaridade	20
1º ciclo do Ensino Básico	40
3º ciclo do Ensino Básico	30
Ensino Secundário	10
Ensino Superior	0
	10

Local de utilização/paragem (1.7)	
São Brissos	2
São Matias	1
Vila Azedo	1
Porto Peles	2
Trigaches	1
Santa Clara do Louredo	1
Trindade	2
Beringel	0
Baleizão	0
Cabeça Gorda	0
Mombeja	0
Quintos	0
Mina da Juliana	0
Monte da Juliana	0
Neves	0
Penedo Gordo	0
	10

		%
2009	10	100
2010	0	0
2011	0	0

		%
Sim	9	90
Não	1	10

		%
Sim	1	10
Não	8	80
Raramente	1	10

		%
Livros - literatura	10	100
Livros - técnicos	0	0
Livros - Outros	0	0
Publicações periódicas	1	10
CD's áudio	6	60

		%
Informação sobre certos temas que lhe interessam	0	0
Fruição, lazer e entretenimento	6	60
Esclarecimento de dúvidas relacionadas com o seu dia a dia	0	0
Companhia e convívio	5	50
Saber o que se passa aqui no concelho e no mundo	1	10
Conhecer programa cultural do município ou da biblioteca	0	0
Prazer da Leitura	8	80
Dificuldade/impossibilidade de deslocação a outra biblioteca	5	50
Gratuidade do serviço	1	10
Orientação/atendimento personalizado	1	10

Sim	3	30
Não	4	40
Conhece/visitou para outros fins	3	30

Sim	0	0
Não	10	100

Sim	6	60
Não	4	40

L1	L2	L3	L4	L5	L6	L7	L8	L9	L10
1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
					1				
1	1			1		1	1		1

L1	L2	L3	L4	L5	L6	L7	L8	L9	L10
1		1	1		1	1	1		
	1		1	1		1		1	
1									
1		1	1		1	1	1	1	1
1		1					1	1	1
				1					

SATISFAÇÃO

Os pedidos de materiais indisponíveis foram satisfeitos (3.1)

		%
Sim	8	80
Não	0	0
Nunca precisou/nunca aconteceu	2	20
	10	

Tem uma relação fácil e próxima com as técnicas da BA (3.3)

		%
Sim	10	100
Não	0	0
	10	

Está satisfeito com os serviços que a BA lhe tem oferecido (3.2)

		%
Sim	10	100
Não	0	0
	10	

OPINIÃO

Pontos Fortes (5.1)

Tudo bom		2
Equipa/Atendimento		4
Livros		1
Acessibilidade/facilidade/proximidade		4
Apoio/companhia para os idosos		2
Cultura		1

Pontos Fracos (5.2)

Não tem/ não encontra		5
Pouca utilização por parte dos residentes		3
Limitações do fundo		2

Sugestões (5.3)

Não tem/ não refere/está tudo bem		8
Horário pós-laboral		1
Empréstimo de filmes (DVD's)		1
Veículo maior		1

EVOLUÇÃO/QUALIFICAÇÃO DOS PÚBLICOS

Acha que está mais informado (4.1)

Sim	8	80	%
Não	0	0	
Não teve influência	2	20	

10

Acha que está mais à vontade com os livros e com as leituras (4.2)

Sim	8	80	%
Não teve influência/A relação com os livros é anterior à BA	2	20	

10

Evolução dos empréstimos - n.º de materiais requisitados

2009	37	6	%
2010	244	43	
2011	291	51	

572

Evolução dos empréstimos - Tendência

Aumentar	5	50	%
Diminuir	3	30	
Manter	2	20	

10

Aprendeu com a BA (4.4)

Sim	9	100	%
Não	0	0	
Não sabe responder	0	0	

9

Acha que está mais exigente (4.3)

Sim	6	60	%
Não teve influência/Não sabe dizer	4	40	

10

L1	L2	L3	L4	L5	L6	L7	L8	L9	L10
9	6	6	3	0	1	2	3	3	4
15	15	4	45	45	36	32	16	15	21
47	4	21	60	19	35	46	31	7	21

71 25 31 108 64 72 80 50 25 46

L1 L2 L3 L4 L5 L6 L7 L8 L9 L10

1		1	1			1	1		
	1			1				1	
					1				1

Nota:

O quadro *Evolução dos empréstimos - n.º de materiais requisitados* foi constituído a partir dos dados fornecidos pela técnica da *Andarilha* constantes nas fichas dos leitores em questão. A informação sobre o tipo de materiais requisitados é considerada sigilosa.

APÊNDICE 12| Inquérito aos leitores da *Biblioteca Andarilha*: Perfil dos leitores e impacto do equipamento (amostra de 10 utilizadores entrevistados em 7 localidades, agosto de 2011 e agosto de 2012)

L1 (F), Beja, 42 anos. Leitora de S. Brissos desde 2009.

Copeira no restaurante de São Brissos. Só tem a 2ª classe, mas sabe ler. Costuma levar livros de contos e CD's de música. Tem uma boa relação com as técnicas da BA, com quem conversa até da sua vida particular. *Se não viessem elas aqui não tínhamos nada.*

L2 (F), S. Brissos (Beja), 28 anos. Leitora de S. Brissos desde 2009.

Empregada de limpezas em Beja. Quando parou de estudar, colaborou profissionalmente (serviços de arquivo, reprografia, etc.) com a Biblioteca Municipal de Beja. E tinha cartão de leitora, mas deixou de lá ir por incompatibilidade com o horário laboral. À BA vem sempre que pode, mas quando estava de licença de parto vinha mais; agora tem de trabalhar.

L3 (F), S. Matias (Beja), 71 anos. Leitora de S. Matias desde 2009.

Reformada; costureira por conta própria desde a morte do marido. Viveu em Almada e emigrou para África, tendo voltado à sua terra natal há alguns anos, altura em que se começou a dedicar aos livros. Antes disso só lia revistas e nunca tinha utilizado nenhuma biblioteca por falta de tempo. Diz que está *mais desenvolvida a ler, apesar de ter sido sempre dada à leitura e à escrita*. É fã do género “romântico”, mas também aceita sugestões das técnicas. Lamenta-se por não haver grandes interlocutores, para além das técnicas da BA, para conversar sobre as leituras que vai fazendo.

L4 (F), Vila Azedo (Beja), 75 anos. Leitora de Vila Azedo desde 2009.

Reformada; exerceu várias profissões, desde camponesa a servente de padaria. Gostava de ter estudado mais. Desde que a BA vai à sua aldeia, já requisitou mais de 100 livros. *Se estou satisfeita com os serviços da BA? Então não estou! Se não estivesse não viria.* Sentiu-se sempre à vontade com as técnicas. Ler traz-lhe paz. Aprendeu *muita coisa com a Biblioteca Andarilha*. Sente que lê melhor e compreende melhor; tem mais agilidade. Espera que a Biblioteca nunca acabe, para poder continuar a ler.

L5 (M), Montalegre (Algarve), 16. Leitor de Porto Peles desde 2010.

Estudante. Quer ser ator de cinema, tal como a irmã, de 12 anos, que também usa a BA. Gosta de literatura fantástica e sobre fenómenos “paranormais”. Adora cinema. Não costuma participar nas atividades promovidas pela BA porque está na escola a essa hora e não tem tempo, mas já deu ajuda “de bastidores”. A relação com a BA correu tão bem que lhe deu à vontade para arriscar ir até à Biblioteca Municipal de Beja, onde agora *passa a vida*, por causa dos filmes. Sente mais facilidade em entender e cada vez precisa menos de ir ver no dicionário. Como está cada vez mais exigente, há coisas em que já não pega. Comparada com a Biblioteca Municipal, *esta biblioteca pode ser pobre em livros, que são poucos, mas rica em conselhos técnicos*.

L6 (M), Beja, 61 anos. Leitor de Porto Peles desde 2010.

Reformado. Trabalhava na Construção Civil. Conhecido pela equipa da BA como o *homem que lia romances de amor*, porque os requisita com frequência, sem vergonha nenhuma. Os jornais só os pede de vez em quando, porque costuma comprá-los. Os romances não precisa de comprar; se já leu, é bom que outros os possam levar também. Foi ganhando confiança com as pessoas da BA, que também lhe costumam dar uma ajuda nas escolhas. Está satisfeito com os livros e com o atendimento, *se não estivesse, já tinha abalado!...* Com a BA *abriu mais o espírito*.

L7 (F), Trigaches (Beja), 51 anos. Leitora de Trigaches desde 2009.

Comerciante. É a leitora mais assídua de Trigaches. Foi já com trinta e tal anos que tirou o 5º e o 6º ano da escola. Acha que a BA ajuda quando não há ninguém para conversar. Mas não sabe porque tão poucas pessoas a utilizam, preferindo andar nos mexericos. Sempre gostou de ler livros, mas a Beja não os iria buscar. Costuma levar Cd's para ouvir no carro, de fado e música portuguesa. E gosta de consultar as páginas da *Necrologia do Diário do Alentejo*.

L8 (M), Santa Clara do Louredo (Beja), 68 anos. Leitor de Santa Clara do Louredo desde 2009.

Reformado; trabalhava na Construção Civil. A BA para mesmo em frente ao seu quintal, e ainda bem por causa dos problemas que tem no joelho. Já se habituou a levar livros, que lê até na horta. Quando não tem nada para ler fica aborrecido. Às vezes também leva música. Acha que desde que é leitor da BA está mais calmo e mais paciente. É pena que haja poucas pessoas da sua idade com quem partilhar o seu gosto pela leitura; mas sempre tem a sua mulher, também leitora da BA (e através de quem faz as requisições), para comentar aquilo que vai lendo. *Se aprendi alguma coisa com a BA? – Aprendi e estou a aprender.*

L9 (F), Castro Verde, 49 anos. Leitora de Trindade desde 2009.

Comerciante. *Ai, eu já li muitos livros*, avisou por detrás do balcão da sua mercearia, para onde regressou logo depois de requisitar 2 livros, porque não pode deixar o estabelecimento fechado por muito tempo e lá dentro está mais fresco. O convívio não lhe faz tanta falta como às outras pessoas da aldeia porque contacta com muita gente todos os dias. Hábitos de leitura já os tinha; antes da BA comprava livros e depois trocava leituras com os amigos. E quando o marido vai a Beja também lhe traz as *novidades*. Mas com a carrinha tem a vida facilitada, porque em casa tem de ter sempre qualquer coisa para ler. As técnicas da BA vão incentivando outras leituras e *acaba-se sempre por se aprender qualquer coisinha*.

L10 (F), Trindade (Beja), 60 anos. Leitora de Trindade desde 2009.

Desempregada; antes fazia limpezas e trabalhou no campo. *Nascida e criada em Trigaches*, lembra-se das bibliotecas itinerantes da FCG visitarem a aldeia quando era miúda. Agora não há outro sítio para ir buscar livros e de 15 em 15 dias requisita-os na BA – pede *para lhe escolherem livros bonitos*. Às vezes também leva CD's com anedotas e música popular. Não exige nada; confia na seleção e nos conselhos das técnicas da BA, com quem está *à vontade* e de quem *é muito amiga*. Não tem sugestões a fazer porque *a biblioteca tem tudo o que a gente necessita*.

Notas:

(F) – sexo feminino; (M) – sexo masculino

Não se considerou pertinente a identificação dos leitores. O código que lhes foi atribuído (L1 a L10) permite fazer a correspondência com as grelhas de recolha de dados do inquérito (*Apêndice 11*).

11. ANEXOS

Anexo 1	Materiais de Comunicação da <i>Biblioteca Andarilha</i> : Percurso e Horário	1
Anexo 2	Materiais de Comunicação da <i>Biblioteca Andarilha</i> : Brochura de apresentação	2-3

ANEXO 1| Materiais de Comunicação da *Biblioteca Andarilha*: Percurso e Horário

PERCURSOS / HORÁRIOS				
Localidades	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
S. MATIAS (Lg. da Igreja)	dia: 29 (10:00h-12:00h)	dias: 13 / 27 (10:00h-12:00h)	dias: 10 / 24 (10:00h-12:00h)	dias: 22 (10:00h-12:00h)
S-BRISOS (Lg. da Praça)	dia: 29 (14:30h-17:30h)	dias: 13 / 27 (14:30h-17:30h)	dias: 10 / 24 (14:30h-17:30h)	dias: 22 (14:30h-17:30h)
BALEIZÃO (Lg. Catarina Eufémia) (Lg. do Café Central)	dia: 30 (10:00h-11:00h) (11:00h-12:00h)	dias: 14 / 28 (10:00h-11:00h) (11:00h-12:00h)	dias: 11 / 25 (10:00h-11:00h) (11:00h-12:00h)	dias: 9 (10:00h-11:00h) (11:00h-12:00h)
Bº DE S. JOÃO (Lg. da Juventude)	dia:30 (14:30h-15:30h)	dias: 14 / 28 (14:30h-15:30h)	dias: 11 / 25 (14:30h-15:30h)	dias: 9 (14:30h-15:30h)
VILA AZEDO (Lg. Central)	dia:30 (15:45h-16:30h)	dias: 14 / 28 (15:45h-16:30h)	dias: 11 / 25 (15:45h-16:30h)	dias: 9 (15:45h-16:30h)
PORTO PELES (paragem do autocarro)	dia:30 (16:45h-17:30h)	dias: 14 / 28 (16:45h-17:30h)	dias: 11 / 25 (16:45h-17:30h)	dias: 9 (16:45h-17:30h)
STª CLARA DO LOUREDO (Lg. da Junta)	-	dias: 1 / 15 / 29 (10:00h-12:00h)	dias: 12 / 26 (10:00h-12:00h)	dia: 10 (10:00h-12:00h)
TRINDADE (Lg. da Igreja)	-	dias: 1 / 15 / 29 (14:30h-17:30h)	dias: 12 / 26 (14:30h-17:30h)	dia: 10 (14:30h-17:30h)
TRIGACHES (Largo da Igreja)	-	dias: 2 / 16 / 30 (10:00h-12:00h)	dias: 13 / 27 (10:00h-12:00h)	dias: 11 (10:00h-12:00h)
BERINGEL (Pç. Drº Carlos Moreira)	-	dias: 2 / 16 / 30 (14:30h-17:30h)	dias: 13 / 27 (14:30h-17:30h)	dias: 11 (14:30h-17:30h)
SANTA VITÓRIA (Pólo)	-	dia: 3 (14:30h-17:30h)	dia:7 (14:30h-17:30h)	dia:5 (14:30h-17:30h)
PENEDO GORDO (R. José Joaquim Fernandes)	-	dias:6 / 20 (10:00h-12:00h)	dias:3 / 17 (10:00h-12:00h)	dia:15 (10:00h-12:00h)
MOMBEIA (Av.25 de Abril)	-	dias:6 / 20 (14:30h-17:30h)	dias:3 / 17 (14:30h-17:30h)	dia:15 (14:30h-17:30h)
NºSRª DAS NEVES (R. Catarina Eufémia)	-	dias: 7 / 21 (10:00h-12:00h)	dias: 4 / 18 (10:00h-12:00h)	dias: 2 / 16 (10:00h-12:00h)
MINA DA JULIANA (Largo das Bicas)	-	dias:7 / 21 (14:30h-17:30h)	dias: 4 / 18 (14:30h-17:30h)	dias: 2 / 16 (14:30h-17:30h)
CABECA GORDA (Pç. Magalhães Lima)	-	dias: 8 / 22 (10:00h-12:00h)	dias: 5 / 19 (10:00h-12:00h)	dias: 3 / 17 (10:00h-12:00h)
BºNºSRªDA CONCEIÇÃO (rotunda junto ao quiosque)	-	dias: 8 / 22 (14:30h-16:00h)	dias: 5 / 19 (14:30h-16:00h)	dias: 3 / 17 (14:30h-16:00h)
QUINTOS (ld. do Largo da Ponte)	-	dias: 8 / 22 (16:30h-17:30h)	dias: 5 / 19 (16:30h-17:30h)	dias: 3 / 17 (16:30h-17:30h)
Bº DA ESPERANÇA (Centro Comunitário)	-	dias: 9 / 23 (10:00h-12:00h)	dias: 6 / 20 (10:00h-12:00h)	dia: 4 / 18 (10:00h-12:00h)
ALBERNOA (Pólo)	-	dia: 9 (14:30h-17:30h)	dia: 6 (14:30h-17:30h)	dia: 4 (14:30h-17:30h)
Salvada (Pólo)	-	dia: 10 (14:30h-17:30h)	Dia: 14 (14:30h-17:30h)	Dia: 12 (14:30h-17:30h)

■ Terças-feiras □ Quartas-feiras ■ Quintas-feiras ■ Sextas-feiras ■ Sabados - Actividades no Pólo

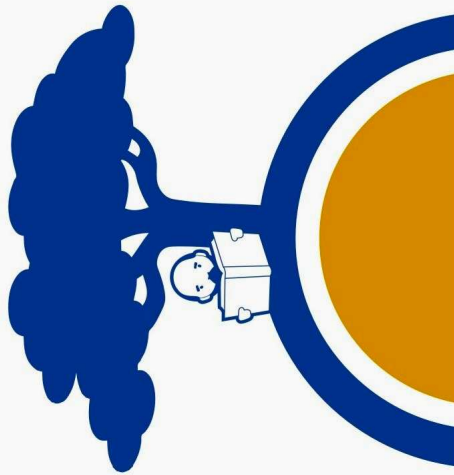
Biblioteca Andarilha
Programa de Leitura em Meio Rural

um lugar para aprender a vida...

Antigamente o Largo era o centro do Mundo. Nesse tempo, as faixas agitavam-se, viçosas. Acenavam rudemente os braços e eram parte de todos os grandes acontecimentos. O Largo era o centro da Vila. Os viajantes apeavam-se da diligência e contavam novidades. Era através do Largo que o povo comunicava com o mundo.(...) Também era lá a melhor escola das crianças. Aí aprendiam a ser valentes, ou bêbedos, ou vagabundos. Aprendiam qualquer coisa e tudo era vida. O Largo estava cheio de vida, de valentias, de tragédias. Estava cheio de grandes rasgos de inteligência. E era certo que a criança que aprendesse tudo isto vinha a ser poeta, e entristecia por não ficar sempre criança a aprender a vida – a grande e misteriosa vida do Largo.

“O Largo”
Manuel da Fonseca

Porque desde sempre quisemos que a Biblioteca fosse como este Largo, este lugar mítico de aprendizagens, saberes, convívio e lazer, aqui estamos andarilhando de déu em déu com esta **Biblioteca Andarilha**



O que é a Biblioteca Andarilha?

É um serviço de leitura e informação da Biblioteca Municipal de Beja que, utilizando uma carrinha, percorre todas as freguesias do Concelho de Beja. Este serviço é uma parceria entre a Biblioteca Municipal de Beja e as juntas de freguesia do concelho de Beja.

O que pretendemos com a Biblioteca Andarilha?

- ◆ Criar uma maior igualdade de oportunidades no acesso aos bens culturais e de informação
- ◆ Promover o livro e a leitura junto das comunidades das freguesias rurais, articulando um conjunto de acções de dinamização sócio cultural com os Pólos da Biblioteca já existentes nas freguesias Rurais
- ◆ Disponibilizar um serviço de apoio e informação à comunidade que inclui a ligação com os serviços centrais do Município de Beja

O que pode encontrar na Biblioteca Andarilha?

- ◆ Consulta e empréstimo de:
 - livro técnico
 - CD's musicais
 - Áudio livros
 - Documentos em Braille
 - Leitura de Jornais e Revistas
- ◆ Serviço de informação à comunidade em articulação com o Balcão Único da autarquia
- ◆ Leitura de jornais e revistas
- ◆ Posto de acesso à internet